

Helmar Veras Ribeiro

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

---

INATERRA

ANO III

N.º III

---

Tipografia IMPERIAL  
CRATO  
1957

# BANCO CAIXEIRAL DO CRATO

(SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA)

Rua Dr. João Pessoa, S/N

CRATO — CEARÁ

---

CAPITAL . . . . .	Cr\$ 2.256.720,00
RESERVAS . . . . .	Cr\$ 1.198.079,00

## Operações de Crédito Ativo

*Empréstimos populares avalizados. Descontos de notas promissórias de letras de câmbio internas, de bilhetes de mercadorias, de conhecimentos, duplicatas, etc.*

*Empréstimos agrícolas financeiros de entre-saíra.*

---

## Operações de Crédito Passivo

DEPÓSITOS C/ RETIRADAS LIVRES.

DEPÓSITOS POPULARES.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO.

---

## Operações Acessórias

*Cobrança de conta alheia.*

*Transferências de fundos.*

*Ordens de pagamentos, etc.*



Helmar Veras Ribeiro

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

---

ITAYNERA

ANO III

N.º III

---

Tipografia IMPERIAL  
CRATO  
1957





DIRETORIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, eleita em  
ASSEMBLEIA GERAL, realizada no dia 17 de Outubro de 1956

---

<i>Presidente</i>	-- <i>José Alves de Figueiredo Filho</i>
<i>V. Presidente</i>	— <i>Pe. Antônio Gomes de Araújo</i>
<i>Secretário Geral</i>	— <i>João Lindemberg de Aquino</i>
<i>Secretário</i>	— <i>Capitão Otacílio Anselmo e Silva</i>
<i>Tesoureiro</i>	— <i>Joaquim Pinheiro Teles</i>

**Comissão de Organização de "Itaytera"**

*José A. de Figueiredo Filho*  
*Otacílio Anselmo e Silva*  
*João Lindemberg de Aquino*

**Comissão de Sindicância**

*Dr. Francisco Ferreira de Assis*  
*Dr. Antônio Duarte Júnior*  
*Dr. Raimundo de Oliveira Borges*

**Comissão de Ciências, Letras e Artes**

*Dr. Antônio Alves de Queiroz*  
*Dr. Anibal Viana de Figueiredo*  
*Celso Gomes de Matos*





## Poucas palavras neste terceiro número ...

Vem o Instituto Cultural do Cariri cumprindo fielmente os estatutos, desde que foi fundado, em 18 de outubro de 1953. Muito tem contribuído para a elevação do nível cultural da Região, apesar das múltiplas dificuldades que encontrou e encontrará ainda, em seu caminho. Vivemos em século de utilitarismo, e levantar-se bandeira em prol de cultura intelectual, é quase que se malhar em ferro frio. Graças a Deus, porém, contamos reais vitórias que nos proporcionam justo orgulho e nos incentivam para o prosseguimento da jornada.

Iniciámos diversos movimentos que prosseguem em busca da meta final, ou já foram coroados de franco êxito. Conferências foram realizadas de caráter cívico-culturais. Movimentamos a água parada do ensino superior, em Crato e três faculdades aprestam-se para se instalar em nossa terra. Homenageámos vultos eminentes e datas históricas. Ressurgiu pujante com a nossa contribuição, o rico folclore caririense, escondido como se fôsse velharia que não poderia aparecer em cidade que se dizia civilizada.

O Museu de Crato já é realidade e caminha para ser dos mais completos do interior.

A obra máxima do Instituto Cultural do Cariri, no entanto, é a revista ITAYTERA que entra no terceiro ano de existência. Conseguiu firmar-se e ser acatada não só em nosso meio, como em principais centros de importância do Nordeste, incluindo cidades do nível de Recife, Fortaleza, Campina Grande e Teresina.

Alguém tem nos censurado, aliás, com a máxima lhanza, por seguirmos programa estritamente regionalista. Isso não nos molesta, pois, mostra até que o crítico muito se interessa pelo êxito de nossa publicação. Cremos, no entanto, que estamos dentro de nosso verdadeiro papel. Representamos célula da nacionalidade e antes de encararmos o todo, preocupamo-nos com a pequena parcela que nos toca. Há muitas penas brilhantes que trabalham a serviço do litoral e dos grandes centros urbanos. O pouco de inteligência que temos e o muito de esforço e boa vontade que possuímos, queremos dedicá-los, quase que totalmente, à terra sofredora, sempre desprezada no passado e agora em franco progresso pela iniciativa dos próprios filhos.

Supomos que fazendo assim, não fugimos da obrigação que nos prende a todo o conjunto somático nacional, ou mesmo universal. Trabalhamos no raio de ação que julgamos servir melhor ao Estado, ao Nordeste e à Nação Brasileira.





# Raízes Sergipanas...

(SÉCULO XVIII)

(Ao Capitão Otacílio Anselmo e Silva)

Padre Antônio Gomes de Araújo

(Do Instituto Cultural do Cariri,  
sócio correspondente do Instituto  
do Ceará e da Academia Cearense  
de Letras.)

Grupo humano, que ignore as próprias raízes étnicas e sociais, convergentes no momento histórico de sua formação, perfila-se qual filho bastardo, alheio, por exemplo, à trama que presidiu seu aparecimento, e à explicação, no presente, das tendências legadas pelos elementos formadores.

Felizmente, assim, não ocorre com a gens cariense, cujos fundamentos étnicos e sociais se constituíram de colonos pernambucanos, baianos, sergipanos, inclusive pequena cota de portugueses e indígenas.

Da incidência baiana, já apresentei um cômputo-índice no primeiro número de "Itaytera".

Agora, é a vez dos sergipanos, aqui chegados, lado a lado de baianos e pernambucanos, no século 18, vencendo os caminhos batidos pelos sesmeiros pioneiros, em cujos sesmos se instalaram por acostamento ou compra.

Não chegaram, como muitos colonos baianos, seus coevos, pisando a chapada da Serra do Araripe e as nascentes do Riacho dos Porcos, deixados, atrás, o Rio São Francisco e os riachos da Brígida e da Terra Nova. Partiram, no Ceará, do eixo social distribuidor do Rio Jaguaribe, e, pelo "Salgado", atingiram esta região.

De seus pagos de origem em Sergipe-Itabaiana, Porto da Folha, Propriá, Vila Nova, Mucuri, Contiguiba, entre outros, alcançaram aquêlo eixo, atravessado o "São Francisco", vencido o

vale do Rio Pajeú, vingada a serra entre Pernambuco e Paraíba, superados os cursos sêcos do "Piancó" e do "Piranhas", palmilhados a bacia do Rio do Peixe e o sul do Rio Grande do Norte.

O grande motivo: a fundação de currais, fundamento duma civilização original eclodida na interlândia nordestina, conhecida, já, em seus inícios, dos sergipanos, antes de sua arrancada para o norte, de mistura com os baianos.

Já antes, nas citadas zonas, tinham sido rompidas as barreiras de arcos da indiada belicosa, pela ação decisiva de sertanistas, quais Domingos Rodrigues de Carvalho, os Oliveira Lêdo, Matias Cardoso de Almeida, Manuel Alvares de Morais Navarro, João de Barros Braga e tantos outros.

O número de colonos sergipanos, convergentes na formação do complexo social do Cariri, está aquêem daquele calculado por certos cronistas. Encontrei traços visíveis de sua presença apenas nos vales de Barbalha, M. Velha e Crato ou seja no coração desta zona. Alguns surgem, firmativos. Em M. Velha, a aristocracia rural dos Correia da Silva. Segue-se o coronel João Mendes Lobato, o único elemento da família Lobato a permanecer e a morrer nesta zona. Os outros apenas demoraram onze anos, 1714-1725, quando adquiriram terras calculadas em 70 léguas quadradas, que venderam a retalho.

O nome e o sangue do capitão Francisco de Magalhães Barreto e Sá circulam na metrópole barbalhense, que êle fundou. E a propósito, imponho-me uma retificação: era sergipano, de Vila Nova, e não baiana, como escrevi no 1.º número de "Itaytera", a espôsa de Magalhães, Maria Polucena de Abreu Lima.

Crato enumera entre outros o capitão Antônio Pinheiro Lôbo e Mendonça, tronco resistente e seívoso, réplica ao capitão supracitado, Capitão Manuel Joaquim Teles, ancestral dos cratenses, dr. Manuel Marrocos Teles, padre João Marrocos Teles e o embusteiro, Professor José Marrocos. Capitão Luís Pereira de Magalhães, ascendente de Raimundo Pereira de Magalhães, cratense, que, jovem ainda, aos 23 de idade, envolveu-se ativamente na Revolução Cratense de 3 de maio de 1817, tendo sido prêso, e pronunciado em 13 de setembro de 1818. Apolônia de Oliveira, de quem desce, entre os demais, Agamenom Magalhães, ex-governador de Pernambuco e ex-ministro do Presidente Getúlio Vargas.

O traço sergipano, pois, à igual do pernambucano e ba-



iano, está, indelêvelmente, impresso na fisionomia originária do coração do Cariri. Demonstro-o, com o fim principal de servir a quem, de futuro, venha a dar-se ao trabalho de escrever a História do Cariri, ou a ocupar-se de seus aspectos sociológicos.

## A

1-Capitão ANTÔNIO PINHEIRO LÔBO E MENDONÇA, que, segundo J. J. Dias da Rocha Filho, já em 1730 agricultava o sítio "Muquém", topável com este nome, ainda hoje, no interior do atual município de Crato. Foi casado c. Joana Bezerra Monteiro de Menezes, pernambucana. Encontrei as datas do batismo de seus filhos: Perpétua Caitana-26-11-1741, Liv. de reg. de Bat. 1741-83, f. 3, paróquia do Icó; José, 3-3-1743, Caderno de reg. de Bat., Cas. e Ob.-Capela de M. Nova, 1742-47; Antonio, 2-4-1742, primeiro livro citado, fl. 47.

Impõe-se, êsse capitão, como tronco, que se mantém inconfundível, até hoje, através duma descendência secular e vigorosa, entre quantos outros troncos lançaram os fundamentos do povo de Crato e Juazeiro do Norte. Portam-lhe o sangue, tos Pinheiros, os Bezerras de Menezes, dêsses dois municípios. Muitos, seus descendentes ilustres, quais por exemplo: brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, de prestígio incontrastável, em Crato, nas duas primeiras decúrias do século passado; Joaquim Antonio Bezerra de Menezes, terceiro e último capitão-mor de Crato, e que sucedeu, nessa função, ao caudilho José Pereira Filgueiras, e foi chefe do Partido Conservador, secção de Crato, e deputado provincial, bem como autor da "Crônica do Cariri", aos 80 de idade ("O Araripe", 14-7-1855, Crato-Ceará); deputados gerais do Império, Leandro Bezerra Monteiro e Leandro Chaves de Melo Ratisbona; padre Antônio Pinheiro Lôbo, exigário interino de M. Velha e, colado, de Jurumenha (Piauí); padre Pedro Ribeiro de Menezes, ou da Silva, primeiro fundador de Juazeiro do Norte; capitão de cavalaria Joaquim Carreira Arnaud; padre Antônio Bezerra de Menezes, abolicionista ativo; padre Irineu Pinheiro Bezerra de Menezes; Antônio Pinheiro Monteiro, engenheiro, diretor da Faculdade de Engenharia, da Universidade do Ceará; coronel Raimundo Teles Pinheiro da ativa do Exército Nacional, e intelectual; José Monteiro Pinheiro, Maj. do Ex. e irmão do antecedente; dr. Joaquim Pinheiro Monteiro, ten. cel. médico do Exército; Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes, ex-presidente do Conselho Nacional do Trabalho; Joaquim Pinheiro Filho, médico; Mons. João Alboino Pequeno, orador sacro; coronel Joaquim Secundo Chaves, farmacêutico e altruista singular; bacharel Pedro Pinheiro de Melo; bacharel Francisco Esmeraldo de Melo, promotor concursado de



Lorena, São Paulo; Padre Pedro Esmeraldo de Melo, provincial jesuítico; bacharel Juarez Aires de Alencar, intelectual e causidico na Paulicéia; padre J. Arnaldo Esmeraldo de Melo, jesuita; dr. Homero Esmeraldo, odontólogo na Capital da República; dr. Fábio Esmeraldo, cirurgião do Hospital S. Francisco, de Crato, padre Azarias Sobreira; sargento-mor Simeão Teles de Menezes; dr. Sebastião Norões, professor concursado do Colégio Estadual de Manaus, ex-deputado e chefe de polícia do Estado de Amazonas; Marcondes Aires de Alencar, clínico; agrônomos administradores, drs. Solon Pinheiro Teles e Albelar Pinheiro Teles; Antônio Xavier de Oliveira, médico, escritor, autor de "Beatos e Cangaceiros", psiquiatra, e ex-deputado federal; José Pinheiro Bezerra de Menezes, maj. de Eng. do Exército Nacional; Afonso Pinheiro Teles, oficial da Aeronautica; Amália Xavier de Oliveira, educadora, fundadora e diretora da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, escola padrão; José Geraldo da Cruz, governador de Juazeiro do Norte; capitão Oswaldo Tavares Bezerra, do Exército Nacional; capitão José Adauto Bezerra de Menezes e tenente Francisco Humberto Bezerra de Menezes, do mesmo Exército; senhorita Rosa Pinheiro Esmeraldo, educadora emérita e único elemento feminino que, até hoje, figurou como membro da Corporação Legislativa Municipal de Crato; deputado e advogado Aristides Ferreira de Menezes; padre José Alexandre Correia Arnaud Bezerra de Menezes, cratense, vigário colado de Cabrobó, Pernambuco, funções em que a morte o ceifou em 1852. Manusei seu inventário naquela cidade e transcrevo a título de curiosidade. ( a )

(a) 1 bacia de cobre, \$160; 1 dita de arame, 1\$640; 1 almofariz, 4\$000; 1 candieiro, \$640; 1 castiçal de latão, \$480; 1 corrente de ferro, 1\$000; 2 ferrolhos de porta, 2\$000; 4 machados, 4\$000; 4 enxadas, 3\$400; 4 foices, 1\$800; 1 chaleira de ferro, 1\$280; 1 grelha, 1\$000; 1 espeto de ferro, 1\$600; 1 serrote, 1\$240; 12 facas e 12 garfos, 1\$000; 1 facão de roça, \$400; 1 oculo de alcance, 2\$000; 1 trombone (musica), 12\$000; 1 tacho grande com uma arroba e 26 libras, 46\$000; idem, 46\$000; 5 menores, 49\$800; 2 carros de boi, 20\$000; 1 canôa grande, 10\$000; 1 escrivaninha de vidro azul, 2\$000; 1 batina nova de casimira, 5\$000; 1 chapéu de 3 bicos, 8\$000; 50 cabras, 25\$000; 50 ovelhas 29\$000; 6 escravos 1.950\$000; 1 engenho com fornalha, 32\$000; 1500 covas de mandioca, 25\$000; 32 quartas de farinha, 52\$000; 5 cargas de rapadura, 20\$000; 16 quartas de arroz, 6\$000. O inventário foi concluído em 10-10-1852. Livro de "Notas", 1851-54, Cartório de Manuel de Sousa Santos, Cabrobó-Pernambuco.

Dra. AMELIA BENEBIEN PEDROSO PERUSE, 1.<sup>a</sup>  
CEARENSE A COLAR GRAU EM MEDICINA E A 2.<sup>a</sup>  
NO BRASIL. Vagiu em Crato.

Dr. Dalmir Peixoto, médico radiologista e fisiologista.  
Também vagiu em Crato.

Derval Peixoto, odontólogo, cratense.

Dra. Josefina Peixoto, cratense, médica.

Dra. Adélia Peixoto, farmaceutica, também cratense.

Dr. José Ribamar de Alencar Peixoto Cortez, cratense,  
bacharel em Direito e promotor público.

Dr. Júlio Peixoto, cratense, odontólogo, residente na Bahia.

Professor José Humberto de Oliveira, cratense, formado  
pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Ce-  
ará.

Marcilio Esmeraldo de Oliveira, cratense, aluno da Esco-  
la de Agronomia do Nordeste, Areia-Paraíba.

Nerian Esmeraldo Oliveira, cratense, professora, diploma-  
da pelo Colégio S. Teresa de Jesus.

Dr. Jósio de Alencar Araripe, cratense, bacharel em di-  
reito e advogado.

Dr. Dario Peixoto, médico.

Dr. José Lourenço Colares.

Dr. José Batista Colares.

Dra. Artemise Linhares Gomes de Matos, cratense.

Dr. Antenor Gomes de Matos, cratense.

Dr. Alcides Gomes de Matos, cratense.

José Leal Limaverde, engenheiro.

Dr. Djacir Menezes, professor da Universidade do Brasil.

Dr. Paulo Elpidio de Menezes, bacharel em direito.

Dr. Elias Sisnando Batista, cratense.

Dr. Tarcisio Sisnando Carvalho Lima.

Dr. Jaime Sisnando Batista.



Pedro Walmir Montenegro, químico industrial, formado nos Estados Unidos.

Quintílio Teixeira, médico residente em Fortaleza, deputado estadual.

Dr. Jairo de Alencar Araripe, engenheiro.

Dr. José Caminha Alencar Araripe.

Celso Limaverde, médico, Diretor do Serviço Nacional de Peste.

Dioclécio Limaverde, médico.

Dr. Joaquim de Norões e Sousa, bacharel em direito, residente em Belém do Pará.

Dr. Adail Barreto, deputado federal.

Dr. Luis de Alencar Araripe, bacharel em direito.

Pe. Agio Moreira Maia, cratense.

Capitão Romão Batista, citado. Integrado no Exército Expedicionário contra a resistência lusitana em Caxias do Maranhão, fez toda a campanha nos postos de sargento-mor e comandante de cavalaria. Assinou com o estado maior das forças expedicionárias a resposta à proposta de capitulação apresentada pelos reacionários sitiados. Nasceu em Crato.

Joaquim Abagaro de Oliveira, odontólogo, cratense.

Dr. Jeser de Oliveira, residente em Crato, onde nasceu.

Dr. Raul da Franca Alencar.

Major Nelson da Franca Alencar, cratense.

Doutorando José Ulisses da Silva Peixoto.

2—APOLÔNIA CORREIA DE OLIVEIRA, dona na primeira metade do século 18, do sítio «Corrente», (encravado no atual município de Crato-Ce.) com seu esposo, José Pereira

Lima ou Aço (1), baiano (2), célebre na luta que travou contra Manuel Ferreira Ferro, filho do coronel Francisco Alves Feitosa, tronco da Família Alves Feitosa, dos Inhamuns cearenses (3).

De Apolônia e Aço, nasceram, entre outros :

I—Francisca Pereira de Oliveira, cratense, casada com o português tenente coronel Antônio José Batista e Melo, advogado na vila de Crato (4), e Diretor dos Índios no Cariri Novo.

II—Ana Apolônia Maria de Oliveira, cratense, c. c. o tenente Manuel Ferreira Lima (5).

De Francisca e Antônio José Batista e Melo, referidos, nasceram :

A) Maria da Conceição Batista, cratense, c. c. Antônio Pereira Gonçalves Martins, baiano, domiciliado, o casal, no sítio «Cabreiros» (6). Dêste leito nasceram: a) Josefa de Jesus Batista, mulher legítima do padre José Ferreira Lima Sucupira, sacerdote depois de viúvo (7); b) Antônio Pereira Gonçalves Martins, n. 1795 (8), casado com Joana Batista do Espírito Santo (9), ambos cratenses, dos quais, nasceu Gertrudes, esposa de Gregório Pereira Pinto Calou, barbalhense e ela cratense, casal que arrola em sua descendência: os drs. Lirio Calou, médico; Gregório Colou, hacharel; Pedro Cobertino Calou, juiz em Pesqueira, Pernambuco; Raimundo Calou de Sá Barreto, odontólogo; Marchet Calou, odontólogo; Mendo de Assis Barre-

(1) «Apontamentos Genealógicos da Família Alencar», de João Franklin de Alencar Nogueira, inéditos, em mãos do deputado Antônio de Alencar Araripe.

(2) Itaytera, ano I, n.º I, p. 28, Tip. Imperial, Crato-Ce. 1955.

(3) João Brígido, «O Ceará».

(4) Liv. de reg. de Bat., 1748-64, fls. 29, M. Velha, Ce.—Livro de «Notas», 1770-85, f. 6, cartório de Antonio Machado, Crato-Ce.—Liv. de «Notas», 1823-27, f. 69, Cart. cit.

(5) Liv. de reg. de Bat. cit., f. 51.

(6) Liv. de «Notas» n. 12, f. 50 e segs, Cart. cit.

(7) Liv. de «Notas», 1853-58, f. 84, Cart. cit.

(8) Liv. de reg. dos Irmãos da Ir. do S. S. Sacramento, 1815, Crato-Ce.

(9) Informações do coronel Marcial Pinheiro Monteiro, ao A.



to, médico; mons. José de Anchieta Calou, protonatário, e vigário geral da diocese de Garanhuns; mors. Manuel Correia de Macedo; cônego Simeão Correia de Macedo; cônego José Pelúcio de Macedo e padre José Carlos de Macedo. Dum irmão, de pai e mãe da citada Gertrudes, José Pereira Gonçalves, descende o falecido Agamenon Magalhães, ex-governador de Pernambuco (10).

Filhos da citada Josefa de Jesus Batista com o padre José Ferreira Lima Sucupira: Antônio Ferreira Lima Sucupira; Rosendo Ferreira Lima Sucupira; Filadélfia Ferreira Lima Sucupira; Gertrudes, Rosa e Cândida Sucupira (11).

B) Teresa de Jesus Batista, c. c. Domingos Pedroso Batista, português, contando-se entre seus filhos, Joaquim Pedroso Bembém, pai, com Isabel, de Juvenal de Alcântara Pedroso, n. 22-10-1843, cratense ilustre; Raimundo Pedroso Batista, c. c. Generosa Bárbara de Menezes, f. 1. de José Geraldo Bezerra de Menezes e Jerônima Bezerra de Menezes; João, c. c. Joaquina Maria de Lima (12). Daqueles Domingos e Teresa procedem os Pedroso, de Crato, alguns ilustres, por exemplo: o clínico Elísio de Figueiredo, inspetor federal do Colégio Diocesano de Crato, além de orador brilhante.

C) Matildes Francisca de Oliveira, cratense, c. c. capitão Manuel Joaquim Teles, também sergipano, n. 1763, fal. 1838, então domiciliado no sítio Mirandã (Crato). Dêsse casal apareceu José Joaquim Teles, cratense, n. 1786, fal. 1833, c. c. Bárbara Maria de Oliveira, cratense, pais, êstes últimos, de a) Manuel Marrocos Teles, cratense, n. 20-8-1819, conceituado clínico e deputado provincial, c. c. Ana Francisca de Oliveira; b) João Marrocos Teles (padre), cratense, de quem, com a ex-prostituta Maria da Conceição do Amor Divino, nasceu em 26-11-1842, José Joaquim Marrocos Teles, também conhecido por Professor José Marrocos (13).

Foi professor particular durante 40 anos. e abolicionista.

(10) Informações do mesmo coronel Marcial, c. c. uma descendente da sergipana matriarca, enfocada.

(11) Liv. de «Notas», 1853-58, f. 90 e seg., cart. cit.

(12) Liv. de «Notas», ancs cits., fls. 10 e seg.-Liv. cit., 1823-27, fls. 69 e segs. Liv. de reg. de Bat. 1813-1815, fls. 77, par. de Crato.- Liv. de reg. de Bat. 1843-45, f. 32, par. cit. Liv. de reg. de Bat. 1845-49, fls. 32, par. cit.-Idem, fls. 204.

(13) Liv. de reg. de Bat. 1816-1821; 2º vol., fls. 88, par. de Crato.-Liv. de reg. de Bat., 1842, fls. 87, par. cit. Liv. do reg. dos sócios da Irmandade citada.



Sobreconstituiu, com o padre Cicero Romão e a **beata** Maria de Araújo, o trio astuto fundador do embuste religioso que condicionou a criação da Juazeiro contemporânea, tendo sido sepultado, 15.8.1910, de grinalda e véu branco, para efeito de sugestão da massa, como o seria, de pé, com idêntico fim, o cadáver daquela **beata**, cujos restos mortais foram sequestrados clandestinamente, para evitar idolatria, fato que valeu o protesto do padre Cicero, lavrado e firmado em cartório.

O professor José Marrocos faleceu em 14-8-1910, em Juazeiro do Norte.

D) Capitão Romão José Batista, n. 1780 — f. 19-10-1854, cratense, c. c. Angélica Romana Batista, natural de Milagres. Ce. (14). Ele e Angélica são avós paternos do referido Pe. Cicero, segundo fundador de Juazeiro do Norte, nascido, conforme o reg. eclesiástico, desmentido pela tradição, em 23 de março de 1844, (15). São, ainda, bisavós do dr. Raimundo de Norões Milfont, cratense, professor concursado da Universidade do Ceará.

E) Francisco Romão Batista, falecido em 9-2-1809, com 38 anos.

Do capitão Romão José Batista e Angélica Romana Batista, citados (letra D) nasceram: a) José Romão de Noronha, casado com Josefina Leopoldina Maia (Livro de Reg. de Bat. 1854—49, fls. 7); Joaquim Romão Batista, c. c. Joaquina Ferreira Castão (Liv. de reg. de Bat., 1843—45, f. 61, par. de Crato-Ce.), pais do cit. Pe. Cicero; C) Manuel Romão Rodolfo, c. c. Maria Florinda de Alencar (Liv. de Reg. de Bat., 1838—46, fls. 42, par. de Crato-Ce.), e, em segundas núpcias com Maria da Costa Romana, n. em 1827, f. em 27-7-1888 (inscrição na lousa funerária de sua sepultura na Capela do cemitério da cidade de Crato).

3) ANA MARIA, c. c. Caetano Vieira de Sousa (Liv. de reg. cas. freg. de M. Velha, 1765-1810 f. 8).

4) ANGELO RODRIGUES DO VALE, c. c. Maria do Carmo (Liv. cit. f. 25).

14) Liv. de reg. de Bat. 1816-19, f. 30, par. de Crato.

15) Liv. de reg. de Bat. 1843-45, f. 61. Crato-Ce.

5) ANTÔNIO DE OLIVEIRA DE CARVALHO, c. c. Francisca Vieira de Gusmão, sôgros do capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, fundador e Abraão da cidade de Barbalha-Ce. (Liv. cit. f. 28).

6) ANTÔNIA PERPÉTUA, c. c. Francisco Justo Santiago (Liv. cit. f. 40).

7) ANTÔNIO TAVARES, c. c. Maria Rodrigues.

8) ANTÔNIO DE CASTRO, c. c. Maria do O' (Liv. de reg. de Bat., par. cit. 1749-64, f. 45).

9) ANTÔNIO BARRETO, c. c. Maria Barbosa (Liv. cit., f. 47).

10) ANTÔNIO RODRIGUES DA SILVA, c. c. Helena Maria (Liv. cit., f. 53).

11) ANTÔNIO BARRETO DE MENEZES (coronel) c. c. Basília Barreto de Menezes (Liv. cit., f. 55).

12) ANA DE AZEVEDO, c. c. capitão Inácio Correia de Oliveira, um dos fundadores qualificados da terra cratense (Livro cit., f. 55).

13) ANTÔNIO SARAIVA, c. c. Cosma Damiana.

14) ANA CORREIA DA SILVA, c. c. Félix Soares de Brito, sendo, ela, da cêpa daqueles Correia da Silva, baianos, que nuclearam a formação social de M. Velha (Liv. cit., f. 85).

15) ANTÔNIO PEREIRA DE VASCONCELOS, c. c. Isabel Maria (Liv. de reg. de Bat., par. cit. 1795-1800, f. 192).

16) ANTÔNIO CORREIA DE FIGUEIREDO, c. c. Rita Maria (Liv. cit. f. . . .).

17) ANTÔNIO PEREIRA DE MAGALHAES (coronel) c. c. Isabel Maria (Liv. de reg. de Bat., par., cit., 1769, f. 41).

18) ASTALIO DE SOUSA, c. c. Bonifácia Maria (Liv. de reg. de Bat., par. cit., 1795-1800, f. 277).

19) ANDRÉ LOPES, c. c. Inocência Cardoso (Liv. de reg. de Bat., par. de M. Velha, 1769, f. 42).

20) ANTÔNIO ANDRADE, c. c. Francisca Gois (Liv. cit., f. 46).

21) ÂNGELA PERPÉTUA, c. c. Matias Ferreira Fal-



ção (Liv. f. 49).

## "B"

22) BARBARA DE OLIVEIRA, irmã de Apolônia Correia de Oliveira, irmã de pai e mãe (ver n.º. 2) e de quem desce Antônio de Leão, pai de Antônio da Franca Alencar e dos padres Antônio Pereira de Alencar e Joaquim Pereira de Alencar (16). Esse primeiro Antonio de Leão foi espôso de Inácia Pereira de Alencar, segundas núpcias desta, e, com ela, teve os três filhos mencionados (17), além de outros, quais, por exemplo Reïnero da Franca Alencar; Francisco Leão Alencar, c. c. Maria Leopoldina de Monte, pais do coronel Nelson da Franca Alencar, prestigiosa ex-chefe político de Crato, austero, venerável, naturalmente bom; Luiza e Sinforosa (18). Inácia foi irmã da heroína Bárbara de Alencar.

23) BARBARA DE OLIVEIRA, c. c. Manuel Rodrigues Cordeiro (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-64, f. 47).

24) BASÍLIA BARRETO DE MENEZES, cit. (Liv. cit., f. 55).

25) BERNARDINO PEREIRA SOUTO, c. c. Joana de Sá (Liv. cit., f. 86).

26) BEATRIZ TEIXEIRA, c. c. capitão Mateus Teixeira (Liv. cit., f. 35).

27) BARBARA RODRIGUES, c. c. Domingos dos Santos (Liv. cit., f. 44).

## "C"

28) COSMO DA SILVA, c. c. Maria Pereira de Brito (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765-70., f. 3).

29) CAETANO DE SOUSA, c. c. Emerenciana de Sou-

---

16) Apontamentos Genealógicos da Família Alencar, de João Franklim Nogueira, Fortaleza-Ceará. inéditos, em poder de Antônio Alencar Araripe, deputado federal.

17) Informações inéditas em meu poder, de Luís Aires de Alencar, Mata Fresca-Exu-Pernambuco, 1914.

18) Idem-Liv. de reg. de Bat., par. de Crato, 1845-49, f. 44.



sa (Liv. de reg. de Bat. cit., f. 59).

30) CATARINA ANGÉLICA DA CONCEIÇÃO, c. c. Domingos da Silva (Liv. cit., f. 60).

31) COSMA DAMIANA, c. c. Antônio Saraiva.

32) CAETANO JERÓNIMO, c. c. Maria Pereira da Luz (Liv. cit. f. 77).

33) CARLOS ZACARIAS DE REZENDE, c. c. Mariana Correia (Liv. cit., f. 84).

34) CAETANO RIBEIRO, c. c. Francisca Maria de Jesus (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1769—1805, f. 24).

## “ D ”

35) DOMINGOS ALVES DE MATOS (capitão) c. c. Inácia da Silva, das famílias dos Alves de Matos e Correia da Silva, contados entre os primitivos povoadores do atual município de M. Velha (Liv. de reg. de Cas. cit., f. 1).

36) DOMINGAS FERNANDES, c. c. Manuel de Sousa (Liv. cit., f. 25).

37) DESIDÉRIA DE ANDRADE PEREIRA (19), ou DESIDÉRIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO (20), irmã, de pai e mãe, de Apolônia e Bárbara (ver números 2 e 22), natural da freguesia de N. S. dos Prazeres. Casou-se com o português bragantino João Gonçalves Diniz, com quem, já em 1-4-1748, residia no “Corrente do Pereiraço” (alusão a José Pereira Lima, ou Aço, cit.), sítio integrado no município de Crato (21). Esse

---

19) Liv. de reg. de Bat., de M. Velha, 1748-64, fls. 4 e 24.

20) Apontamentos Genealógicos, cits.

21) Liv. de reg. de Bat., par. cit., f. cit.

bragantino faleceu, 20-2-1751, e sepultou-se na Igreja de N. S. da Penha da Missão do Miranda, depois Crato (22).

◦ De Desidéria e João Gonçalves Diniz, citados, nasceram:

I—Teresa de Jesus Maria José, c. c. o português, lisboeta, jesuíta egresso, Alexandre Leite de Oliveira, nascido em 1745. O casal casou sua filha, a citada Bárbara Maria de Oliveira, com o referido José Joaquim Teles, sendo, assim, os dois últimos, pais dos mencionados dr. Manuel Marrocos Teles e padre João Marrocos Teles, e avós paternos do citado Professor José Marrocos Teles, o mágico, com o Padre Cícero e com a pitonisa Maria de Araújo, dos milagres de Juazeiro. Alexandre Leite de Oliveira, faleceu em 1827 (23).

Em 1785, aquêlê Alexandre Leite, então residente no sítio "Correntinho" (Crato), comprou ao coronel Joaquim Ferreira Lima, o sítio "Cabreiros", limítrofe do primeiro sítio, com engenho "moente e corrente" e mais pertences, pela importância de 450\$000 (24).

II—Germana Maria Gonçalves (cratense), c. c. capitão José Vitoriano Maciel, baiano, fixado em Crato, filho legítimo dos baianos Inácio Caetano Maciel e s. m. Januária Maria de Vasconcelos Teles de Menezes, e natural da freguesia de Socorro. Com o dito capitão, Germana teve dois filhos, os únicos, aliás: a) coronel José Vitoriano Maciel, o juiz leigo que condenou o caudilho e revolucionário cariense Joaquim Pinto Madeira, além de marcar-se relevante na sociedade e política de Crato; Maria Januária Maciel, cratense, c. c. o baiano, domiciliado em Crato, Januário Ferreira Castão. Vitoriano, pai, firmou, 9-11-1810, seu testamento, no cartório de Crato. Faleceu em 1836 (25).

III—Maria José de Oliveira, cratense, c. c. o português, coimbren-

22) Liv. do reg. de Ób., par. de M. Velha, 1748-63, f. 9.

23) Apontamentos Genealógicos cit. — Liv. cit. de reg. dos sócios da Irmandade cit. — Liv. de Bat., par. de Crato, 1816-21, 2<sup>o</sup> V., f. 88.

24) Liv. de «Notas», 1770-85, f. 76 e sg., Cartório cit.

25) Apontamentos Genealógicos cit. — Liv. de «Notas», 1810-13, Cartório cit. — Liv. de reg. de Bat., par. de Crato, 1803, f. 191.



se, José Cardoso Botelho, filho de Paulo Cardoso Botelho e sua mulher Luiza Botelho, coimbreense. José Cardoso e Maria José residiam em 1762, no aludido sítio "Corrente de Pereiraço" (26). Ela faleceu em 8-11-1807 (27). Filhos do casal: a) Antônio, nascido 7-8-1762 (28); b) Maria Custódia do Sacramento, c. c. Francisco Ferreira da Silva, baiano (29); c) Helena Maria da Conceição, c. c. Domingos Dias Cardoso, riograndense do norte (30); d) Manuel Cardoso, n. em 1775 (31), casado; e) José Cardoso, casado; f) Clemência, c. c. o coronel José Vitoriano Maciel, citado (32); g) Maria, c. c. Francisco Ferreira de Sá, n. em 1755, falecida em 24-2-1837 (33); h) Luzia, c. c. Manuel Pereira Façanha, n. em 1798 (34); i) Úrsula, c. c. Domingos Leite de Sá, nascido 1765-f. 30-7-1847 (35); j) Teresa, que faleceu inúpta (37); k) Desidéria Maria do Espírito Santo, casada com o citado coronel Joaquim Ferreira Lima, cratense como os cunhados aqui seriados, tendo exercido as funções de vereador e procurador da Vila de Crato (38).

Filhos de Joaquim Ferreira Lima e Desidéria Maria do Espírito Santo: a) padre Joaquim Ferreira Lima Sêca, ex-pároco interino de Crato; Manuel Ferreira Lima, c. c. Arcângela Maria (39); c) Antônio Ferreira Lima; d) Major Vicente Amâncio de Lima, c. c. Maria Clara de Macêdo, dos quais descendem os intelectuais cratenses José Alves de Figueirêdo e seu filho José de Figueirêdo Filho; e) João Franklim de Lima, c. c. Maria Brasileira de Alencar, dos quais procedem os Alencar Nogueira, de

26) Liv. de reg. de Bat., par. de M. Velha, 1748-64, f. 24.

27) Liv. de reg. de Ób., 1805-19, f. 127, par. de Crato.

28) Liv. de reg. de Bat., cit., f. cit.

29) Liv. de reg. de Bat., 1803-1806, f. 120, par. de Crato.

30) Liv. cit., fl. 225.

31) Liv. de reg. dos sócios da Irmandade citada.

32) Liv. de reg. de Bat., par. de Crato, 1800-1806, fl. 191

—Apontamentos Genealógicos cits.

33) Liv. de reg. dos sócios da Irmandade citada e Apontamentos Genealógicos citados.

34) Idem, idem.

35) Idem, idem.

36) Apontamentos citados.

37) Idem,

38) Idem—Liv. de «Notas», 1770-85, fls. 76, Cart. cit.

39) Liv. de reg. de Cas., 1824-28., f. 59, par. de Crato.

Fortaleza (40); f) Maria Joaquina de Santana, c. c. Antônio de Macêdo Pimentel, cratense, n. em 1778, falecido 14-8-1848, filho legítimo de Antônio de Macêdo Pimentel, baiano, licenciado, serventuário do primeiro Cartório de Crato na segunda metade do sec. 18, e casado com Teresa Correia de Oliveira, falecida 26-12-1818, já viúva (41); g) Isabel, falecida solteira em Fortaleza em 17-1-1879 (42); h) Ana Porcira de Lima, nascida, 16-2-1789, no sítio Pau Sêco (município de Crato), c. c. Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, nascido em 17-9-1789, no "Salamanca" (Barbalha). O casamento ocorreu em 11-7-1810 (43)

Tristão numera-se entre os heróis da Revolução Cratense de 1817; da implantação da Independência no Piauí e Maranhão; da Revolução Cearense de 1824, que lhe deu a presidência transitória da Província, posto em que tombou herôicamente como autêntico líder. Foi co-parte no estabelecimento, no Ceará, da nova ordem política instalada no Brasil em 7-9-1822.

38) DOMINGOS DA SILVA, c. c. Maria da Conceição (Liv. de reg. de Bat., 1769—1805, f. 43, par. de M. Velha.

39) DOMINGOS DOS SANTOS. c. c. Inácia Maria Rodrigues (Liv. cit., f. 44).

40) DOMINGAS VIANA, c. c. Francisco de Melo e Silva (Liv. cit., f. 56).

## "E"

41) EMERENCIANA DE SOUSA. c. c. Caetano de Sousa

40) Apontamentos citados.

41) Liv. de reg. de Bat., par. de Crato, 1806, fl. 73-Liv. de reg. de Ób., 1805-19, f. 199, par. citada.

42) Apontamentos citados.

Nota: Maria Joaquina de Santana e Antônio de Macêdo Pimentel (filho) foram pais do sábio dr. Antônio Marcos de Macêdo.

43) Apontamentos cits.—«Notas», de autoria do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, ora em poder do advogado Livino de Barros Alencar, Sítio Mucambo, município de Salgueiro, Pernambuco—Liv. de reg. de Bat., 1811-15, f. 94—Crato—Liv. de «Notas», n° 30, f. 121 e seg., Cartório citado.



cit. (Liv. de reg. de Bat., 1748—64, f. 59, M. Velha).

42) Eugênia Maria Bezerra de Menezes, c. c. Manuel de Abreu Teixeira, colonos dos primórdios de Crato (Liv. cit., f. 85). Eugênia foi filha do capitão João Carneiro de Moraes, paraibano, e de s. m. Petronila Bezerra de Menezes, estabelecidos no "Salamanca" (Barbalha). Figuram como tetravós do padre Cícero Romão Batista, segundo fundador de Juazeiro do Norte, como se viu.

## "F"

43) FRANCISCO GOMES DE ABREU, c. c. Manuela de Farias (Liv. de reg. de Cas. 1765—70, f. 11., M. Velha).

44) FRANCISCO ROBERTO DE MENEZES E VASCONCELOS (sargento-mór), c. c. Teresa de Jesus (Liv. cit., f. 20). O casal foi senhor do "Engenho S. João" nos brejos de M. Velha, onde madrugou com o capitão João Correia Arnaud, co-fundador da mesma cidade.

45) FRANCISCO MALHEIRO, c. c. Isabel Pinto (Liv. cit., f. 25).

46)—FRANCISCO DE MAGALHÃES BARRETO E SA (capitão), de S. Antonio do Urubu de Baixo, c. c. Maria Polucena de Abreu Lima, da Vila Nova da Rainha (Sergipe). Filho do alferes Antônio Pinheiro de Magalhães e s. m. Inês de Sá Souto Maior, baianos, e já, em 1744, fixado no Cariri, então ainda solteiro (caderno de reg. de Bat., Cas. e Ób., Capela de S. Antônio de M. Nova, 1742-47); êsse sergipano, tornado grande latifundiário no vale do "Salamanca", erigiu, aí, à margem da corrente líquida de idêntico nome, no Sítio «Barbalha», uma capela com o respectivo patrimônio, dedicada ao padroeiro de sua sergipana gleba de origem. Em tôrno da ermida formou-se a atual cidade de Barbalha, sede do município do mesmo nome. Por isso, Magalhães é considerado o fundador dessa cidade, à igual de Frei Carlos Maria de Ferrara e o padre João Bandeira de Melo, respectivamente, quanto às cidades de CRATO e Jardim. Autêntico Abraão, seu sangue circula, vigoroso, nas veias das famílias principais de Barbalha, tradicionais e ilustres: Sá Barreto, Coêlho, Sampaio, Correia, Calou, Garcia, Duarte e outras, todas nucleares. Faleceu 18-10-1795, com 70 anos (Liv. de reg. de Ób., 1788-1806, f. 53), tendo nascido em 1725. Sua naturalidade sergipana consta do Livro de reg. de Cas. 1ª par. de M. Velha, 1765-70, fl.

28 e segs.

Abraão de Barbalha, Magalhães foi naquele chão caririense, uma réplica a seu conterrâneo, o cit. capitão Antônio Pinheiro Lôbo e Mendonça, em Crato, e ao alferes Gonçalo Coêlho de Sampaio, baiano, tronco, em M. Nova, de M. Velha, no Sítio Juazeiro, dos Sampaio de Barbalha. Milagres, Jardim e sertão pernambucano, aqui os Sampaio Filgueiras. Alguns descendentes ilustres de Magalhães: padre Joaquim de Sá Barreto, segundo vigário colado de Jardim; bacharel Mendo de Sá Barreto; Manuel Barreto Sampaio, médico; padre José Garcia de Sá Barreto; padre Miguel Coêlho de Sá Barreto, fluente orador sacro, ex-vigário de Barbalha e de Jardim, n. 5-7-1870 e ordenado em 1892. Processo de MORIBUS, Arquivo da Cúria (ratense); Mons. José Coêlho, ex-pároco de Iguaçu, n. 9-5-1881, ordenado sacerdote em 1906 (Processo de MORIBUS, Arquivo citado) e falecido em 12-11-1941; Cônego Antônio Coêlho, vigário no D. Federal; coronel Manuel Expedito Sampaio, da ativa do Exército Nacional; padres José Coêlho de Alencar e João Barreto de Alencar, irmãos, vigários no Rio de Janeiro; dr. Leão Sampaio, clínico e deputado federal; dr. Pio Sampaio, clínico brilhante; dr. Lirio Calou, médico e ex-prefeito de Barbalha; dr. Gregório Calou, bacharel e advogado; dr. Mauro Castelo Branco Sampaio, médico; tenente Maurício Castelo Branco Sampaio, da ativa do Exército Nacional; Alde Sampaio, deputado federal e presidente da U. D. N., secção pernambucana; Juarez Aires de Alencar, emérito causídico na Paulicéia; Agamenon Magalhães, ex-governador de Pernambuco. É apenas u'a amostra, a que poderíamos ainda acrescentar estas respeitáveis unidades: Brigadeiro José Sampaio Macêdo, Otacilio de Macêdo, médico e intelectual; prof. José Denizard.

47—FRANCISCA VIEIRA DE GUSMÃO, c. c. o capitão Antônio de Oliveira de Carvalho, sôgros do citado Francisco de Magalhães Barreto e Sá (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765-70, f. 22).

48—FRANCISCO DE ANDRADE DE MOURA, c. c.

49—FRANCISCA DA SILVA (Liv. cit., f. 40)

50—FÉLIX GONÇALVES DE MATOS, c. c. Antônia Rita de Sousa (Liv. cit. f. 57)

51—FÉLIX MAURÍCIO, c. c. Feliciano de Sousa (Liv.



cit. f., cit.)

52—FRANCISCO MONTEIRO, c. c. Antônia da Silva (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-64, f. 48).

53—FRANCISCA DE JESUS, c. c. Gonçalo de Oliveria Rocha. (primeiras núpcias dêste).

54—FRANCISCA DE SOUSA MONTEIRO, c. c. Francisco de Sousa Leão (Liv. cit., f. 59).

55—FRANCISCO CARDOSO, c. c. Luzia Maria da Conceição (Liv. cit., f. 83).

56—FELIPE RODRIGUES, c. c. Verônica da Silva (Liv. cit., f. 94).

57—FLORENCIO PEREIRA, c. c. Josefa Maria (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1795, f. 23).

58—FRANCISCO LOPES DE SOUSA, c. c. Francisca Quintiliana (Liv. cit., f. 180).

59—FILIPE PEREIRA, c. c. Maria José da Silveira (Liv. cit., f. 278).

60—FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO, c. c. José Gomes Xerez (Liv. de reg. de Cas., Missão Velha, 1775, f. 11).

61—FILIPE RABÊLO FALCAO, c. c. Mariana Ferreira (Liv. de reg. de Bat., Missão Velha, 1769, f. 5).

62—FÉLIX RODRIGUES, c. c. Faustina Pereira (Liv. cit., f. 35).

63—FRANCISCA MARIA GOMES, c. c. Manuel de Farias Camêlo (Liv. cit., f. 37).

64—FRANCISCA GÓIS, c. c. Antônio de Andrade (Liv. cit., f. 46).

65—FRANCISCO LOPES DE SOUSA, c. c. Ângela da Silva (Liv. cit., f. 48).

66—FRANCISCA GONÇALVES DE CARVALHO, c. c. Júlio Cavalcante (Liv. cit., f. 50).

67—FRANCISCA DE MELO E SILVA, c. c. Domingos Viana (Liv. cit., f. 56).

68—FÉLIX FERREIRA DE OLIVEIRA, c. c. Perpétua Ferreira (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765-1770, f. 34).

## "G"

69—GONÇALO RODRIGUES, c. c. Maria do Carmo (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765-1770, f. 17).

70—GRABRIEL DE SOUSA, c. c. Antônia de Sousa, citada, (Liv. cit., f. 44).

71) GERALDO DE CASTRO, c. c. Maria da Conceição (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748—1764, f. 63).

## "H"

72) HELENA MARIA, c. c. Antônio Rodrigues (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1749—64).

73) HELENA FERREIRA, c. c. João Ferreira (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1769, f. 35).

## "I"

74) ISABEL DE CASTRO, c. c. Manuel Rodrigues (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765—10, f. 18).

75) ISABEL PINTO, c. c. Francisco Malheiros (Liv. cit., f. 25).

76) INACIO DE CASTRO, c. c. Marcela de Sousa (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748—64, f. 45).

77) INACIO DIAS, c. c. Leonarda da Costa (Liv. cit., f. 43).

78) INACIA ALVARES DE ALMEIDA, c. c. José Pinto Ramalho, troncos da família Pinto Ramalho, de Jardim, Ceará, e fundadores do sítio "Corrente", naquele município (Liv. cit. f. 51).

79) CAPITÃO INACIO CORREIA DE OLIVEIRA, c. c. Ana Correia, citada, contados entre os mais remotos povoadores de Crato (Liv. cit., f. 55).

80) INACIO JOSÉ, c. c. Maria Ângela.

81) INACIO CARDOSO, c. c. Antônia Lopes (Liv. cit., f. 84).

82) INACIA MARTINS DA ROCHA, c. c. José Rodri-



gues (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1769, f. 38).

83) ISABEL MARIA DE MOURA, c. c. o capitão Antônio Pires de Magalhães, citado (Liv. cit., f. 41.)

84) INÁCIA MARIA RODRIGUES, c. c. Domingos dos Santos (Liv. cit., f. 44).

85) INOCENCIA CARDOSO, c. c. André Lopes (Liv. cit., f. 42).

86) CAPITÃO INACIO FERREIRA LÔBO, c. c. Teresa Bezerra de Menezes, co-fundadores de Crato (Liv. cit., f. 45).

87) JOSÉ RODRIGUES DE ANDRADE, c. c. Maria Martins da Costa (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765-70, f. 9).

88) JOANA DA ROCHA, c. c. o alferes Bento de Oliveira Rocha (Liv. cit., f. 9). A descendência do casal está ligada ao povoamento inicial de Milagres, M. Velha e Brejo dos Santos (hoje Brejo Santo)—Santos, da expressão Oliveira Santos, bisnetos do mesmo casal, cujo sangue corre nas veias dos Romão Sampaio, de Jardim e sertão pernambucano; dos Lucena ou Chicote, de Brejo Santo; dos irmãos drs. Mozart, José e Otávio Cardoso de Alencar, de Barbalha; do padre Alzir Sampaio, vigário de Lavras da Mangabeira; de Filgueira Sampaio, abalizado professor e melhor compendista; dos Cardoso e Martins, de Porteiras e Brejo Santo; do dr. Antônio Aristides Cardoso, primeiro juiz togado desse último município; do tenente-coronel da Guarda Nacional, Raimundo Cardoso dos Santos, que foi chefe autoritário do citado município de Porteiras na gestão do Conselheiro, Antônio Pinto Nogueira Acioli. Caído com este em 1912, o tenente-coronel Raimundo Cardoso tomou parte na sedição de Juazeiro, chefiada pelo padre Cicero e Floro Bartolomeu da Costa, bafejados por Pinheiro Machado, caudilho da política federal de Hermes da Fonseca. Vitoriosos a sedição, a qual depôs o presidente Franco Rabêlo, Raimundo Cardoso retomou a direção dos destinos de Porteiras, em abril de 1914. Indispondo-se com a população dirigente de Brejo Santo, ela o depôs, violentamente, pelas armas, em 1915, o que ocasionou a intervenção do governo do Estado, então provisoriamente nas mãos do coronel Benjamin Barroso, que mandou a Brejo Santo uma expedição de 500 homens, numa demonstração quase ingênua de força, sob o comando do coronel Ernesto Medeiros. Sem o disparo dum tiro, Raimundo Cardoso foi reposto no cargo de intendente.

O cabo Galdino, da força expedicionária, violeiro e poeta repentista, cantou nos seguintes versos pessimistas os principais núcleos populacionais daquela zona:

“Brejo é uma ticaca,  
Milagres, curral da fome;  
Porteiras, pau da desgraça,  
No Macapá não tem homem,  
No Jardim só corre lobishomem”.

89 - JOSÉ DA SILVA BARROSO, c. c. Tavares Cabral (Liv. cit., f. 17).

90—JOANA DE MELO REZENDE, c. c...

91—CAPITÃO JOÃO FERREIRA DE OLIVEIRA, (Liv. cit., f. 20).

92—JOANA RODRIGUES, c. c. Domingos Rodrigues, citado (Liv. cit., f. 5).

93—JOANA FACUNDES, c. c. Manuel de Barros e Sousa (Liv. cit., f. 51).

—JOANA FACUNDES, a precedente, foi mãe com o referido Manuel de Barros e Sousa, de a) Joana Facundes da Silveira, baiana, que, de seu espôso, o português Manuel da Cruz Nenes (Liv. cit., f...), sargento-mor, teve, entre outros filhos, Antônio (tenente), Marcelino e Isabel da Cruz Neves, baianos e troncos dos Cruz e dos Nenes, de Barbalha, M. Velha. Brejo Santo, Porteiras e Jardim; b) Beatriz da Silveira, baiana, espôsa do tenente-coronel Luís Furtado Leite e Almeida, tronco dos Furtado, de Milagres, Mauriti e M. Velha; c) Isabel da Silveira, baiana, casada com o português Antônio Pereira Lima, casal, cujo filho Francisco Pereira Lima, matrimôniou-se com Francisca Teodora da Conceição, nome de moça, filha do alferes Gonçalo Coêlho de Sampaio e s. m. Lourença Barbosa de Melo, baianos, (Liv. de reg, de Bat. freg. de M. Velha, 1748-63, f. 38). Em 1763, Fco. e Fca. eram donos do sítio “BREJO”, depois Brejo dos Santos. hoje Brejo Santo (município de).

O tenente Gonçalo Coêlho e s. m. Lourença Barbosa de Melo são ascendentes dos Sampaio de Barbalha e Milagres, e tretravós do clínico Leão Sampaio, barbalhense.



94—JOÃO DE SOUSA, c. c. Simone dos Santos (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-64, f. 25).

95—JOSEFA DE OLIVEIRA, c. c. Simão Correia de Oliveira, pais do capitão Inácio Correia de Oliveira, citado.

96.—JOSE' LOPES, c. c. Marta Coelho (Liv. cit., f. 66).

97—JOÃO MACHADO DE MELO. c. c. Antonia da Trindade (Liv. cit., f. 79).

98—JOÃO PEREIRA SOUTO, c. c. Isabel Lobato do Espírito Santo (Liv. cit., f. 86), filha do sesmeiro coronel João Mendes Lobato e Lira, patriarca de M. Nova, de M. Velha.

99—CORONEL JOÃO MENDES LOBATO E LIRA, citado, natural do Rio de Baixo, Porto da Folha, margem sergipana do Rio S. Francisco (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-64, fl. 86). Pertencia à célebre família Lobato, magnata de terras neste Cariri, 1714-25, em grandes proporções, que os colonos o julgavam dono da região («Alguas Orígens do Ceará», f. 120, Antônio Bezerra). Transacionista, essa família adquiriu essas terras a léguas, em sesmarias e por compra, e as vendeu a retalho aos autênticos povoadores do Cariri, que ela, embora composto de oito membros, não povoou, exceção do coronel mencionado, casado, êste, sucessivamente com Cosma da Costa e Clara da Gama.

Dos outros membros da família, igualmente estabelecidos nesta zona, não tiveram filhos: Maria Ferreira da Silva, espôsa do capitão-mor Domingos Álvares de Matos, e Ana Lobato, que morreu inúpta. Os outros mudaram-se, 1725, para Alagoas, sua terra de origem, e, de lá, venderam seus grandes latifúndios rurais que possuíam no Cariri.

Dos filhos do coronel João Mendes Lobato e Lira, sem contar Isabel, já referida, Joana Lóbató, João Ferreira Lobato e Quitéria Lobato casaram-se, respectivamente, com Inácio de Figueiredo Adôrno, categorizado colono baiano, fixado no "Salamanca" (Barbalha); Beatriz de Melo (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765-70, f. 30 e Liv. de reg. de Bat., mesma freg., 1748-64, f. 3) e Antônio Coelho de Rezende, baiano, (Liv. cit., f. 82). Outra filha do patriarca, esta, natural, Maria da Conceição, ronvoulu núpcias com Pedro Pereira de Mendonça (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1790, f. 43).

O coronel João Mendes Lobato e Lira, eis uma exceção à afirmativa de Antônio Bezerra em "Algumas Origens do Ceará", pág. 164: "O Cariri não foi povoado por gente da família Lobato.

100) JOSÉ RODRIGUES, c. c. Rita da Assunção (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-64, f. 84).

101) JOÃO DE SOUSA, c. c. Carmina de Souza (Liv. cit., f. 99).

102) JOSEFA PEREIRA, c. c. Florêncio Pereira, citado. De ambos nasceu Isabel Neves, casada com Simão Rodrigues, filho do capitão Domingos Paz Landim, que por sua vez, era filho do capitão José Paz Landim, tronco da família Landim deste Cariri (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1795, f. 169).

103) JOSÉ DA SILVA CHAVES, c. c. Maria José Gonçalves (Liv. cit., f. 167).

104) JOSÉ SERAFIM, c. c. Josefa Maria da Conceição (Liv. cit., f. 173). Esse sergipano foi filho de Antônio d'Ávila Godinho, baiano e um dos povoadores de Barbalha nos começos do século 18.

105) JOANA MARIA DE JESUS, c. c. Simão Rodrigues das Neves (Liv. cit., f. 186).

106) JOSÉ LUIS DE MADEIRA, c. c. Ana Domiciana (Liv. cit, f. ....).

107) JOANA BARBOSA, c. c. Antônio Pereira de Vasconcelos, sôgros de José Gomes Xerez, filha do capitão João de Deus Xerez, fundador da fazenda "Ginipapeiro", município de Milagres (Liv. de reg. de Cas, M. Velha, 1775, f. 11).

108) JOÃO FERREIRA, c. c. Helena Ferreira, citada; êle, filho do capitão Mateus Ferreira (Liv. de reg. de Bat., de M. Velha, 1769. f. 35).

109) JOANA NARCISA, c. c. José Rodrigues (Liv. cit., f. 37).

110) JOÃO RODRIGUES, c. c. Joana Rodrigues (Liv. cit., f. 12).

"L"

111) LEONARDA DA COSTA, c. c. Inácio Dias da Silva (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-64, f. 43).



112) LUZIA CORREIA DE ARAÚJO, c. c. Antônio da Silva de Figueiredo (Liv. cit., f. 33).

113) LUZIA DA CONCEIÇÃO, c. c. Francisco Cardoso (Liv. cit., f. 83).

114) LOURENÇA PEREIRA, c. c. Manuel da Silva (Liv. cit., f. 86).

115) LUIS FERREIRA PACHECO, c. c. Luzia Pereira de Barros (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1759, f. 9).

116)—LUZIA DE OLIVEIRA, irmã, de pai e mãe, das citadas (ver números 2, 22 e 37, respectivamente), Apolônia de Oliveira, Bárbara de Oliveira e Desidéria de Andrade Pereira, ou Desidéria Maria do Espírito Santo, a Velha, casada, ela, Luzia de Oliveira, com o português Mateus Ferreira Lima, topáveis em 1741, domiciliados no citado sítio "Corrente" (Crato) (44).

Dêsse casal nasceu Manuel Ferreira Lima, casado com a citada Ana Apolônia Maria de Oliveira, filha dos referidos José Pereira Lima, ou Aço, e Apolônia Correia de Oliveira. (45). De Manuel Ferreira Lima e Ana Apolônia Maria de Oliveira apareceram :

I—Manuel Ferreira Lima, que convolou núpcias com Isabel Maria da Franca (Iaiá Isabel) (46). Dêstes últimos, nasceram A) Maria Isabel da Penha, c. c. Francisco Pereira Maia Guimarães, português, (47) tronco dos Pereira Maia, de Crato, co-parte ativa na Revolução Cratense de 1817, cabendo-lhe a sorte dos outros chefes revolucionários; pai, com a mesma Isabel, de um dos célebres políticos de Crato do século 19, José Francisco Pereira Maia (48), Coronel Mainha, um dos responsáveis pela comédia sinistra que liquidou o Coronel Joaquim Pinto Madeira. Foi deputado provincial, Mainha, mais de uma vez, e se afirmou lábio Abraão cratense. São seus descendentes,

(44) Liv. de reg. de Bat. e Cas. 1727-81, pa. do Icó, a que pertenceu eclesiasticamente o Cariri até 1748.

(45) Liv. de reg. de Bat., 1748 64, f. 50, M. Velha.

(46) Liv. de «Notas», nº 32, f. 82 a 84, Cart. cit.—Liv. de reg. de Bat. 1813 15, pg. 28 Crato.

(47) Liv. de reg. de Bat. cit., f. cit.

(48) Liv. cit., f. cit.

entre outros: os citados drs. Sebastião Norões e Raimundo de Norões Milfont; dr. Wilson Norões, juiz de direiro; dr. Álvaro Maia, ex-governador no Estado do Amazonas; padre Juvenal Colares Maia, falecido; tenente Humberto Moreira Bezerra, da ativa do Exército Nacional; professora Lila Moreira de Alencar, vice-diretora do Grupo Rural Alexandre Arrais. Foi casada com Clara Ângelica.

B) Joaquim Ferreira Lima Verde (padre), nascido em 1793 (49), tronco dos Lima-Verde de Crato e Iguatu. Em seu testamento, aberto, reconhece como seus filhos: Isbela, nascida de Cosma Maria; Cardim, Laurentina, Ismael, Telêmaco, Celso, Isabel (mãe do clínico cratense dr. Miguel Lima-Verde, figura perfeita de altruista), Irineu, e Hortulana, nascidos de Maria Vicência de Lima. Celso foi chefe político de Iguatu, deputado à Assembléia Legislativa do Ceará, tendo, antes de sua carreira política, exercido as funções de professor público da cidade de Crato.

II—Coronel Joaquim Ferreira Lima, c. c. Desidéria Maria do Espirito Santo, citados.

### “M”

117—MANUEL GOMES DE ABREU, c. c. Joana Lopes (Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765-70, f. 8).

118—MARTINHO ROCHA, c. c...

119—MARIA DA COSTA (Liv. cit., f. 9).

120—MANUEL RODRIGUES, c. c. Isabel de Castro (Liv. cit., f. 18).

121—MARIA DO CARMO, c. c. Ângelo Rodrigues (Liv. cit., f. 25).

122—MANUEL DE SOUSA, c. c. Isabel Pinto (Liv. cit., f. 25).

123—MARIA RODRIGUES, c. c. Antônio Tavares (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-64, f.).

---

(49) Liv. de «Notas», nº 32, f. 22, e sgs. Cart., citado.



124—MANUEL LEMOS, c. c. Maria dos Anjos (Liv. cit., f. 76).

125—MARCELA DE SOUSA, c. c. Inácio de Castro (Liv. cit., f. 45).

126—MARIA DO Ó, c. c. Antônio de Castro (Liv. cit. f. ....).

127—MARGARIDA MENDES DE OLIVEIRA, c. c. o alferes Simão Cabral de Melo, pais do capitão Francisco Gomes de Melo (Liv. cit., f. 55), primeiro Juiz Ordinário da Vila de Crato, imediatamente após a inauguração da mesma (1764) (J. Brígido, "O Ceará", pag. 98), e proprietário do sítio e ladeira "Francisco Gomes", que ainda guardam o seu nome, ladeira e sítio encravados neste município, nas encostas da Serra do Araripe. Faleceu Francisco, em 4 de agosto de 1817, com 84 anos de idade (Liv. de reg. de Ob., Crato, 1805-19, f. 119). Teve por esposa, Ana Maria Bezerra de Menezes, pernambucana. Seus filhos Simão Cabral de Melo e Alexandre Bezerra de Menezes, casaram-se na família Siébra, do sul d'êste Estado, em 1789 (Liv. de reg. de Cas., Icó, 1742-83). Foi o primeiro chefe do executivo municipal de Crato.

° De Margarida Mendes de Oliveira, estabelecida em Crato, com seu mencionado esposo, nos primórdios do século 18, desce o padre Cicero Romão Batista, seu 4º neto, pontífice máximo do embuste religioso já citado.

128—MARIA DA CONCEIÇÃO, c. c. Geraldo de Castro (Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-64, f. 63).

129—MARTA COELHO, c. c. José Lopes (Liv. cit., f. 66).

130—MARIA ALVES, c. c. Francisco Gomes Leitão (Liv. cit., f. 76).

131—MARIA PEREIRA DA CRUZ, c. c. Caetano Jerônimo Vieira (Liv. cit., f. 77).

132—MANUEL DA SILVA, c. c. Lourença Pereira (Liv. cit., f. 86).

133—MANUEL DE ARAÚJO VIEIRA, c. c. Ana Maria Maciel (Liv. cit., f. 98).

134—MANUEL DE SOUSA MACHADO, c. c. Ana Maria Machado (Liv. de reg. de Bat., 1795, f. 164).

135—MANUEL RIBEIRO DE OLIVEIRA, c. c. Jerônima Ribeiro (Liv. cit. f., 175).

136—MARIA JOSÉ DA SILVEIRA, c. c. Filipe Pereira (Liv. cit., f. 278).

137—MANUEL DE ABREU TEIXEIRA, c. c. Eugênia Maria.

138—MANUEL PINTO, c. c. Sebastiana Pereira (Liv. de reg. de Bat., 1769, f. 28. M. Velha).

139—MANOEL GÓIS, casado com...

140—MARIA DO NASCIMENTO (Liv. cit., f. 41).

141—MARIA DA CONCEIÇÃO, c. c. Domingos da Silva (Liv. f. 43).

142—MARCELINA RIBEIRO, c. c. João Machado de Melo (Liv. cit., f. 48).

143—MANUEL CAVALCANTE, c. c. Maria Gomes (Liv. f. 50).

144—MARÇAL GONÇALVES DE ANDRADE, casado com Maria da Paixão (Liv. de reg. de Cas., 1790, f. 23. M. Velha).

145—MARIA CARDOSO DE FRAGA, c. c. João de Sá Maciel, filha, do citado capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá (Liv. cit., f. 47).

“N”

146—NAZARIO ROSSI, c. c. Tomásia da Costa (Liv. de reg. de Bat., 1769, f. 37, M. Velha).

“P”

147—POLICENA RODRIGUES, c. c. Manuel Dias e neta do citado coronel Antônio Barreto de Menezes (Liv. cit., f. 55).

148—PEDRO BARBOSA, c. c. Bárbara Teles (Liv. de reg. de Bat., 1748-64, f. 79, M. Velha).

“R”

149—ROSA ANGÉLA DA PURIFICAÇÃO, c. c. o tenente Vasco Marinho de Miranda (Liv. de reg. de Cas., 1765-70, f. 9, Missão Velha).



150—ROSA MARIA, c. c. Gonçalo Gomes (Liv. de reg. de Bat., 1748-64, F. 86, M. Velha).

151—ROSA MARIA DA CONCEIÇÃO, c. c. João da Cruz Neves (Liv. de reg. de Cas., 1775, f. 14, M. Velha).

### “S”

152—SEVERINA RODRIGUES FERREIRA, (Liv. de reg. de Bat., 1769, f. 56, M. Velha).

153—SEBASTIANA PEREIRA, c. c. Manuel Pinto (Liv. de reg. de Bat. cit., f. 28).

154—SIMÃO CORREIA DE OLIVEIRA, c. c. Francisca de Oliveira (Liv. de reg. de Bat., 1795, f. .... M. Velha),

155—FELIPE TELES DE MENDONÇA, filho legítimo do português Antônio Francisco de Mendonça, falecido, 3.1851, em seu sítio—Cobras—município de Crato, (Liv. de «Notas» n° 30, f. 121 e seg. Cartório de Antônio Machado—Crato—Ce.) e de Maria Eugênia Teles.

Filipe Teles de Mendonça foi espôso de dona Teresa Joaquina de Jesus (Liv. de Reg. de Bat., 1843-45, f. 128, paróquia de Crato), n° 23 12. 1816 (Idem, 1816-19, f. 31), filha legítima do capitão Francisco Alves de Quental, pernambucano, e Antônia Maria de Jesus, do Cariri cearense; neta materna do capitão João Tavares Muniz, de Patos, Paraíba, e Francisca Maria de Jesus.

Filipe Teles de Mendonça teve os seguintes irmãos; Antônio Teles de Mendonça, que não deixou família;

Francisco Teles de Mendonça, c. c. Matildes de Oliveira;

Joaquim Teles de Mendonça, que foi casado e deixou família;

Josefa Maria de Mendonça, c. c. Eufrásio Alves Bezerra; e Matildes Eugênia Teles (Liv. de «Notas», cit.—Idem, n° 24, f. 50 e seg.—1838—Cart. cit.), casada com José Geraldo de Carvalho.

O citado capitão Francisco Alves de Quental nasceu do casal José Dias Alves de Quental, português, e Ana Joaquina



de Jesus, imigrados na então vila de Crato nos primeiros dias do século passado. Ele, já viúvo, contava 71 de idade, quando ingressou na Irmandade do S. S. Sacramento da Mãtriz de Crato no ano de 1815, o da fundação da mesma Irmandade, à igual de seu filho, o citado capitão, que o imitou nêsse passo, em 26 de março do dito ano.

**BARTOLOMEU ALVES DE QUENTAL**, irmão de pai e mãe, do referido capitão Francisco Alves de Quental, tinha 26 anos de idade ao fazer-se sócio da mencionada Irmandade a dois dos aludidos mês e ano. No ano de 1818, seu nome compõe, na qualidade de vereador, o Senado da Câmara de Crato. Ocupa lugar de honra na galeria dos heróis da Revolução Cratense de 3 de Maio de 1817, emancipacionista e republicana, dirigida pessoalmente pelo então diácono e futuro senador do Império, José Martiniano de Alencar, e vinculada ao movimento de idêntica índole irrompido em Pernambuco naquele ano. Prêso em 28 de junho dêsse ano, recolhido à cadeia da cidade de Salvador em 28 de julho do ano seguinte, pronunciado a 13 de setembro dêsse último ano, foi intimado, em 30 de setembro de 1819 para dizer de fato e de direito no prazo de cinco dias (Oliveira Lima, Anotações (1916) à História da Revolução Pernambucana de 1817, do Monsenhor Francisco Muniz Tavares, p. 339).

A descendência de Filipe Teles de Mendonça, cruzando-se com expressões categorizadas de troncos não menos respeitáveis da região, apresenta afirmações índices, ou nucleares, que refiro a modo de exemplo:

—**JOAQUIM FERNANDES TELES**, médico, grande cultivador de cana e industrial de rapadura, e político, atividade há bem pouco abandonada, por motivos de saúde. Médico, ritimou a profissão à letra e, sobretudo, ao espírito do juramento prestado na solenidade de colação de grau. Imprimiu à sua clínica, o carisma dum sacerdócio em ação, no mais amplo conceito da palavra. Subordinou-a ao sentido humanitário. Marcou-a com o sineto da caridade. Conheci-a desde de 1922, dinâmica, generosa, incidindo mais sôbre os pobres do que sôbre aquêles que podiam desembolsar o devido ao justo serviço. Hoje, ainda, com as precárias energias que lhe restam, é de ver a dedicação e o carinho com que se dá à Maternidade do Hospital S. Francisco, de Crato, da qual é diretor. Aliás, uma como outra Instituição portam o sulco profundo de sua personalidade incomum. A Maternidade é filha de sua ação direta. Deputado federal, conseguiu, do poder público os recursos que



possibilizaram a construção do prédio atual do Hospital, o equipamento dêste e o da Maternidade. E não lhe faltou tempo para orientar pessoalmente as construções dos edifícios.

Sobre o de deputado federal, exerceu o mandato de deputado estadual, federal e de governador do Município de Crato.

Sobre o ângulo do mérito, é, sem hipérbole nem favor, o maior dos cratenses vivos.

FILEMON FERNANDES TELES—irmão do precedente, largo sitiante de extensos canaviais, projeta-se sobre o cenário político municipal e estadual. Foi governador desta comuna, deputado estadual e presidente da Assemblêia Legislativa do Ceará.

ANTONIO FERNANDES TELES—irmão dos precedentes, odontólogo, farmacêutico, exerce as funções de presidente do Banco do Cariri e da Associação Comercial do Crato.

TEODORICO TELES DE QUENTAL—pai dos procedentes, ex-prefeito de Crato e prestigioso chefe político da terra.

MAURICIO MONTEIRO TELES—médico, genecologista e obstreta do Hospital S. Francisco e da Maternidade acima citados. É chefe do Serviço de Pre-Natal da L. B. A., setor de Crato.

HERMANO MONTEIRO TELES—engenheiro-agrônomo e diretor da Escola de Tratorista sediada em Crato.

JOAQUIM FERNANDES TELES FILHO—químico industrial.

CAIO MONTEIRO TELES—médico veterinário.

TEODORICO TELES NETO—bacharel em Direito, residente na capital federal.

HEBERT TELES—oftalmologista, rinotorinologista e chefe do Posto de Saúde de Crato.

DÉCIO TELES CARTAXO—médico e ex-prefeito de Crato. Em sua gestão, a metrópole do Cariri comemorou o primeiro centenário (17-10-1953) de sua elevação à categoria de cidade. O Prefeito dirigiu superiormente as solenidades.

Décio Teles Cartaxo desempenha neste momento o mandato de deputado estadual. Foi presidente da Assembléia Legislativa do Estado.

AIRTON TELES CARTAXO—capitão da ativa do Exército Nacional.

AMARILIO TELES CARTAXO—odontólogo, professor da Faculdade de Odontologia do Ceará.

CARLOS ANDRÉ TELES CARTAXO—odontólogo e professor assistente da mesma faculdade.

DARIVAL TELES CARTAXO—médico e funcionário do D. O. S., setor de Crato.

JOÃO TELES—médico, nascido, 14-4-1919, no sítio S. Joaquim, de propriedade de seus pais e encravado no município de Barbalha. Filho legítimo de João Teles de Quental e Maria Anunciada Teles e bisneto do citado Filipe Teles de Mendonça, venceu o curso primário na terra de seu berço, 1930-1932; o secundário, no Colégio Diocesano do Crato, 1936-1940; o universitário em Recife e na capital da Bahia 1943-1950. Exerce a profissão na cidade de Barbalha.

TEODORICO FERNANDES TELES CARTAXO—engenheiro-agrônomo e ex-prefeito municipal de Mauriti.

156—ANTÔNIO FERREIRA LÔBO—casado com Rita Perpétua (Liv. de reg. de Batizados, paróquia de Crato, 1845-49). Imigrado nesta terra no atual distrito de Muriti, (ex-Buriti), onde se tornou sitiante, cultivador de cana e industrial de rapadura. É tronco dos Lôbos deste distrito. Contam-se, entre seus descendentes, Otacilio de Macêdo, médico, jornalista e ex-diretor do semanário GAZETA DO CARIRI, editado nesta ci-



dade e fundado pelo cratense Bruno de Menezes; Brigadeiro, da Aeronáutica Brasileira, José Macêdo; José Denizard de Macêdo, professor de História do Brasil na Escola Preparatória de Cadetes, do Ceará; Dr. Geraldo Lôbo, agrônomo; Cicero Lôbo, tabelião aposentado, varão de Plutarco, objeto da veneração e respeito de todos os cratenses; frei Agatângelo, capuchinho, filho do precedente.

157—LUIZ PEREIRA DE MAGALHÃES—casado com Teresa Bezerra de Menezes, já em 1762, proprietários na Missão do Miranda, depois Crato. (Liv. de reg. de Bat., paróquia de M. Velha, 1748-64, f. 23), pais de RAIMUNDO PEREIRA DE MAGALHÃES, herói da Revolução Cratense de 3 de maio de 1817. Solteiro ainda, aos 24 de idade, vencida a revolução, o herói conseguiu, a princípio, escapar à polícia real; sendo, porém, prêsô e recolhido à Cadeia de Crato em 1819 por ordem do Governador Sampaio (Liv. de Termos de Prisão e Fiança da vila de Crato, 1817-1840, f. 13-14, Cart. do primeiro tabelião Antônio Machado—Crato-Ce.). Pronunciado pela Justiça da Bahia em 1818, foram determinados cinco dias para dizer de fato e de direito por via do Curador nomeado por acórdão de 25 de setembro de 1819 (História da Revolução Pernambucana de 1817, de Mons. Francisco Muniz Tavares, 3.<sup>a</sup> edição, revista e anotada por Manuel de Oliveira Lima — Recife-Pernambuco-1917).

● 158—ROSA JOSEFA DO SACRAMENTO—de Cotinguiba, casada com o citado brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, tronco de descendência tão expressiva, que dispensa comentário, por ocioso, que seria.

159—Capitão MANUEL JOAQUIM TELES, de Itabaiana, bisavô do citado professor, particular, José Marrocos.

160—JOSÉ JOAQUIM TELES MARROCOS, filho do precedente e avô do aludido professor.

## Ausência de Filgueiras

José Pereira Filgueiras, o padrinho do Senador Alencar (1) e histórico capitão-mor do Crato, "cujo prestígio se fizera garantia de quaisquer resoluções, quer políticas, quer particulares, na região sul da Província" (2); figura decisiva no destino da Revolução Cratense de 1817 (3) e na imposição ao Ceará, dum governo nacionalista em 1822 (4) — José Pereira Filgueiras está ausente, neste trabalho, do número dos sergipanos que, no século XVIII, contribuíram com o seu sangue e sua cultura para formação deste Cariri.

Já registrei o "heróico chefe da Expedição de Caxias" (5) como de naturalidade baiana, em trabalho publicado no primeiro número desta revista, e, até agora, não encontrei motivo sério para modificar minha convicção opinativa.

Certo, o Barão de Studart, inspirado em fonte que não refere, atribui procedência sergipana, porventura de Santo Amaro das Brotas, ao responsável pelo golpe revolucionário de 1824 no Ceará e pela subsequente convocação dos eleitores, constituintes do Grande Conselho que, à sombra das baionetas do convocador—espécie de precursor nesse passo e a seu modo, do general Lott do Novembro de 1955 — elegeu Tristão Gonçalves de Alencar Araripe presidente revolucionário da Província. (6)

Entretanto, descobri, há anos, o registro do primeiro ca-

---

(1) Oliveira Lima, Notas à «História da Revolução Pernambucana de 1817», de Muniz Tavares, pág. 117. O padre Miguel Carlos da Silva Saldanha foi o padrinho de Crisma desse senador do Império, Liv. de Registro de Batizados e Crismas, paróquia de Crato, 1798-1806. Essa afinidade entre Alencar e Filgueiras explica, em parte a tolerância inicial do último com o primeiro no movimento da Revolução-Cratense de 1817.

(2) R. Girão, «Pequena História do Ceará».

(3) Barão de Studart, «Revista do Instituto do Ceará», ano de 1917.

(4) R. Girão, *idem*.

(5) Barão de Studart, *idem*, *idem*.

(6) Offícios de Filgueiras ao Governador das Armas de Pernambuco, em primeiro de maio de 1824, Revista citada, 1824.



samento dêsse libertador de três províncias, homem cuja influência, autêntica e notória, incidu sôbre as camadas sociais e humildes, que por êle se babavam, envolveu os trinta mil habitantes do antigo termo de Crato (7). / projetou-se, particularmente, no seio de prestigiosas famílias caririenses, aparentadas do mesmo caudilho, os Filgueiras, os Cardosos, os Martins, os Oliveira Rocha, os Tavares Muniz, os Sampaio, por exemplo, e alcançou o Governo Nacional, do que é prova a nomeação do caudilho para generalíssimo da Expedição de Caxias./

• Segundo o referido registro, prova documental indireta no caso, Filgueiras vagiu na paróquia baiana de Nossa Senhora da Oliveira (8), situada nos, outrora, chamados «Campos de Cachoeira», região do Recôncavo (9). O município teve o nome de Oliveira de Campinhos, depois, Campinhos. Não dista mais de sessenta quilômetros de Santo Amaro, também na região do Recôncavo e onde nasceu a irmã de Filgueiras, dona Leocádia Pereira de Castro, casada, neste Cariri, com Manuel Cardoso Viana (10), enquanto a mãe da mesma, dona Maria Pereira de Castro, veio à luz na dita paróquia de Oliveira (11), e que sugere a hipótese de haver o pai de Filgueiras, português, se casado nessa freguesia. Enfim, não terá o consciencioso e circunspeto Barão de Studart confundido o citado Santo Amaro, ou o Santo Amaro de Caru, ambos bairros, com Santo Amaro das Brotas, em Sergipe?

(7) Afirmação do Governador da Província, Manuel Inácio Sampaio, citado pelo Barão de Studart, o qual atribui, ao mesmo Sampaio, os cem olhos de Argus, Rev. cit., ano de 1917.

- (8) Livro de Registro de Casamentos, paróquia de Missão Velha, 1773-1810, f. 116.
- (9) Idem, 1765-70, f. 4, combinado com a informação pessoalmente prestada ao autor pelo Secretário do Instituto Histórico da Bahia, em 1949, monsenhor Manuel de Aquino Barbosa, igualmente natural da mencionada freguesia, portanto, conterrâneo de Filgueiras. A histórica cidade baiana de Cachoeira situa-se à margem do Rio Paraguassú, na região do Recôncavo.
- (10) Livro de Registro de Batizados, Missão Velha, 1795-1803, p. 174.
- (11) Idem, idem.

No curso do processado de seu casamento, não há dúvida ter sido Filgueiras quem informou a seu pároco sobre a própria naturalidade, pois seus pais já haviam falecido, a mãe, viúva, em 1801 (12)

Pertencia a mãe da noiva, ao distrito de Bárbalha e à jurisdição eclesiástica da paróquia ds Missão Velha, a fazenda São Paulo, na qual foi celebrado o casamento de Filgueiras, homem de natural bondoso (13), capaz de profligar violências injustificáveis (14), temperamento pacífico, que só em casos únicos do que raros saiu de seu normal, ainda assim sob pressão de circunstâncias excepcionais, como ocorreu ao calor das labaredas das lutas da Independência, ou quando, certa vez, inopinada e brutalariamente, lhe prostraram aos pés, banhado de sangue, o sobrinho querido, Joaquim Inácio dos Santos.

• Transcrevo o documento relativo à prova indireta da naturalidade de Filgueiras:

“Aos 25 dias do mês de agosto de 1803, às 12 horas do dia, na fazenda de São Paulo, desta freguesia de São José do Cariri Novo, depois de feitos os proclamas do costume, sem descobrir impedimento algum, na minha presença e destas testemunhas, o capitão José Correia Arnaud e o mestre de campo José Araújo Soares (15), se receberam por palavras de presente,

---

(12) Livro de Registro de Óbitos, Missão Velha, 1780-1806.

(13) Atestado do citado Governador Sampaio, referido pelo Barão de Studart, Rev. cit., ano 1917, discordando o último dos que tentaram apresentar Filgueiras como um brutamontes e destituído de caráter.

(14) Na marcha sobre Piauí e Maranhão, Filgueiras verberou em proclamação, exorádicos desatinos cometidos por elementos do sub-comando, Rev. do Instituto Histórico do Brasil, 1885, T. 48.

• (15) O mestre de campo José de Araújo Soares foi casado com uma irmã de Filgueiras e domiciliado nos Cariris paraibanos, a cuja aristocracia pertenceu.



o capitão-mor José Pereira Filgueiras, natural da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, do Arcebispado da Bahia, filho legítimo do tenente José Quesado Filgueiras Lima e dona Maria Pereira de Castro, já falecidos, com dona Joaquina Maria Parente, filha do coronel Manuel Gonçalves Parente (16), já falecido, e dona Rosa Maria de Santana, naturais desta freguesia, receberam as bênçãos nupciais antes da missa, do que para constar fez-se êste assento, que assino. Francisco Xavier de Vasconcelos Maltês, Pároco." (17)

◉ À luz, pois, da prova documental indireta—que só a prova direta do registro de batismo poderia contestar—perfila-se baiano, aquêle que, no conceito exato e lapidar do historiador Oliveira Lima, mais do que Cochrane teria merecido o título de marquês do Maranhão (18), destruindo, como destruiu, em marcha heróica por extenso e ínvio sertão, o setor principal da resistência lusitana no Norte, enquanto o lorde inglês perlongava o litoral numa quase parada naval, obtendo submissões com a ameaça duma poderosa e fantástica esquadra que navegava em sua retaguarda.

(16) À patente de coronel, Manuel Gonçalves Parente juntava a função de mestre de campo.

(17) Livro de Registro de Casamento, paróquia cit., 1773-1806.

(18) Oliveira Lima, Notas citadas, pág. 176.

## OBSERVAÇÃO

*Já pronto e entregue à ITAYTERA em outubro de 1955 para ser publicado em sua edição de 1956, êste trabalho fôra entretanto pôsto à margem para dar lugar a outro que depois escrevi—«Apostolado do Embuste»-que a mesma revista publicou no último ano referido.*

**Pe. Antônio Gomes de Araújo**

## « Nota »

Arrolo alguns prolongamentos ilustres, repetindo uns quantos, das quatro colonas sergipanas imigrantes na gleba cratense ainda na primeira parte do século 18: APOLÔNIA CORREIA DE OLIVEIRA, BÁRBARA DE OLIVEIRA, LUZIA DE OLIVEIRA e DESIDÉRIA PEREIRA DE OLIVEIRA, ou DESIDÉRIA MARIA DO ESPIRITO SANTO:

Padre Cícero Romão Batista, cratense, citado.

Joaquim Ferreira Lima, cratense, capitão de cavalaria, depois coronel, tendo sido membro do Conselho Municipal de Crato.

Padre José Ferreira Lima Sucupira, cratense, deputado provincial, Vigário Geral e Provisor do Bispado do Ceará.

João Franklin de Lima, cratense, deputado provincial.

José Vitoriano Maciel, cratense, deputado provincial.

Tristão de Alencar Araripe, ex-presidente do Ceará.

Tristão de Alencar Araripe, filho do precedente, Conselheiro do Império, estadista, jurista e historiador.

Tristão de Alencar Araripe Júnior, filho do precedente, jurista, literato e consumado crítico literário.

General Tristão de Alencar Araripe, ministro do Superior Tribunal Militar.

Antônio de Alencar Araripe, deputado federal e advogado.

José Francisco Pereira Maia, cratense, deputado provincial.

Padre Joaquim Ferreira Limaverde.

Padre Joaquim Lima Sêca, cratense, ex-pároco interino de Crato.

Dr. Manuel Marrocos Teles, médico, deputado provincial.

Padre João Marrocos Teles, cratense, ex-capelão de Juazeiro do Norte.



Juvenal de Alcântara Pedrosa, cratense, deputado provincial.

Pedro Jaime de Alencar Araripe, deputado provincial.

Padre Antônio Pereira de Alencar, deputado provincial e professor cursado do velho Liceu do Ceará.

Meton da Franca Alencar, médico e cirurgião, deputado geral e autor de trabalhos científicos sobre medicina.

José Alves de Figueiredo, cratense, farmacêutico, jornalista e poeta.

Dr. José de Figueiredo Filho, filho do precedente, farmacêutico, escritor, jornalista e presidente do Instituto Cultural do Cariri. É cratense.

Dr. Raimundo de Norões Milfont, cratense, ex-deputado estadual, professor concursado da Universidade do Ceará.

Dr. Elísio Gomes de Figueiredo, cratense, médico, orador fluente, inspetor federal do ensino junto ao Colégio Diocesano do Crato.

Dr. Álvaro Maia, ex-governador do Estado do Amazonas.

João Batista de Siqueira Cavalcanti, cratense, farmacêutico.

Teófilo de Siqueira Cavalcanti, cratense, bacharel em direito.

Sampson Siqueira de Melo, cratense, bacharel em direito.

José de Siqueira Cavalcanti, cratense, bacharel em direito e advogado.

Dr. Elias de Siqueira Cavalcanti, cratense, advogado e ex-secretário de Educação em S. Paulo.

Padre Francisco de Holanda Montenegro, professor e diretor do Colégio Diocesano, citado.

Capitão Plácido Limaverde, cratense, do Exército Nacional.

Dr. Luis Montenegro, engenheiro e industrial.

Josias Sisnando de Lima, cratense, ex-juiz de direito da comarca de Crato.

Antônio Carvalho e Lima, médico, filho do precedente.

José Sisnando Lima, cratense, médico e fazendeiro em Feira de Santana, Bahia.

Nilo Gomes Rolim, cratense, farmacêutico.

Jaime Gomes Rolim, cratense, médico, irmão do precedente.

Padre Dr. José Sisnando Meireles, cratense? diretor do «Colégio Caxambú», M. Gerais.

Dr. MIGUEL LIMAVERDE, cratense, ex-prefeito de Crato e cuja clínica timbrou-se de caráter humanitário. Foi a bondade em ação.

Padre Irineu Limaverde, cratense, vigário de Boa Viagem, arquidiocese de Fortaleza.

Jaime de Alencar Araripe, Juiz de Direito, talentoso colaborador em revistas jurídicas do Rio e Fortaleza.

Leitor Amigo! Atenção!

## A «CASA VENUS»,

A bem de sua numerosa freguesia, acaba de renovar seu variado estoque de

*«Sedas», «Linhos», «Tropicais», «Bramantes» e tudo o mais que se relacione com a sua elegância e distinção.*

Faça sua economia fazendo suas compras na **CASA VENUS**

TELEFONE : 21-64

Rua Dr. João Pessoa, 92

— CRATO-Ceará



# THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR

REPRESENTAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

Revendedor autorizado da S. A. PHILIPS DO BRASIL

*Distribuidor dos Rádios:*

Telefunken, Mullard e Pioner

Fogões DAKO e PHILIPS a carvão e a gaz de kerosene, vendas a prestações e a vista com descontos especiais.

Liquidificadores SPAN, COFRES, MÁQUINAS DE ESCREVER E CALCULAR

Enceradeiras « ARNO », Painéis de pressão « PANEX », Motores para beneficiamento de mandioca, Grupos eletrogenos para iluminação de Engenhos e Casas de Farinha

Cafeteiras e objetos para presentes.

Lâmpadas, tungas, baterias e material elétrico em geral.

## Thomaz Osterne de Alencar

End. Electr.: OSTERNE—Caixa Postal, 16—Fone 21-74

Crato—Rua Dr. João Pessôa, 113—Ceará

# O Ceticismo Criador

---

Abelardo F. Montenegro

O ceticismo criador constitui preciosa ferramenta na exploração das hipóteses de trabalho.

Numa época de intuicionismo e de outros sistemas filosóficos que apelam para as forças obscuras e elementares da personalidade, é confortador entrar em contacto com inteligências que não perderam a luminosidade, cuja fonte é sã razão.

O cético criador, do porte de um Bertrand Russell por exemplo, crê na força da razão e, conseqüentemente, no progresso do mundo e na cura dos males da humanidade.

Pugna, portanto, pela dilatação da inteligência e pelo predomínio da mentalidade científica na análise dos fatos sociais.

O ceticismo criador não oferece obstáculo à difusão da ciência, pois nada tem do ceticismo vulgar negativista que impede a renovação e reforça a rotina e o tradicionalismo.

Pirro sustentava que nunca sabemos o bastante para estar seguros de que uma norma de conduta é melhor do que outra. Bertrand Russell, porém, não advoga o ceticismo heroico. Está disposto a admitir as crenças e correntes do sentido comum, bem como qualquer resultado da ciência, considerando-o não absolutamente verdadeiro, mas suficientemente provável, para vir a servir de base a um proceder racional.

O ceticismo russelliano visa a corrigir e colocar sob o controle da razão, forças elementares tais como o ódio e a inveja. Ceticismo diante das «disparatadas mentiras que as pessoas respeitáveis espalham para defender a virtude». Ceticismo diante dos padrões de moral dominante: «Homem bom é aquele cujas opiniões e atividades agradam aos que estão no poder.»

O ceticismo criador ajuda-nos a viver em paz com o vizinho, assim como, no campo científico, possibilita a melhor compreensão dos fenômenos, impulsionando a pesquisa da verdade. Ceticismo dinâmico que amplia o horizonte de perspectiva, libertando a razão das amarras ortodoxas. Ceticismo, portanto,



positivo, construtivo e criador.

O ceticismo criador tem o amor britânico pela transação e moderação. Expulsa do terreno científico a paixão por não descobrir bases racionais nas opiniões esposadas apaixonadamente. Sob o ângulo do realismo e do senso comum, revela as afinidades entre os temperamentos inglês e chinês.

O ceticismo criador predica no sentido de domar as forças bárbaras e obscuras da personalidade humana. A irracionalidade deve ser eliminada porque é prejudicial à natureza do homem. Compete, apenas, à técnica satisfazer, emocionalmente, às aspirações extra-científicas da humanidade, ou melhor, cumpre-lhe provocar forte inclinação emocional para a ciência.

Animal sonhador, entregue à sonolência da imaginação, o homem propende a fundar a crença nos fatos sobre os desejos, preconceitos e tradições, quando devia alicerçá-la sobre evidências.

O ceticismo criador mantém uma admirável confiança no poder da ciência, o único capaz de vencer o medo responsável pela criação dos mitos.

O papel do homem não é o de destruir seu irmão tendo por cúmplice a natureza; mas subjugar as forças naturais, a fim de assegurar o bem estar de todos.

Um dos axiomas do ceticismo criador é o formulado por Bertrand Russell nestes termos: É indesejável acreditar numa preposição, quando não existe razão alguma para supor que seja verdade. Isto significa que a razão deve expulsar a paixão dos terrenos político, religioso e científico, dando lugar, assim, ao predomínio da mentalidade agnóstica.

A ciência, estimulada por esse ceticismo, ajudará a pacificar as classes sociais, substituindo, quando necessário, a monotonia pela aventura esportiva.

O ceticismo criador russeliano concebe o nosso sistema instintivo como um composto de duas partes, em que a primeira tende a continuar a nossa vida e a dos descendentes, e a outra tende a impedir a supostos rivais, incluindo-se nesta última parte a guerra e o nacionalismo exagerado.

É levando em conta a segunda parte do nosso sistema

instintivo que o ceticismo criador desenvolve a mentalidade agnóstica e científica que controlará as forças bárbaras da personalidade humana, canalizando tais energias num sentido útil à sociedade.

Russell afirma que, em face do sistema instutivo, estamos muito mais em dia com o que concerne à educação das salamandras do que à educação dos homens.

A tarefa do ceticismo criador é, portanto, das mais ingentes. Do seu triunfo depende, inquestionavelmente, a libertação do homem das gargalheiras do conservantismo, da rotina e do tradicionalismo.

*Lícito é prometer; imprudente jurar: será menos grave fugir a uma promessa do que quebrar um juramento. — EDUARDO GIRÃO.*

# Café JACIRA

Primeira Qualidade

PURO, GARANTIDO

Moído à vista do freguês

## Mercearia HONOR

de Antônio Honor de Brito

RUA SANTOS DUMONT, 51

— CRATO-CEARÁ



# Casa O NEQUINHO

— D E —

MANUEL PEREIRA DE ALENCAR

Especialista em rêdes alvejadas e  
em côres

*Artigos finos de 1a. qualidade para presentes.*

Rua Bárbara de Alencar. 201

CRATO

— —

CEARÁ

## GINASIO NOSSA SENHORA DAS DORES

SOB INSPEÇÃO FEDERAL

*Ciclo ginásial — Curso primário e normal*

Direção da educadora FRANCISCA DE JESUS CAVALCANTE

*Conseguiu impor-se ao meio graças a sua sadia o-  
rientação e competência de seu corpo docente.*

SENADOR POMPEU

—

CEARÁ

# No Crato

José Alves de Figueirêdo

---

---

*Acorda o sol e envia do Levante  
Beijos de luz ao cálice das flôres;  
Há cantares de alados trovadores  
No coração da selva verdejante.*

*Pairam nos ares místicos rumores,  
Como se andasse alguma ninfa errante  
Pela floresta... e o sedutor amante,  
Lábios colados, segredando amores!*

*Abre em flôr o lilaz, abre a jurema  
E o Batateira no seu leito, um poema,  
Fluido cristal rolando, preludia.*

*Ó quanto é dôce contemplar o dia  
A despertar em hinos de alegria  
Neste jardim da terra de Iracema.*





Habitui-se a tomar o seu cafésinho no

## Café Expresso Líder

Situado na Praça Siqueira Campos, no coração de Crato.  
O CAFÉ EXPRESSO LÍDER tem por lema :

### **Qualidade - Higiene - Serviço**

O café servido no EXPRESSO LÍDER provém da serra de Baturité, onde se produz o melhor café do Brasil.

Tabacaria com cigarros e charutos das mais variadas marcas e artigos outros ligados ao ramo.

Um lembrete do EXPRESSO LÍDER :

«O café aumenta a capacidade de trabalho do coração».

## Casa Abidoral

Recebeu:- Bicos, Bordados, Fitas Gregas, Botões de enfeites, Gravatas, Perfumes diversos

*Meias e uma infinidade de artigos que só o freguês pode ver melhor.*

**Tudo por preço de abafar !**

**CRATO — Rua Bárbara de Alencar, 128 — CEARÁ**

**Discurso pronunciado pelo Ten. Cel. Raimundo  
Teles Pinheiro, na cidade do Crato, em 20  
de junho de 1955, na oposição da placa do  
Jardim Frei Carlos de Ferrara**

Aqui estamos, por designação do Instituto Cultural do Cariri e do jovem, simpático e dinâmico Prefeito Ossian Araripe.

Recebemos uma missão e, como sempre o fazemos em todos os atos da nossa humilde vida, procuraremos cumpri-la da melhor maneira permissível pela nossa capacidade e pela vontade de Deus Onipotente.

Qual a razão, porém, dessa imposição que, sobretudo, nos honra?

Porque somos filho dessa exuberante porção do Brasil querido, e descendemos do Capitão Antônio Pinheiro Lôbo e Mendonça, um dos muitos e heróicos pioneiros da sua colonização? Porque a amamos, sobretudo, desde a meninice e invariavelmente, até hoje, quando já ocupamos o ramo descendente da parábola da vida? Porque daqui saímos muito jovem, faz 33 anos, e nunca, um só ano, deixámos de vir pagar o tributo das nossas sinceras orações aos pés de NOSSA SENHORA DA PENHA? Porque, em qualquer outro quadrante da extensão imensa da Pátria adorada, em tempo algum deixámos de atender carinhosamente a qualquer cratense que nos tenha procurado? Porque, num quadro negro existente no salão de estar da residência transitória que ocupámos nos Estados Unidos da América, quase diàriamente aparecia, por nossas mãos fortemente gizado, o para nós tão significativo e grandemente saudoso nome de CRATO? Porque pronunciámos com prazer seu doce nome, em Portugal de nossos ascendentes e do exímio Luiz de Camões, na França de São Luís, de São Vicente de Paulo e de Santa Teresinha, na Suíça de Guilherme Tell, e na Itália desse incomparável Francisco de Assis e de Frei CAR-



LOS MARIA DE FERRARA? Porque ocupamos um cantinho na concha imensa dos vossos incomensuráveis e boníssimos corações, e no nosso está sempre reservado um grande espaço para todos vós? Porque, por aí em fora, se não lhe demos o brilho que não possuímos, jamais as nossas ações o desmereceram e o envergonharam?

Não sabemos explicar; não podemos compreender; mas aqui estaria muito bem, com maior justeza, êsse primoroso, audaz, vigoroso, insaciável e impar garimpeiro da nossa história—Padre Antônio Gomes de Araújo.

Senhores!

Um vulto primacial, "meigo, prudente e virtuoso", ostentando o humilde e respeitado burel franciscano, nascido que fôra em 1706 na cidade de Ferrara, na Itália dos Cesáres e das belas artes, renunciou às delícias da vida cidadina, abandonou o aconchego do lar e a maciez dos tapetes para aportar ao Brasil colônia, no ano da graça de 1736.

E, as barbas longas ao vento—parece que o vemos num gigantesco esforço de imaginação—, aqui chegou no ano de 1740.

E num apostolado admirável de 10 longos anos, até 1750, pervagou por essas colinas e invias quebradas, pregando a fé no meigo Jesus de Galiléia, ensinando, educando, civilizando a inadiada selvática da então Missão do Miranda, longe do mundo civilizado e do mais comezinho conforto material, moral e espiritual, criando nesta terra virgem um novo mundo. E, num titanismo facilmente imaginável, construiu aqui, exatamente neste local, o aldeamento que originou a vila do CRATO em 21 de Junho de 1764, depois esplendente cidade a partir de 17 de outubro de 1853; erigiu a capelinha sob a invocação de Nossa Senhora da Penha, que se transformou na Catedral que ali vemos; saturado de virtudes, alimentou com o precioso pão do espírito os selvícolas e os heróis anônimos que lhe prestaram inestimável cooperação e, não raro, lhe dificultaram a obra ciclópica; realizou os seus casamentos, batizou-lhes os filhos, aconselhou-os, por certo, nos inúmeros e difíceis problemas e assistiu-lhes na hora trágica da morte.

"Reviveu, incontestavelmente, Anchieta em Piratininga, embora em dimensão menor, mas timbrado de idêntico heroísmo a serviço da Religião e do Crato."

Não lhe bastou, porém, somente isso, essa tão insigne e imperecível realização, como se nada fôra, e continuou servindo a Deus e aos homens no Brasil, aplicando a sua capacidade realizadora como Superior dos Capuchinhos do Nordeste, no Recife, de 1750 a 1752, e governando a Prefeitura Capuchinha, no Rio, de 1753 a 1774, quando entregou serenamente a alma a Deus no dia 10 de fevereiro, aos 68 anos de idade.

Que vida edificante ! Quanta renúncia, quanto desprendimento, quanto trabalho produtivo e duradouro, quanto fruto de seara tão bem semeada e melhor cuidada !

Assim, foi venturosamente Frei CARLOS MARIA DE FERRARA.

Há necessidade de adjetivos que lhe exaltem o indiscutível e relevante mérito?

A constante e inapagável ingratidão humana fê-lo dormir no sono profundo do esquecimento. Dê-lo exumou, com excepcional sentimento de justiça e amor à verdade, êsse forte, incansável e destemido Antônio Gomes de Araújo. E divulgou com mestria a sua portentosa e indizível empresa.

Seguindo-lhe anêmicamente o magnífico exemplo, num transbordamento do nosso grande anseio de há muitos anos, em sessão ordinária dêsse já tão prestante Instituto Cultural do Cariri—nosso preito de homenagem e gronde saudade ao inesquecível e invulgar Irineu Pinheiro—sugerimos verbalmente, e confirmámos por escrito, que pagássemos tão grande e incalculável dívida, enfeitando uma Praça da cidade com o nome magnificente do seu fundador. Sim, enfeitando uma Praça—a da Sé—, e nunca, jamais uma ponta de rua.

E, graças à esclarecida compreensão dos governantes da nossa tão e sempre muito amada cidade, foi aberto ao coração dos nossos queridos irmãos cratenses (e por que não caririenses?) êsse justíssimo e inolvidável crédito de gratidão.

Ai tendes o Jardim Frei Carlos de Ferrara.

Cultivai-o com extremado zêlo, inapelável carinho e grande amor.

Conservai-o como jóia preciosa, para sempre, na perenidade dos tempos, além de muitas gerações...



Frei Carlos! Que a tua santa alma abençoe a filha diletta do teu coração, lhe imprima o distintivo da tua bondade sem limites e a impregne do sôpro pujante e vigoroso do teu poder criador!

Nós, que desconhecemos o germe malsão da ingratidão, te intronizaremos no altar pulcro dos nossos hospitaleiros, ardentes e reconhecidos corações.

Nós te glorificamos para a eternidade!...

CRATO, 20 de Junho de 1955

*Medo, venalidade, paixão partidária, respeito pessoal, subseviência, espírito conservador, interpretação restritiva, razão de Estado, intêresse supremo, como quer que te chames, prevaricação judiciária. não escaparás ao ferrête de Pilatos! O bom ladrão salvou-se. Mas não ha salvação para o juiz covarde. — Rui Barbosa.*

# Farmácia São José

— DE —

Alfredo Alencar Filho & Cia Ltda.

Mantém grande sortimento de especialidades

Farmacêuticas, nacionais e estrangeiras,

vendendo ao público pelos melhores

prêços da praça.

Rua Bárbara de Alencar, 191

CRATO — CEARÁ

# Fortaleza

---

Fortaleza, ó Fortaleza,  
És florente capital.  
Que—pelo encanto e lindeza—  
No Brasil não tem igual!

Do Norte és gentil princeza  
De indumento natural  
E de rara realeza  
Entre o verde coqueiral.

Foste tu, outrora, um Forte  
Que foi—com bastante sorte—  
Por Portugal defendido.

E  
E  
Hoje cidade—beleza,  
Jóia da maior grandeza  
De nosso Brasil querido!

Pedro Ferreira



# TAVARES & FILHO

— Vendem pelos monores preços da praça: —

Camas PATENTE

Fogões TIETÉ

Arame FARPADO

Máquina LEONAN

Balanças FILIZOLA

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO:

Cimento — Ferro Redondo — Sanitários

## TAVARES & FILHO

Fone; 22-11 — Telegrama: TAVAFILHO — Caixa Postal, 33

RUA BÁRBARA DE ALENCAR N. 160/170 — RUA SENADOR POMPEU, 82

CRATO — CEARÁ

# Farmácia Confiança

de LEONÍSIO VIEIRA & CIA.

*Grande estoque de medicamentos vendidos aos preços  
melhores da praça — O maior escrúpulo  
no aviamento das receitas.*

Rua Tristão Gonçalves, 94

(En frente ao prédio dos Correios e Telégrafos)

CRATO

—

CEARÁ

# De Recife a Paulo Afonso

Duarte Junior

Notificado a escrever para «ITAYTERA», de envôlta com trabalhos forenses acumulados, desobriço-me da pesada tarefa, falando de Recife e Paulo Afonso, onde estive recentemente, naquele a serviço, e neste a passeio.

Caririense que sou, não escondo a minha amizade à Capital pernambucana, como não escondo a tristeza que me causou o malôgro do sonho de participação do Cariri nos cavalos de força da Cachoeira,

O susto moral, porém, que sofri com o baque violento do chamado «SISTEMA CARIRI», dentro do qual era assegurada à imediata eletrificação de 35 municípios do sul do Estado, e conseqüente substituição pelo sistema que promete o abastecimento de todo o Ceará, a preferência que daría ao primeiro não traduz regionalice piegas, tendo-se em vista a contigüidade e certeza das obras que êle consubstanciava, e a distância e pouca visibilidade das que se contêm no novo modelo.

Não acredito que dentro de um lustro esteja aqui a energia de Paulo Afonso, e mais de seis anos de desaproveitamento industrial de força, em 35 unidades comunais, deve ter para estas o efeito desastroso das SETE PRAGAS DO EGITO.

Deus queira que o meu pessimismo decorra apenas do interêsse que tenho pela minha Região, incontestavelmente a melhor parcela do território cearen e.

O meu amor à patria dizia o velho Guerra Junqueiro: «começa pelo amor à minha casa, desde os avós aos netos... Depois vem a amor à minha aldeia-choupanas e cavadores-a igreja de Deus ao centro e o cemitério ao lado. Depois vem o meu amor à Provincia.» . . .

Quero o Ceará inteiro beneficiado pela CHESF, do Araripe as Atlântico, mas que tal fô-se feito imediatamente, e, no caso de retardamento como está acontecendo, sem prejuizo da



precedência do «Sistema Cariri», que já constituía um direito adquirido, ponto de vista este que não implica em nenhuma quebra do meu bairrismo de cearense 100%.

x x x

Chegando à séde do Leão do Norte, em balão da «Real», como homenagem ao Príncipe de Orange, inolvidavel criador da primitiva MAURITZSTADT, hospedei-me no Hotel Nassau.

Dali, em apartamento do último andar, podia contemplar o maravilhoso panorama formado pela floresta de arranha-céus, bungalaws, estabelecimentos comerciais e industriais, avenidas luxuosas, praças, parques, jardins, e praias deslumbrantes, em contraste com ruas feias, estreitas e envezadas, mucambos, igrejas majestosas e outras de estilo vetusto, casas de tipo funcional e sobradões à portuguesa.

Construido como as cidades holandêsas sôbre terrenos aluviais, plantado em ilhas, penínsulas, canais e mangues, cortados por rios que se encruzam com pontes colossais, essa moldura topográfica valeu-lhe o pomposo titulo de Venêza Brasileira.

Não conheço a legendária cidade dos Doges, com as suas lagunas e as suas gôndolas, os seus palacios árabes, os seus mosêus e bibliotêcas, não a conheço senão através de páginas literárias de Teofilo Gautier, mas nem porisso fuvido da semelhança que possa haver entre a Vênus do Adriático e a Vesta do Capibaribe.

Ao contrário, porém, da cidade italiana que «morre em agonia lenta», Recife progride espetacularmente, figurando já entre os principais núcleos de comércio e indústria do continente.

A sua praça é centro de convergência dos Estados de Alagoas, Paraíba, R. G. do Norte e partes do Ceará e do Piauí e o seu parque industrial o maior do Paiz, depois de S. Paulo, Distrito Federal e Porto Alegre.

Muito grande é o número de cearenses residentes em Recife, orgulhosos das afinidades históricas que unem os dois Estados desde as remotas éras das invsões estrangeiras, quando formavam uma só Capitania Hereditária, mercê da Carta de Évora, de D. João III a Duarte Coêlho-Capitão de influência a-



centuada junto à corôa e cujo nome tem o maior relêvo na vida colonial do Brasil.

O importante documento é fartamente conhecido em Recife devido a questão de limites entre Pernambuco e Bahia, podendo ser lido nas "Memórias" de Fernandes Gomes, "Corografia Histórica" de Melo Moraes e Pernambuco e o S. Francisco de Barbosa Lima Sobrinho.

Não obstante, porém, essa unidade territorial congênita e de entroncarem cearenses e pernambucanos nas mesmas nações de índios e de europeus, há, entre uns e outros, uma forte divisa de mentalidades.

Igualmente inteligente e forte, o pernambucano leva a vantagem das iniciativas rendosas, sabendo melhor empregar a sua atividade realizadora.

Os estabelecimentos e empresas comerciais, industriais e agrícolas, as obras e instituições de assistência social, em confronto com a nossa inferioridade nesses setores, mostram a exatidão do meu asserto.

Paula Ney não foi um extrovertido da Rua do Ouvidor, mas um representante acabado de um povo de jornalistas, prosadores, filósofos e poetas, de uma terra em que até velhos e renomados causidicos como Eduardo Girão e Dolor Barreira abandonam os códigos e acometem a seara de Pascal e Aristarco, expondo a sua pinta de estêtas e sentimentais.

Volvendo o pensamento às éras coloniais tive a sensação do empolgante contraste entre a atual cidade de Recife ocupada por cerca de oitocentos mil habitantes, por veiculos de todos os modêlos, pavimentação a cimento armado, telecomunicações e a primitiva séde da Capitânia—núcleo casêbres e trapiches improvisados sôbre a areia..., velhos tempos em que ninguem ali sonhava com luz elétrica, estações de rádio, escolas de artes e ofícios, ... velhos tempos em que não havia casamento civil, carteira profissional, eleições, cinemascope, buate e não se dançava o "Roch and Roll".

Depois de conhecer os pontos turisticos de Recife, inclusive o Museu do Estado, o Instituto Arqueológico e Jardim Zoológico, assestei a lunêta na direção de Paulo Afonso,

No aeródromo do Ibura, onde pousam aviões de todas as



companhias internacionais com escala no Brasil, tomei lugar em um Douglas D. C. 3, do Consórcio Real, e após hora e meia de viagem passei a ouvir "o brado atroador da catadupa do penhásco batendo na garupa".

Quem hoje chega a Paulo Afonso, não se deslumbra apenas com o espetáculo do estupendo volume liquido precipitando-se no abismo, do gigante libertando-se de gargantas de pedra em que se estorce, e lançando-se no espaço livre, mas principalmente com a assombrosa obra de engenharia que ali se realiza.

Em um dos seus contos, Utópton Sinclair traz a baila a história de um camponês que não acreditava na existência do dromedário, que era para ele uma espécie de Lobishomem, criação da superstição popular. E levado á presença de um destes animais, ainda repetia, pasmado: "não, este bicho não extste."

Diante da catarata do S. Francisco, subjugada pela técnica, contida por enorme barragem, medida em tubulações graníticas, atirada de uma altura de 85 metros sobre turbinas colossais, diante daquela força bruta transformada por geradores em força dirigida, em luz e energia, recolhidas e distribuídas através de inextricável rede de torres de aço e cabos de alumínio, confesso que fiquei em situação semelhante á do personagem de Sinclair.

E pensar que tudo aquilo não se fez desde 1913, quando foi decretada a sua construção, por desidia do governo do alaogano Marechal Hermes da Fonsêca...

Ainda bem que foi o General Eurico Dutra, portador de espírito público e consciência dos seus deveres, quem resgatou a dívida do seu colega e de quantos o antecederam no Palácio do Catête.

Insulados na Capital Federal, voltados somente para as questões que se centralizam dentro de suas raias, os Presidentes da República nunca haviam pensado no papel que está reservado ao S. Francisco nos destinos do Brasil, quando é certo que para o europeu do descobrimento ele já constituia o principal centro dos seus interesses materiais.

É certo que o objetivo do bandeirante não era, inicialmente, o seu aproveitamento pastoril ou agrícola, e sim a descober-



ta de ouro e pedras preciosas, sentido histórico das primeiras entradas de Pernambuco e Bahia.

Ora, se para o invasor a nossa via fluvial servia de instrumento à sua sede de ouro, em nós devia ter despertado muito maior interesse como instrumento de adaptação do Nordeste à disciplina agrícola e principalmente à sua utilização industrial.

Sobreleva esclarecer que enquanto as expedições armadas velejavam em busca de terrenos mineiros, grupos de Missionários, em sua maioria franceses, frades Franciscanos, catequizavam os índios das margens do S. Francisco, formando «Missões», aldeamentos em que brotava e florescia a pecuária, sendo notável, nesse particular, a ação coadjuvante do celebre tapuío Rodélas, a quem deviam os ditos Capuchinhos a facilidade da incorporação dos CARIRIS à vida civil e religiosa, contra os seus hábitos e práticas selvagens.

Segundo Barbosa Lima Sobrinho, apoiado nas «Notas» de Jólly, a obra escrita por Martinho de Nantes, capuchinho dos mais destacados da catequese, é a melhor fonte de informação sobre as atividades dos prefalados Missionários. E, de acordo com os dados que ele oferece, o número de povoações que se dissipavam do lado de Pernambuco-oitocentas contra quinhentas do lado baiano—, a prenunciavam a hegemonia da terra de Vidal de Negreiros.

O S. Francisco, entretanto, foi abandonado desde o advento da República, não se vendo nos seus flancos outra coisa além de um velhíssimo trecho de estrada de ferro, de menos de trinta quilômetros, de Piranhas a Jatobá, construída na monarquia, sem falar no recente e fracassado Núcleo Colônial de Barreiras, do Governo Vargas e nas Rodas d'água do seu Ministro João Cleófas. E não me detenho em alusões à fábrica de linha da Pedra, porque esta obra invulgar e devida à iniciativa privada do inolvidável cearense Delmiro Gouveia, imolado à sanha de inimigos covardes.

O Nilo dos sertões nordestinos, malgrado o acicate das secas, corria tranquilo e intacto através do deserto, como se não pertencesse ao domínio da União.

A grandiosa queda d'água, dos confins dos três principais Estados do Norte e que há cerca de quatro séculos Gandava já conhecia—«uma cachoeira mui grande-nascida de um lago



misterioso em que há ouro e pedras preciosas», a atual Paulo Afonso era apenas um motivo poético do nosso ufanismo,

Nos seus passeios à Europa os grandes da República não viam o exemplo da Suíça que sem petróleo, carvão, ferro, porto marítimo, sem ESPAÇO VITAL, pelo aproveitamento de suas cataratas tornou-se um dos países mais civilizados, ricos e progressistas do continente.

Somente agora a formidável Paulo Afonso se incorpora às forças vivas da Nação, promissiva para o Nordeste, notadamente para as terras banhadas pelo S. Francisco, isto é, para os Estados justafluviais.

A descrença generalizada na efetividade dos planos de governo, fez com que Fortaleza não entrasse, juntamente com Recife, Salvador, Maceió, J. Pessoa e Natal, na fila dos freqüentes da CHESF, ocasionando essa atitude o prejuízo que sofre o Cariri em sua economia, pagando o justo pelo pecador.

E quando viu que a eletrificação se fazia e que ela vinha, no duro, para esta região, tomou-se de ciúme e como verdadeira DELENDA CARTAGO, abriu as baterias contra o chamado sistema Cariri, sob o pretexto de que se operar o desvio do eixo comercial da zona sul e que se deslocaria para a periferia o centro do seu desenvolvimento industrial.

Reconhecendo, embora, que nenhuma cidade do Nordeste tem maior necessidade de industrialização e maior poder aquisitivo de energia elétrica do que FORTALEZA, não podendo prescindir do potencial de Paulo Afonso, sem que isso lhe determine um abaixamento sensível do seu nível, frente às capitais aludidas, entendendo que a precedência da eletrificação do Cariri não obstará o seu posterior abastecimento.

Venceu, porém, o seu ponto de vista. A resistência do deputado Colombo de Sousa, cujo trabalho de oito anos, foi, realmente, um esforço inteligente e lúcido, no conceito do Governador Paulo Sarazate, e que "ficou marcado na história econômica do Ceará», não podia vencer a unanimidade dos demais companheiros de bancada.

Mesmo assim, sem que tenha caído com o seu reduto como os defensores de Canudos, porque afinal subscreveu o projeto que aboliu o sistema Cariri, moralmente ficou CONTRA OS DEUSES, AO LADO VENCIDO—Victriz causa Diis placuit, sede victa Colombo.



# NOTÍCIA HISTÓRICA SÔBRE O MUNICÍPIO DE JARDIM

Maria Luiza Linhares

A colonização da terra jardinese teve início antes de 1760, pois o Coronel José Pinto Ramalho era presente, a partir desse ano, no Corrente. Certo chegou antes e comprou terras à família Lobato, seus primeiros sesmeiros (1). Comprovando este fato, leamos: «Bento Moreira—de Cachoeira—casado com Sebastiana de Oliveira, moradores—1763—no sítio Corrente, Jardim (Livro do Registro de Batizados, Missão Velha, 1748-1764 fl. 81) (2).

O citado Corrente não era localizado onde hoje se assenta o povoado a 18 quilômetros da cidade de Jardim, mas no lugar Correntinho, hoje propriedade do Sr. José Ferreira e Irmãos. Fica situado a 12 quilômetros, ao nordeste da cidade, nas proximidades do povoado de Jardimirim (antigo Santos Dumont), entre os sítios Bom Jesus e São José, na direção do município de Porteiras, ao pé da ladeira que conduz ao cruzeiro edificado por Frei Virgílio Maria de Mecejana, na serra do Araripe. É o falado Corrente do Ramalho, citado na sesmaria n. 684: «Ao sargento mór das ordenanças da vila do Crato José Alexandre Correia Arnaud, sobras de terras de brejos, na fazenda do Brejo, da Salvaterra (serra) e a Boa Vista, das Porteiras, da serra de São José, do «CORRENTE RAMALHO», do sítio Macapá, da fazenda do Poço; da Cana Brava, do Buriti, da Caraíba e do Pilar, outras lagoas e um olho d'água, bem no centro das referidas terras. Cedida em 27-7-1810 (3). No Corrente do Ramalho que é denominado Correntinho, podem-se ver ainda resquícios das ruínas de um cemitério e de uma capela. Nesta, fizeram desobriga, muitas vezes, o primeiro vigário—Padre Antônio Manoel de Sousa e o pro-pároco Padre Inácio da Cunha Serqueira, conforme se observa: "Aos 26 de fevereiro de 1823—no Corrente do Ramalho, desta freguesia do Bom Jesus do Jardim, receberam matrimônio Gonçalves José Bezerra e Izabel Maria. Vigário Antônio Manoel de Sousa (Livro do Registro de Casamentos, Matriz de Jardim—1816-1835, fl. 29). E das testemunhas Bartolomeu do Rêgo Melo e Miguel Antônio Pires, receberam em matrimônio João de São Araújo e Maria Joaquina da Conceição. Pro-pároco—Padre



Inácio da Cunha Serqueira (Livro citado, fl. 109).

A colonização da terra jardinense teve início, por certo, nas duas últimas décadas do século XVII. O sociólogo Joaquim Alves, na monografia—Vale do Cariri, falando respeito ao povoamento dessa região, explica: »É importante notar que, quem vem do Belmonte, atingindo Macapá, (Jati) encontra-se entre duas estradas: a que segue para Brejo Santo e a que vai para o vale do Jardim. A primeira levou os sertanistas dos séculos XVII e XVIII, às terras de Missão Velha, Porteiras e Brejo Santo. A segunda os conduziu: às cabeceiras do Riacho dos Porcos: PEDOMIRIM E QUIMANI dos indígenas. Essas terras foram as primeiras requeridas em datas de sesmarias no decênio de 1680—1690».

Ora, o Riacho dos Porcos tem origem no município de Jardim. As cabeceiras desse riacho são formadas pelas fontes Gravata e Boca da Mata, que formando dois pequenos cursos fluviais se encontram na entrada da cidade, formando aí o Rio Jardim. Do recôncavo do vale seu curso segue em direção à fronteira pernambuca, passando pelos sítios: Engenho d'Água, Lobato, Cutuvelo, Bom Sucesso, Beré, Corrente; continua o curso, passando por Jati e segue para Brejo Santo e depois para Milagres. Ao atingir o distrito de Podimirim, antigo Rosário, continua o curso com o nome de Riacho dos Porcos, fazendo foz no Rio Sãlgado entre os municípios de Missão Velha e Aurora (4).

Seguindo o curso desse rio, os batedores de sertão do século XVII alcançaram, por certo, as cabeceiras do Riacho dos Porcos. E' ainda Joaquim Alves quem afirma: «Desde os fins do século XVII os sertões do sul do Ceará estavam em contacto com as populações das capitanias de Pernambuco e Paraíba, recebendo dos habitantes das mesma, visitas, quer fossem fazendo reconhecimento das suas terras, quer fossem para fixação definitiva» (5).

O Padre João Bandeira de Melo não é pois o descobridor da terra jardinense, já anteriormente colonizada, como vimos, mas o fundador da cidade de Jardim. Este Sacerdote baiano foi um autêntico bandeirante do Nordeste, igual em valor e coragem a Pais Leme, Borba Gato, Anhaguera... Sob os raios causticantes do sol nordestino, empunhando a espada ou erguendo o trabuco, marcando os caminhos com os sulcos dos sapatões, o Padre João Bandeira de Melo acompanhado de índios e negros foi sertão a dentro plantando cidades trazendo civilização!



Na sêca de 1777 estava o Padre nos sertões de Flores catequizando os Pajeús. Com o prolongamento da estiagem, o espírito aventureiro e audaz dêsse Sacerdote, fê-lo reunir seus índios e negros, que arranjava nos vastos domínios de Garcia D'Avila (6) e encaminhou-se em direção do planalto Araripe, atraído pela fertilidade de seus vales, segundo ouvira de uns índios, mensageiros da Casa da Torre que estiveram nas missões de Arnaud D'Avila combatendo os Inhamuns e Calabaças (7).

Após longa jornada por caminhos tostados pelos raios do sol comburento, por entre caatingas cinzentas, penetra afinal, no recôncavo verde formado pelo semicírculo do Araripe. No coração do vale constrói a capelinha do Bom Jesus, plantando assim em 1792 (8) os alicerces da cidade de hoje.

Não se sabe até que ano permaneceu o Padre João Bandeira em Jardim. Provavelmente, até um pouco depois de 1800; pois já em 1821 residia no distrito de Piancó, vindo celebrar aos 6 de janeiro dêsse ano, em Porteiras, seguindo daí para o Piauí a comprar gado (9).

O bandeirante audaz abriu caminhos e espalhou civilização a par com a palavra de Cristo, dos sertões da Bahia aos de Pernambuco; do Vale do Cariri aos sertões da Paraíba e Piauí. Grande bandeirante! Nobre Sacerdote!

Mas, a sorte dos grandes homens paira sempre na incompreensão, na injustiça da humanidade. É a eterna verdade do provérbio: "O bem se paga com o mal". O grande benfeitor da civilização nordestina foi vítima de calúnias como veremos no seguinte officio, publicado em "Documentos do Arquivo":—

"Officio dirigido ao Sr. Doutor Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca—por João Martins de Moraes, quanto a existência de uma quadrilha de trezentos e tantos homens, chefiada pelo Padre João Bandeira. Datado da vila de Santo Antônio do Jardim. 1821.

Illustrissimo Senhor Doutor Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca. Recebi o Officio de V. S. com a data de três do corrente Janeiro, em que me manda indague eu escrupulosamente se he certa a noticia que grassa nesta Província de estar o Padre João Bandeira a testa de trezentos homens, ao qual respondo Indaguei cuidadosamente e o que posso dizer a Vossa Senhoria, he, que he falsissima dita noticia, e se corro-



bora mais a sua falsidade porque dito Padre João Bandeira no dia sete mesmo mez corrente de Janeiro em que estamos disse missa na povoação das Poiteiras de fora distante desta vila seis leguas e só trazia em sua companhia h'u Moleque, e hum Indio, e duas cargas tão somente, e disse que ia de viagem para o Piauy a conduzir h'ua porção de gados, e certifico mais a Vossa Senhoria que nunca ouvi falar em semelhante movimento, sinão depois da recepção do Officio de Vossa Senhoria a quem Deus guarde felizmente. Villa de Santo Antônio de Jardim, e mil oitocentos e vinte e hum.

De Vossa Senhoria—Subito e Reverente  
 João Martins de Moraes  
 O secretário do Governo  
 Feliciano Jozé da Silva (10).

É dever pois do povo nordestino, máxime jardinense, erigir ao estóico bandeirante, ao civilizador de caatingas, ao Missionário fundador de Jardim—Padre João Bandeira de Melo, um pedestral para a perpetuação de sua justa memória! E' tarde para redimi-lo mas não é tarde para exaltar-lhe os méritos".

Houve em Jardim a Santa Missão pregada por Frei Vital de Frascarolo, conforme o documento encontrado no Cruzeiro colocado no patamar da Matriz e que foi demolido em 1942:—

"Eu Fr. Vital de Frascarolo, Missionario e Apostolico Capuxinho Italiano e Conventual no o Ospicio de Na. Sa. da Penha do Recife. No ano de 1799 fiz a S. Missão nesta Capela do Bom Jesus da Barra e aos 29 do mez de Junho, que foi o verdadeiro dia della, levantei esta S. Cruz e quem rezar ao pé della tres Padre Nosso, tres Ave Maria e tres Gloria Patri em memoria da sagrada Morte e Paixão do Nosso Sr. Jesus Christo, ganha por cada vez, quarenta dias de perdão, cuja indulgencia por especial privilegio me foi concedida do Exmo. Sr. D. Diogo de Jesus Jardim. Bispo de Pernambuco.

Ecce † Domini, fugite partes adversae, vicit.

Leo de tribu Juda, radix David, Alel. Alel Alel. Crux Christi, Merita Beatissima e et Imaculatissimae Virginis Mariae et omnium Sanctorum Protegant, salvent et defendant hunc locum cum omnibus habitantibus e jus. Amen.

No mesmo local, foi encontrando um invólucro com os

seguintes dizeres: "Ex ossibus S. Dorottreae Martiris".

O precioso documento foi encontrado no dia 4 de fevereiro de 1942 e juntamente com a reliquia de Santa Dorotéia desapareceu misteriosamente da Casa Paroquial onde vivia guardado. A Cruz de madeira do cruzeiro hoje se ergue num pequeno pedestral, no centro do cemitério S. Miguel. A cópia do documento está lançada na folha 167 do Livro de Tombo da Matriz de Jardim.

x x x

1 8 1 4

O primeiro Capitão-Mor de Jardim foi José Alexandre Correia Arnaud, filho do Coronel de Milícias de Missão Velha: Alexandre Correia Arnaud (natural de Inhambupe) e Isabel Maria da Purificação. Neto paterno do fundador da cidade de Missão Velha—Capitão João Correia Arnaud e Isabel Maria da Purificação Mascarenhas (de Iguape) (11).

O citado Capitão-Mor José Alexandre Correia Arnaud era rival do Capitão-Mor do Crato—José Pereira Filgueiras (12). Foi esta rivalidade que levou aquele Capitão a solicitar do Príncipe Regente, o desmembramento do povoado de Jardim, da Vila do Crato, o que se realizou pelo Alvará de 30 de agosto de 1814, erigindo em vila a povoação do Bom Jesus da Barra com o nome de Vila de Santo Antonio do Jardim, tendo por termo o território até então pertencente à freguesia de Missão Velha e por patrimônio uma légua quadrada. A ordem da Inauguração da nova vila somente foi expedida a 2 de agosto de 1815, mas sua inauguração se deu a 3 de setembro de 1816 (13). Foi assim Jardim o segundo município do Cariri criado ainda no tempo da Colônia. (14)

Onze de outubro de 1814, assinala a criação da freguesia de Jardim, sendo seu primeiro vigário—Cônego Antonio Manoel de Sousa (natural do Rio Grande do Norte), que tomou posse em fevereiro de 1816 (15). Seu paroquiato prolongou-se até 25 de setembro de 1857 (16), quando faleceu, já cego e octogenário, o notável político e mentor dos acontecimentos de 1832 rematados com o fuzilamento de Pinto Madeira.

O conego, em 1846 (17), depois de 14 anos de exílio, voltou a Jardim, em virtude de conflito entre dois sacerdotes que queriam paroquiar Jardim. Foi seu sucessor o Padre Joaquim



de Sá Barreto, que foi o seu amparo na velhice e na pobreza.

O Cônego Antônio Manuel de Sousa era de um temperamento misterioso. Sua natureza se bipartia: frio e desinteressado para as cousas materias, entusiasta na Política e nas cousas de Deus. Não tinha a minima noção do que fôsse dinheiro ou valores. Levava a vida entre êstes dois extremos que se recompensavam: não cobrava, assim como não pagava!

Sem imaginar no dia de amanhã, dispunha de tudo que tinha, a ponto de, para o almoço do dia seguinte mandar à venda ameaçando um fiado eterno. Entretanto, os açouqueiros e vendilhões satisfaziam prontamente e sem constrangimento a seu pedido. E quasi como um dever de gratidão, a conta não lhe mandavam porque também na sua Igreja êle não recebia pagamento; tudo funcionava gratuitamente.

Quando deputado a Constituinte de 1823, empreendeu uma viagem ao Rio, para o que teve de sofrer muitas dificuldades. Chegou à Capital Federal quando aquela Constituinte vinha a ser dissolvida.

D. Pedra I, então, conhecedor da pobreza do admirável Padre, deu-lhe um bom auxilio monetário. Recebendo a quantia oferecida pelo Príncipe Regente, empregou imediatamente na compra de um sino e paramentos para sua Matriz. E voltou pobre como foi, mas satisfeito de conduzir o precioso presente para sua querida Matriz (18).

x x x

1 8 1 7

Maiô—cinco—José Martiniano de Alencar e seu irmão Tristão Gonçalves seguiram para Jardim, onde repetiram a cerimônia da Proclamação da República, efetuada em Crato no dia três do mesmo mês. Conseguiram a adesão de seu tio Capitão Leonel Pereira de Alencar, que depois de fracassada a utópica República a 11 do citado mês, foi preso juntamente com os 24 outros réus inconfidentes e solto juntamente com o Padre Carlos, por mandado de 17 de dezembro de 1820 (19).

x x x

## 1824

Abriu-se a terra, fazendo uma larga greta, desde o pé da serra de São Pedro até Jardim, na extensão de 5 léguas com largura de palmo mais ou menos, e com uma profundidade insondável (20).

Setembro—vinte e oito—Registra-se em Jardim o assassinio do Capitão Leonel Pereira de Alencar e de seu filho Raimundo Pereira de Alencar, no sitio "Engenho Velho" (hoje propriedade do Sr. Urias Novais), em sua própria casa, pelos legalistas ou imperialistas. Leonel, irmão de D. Bárbara Pereira de Alencar era natural de Exú e casado com Maria Xavier da Silva. Seu filho—Raimundo era casado com Carlota de Alencar (21).

Ficou então viúva e gravemente ferida d. Maria Xavier da Silva e órfã de pai Ana Josefina de Alencar a então futura mãe do romancista José de Alencar.

Na alma do grande juriconsulto e político brasileiro, na sua brilhante inteligência de poeta e romancista muito havia de Mecejana, mas metade era do Cariri. Sua mãe, jardinese; seu pai, natural de Barbalha. Dir-se-ia que a beleza panorâmica, a fertilidade do solo, a amenidade do clima dos três pedaços de terra cearense de natureza exuberante e feliz; Jardim, Barbalha e Mecejana, plasmassem na alma de Alencar o artista que foi.

Setembro—vinte e nove —Na noite dêsse dia o Capitão-Mor José Pereira Filgueiras segue para Jardim onde abafou com sangue a agitação provocada pelos acontecimentos do dia 28 (22).

Outubro—quinze—A vila de Jardim é recuperada aos revolucionários ou imperialistas, com a derrota e morte de Geraldo de Carvalho, representante de Filgueiras (23).

x x x

## 1831

Outubro—sete—Castro e Silva passara a Presidência ao Vice-Presidente João Facundo de Castro Meneses e este por sua vez ao outro Vice, Manoel Antônio da Rocha Lima, que ordena ao Ouvidor do Crato proceda a uma devassa contra os habitantes de Jardim, o que ocasionou o conflito armado entre Jardim e Crato (24).



Dezembro—vinte e três—Pinto Madeira à frente de quase 2.000 homens, uns armados de arma de fogo, outros de cacetes (bentos pelo Padre Antônio Manoel de Sousa), sai de Jardim e marcha contra o Crato, iniciando seu intento em prol da volta de D. Pedro I ao trono (25).

Dezembro—vinte sete—Perto da vila de Barbalha (sítio Buriti) as forças de Jardim, sob o comando de Pinto Madeira, derrotam as tropas do Crato, comandadas pelo Tenente Luis Rodrigues Chaves (26).

Dezembro—vinte oito—As tropas jardinenses penetram em Crato onde ocorre o assassinato do governista José Pinto Cidade, por um cabra de Pinto Madeira, sem seu conhecimento, o que serviu de pretexto jurídico para o fuzilamento do herói de 1831 (27).

x x x

1 8 3 3

Abril—quatro—Em Icó assinalava-se a vitória dos revoltosos de Jardim, para em seguida serem batidos pelas forças do Comandante das Armas-Major Francisco Xavier Torres. "Esse combate foi considerado um dos mais ferozes da história guerreira do Ceará" (28).

Abril—10—Já se encontravam em Crato Pinto Madeira e o vigário de Jardim onde estabeleceram reduto (29).

Junho—treze—O Major Francisco Fernandes Vieira (Visconde do Icó) abateu grande número de revoltosos jardinenses no lugar Cachoeirinha (perto de Santanópole) (30).

Junho—vinte dois—O Presidente Mariano de Albuquerque derrotou no lugar Emboscadas (Missão Velha) os chefes Pinto Madeira, o vigário de Jardim, o mesmo acontecendo no dia vinte quatro do citado mês (31).

Julho—oito—Mariano de Albuquerque derrota os pintistas em Jardim (32).

—Setembro—nove—Combatidos e desiludidos renderam-se afinal, sob as forças do General Pedro Labatut, o Vigário de Jardim e Pinto Madeira. Começou então a via cru-

cis dos dois lutadores em prol da restauração do trono, que o próprio D. Pedro abdicara. Remetidos presos para Jardim, depois para Pernambuco; de Recife seguem para Maranhão em agosto de 1833, onde chegaram a 25 do mês citado (33).

x x x

1834

Novembro—vinte oito—E' fuzilado em Crato o heroi Joaquim Pinto Madeira, que sonhou em Jardim restaurar o trono, que D. Pedro I abdicara em favor de seu filho Pedro II.

x x x

1837

Julho—desessete—E' absolvido o vigário de Jardim—Cônego Antônio Manoel de Sousa (34).

x x x

1857

Agosto—três—Foi criada a Comarca de Jardim, conforme: "Lei Provincial n. 803 de três de agosto de 1857:

"Art. 1. Fica creada uma comarca na villa do Jardim desmembrada da Comarca do Crato.

Art. 2. A nova Comarca comprehenderá não só a villa do Jardim, que será a cabeça, como também a villa de Milagres.

Art. 3. Ficam revogadas as Leis e disposições em contrario. Presidente João Silveira de Souza."

x x x

1871

A primeira imagem de Santo Antônio Padroeiro de Jardim foi oferecida pelo Tenente Manoel Luiz de Anchieta Gondim que a trouxe de Recife, vindo por Aracati, no ano de 1871 (35).



1873

Maio—dez—Ruiu a primeira Matriz de Jardim, que já era o segundo templo católico e edificado no mesmo local da primitiva capelinha do Bom Jesus, construída pelo Padre João Bandeira, no local onde está plantada a praça de Nossa Senhora das Graças (36)

x x x

1875

Iniciam-se os trabalhos de construção da segunda Matriz, pelo Padre Joaquim de Sá Barreto (37).

x x x

1876

São concluídos os trabalhos de construção da segunda Matriz, pelo Padre José Tomaz de Aquino—natural de Cajazeiras (38).

x x x

1879

Setembro—três—Jardim recebe foros de cidade. Registra-se também nesse ano a fundação da Irmandade do Santíssimo Sacramento, sendo seu presidente o Dr. Augusto de Araújo Lima (39)

x x x

1887

Agosto—sete—Foi fundado em Jardim o Club Literário e Recreativo. Entre cujos membros se destacavam :

- Presidente—dr. Gustavo Horácio de Figueiredo.
- Primeiro vice-presidente—advogado Rodrião de Sá Barreto.
- Segundo vice-presidente—alferes Prudêncio José de Freitas.
- Primeiro secretário—alferes Francisco José da Silva Filho.
- Segundo secretário—Bevenuto Alvares Couto.
- Tesoureiro—Virgolino Isidro Portela.
- Bibliotecário—Fausto Emílio José da Silva.
- Comissão de estatutos—Capitão Castriciano Marques de Gouveia, advogado Sebastião Batista Vaz e Professor Antônio

Jaime de Alencar Araripe (40).

x x x

1895

Junho - três—O terreno da capela de S. Joaquim de Jati foi doado ao patrimônio da freguesia de Jardim por Orácio da Cruz Neves e sua mulher e Joaquim Amâncio da Cruz Bidó (41).

x x x

1900

Dezembro - trinta e um—Bênção do Cruzeiro edificado no Monte Alegre, no talhado do Araripe, pelo Padre Miguel Coelho de Sá Barreto, que proferiu um bonito discurso terminando com as palavras "A cidade está pois guardada, a cidade está defendida pela Cruz do Senhor! Cruz, abre os braços sobre o Norte, sobre o Sul, sobre o Nascente e sobre o Poente e abençoa essa terra e derrama sobre a gente dêsse encantador vale, que tu velarás sempre, uma chuva de graças! (42).

A variedade de cana Ferril foi trazida de Sergipe para Jardim e daqui para Crato em 1900, mais ou menos (43).

x x x

1907

Agosto—desoito—Bênção da capela de S. Joaquim do Corrente, pelo Rvmo. Padre Miguel Coelho de Sá Barreto. O Corrente era então propriedade do Sr. Manoel Vital. Hoje, em torno da capela se forma uma povoação. (44).

x x x

1908

Novembro—vinte e dois—Foi fundado o jornal "A Patria" pelo Tenente Coronel José Caminha de Anchieta Gondim, tendo por Secretário Antonio Jaime de Alencar Araripe (45).

x x x



1913

Junho—trinta—Chegou à Matriz de Jardim a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, que foi benta solenemente a 25 de agosto do mesmo ano, pelo Padre Juvenal Colares Maia (46).

1916

Abril—24—Esta data assinala a fundação do "Colégio 24 de Abril", pelo então Juiz de Direito de Jardim—Dr. Francisco de Lima Botelho. O corpo docente se compunha dos seguintes professores :

Dr. Juvêncio Joaquim de Santana—Juiz Substituto-Geografia e História Natural ;

Tenente Coronel José Caminha de Anchieta Gondim—Matemática ;

Antônio Ferreira de Melo Santiago— Francês e Inglês ;

Sociólogo Joaquim Alves—História do Brasil e História Universal ;

Dr. Francisco de Lima Botelho—Português e Latim (47).

x v x

1928

Dezembro—vinte e cinco—Bênção da capela de Santos Dumont, pelo Padre Manuel de Alcântara (48).

x x x

1931

Junho—seis—Foi extinta a Comarca de Jardim pelo Decreto 206 de seis de junho de 1931, passando o termo para a jurisdição de Missão Velha (49).

x v x

1934

Foi inaugurado o relógio da Matriz de Jardim, pelo Revmo. Padre Manoel Ancantara. O relógio foi fabricado pelo Sr. Pelúcio Macedo, em Juazeiro do Norte. Neste ano a Família Rocha ofertou à Matriz, a Imagem de São Sebastião e a 24 de dezembro foi inaugurada a Praça Barbosa de Freitas, pelo Prefeito Luiz Aires de Alencar (50).

x x x

1936

Foram iniciados os trabalhos de remodelação da Matriz de Jardim, pelo Padre Manoel Alcântara. Os trabalhos foram confiados ao empreiteiro Raimundo Peixoto (51).

x x x

1937

Fevereiro—desesseis—Inauguração da Empresa Elétrica—produto do dinâmico e empreendedor prefeito Francisco Ancilon de Alencar Barros. Homem de idéias elevadas e progressistas, a ponto de dispor de seus próprios bens para a compra do material da Empresa. Caso raro! Exemplo nobre para os administradores de um País onde o roubo e a corrupção sobrepujam. Francisco Ancilon era natural de Salgueiro. Nasceu a 13 de novembro de 1895 e faleceu a 3 de fevereiro de 1937. Foi casado com Maria de Sá Barreto, filha de José Caminha de Anchieta Gondim e Indalécia de Sá Barreto Gondim. O nobre Senhor faleceu antes de ver realizada a inauguração da Empresa que tanto lhe custou sacrifícios.

x x x

1938

Pelo Decreto n. 448 de 20 de 12 de 1938, o termo de Jardim foi para a Comarca de Crato (52).

x x x

1939

Julho—março—Bênção da Capela de São Sebastião de



Carnaúba e a 12 de dezembro do mesmo ano, a bênção da Capela de Nossa Senhora da Saúde, de Presidente Vargas, pelo Padre Manoel de Alcântara (53).

x x x

1940

Abril—três—O termo de Jardim passou à Comarca de Juazeiro, pelo Decreto n. 960 de 3 de abril de 1940 (54).

x x x

1949

Janeiro—dois—Inauguração do monumento de Nossa Senhora das Graças, com a presença dos Sacerdotes Padre João Begnon (alemão), Padre Francisco Couto e Padre Manoel Alcântara. O trabalho foi do genial escultor jardinense José Rangel. Mais de dez mil pessoas estavam presentes ao ato inaugural. A missa foi dirigida pelo Maestro Luis Roséo e Silva, também filho de Jardim. (55)

x x x

## Selvícolas jardinenses

As tribos que dominavam a terra jardinense eram os Vouês ou Vouvês, Umãos ou Humons e os Xocós, remanescentes dos Cariris que teriam chegado ao Sul do Ceará, aí pelo IX ou X século da nossa era.

Em dezembro de 1839 o botânico escocês-Jorge Gardner visitou Jardim e observou que havia ainda cerca de 80 Humons residentes a umas setes léguas ao sudoeste de Jardim e uns setenta Xocós fixados a cerca de 13 léguas para o sul. Referindo-se a essas duas tribos, Gardner diz: "Embora habitualmente incensivos por índole, tinham sido pouco antes de minha visita, apanhados em roubo de gado nas fazendas vizinhas. Aparecem às vêzes na vila. Dizem que são poucos limpos em seus hábitos, e na falta de melhor alimento, comem cascavéis e outras serpentes. (56)

O índios dessas tribos foram aldeados por Frei Vital de

Frascarolo em 1803 (57) e em 1809 o Governo de Pernambuco enviou Frei Angelo, Frade da Penha para catequizar os Xocós no termo de Jardim.

Frei Angelo apenas os pôde conservar alguns meses em aldeia. Mais tarde foram aldeados pelo Coronel Simplicio Pereira da Silva, irmão dos Pereiras que morreram no ataque de Pedra Bonita. O Coronel Simplicio conseguiu reuni-los em aldeia, perto da vila de Jardim onde permaneceram até o ano de 1846, época em que havendo falta absoluta de meios para sustentá-los, foram autorizados a se debandarem a fim de procurarem meios de sustentar sua existência. Voltaram assim mais uma vez, os Xocós, às florestas (58).

x x x

## Topônimo

O primeiro nome de Jardim seria de Bom Jardim, segundo Milliet de Saint Adolphe: "Bom Jardim, vila da Província do Ceará, na Comarca do Crato, está assentada num fértil vale da Serra dos Cariris Novos, 120 léguas ao sudoeste da cidade de Fortaleza, e 16 léguas ao sul da vila do Crato (59)". Pelo documento de Frei Vital de Frascarolo vê-se que era "Bom Jesus da Barra." No Livro de Registro de Óbitos—1816 e no Livro de Registro de Casamentos—1816-1835 da Matriz de Jardim, registra-se ainda: Freguesia do Bom Jesus do Jardim. O primeiro nome portanto que recebeu o recôncavo sul formado pela Serra do Araripe deve ter sido mesmo Barra do Jardim. depois, Bom Jesus da Barra, para então, mais tarde, passar a ser Santo Antônio do Jardim ou simplesmente—Jardim.

Eis aqui pois, nas páginas de Itaytera um mal arranjado esbôço histórico da terra do Bom Jesus da Barra do Jardim, que nasceu do espírito apostólico, aventureiro e empreendedor do Padre João Bandeira de Melo, sob a sombra benfazeja da capelinha do Bom Jesus, naquele ano de 1782.

## Bibliografia

- 1—Carta do Rvdmo Padre Gomes de Araújo, datada de 22-9-55.
- 2—Padre Gomes de Araújo, "Itaytera," pg. 13, ano 1955.
- 3—Datas e Sesmaria, volume 80, pag. 208
- 4—Sociólogo Joaquim Alves, Vale do Cariri, pag. 11, 1946.



- 5—Idem, pag. 15.
- 6—Juarez Aires de Alencar, em artigo publicado na Revista "Terra da Luz," Fortaleza, 1937, pag. 39.
- 7—Idem
- 8—Barão de Studart, "Datas e Fatos para a História do Ceará" pag. 403, 1896.
- 9—Documentos do Arquivo, Volume III, Recife, 1850, pag. 272.
- 10—Idem
- 11—Padre Gomes de Araújo, "Itaytera," pags. 12, 22 e 23.
- 12—Irineu Pinheiro, em "O Cariri," pag. 210.
- 13—Raimundo Girão, O Ceará, pag. 304, Datas e Fatos para a "História do Ceará," do Barão de Studart, pag. 494, ed. 1896; Adolphe-Dicionário Geográfico Histórico e Descritivo... 1845, pag. 152.
- 14—Joaquim Alves, Vale do Cariri, pag. 29
- 15—João Brígido, "Homens e Fatos," pag. 99.
- 16—Irineu Pinheiro, "O Cariri," pag. 215.
- 17—Idem
- 18—Revista "Marajaig," julho de 1947.
- 19—Raimundo Girão, "História do Ceará," 1953, pags. 120, 121.
- 20—Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, "Ceará," (começo do século XX), pag. 90.
- 21—Livro do Registro de Obitos da Matriz de Jardim, 1816-1855, pag. 30.
- 22—Cruz Filho, "Síntese Histórica, em O Ceará," pag. 37.
- 23—Raimundo Girão, "História do Ceará," pag. 133.
- 24—Idem, pag. 140.
- 25—Idem
- 26—Idem, pag. 141
- 27—Idem.
- 28—Idem, pag. 141
- 29—Idem
- 30—Idem, pag. 142.
- 31—Idem, pag. 142
- 32—Idem.
- 33—Idem, pag. 143:
- 34—Idem, pag. 144.
- 35—Livro de Tombo da Matriz de Jardim-1894 aos dias atuais.

- 
- 36—Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, pag. 304 em "O Ceará."  
37—Idem  
38—Idem  
39—Idem. E "Almanaque do Ceará," 1955, pag. 262.  
40—Francisco de Sousa Nascimento, "Itaytera," pag. 49.  
41—Livro de Tombo da Matriz.  
42—Informações do Sr. João Ferreira, residente na cidade de Jardim.  
43—Irineu Pinheiro, livro citado, pag. 58.  
44—Livro de Tombo da Matriz.  
45—Barão de Studart, "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense," pag. 81, 82, ed. 1913.  
46—Livro de Tombo da Matriz.  
47—Otacílio Anselmo, "A Província" n. 2—1954...  
48—Livro de Tombo, citado  
49—"Almanaque do Ceará," 1955 pag. 262.  
50—Livro de Tombo, citado.  
51—Idem  
52—Almanaque citado.  
53—Livro de Tombo, citado  
54—Almanaque, citado.  
55—Livro de Tombo, citado.  
56—Jorge Gardner, "Viagens no Brasil" série Brasileira Vol. 223, pag. 179  
57—Irineu Pinheiro, livro citado, pag. 10.  
58—Theberge, A Província do Ceará—parte terceira-1895, pag. 202
- 

*Sem os pés dêsse herói a Evolução não anda !  
Sem as mãos dêsse bravo uma nação não cresce!  
A industria não produz! O campo não floresce !  
O Comercio definha! A Exportação debanda!*

Rogaciano Leite. Em "Os Trabalhadores."



# Freí Carlos e Dona Bárbara

Dedicado ao historiador cearense Professor Padre Antônio  
Gomes de Araújo.

A fundação da Cidade do Crato e o primeiro  
brado da sua independência: 1740—1817.

LEVINO DE ALENCAR

Do Instituto Cultural do Cariri

Diversas tribos selvagens  
Das batalhas na POCEMA  
Nestas plagas de Iracema  
Do Cariri Ceará,  
Moravam nos tempos idos  
Vivendo de fruta e caça.  
Do APII comendo a massa  
E venerando Tupá.

A tribo dos Cariús  
Tinha aqui o acampamento.  
Vivendo em cada momento  
Só pensando em guerrear.  
Um dia chegou na TABA  
Guerreiro desconhecido,  
Vinha de marrou vestido  
Alegremente a cantar !

Mas não trazia o TRABUCO  
Nem TAGAFREMA ou espada,  
Por armas, na mão alçada,  
Tinha o Rosário e a Cruz!  
—“Irmãos”—bradava rezando  
O destemido ABARUNA,  
De barbas côr da graúna—  
—Sou Arauto de Jesus.

“Quero ensinar-vos, dizer-vos  
Quem foi Jesus que dá chuva,  
Fez tudo, até a SAÛVA  
Com sua potente mão.  
Forte qual TUPACINUNGA  
GUASSU qual TAPABERABA  
O seu poder não se acaba  
Porque Deus não morre, não.”

Era Frei Carlos Maria,  
Que do Convento da Penha  
Do Recife—brenha em brenha  
Entre os índios semi-nús,  
Chegou como São Francisco  
Cheio de amor e de fé  
Junto ao TUCHÁ e o PAGÉ  
Da tribo dos Cariús.

A tribo de arco e flexa  
Não ergueu nenhum TACAPE  
De COCAR e de ENDUAPE  
A Frei Carlos escutou.  
Logo o CAUIM foi servido,  
Beijus, vindo de ananay,  
A cachimbada da paz  
E a tribo o TORÉM dançou.

E Frei Carlos Maria  
De Ferrara—brandamente  
Falando a bravia gente  
ABARÚNA se tornou;  
E um dia ao pé do GRANGEIRO  
Vendo o sol no Firmamento,  
De uma índia o casamento  
Com um branco abençoou.

Mil setecentos e quarenta,  
Foi o Arraial do Crato,  
Por isso sincero e grato  
O Cariri sempre diz:  
—Nesta data festejamos  
A nossa fase preclára  
Que Frei Carlos de Ferrara  
Chegou num ano feliz.



Dos Cariús foi aldeia,  
 Foi TABA, Arraial e Vila,  
 Hoje é cidade, tranquila  
 Segue a senda do Porvir.  
 Com mais de duzentos anos,  
 Desde que foi batizado,  
 O Crato caminha orando  
 E Deus o vê prosseguir.

Frei Carlos fez a capela  
 Para celebrar a missa.  
 Da catequese na liça  
 Eloquentemente pregador,  
 Nossa Senhora da Penha  
 Teve depois uma Igreja.  
 Hoje é Catedral, viceja  
 Nela a Lei do Redentor.

Na bela Igreja da Penha,  
 Houve uma imagem formosa  
 Que da França tão formosa  
 Trouxe um pregador Francês.  
 Os Missionarios da França,  
 Depois os Italianos,  
 Foram mudando os planos,  
 Mêdo da França talvez.

E os anos foram passando,  
 Pernambuco revoltou-se,  
 Desdemido preparou-se  
 P'ra República gritar.  
 No Crato a Família intrépida  
 De Barbara Pereira  
 Também se ergueu altaneira,  
 Só a Família Alencar!..

Era o ano Mil Oitocentos  
 E dezessete,—de Olinda  
 Foi logo esperada a vinda  
 Do destemido José;  
 E o jovem sub-diácono  
 Audaz no Crato chegando  
 Com seus irmãos se juntando  
 Exclamou:—“Tenhamos fé.”

A Casa de Dona Bárbara  
 Se erguia à esquerda da Igreja

Bem pertinho; e na peleja  
José de Alencar entrou  
Na bela Matriz da Penha  
E altivo falou ao povo  
Do seu Ideal tão novo  
Que Pernambuco mandou.

E no dia 3 de Maio,  
Dona Barbara destemida  
Se erque, heril, decidida  
A Independência a gritar!  
A glória dessa proeza  
No Crato à unicamente  
Atribuida realmente  
Só a Família Alencar!

Se Frei Carlos Maria  
De Ferrara teve a glória  
Da catequese na História  
Do Crato, no Cariri,  
Dona Bárbara Pereira  
De Alencar com seus filhos  
Da Liberdade os seus trilhos  
O princípio deu aqui.

Eis da heroína a próle  
Que fizeram feitos tantos:  
—Padre Carlos José Santos,  
João Gonçalves e Tristão,  
E José Martiniano:  
Citemos só os varões  
Que nos deram as lições  
De amor a pátria Nação.

Proclamada a Independência,  
Dona Barbara traida  
Foi prêsa, foi perseguida,  
Em três Provincias penou!  
Sofreu do Conde dos Arcos  
A tirania, mas calma  
No nobre Conde da Palma  
Humanidade encontrou.

Foi quase de cinco anos  
O terrível cativoiro!  
Do Crato o chão brasileiro



Poude a Heroína pisar;  
E lá no Sitio PAU SECO  
Hoje chamado Oriente,  
Dona Bárbara contente  
Foi a Nação festejar.

Dez anos passou Frei Carlos  
No Crato, e foi removido.  
Mas deixou em fim nascido  
Da cidade o embrião.  
Também deixou Dona Bárbara  
O Crato e o Cariri.  
Foi morrer no Piauí  
Por outra perseguição.

Embora pernambucana,  
Foi no Exú que nascera  
E muitos anos vivera  
Mas para o Crato emigrou.  
No Crato voltou o grito  
Primeiro da Liberdade,  
Heroína na verdade  
Ela do Crato ficou.

De Frei Carlos, Dona Bárbara  
Faz a Historia o CASAMENTO  
Pois ambos o pensamento  
Foi do mais belo Ideal.  
Por isso, ó povo cratense,  
Nas páginas da vossa História  
Dona Barbara tem a glória  
Frei Carlos a glória igual.

CRATO, 31 DE OUTUBRO DE 1955.

---

*A desgraça é proveitosa para duas coisas: para experimentar os amigos e para acrisolar a virtude. Succede ao homem de bem o mesmo que às árvores aromáticas, que quanto mais calcadas, mais perfume exalam. — FRANKLIN.*

# Carta aos que sofrem

LEVI EPITÁCIO

Estais cansados. Trabalhais o dia inteiro no labor pesado que o vosso destino vos impôs. E ao voltardes para o vosso lar humilde na hora do crepúsculo, o corpo fatigado das aspe- rezas do ofício, não encontrais nunca aquela tranquilidade e a- quele aconchego que a pobreza de vossas condições de vida não vos permite. É certo que se pode ser feliz ainda na mais extre- ma miséria, como nos ensina a Escritura Sagrada com o exem- plo daquele justo chamado Jó, que, enfermo, abandonado pelos seus e desprezado pelos amigos, ainda cantava hinos ao seu Deus e O abençoava pela ventura que lhe concedia. Mas isto é próprio daqueles que estão no caminho da santidade, e vós infelizmente aprendestes o caminho do vício que é quase sem- pre calçado com as pedras da ignorância. Não tendes a paciên- cia do velho Jó nem estais possuídos daquele espírito de profun- da submissão à vontade divina. Há muitos motivos que vos tor- nam mais ou menos revoltados ante as injustiças sociais e o desprezo dos vossos semelhantes. Vossos nervos estão gastos e a vossa calma foi vencida nos duros embates que fostes obri- gados a travar na luta pela existência. Há certos tormentos que só aquêles que como vós passaram pela situação que vos aflige podem entender e avaliar. Vós nasceste em leitos emprestados, numa ala humilde de hospital, ou mesmo nas esteiras duras e sujas de casebres de barro. Nunca possuístes um berço, que a vossa condição social até isso vos negou. Crianças não tivestes escola, nem brinquedos, nem carinho. Vosso entendiment<sup>o</sup> des- de os primeiros anos de vossa vida foi submetido às determi- nações dos mais abastados e aos caprichos de um destino que vós nunca amastes nem entendeste. Vossos pais, torturados pe- los espinhos da vida, embrutecidos pelos costumes de uma socie- dade perversa, muitas vezes vos tratou com a brutalidade incons- ciente dos viciados. Os vossos lábios não aprenderam a sorrir nem vossa boca acostumou-se a rezar. E não pode haver a ver- dadeira felicidade no coração daquele que não sabe rezar nem sabe sorrir. Passaram-se os anos e com êles aumentaram as vos- sas desilusões e diminuíram as vossas esperanças. As vossa vi- da nos primeiros anos se resumia na contemplação das alegrias das crianças abastadas e na inveja daquilo que elas tinham e vós não possuieis. E a vossa alma, trabalhada por êsse martírio que as desigualdades gritantes da sociedade vos impunham, nun- ca soube suportar sem ânsias de revolta essas injustiças cujo



motivo nunca descobristes mas que sentieis bem presentes e bem dolorosas. Sempre vos pareceu que ninguém se incomodava com o vosso destino e que nunca derramaram uma lágrima sentida pelas vossas dores e pelas vossas agonias. Houve um homem da Igreja, chamado Leão XIII, que escreveu uma encíclica sobre a maneira justa de se aliviar o sofrimento daqueles que como vós sentiam o chicote do destino e o açoite de uma sociedade sem Cristo. O carinho paternal com que tratou o assunto, a sabedoria com que impregnou suas palavras provaram a excelência de sua doutrina e os sentimentos cristãos de sua alma. Mas vós nunca lestes aquela encíclica nem tão pouco lhe deram maior valor aqueles que são responsáveis pelo desequilíbrio social. E a coisa continuou da mesma maneira. Chegou vossa mocidade. Mocidade desventurada, sem conhecimentos úteis que vos possibilitassem um emprêgo bem remunerado com que pudessem manter a família que começava a ser objeto de vossas cogitações, sem orientação segura para a luta desigual contra as adversidades do meio, e sobretudo sem o dominio completo de vossos anseios e impulsos. Não conhecestes o entusiasmo para as coisas elevadas que enobrecem o espírito. E afinal, homens feitos, eis que não conseguistes talvez realizar completamente um só dos sonhos de vossa mocidade. O meio hostil, a concorrência tremenda dos que procuram um lugar ao sol vos deixaram uma situação que não é efetivamente de desejar. Certamente não podereis conseguir melhoras ponderáveis de ordenado, nem galgar com rapidez melhores posições na vossa carreira mais ou menos humilde. E como encontrardes então a felicidade a que aspira o vosso coração que pulsa da mesma maneira que o dos homens ricos que vos cercam e que parecem tão satisfeitos, que se apresentam tão bem vestidos que esbanjam tanto nos clubes e nas festas, que compram brinquedos caros para os filhos e se divertem tanto nos folguedos mais ou menos honestos que inventam para seu desparecimento?

Disse um poeta brasileiro num dos seus mais inspirados poemas que "a felicidade está sempre onde a pomos" e que todavia "nunca a pomos onde nos estamos". Na verdade, nunca se exprimiu com tanta precisão a relação entre o homem e a situação serena do espírito. Porque a felicidade decorre justamente de sabermos entender e querer aquilo que possuímos. Mas isto não conseguimos unicamente com o nosso esforço pessoal, pois a felicidade tem suas raízes e seu fim em Deus que nos criou. Quem não sabe encontrar o caminho que leva o pensamento até as alturas do infinito não pode ter a felicidade duradoura.

# EVOCAÇÃO

Quem mostra a trilha ao viajar das sombras,  
Quem ergue o morto que esfriou o pó,  
Quem diz à pedra que não desça o pêgo,  
Quem segue a estrêla desgraçada e só?

CASTRO ALVES

Minha Pátria cresceu,  
Nos tentáculos da guerra!  
E, quando ao longe se estendeu,  
Meu Brasil—Gigante floresceu:  
No "auriverde pendão de minha terra"!

E, da flor de minha Pátria na policromia,  
Vi o ideograma que o destino teceu—  
O pólen da Ordem e do Progresso:  
Elan de Vida e de Soberania,  
No Meteoro divino que a percorreu!

E o pendão de minha Pátria drapejou,  
Num ruflar soberbo... de magia!  
E o mundo viu, na flor de minha Pátria,  
Iris de luz que o céu nela jogou!

E, então, vi homens agarrados aos céus—  
Cantando sóis,  
Como fêz—de meu Brasil o pendão!  
Vi gênios sublimes, vi heróis,  
Vi imortais, suspensos na amplidão!

E, hoje, ainda vejo vulcânicas ardências,  
Fulgurando ao peito dos heróis—  
Nas rútilas estrêlas de Caxias!

E' que ele não morreu!..  
Que hoje acorde—  
Sômente adormeceu!

Desperta! Levanta-te, Caxias!  
Pois, vejo bandidos: o jagunço e o cangaceiro—  
Traidores da Pátria, ou vindos do Estrangeiro,  
Armados do martelo e da foice...  
Para dar, no pendão de minha Pátria,  
O golpe de radeiro!

Levanta-te, Caxias bravo!..  
Não permitas que o Brasil se torne escravo—  
Desperta a intrépida coorte!..  
Erguei-vos, soldado do Brasil,  
Sacode o músculo do fuzil...  
E arrancai a Pátria do estertor da Morte!..

Pe. MANUEL PEREIRA



# Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro

(1740 - 1831)

*José Denizard Macêdo de Alcântara*

“Leandro Bezerra Monteiro, um modelo de crente e de monarquista de funda e arraigada convicção....”

BAHÃO DE STUDART—Revista do Instituto do Ceará—Tomo XXX-1916-pág. 310.

Com o título acima, fez publicar o historiador paranaense J. Dias da Rocha Filho a biografia do nosso benemérito conterrâneo Leandro Bezerra Monteiro, transcrita na Revista do Instituto do Ceará—Tomo XXX — de 1916. Convém assinalar que o autor era casado com uma bisneta do biografado, filha do saudoso cratense Dr. Leandro Bezerra Monteiro, o ilustre deputado conservador que defendeu os Bispos na Questão Religiosa do 2.º Império, neto, por sua vez, daquele que serviu de tema à biografia. É de se lamentar que a Revista do Instituto do Ceará não tenha transcrito também os documentos anexos a que se refere o texto do ensaio.

Em verdade, a colaboração do Dr. Leandro, sócio do autor, na elaboração dessa excelente monografia está assinalada no intróito, pois coube ao grande cratense coletar a documentação necessária ao ensaio histórico. E fê-lo pelo imperativo de defender a memória do avô, injustamente criticada por THÉBERGE e JOÃO BRÍGIDO, historiadores pouco documentados e conscienciosos, sendo de notar que o último, pela sua filiação política ao Partido Liberal não deixava de encarar com má vontade os homens e os fatos ligados ao Partido Conservador, tal qual acontecia no caso do Brigadeiro Leandro e dos seus parentes e amigos.

Justo é o nosso desejo que “ITAYTERA”, quando possível seja, divulgue essa peça histórica, tão importante e preciosa para a história do Crato e do Cariri em geral, hoje bastante rara e de difícil acesso aos pesquisadores e curiosos da história regional, além de indispensável a um correto conhecimento e análise do nosso passado político.



## 1 — A Figura Histórica do Brigadeiro

Com efeito, não é possível estudar os acontecimentos do Cariri, que medeiaram da Revolução de 1817 às lutas de Pinto Madeira, sem acentuar o papel desempenhado por Leandro Monteiro e o seu clan familiar, tão importante e tanto mais influente que lhe permitiam ver um filho comandar o Regimento de Cavalaria de Milícias do Crato, outro tenente-coronel e outro sargento-mór do mesmo Regimento, outro ainda capitão-mór das Ordenanças da Vila do Crato, um neto feito Vigário da Paróquia, uma neta casada com o escrivão da Câmara Municipal, além de inúmeras outras relações de parentesco e de posição social e política que lhe deram incontestável prestígio no sul do Ceará, e que Dias da Rocha fundamenta ainda na abundância e no sangue, fatores coevos inquestionavelmente importantes para firmar conceito e prestígio no quadro social de antanho.

Uma outra circunstância, porém, inclina o nosso pensamento a deduzir essa significação histórica. Não há dúvida que ao lado de Filgueiras, Pinto Madeira e os Alencares, Leandro Monteiro foi dos homens públicos de maior relêvo naquele período da história cariense, ou, como diz o historiador, êle e Filgueiras eram os "dois chefes do Cariri".

Ora, IRINEU PINHEIRO, nosso saudoso conterrâneo e cõspicuo historiador, estudou em excelentes monografias a Filgueiras e a Pinto Madeira. Existe porém, um traço dos outros que não se compadece com o caráter cratense e que sobra em Leandro Monteiro, exprimindo uma verdadeira sintonia entre o homem e a comunidade a que serviu e na qual viveu.

Refiro-me ao espirito de moderação, de concórdia, de equilíbrio, de sensatez, que o cratense sempre revela na vida pública, tão bem mencionado por RACHEL DE QUEIROZ em artigo pela imprensa, nas festas do 1.º Centenário da Cidade do Crato, referindo-se ao nosso pacífico patriarcalismo, moderador de conflitos e de rusgas que se travam nas visinhanças.

Os Alencares eram vingativos e impetuosos. Filgueiras, in-consequente e violento. Pinto Madeira exprimia a velha rivalidade jardimense contra o Crato, oriunda de elevação daquela localidade à categoria de vila, questão que nosso século assistiria de novo em relação à Juazeiro. Só Leandro revela já essa tendência da nossa cultura, da nossa civilização, integrando-o na história como o mais cratense de todos e fadado por isso a



melhor simbolizar e exprimir as virtudes da nossa comunidade. Daí a sua importância na perspectiva da história cratense, cuja da sua sociologia.

## 2 — O Conflito das Idéias

IRINEU PINHEIRO — e nisto seguindo os ensinamentos do mestre OLIVEIRA VIANNA — no seu trabalho sobre Pinto Madeira, inclina-se para uma tese que julgo absolutamente correta: as lutas políticas do Cariri tiveram sua origem em causas puramente regionais, na divergência de clans e de famílias, as chamadas brigas de campanário. Até aqui, muito bem. Mas Irineu como Dias da Rocha parecem também, embora não o declarem textualmente, dispostos a negar a contribuição que o choque de idéias políticas antagônicas, de um lado os partidários do liberalismo com tendências francamente republicanas, de outro os fiéis à ordem monárquica e mesmo ao absolutismo da tradição vigente no país, possam ter tido nesses acontecimentos.

É certo que se pode alegar que os princípios serviam apenas de máscara às brigas entre os clans e as famílias, cortina de fumaça passada sobre as verdadeiras causas dos acontecimentos. A presença constante, porém, a frequente e reiterada referência ao choque de idéias é tão comum, tão renovada, tão presente na documentação histórica que se pode compulsar e que poderíamos citar em centenas de casos, que, forçoso é concluir, não se pode desprezar a parcela de força, o concurso que o conflito geral das filosofias políticas tiveram, nesses acontecimentos recuados, no longínquo Cariri do começo do século XIX.

Poder-se-ia alegar que o baixo nível de cultura dos seus habitantes, o quase completo analfabetismo de todos. Isto não impede, porém, que às novas vagas ideológicas do liberalismo e do antigo absolutismo ali chegassem, gerando partidários e adversários, nos quais o bom senso supria a cultura na compreensão dos princípios políticos que se deparavam para estabelecer a sua preferência ou a sua odiosidade. Tal é o caso de Leandro Bezerra Monteiro—na sua vida se encontram presentes fundas e arraigadas convicções políticas e religiosas que, em grande parte, influíram na sua atuação política do começo do século passado, no Crato e no Cariri.

Há ainda uma contingência sociológica a considerar. Leandro e sua família estavam radicados há quase uma centúria



na terra, integrados em numerosa parentela. Eram já «gente da terra» como ainda hoje se diz, para exprimir o prestígio do local sôbre o advena. Os seus adversários, tais como os Alencares e Filgueiras, eram relativamente novos. Filgueiras era nascido em Sergipe. Os Alencares haviam chegado nos meados da segunda metade do século XVIII. O prestígio de Filgueiras era sólido na arraia-miúda, nos CABRAS, a quem impressionava pela sua fôrça e coragem desmedidas. Os Alencares—Tristão, sobretudo—blasonava sua influência na vila, homem que era do comércio, na incipiente burguesia mercantil e urbana, nos fragmentos da classe-média vilarenga que iam aparecendo, ou ainda — e êste era o caso do mano José Martiniano, o futuro Senador Alencar — nos raros intelectualizados do vilarejo, pela contingência dos estudos feitos em Olinda. Leandro fundava sua fôrça na zona rural, na parentela dos engenhos espalhados sonolentemente pelo vale, onde estavam os seus milicianos de cavalaria, tipicamente, nos acanhados limites da sociedade cariense da época, a expressão do elemento patricio e aristocrático do meio, contrapondo-se à fôrça alienígena e popularisca dos adversários. É claro que essa maneira de dizer é mais uma sugestão que uma afirmativa, sujeita a uma verificação mais rigorosa para comprovar sua veracidade histórica e sociológica. Representa, porém, a maneira como sinto, à distancia de tantos anos, o quadro social da nossa região e da nossa cidade naquelas eras recuadas no tempo. E, talvez, deva-se a êsse cunho aristocrático (que não escapou à percepção do estudo de Dias da Rocha) e rural a razão de ser do equilibrio, da moderação, do tacto com que soube sempre revestir suas manifestações políticas. Como também nos mostram que as cousas estavam nos seus logares: Leandro, inimigo dos republicanos de 1817, moderado na Independência e na Confederação do Equador, os seus filhos, moderados na Regência, conservadores do 11.º Império. Os outros, revolucionários ou dúbios em 17, exaltados na Independência, republicanos em 24, abrilistas na Abdicação, exaltados na Regência, liberais durante o periodo do Segundo Pedro, embora acalmados pelos anos em suas paixões, na doce modôrra do Senado, como foi o caso de Alencar.

Há uma referência que denota êsse caráter moderado, mais apegado à monarquia, por parte do clan do Brigadeiro Leandro, mesmo no extremado da guerra civil de Pinto Madeira. A ata da Câmara Municipal do Crato de 6 de Junho de 1831, que registra as deliberações tomadas contra o caudilho monárquico, traz a assinatura do Coronel Gonçalo Luiz Teles de Menezes, que substituiu o pai no comando do Regimento



de Cavalaria de Milícias do Crato, do capitão-mór seu irmão Joaquim Antônio Bezerra de Menezes e é redigida pelo Capitão Tomaz José Leite Chaves e Melo, genro do último, na qualidade de de escrivão. Será que o clan leandrino tomava partido contra uma causa que sempre fôra a da sua simpatia e preferência?

Aqui é preciso lembrar uma dupla contingência. Primeiro, como bons cratenses, os filhos do Brigadeiro não poderiam abertamente colocar-se contra sua terra, ao lado de Pinto Madeira, que representava o velho despeito jardinense contra o Crato, apesar das velhas amizadas que os ligavam desde 1824 ao Padre Antônio Manuel de Sousa, vigário de Jardim e comparsa do caudilho na chefia da revolta. Segundo, é inconteste que a essa altura Pinto Madeira representava uma ameaça à família do Brigadeiro na posição de senhores privilegiados das posições milicianas mais importantes do Cariri, inclusive o comando geral, que já havia sido do Brigadeiro, quando comandara o Regimento de Milícias do Crato, e que Pinto Madeira disputava com a sua nomeação de Comandante Geral do Jardim e do Crato, inclusive do 78.º Batalhão de Caçadores de 2.ª Linha, arrumando a patente de Coronel, graduação que já era também a de Gonçalo. Terceiro, a linha moderada da família não era de molde a se afeiçoar à tradição de violência e força com que sempre agira o caudilho jardinense.

Pois bem, apesar disto tudo, Pinto Madeira no requerimento anterior de mais de um ano, datado de 14 de abril de 1830, endereçado ao ouvidor Martiniano da Rocha Bastos, que pede sejam de antemão julgados suspeitos para serem arroladas como testemunhas as pessoas suas inimigas, diz que o faz por serem todos "liberais republicanos" e dessa acusação exclui apenas o Coronel Gonçalo Luís Teles de Menezes, seus irmãos, parentes e sequazes, alegando que quanto a este é "por zelo do pôsto que ocupo", e assina como Comandante Militar do Crato e Jardim.

Esse episódio nos induz a supôr que o caudilho não considerava o clan de Leandro como seu adversário, pelo menos por motivos de convicções políticas, mas por força daquela disputa de camandos a que aludí. Seria até o caso de levantar uma indagação: essa exceção aberta pelo Coronel Pinto Madeira não será de molde a suspeitar que Gonçalo estaria entre àquelas pessoas que, embora contrárias aos jardinenses, com elas partilhavam do mesmo sentimento contrário ao regime liberalizado da Regência, e que o relatório da sindicância feita no Crato pe-



lo Comandante das Armas da Província, Tomaz Antônio da Silveira, diz ter encontrado entre autoridades e pessoas de crédito da Vila do Crato? Si assim o fôr, mostra que o clan continuava intimamente fiel à bandeira que defendera em 1817. Até mesmo certas expressões da ata de 6 de Junho de 1831 induzem a essa suspeita: "espera-se que o Sr. Coronel de cavalaria encare como um absolutista" ao Alferes José Ribeiro de Andrade. E não me consta que Gonçalo tenha se movido para cumprir a ordem de prender Pinto Madeira, recebida da Câmara Municipal.

### 3 — A Família e o Homem

Nasceu o Brigadeiro Leandro em 5 de dezembro de 1740, no engenho Moquem, nas visinhanças do Crato. Seu avô materno, o coronel João Bezerra Monteiro fôra o primeiro proprietário desse sítio, para onde se mudara vindo da fazenda de "Zoróes" (Orós?) que possuía perto de Icó, e ao casar sua filha Joanna Bezerra de Menezes com o capitão Antônio Pinheiro Lôbo, fêz-lhe doação do referido engenho Moquem, sendo os últimos os pais do Brigadeiro Leandro, que conforme uso muito comum no norte do Brasil, usava só o sobrenome materno, conservado por parte dos seus descendentes, enquanto outros retomaram os apelidos paternos.

De ascendência, entroncava-se em fidalgas famílias portuguesas e era descendente em 10º grau de Diogo Alvares Corrêa, o Caramurú, e de Catharina Alves, a famosa índia Paraguaçu. Possui em mão essa linhagem, aliás transcrita pelo BARÃO DE STUDART em seu "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense", embora o Heródoto cearense, inexplicavelmente, não faça no mesmo o registro biográfico do Brigadeiro, talvez por não supô-lo cearense.

Ai, no Moquem, decorreu a sua infância, morrendo-lhe o pai quando adolescente. Passando a casa dos 20 anos, falece em Sergipe o avô paterno José Pinheiro Lobo, dirigindo-se então para aquela futura Capitania, ainda pertencente à Bahia, para receber como procurador credenciado a herança sua e dos irmãos, aliás sobre os quais nenhuma referência possui.

Em Sergipe, casa-se com a sua parenta Rosa Josepha do Sacramento, em 1764, filha do capitão-mór Semeão Telles de Menezes e de sua mulher D. Luíza Maria da Conceição. Solicitado pelo sôgro, fixou-se em Sergipe, adquirindo ali o engenho



S. José, à margem do Rio Vasa-Barris, e só 15 anos depois de casado, empreendeu a viagem de retorno aos seus e ao torrão natal, em 1779, ausente quasi 20 anos do Cariri.

Retornaria o Brigadeiro Leandro ainda alguma vez na vida à terra onde casara e vivera durante longos anos ? Sim, e isto em maio de 1823, 44 anos depois, para fugir à sanha de adversários impiedosos e não se envolver nas lutas fratricidas de 1824, contando já 83 anos de idade provector, suficiente para desanimar uma viagem a cavalo a tão grande distância. Em 5 de maio daquele ano, o filho Gonçalo escreve ao irmão José Geraldo: "Diga a nossa mãe que nosso pae não é de parecer que sigamos o nosso destino antes de ver em que param estas cousas; e diga a quem perguntar que o nosso destino é para Pernambuco, quando é para Sergipe", em carta datada de Santa Luzia, no sertão pernambucano.

Essa retirada coincide com a aproximação do Cariri das tropas de Filgueiras que seguiam em socorro do Piauí e cuja presença iria produzir sério acirramento das lutas regionais, a que o velho miliciano julgava sensatamente dever se afastar. Acolheu-o em Sergipe o cunhado Capitão Semeão Telles de Menezes, no seu engenho Maria Telles, recebendo o primo com viva cordialidade. E' d'esses parentes sergipanos do Brigadeiro Leandro, que descende o atual Governador de Sergipe, Dr. Leandro Maciel. E dali, só em fins de 1824 empreendeu a viagem de volta, sendo logo chamado a acalmar os ânimos dos habitantes de Jardim, por apêlo do governo imperial.

Retornando ao Cariri em 1779, o Brigadeiro Leandro estabeleceu-se no seu engenho das Porteiras, alguns anos depois, que se tornou assim a sua residência definitiva e o quartel de suas atividades privadas e públicas. Fisicamente, tinha estatura regular, côr branca, olhos azúis e cabelos louros, branqueados pela idade avançada. Constituição robusta, os anos não conseguiram alquebrá-lo, como provam as lutas que participou em avançada idade e a viagem de Sergipe em 1823. No fim da vida, a poucos dias da morte, montava a cavalo, tinha quase todos os dentes e lia sem óculos.

Intelectualmente, era dotado de discernimento rápido, embora não tenha permitido o meio que adquirisse maiores conhecimentos. Ainda assim redigia os seus documentos e correspondência, e só no fim da vida passou a ditá-los, sendo assim



de sua própria lavra os que formam a sua correspondência oficial que se conhece.

Moralmente, um católico fervoroso, de procedimento exemplar e honrado. Vários fatos o atestam. Um por exemplo: falecendo-lhe o neto padre Pedro Ribeiro da Silva, fundador da capelinha em tórno da qual se desenvolveu o futuro Juazeiro do Norte, do qual êle era o único herdeiro, o testamento apparecido libertava todos os escravos e fazia tantos legados, que consumia quase todo o acêrvo, aliás com várias irregularidades legais. Não faltou conselho para promover a nulidade do testamento, a que respondia sempre: «Deus me livre de fazer mal a tantos infelizes!». E no fim da vida, nonagenário, recolhido em casa, distraía-se em ensinar as primeiras letras aos netos e bisnetos, tarefa que tomara a seu cargo, honrosamente.

#### 4 — A Vida Pública do Brigadeiro

Os limites dêste trabalho, visando mais uma divulgação resumida, não comportam um exame pormenorizado da atuação política do biografado. A sua participação ativa na contra-revolução do Crato em 1817, quase octogenário, foi que o projetou na história política da Província, sem o que talvez sua vida tivesse decorrido em "tranquila obscuridade". Graças às suas providências enérgicas e acertadas, sobretudo a pressão que exerceu sôbre a dubiedade de Filgueiras, trouxeram o fracasso dos amotinados e, o mais importante, a sua animosidade pelos anos posteriores a quem consideravam responsável máximo pela sua derrota, causa assim dos acontecimentos subsequentes.

A sua aversão aos rebeldes era tal e aos ideais que defendiam, que mandou dizer a Filgueiras que com êle, sem êle, ou contra êle, fôsse como fôsse, a contra-revolução se havia de fazer. A sua sensatez política se revela na conversa que manteve com o sub-diácono Alencar, invocando o exemplo desolador da Revolução Francêsa, sua contemporânea, e outros males que sumariou nessa frase: "Padre José — é ainda cêdo para a nossa emancipação; quanto á republica, ela me terá sempre como acérrimo inimigo", significando assim que não discordaria da Independência em princípio, mas apenas da sua oportunidade, o que era absolutamente uma verdade política acertada.

A posição decidida do velho senhor de engenho não era tão fácil, pois tinha obstáculos ponderáveis. Mantivera sempre boas relações com os Alencares. Tristão era casado com uma



sua sobrinha e amigo íntimo e de negócios do seu filho Gonçalo. Dois sobrinhos seus andaram comprometidos e chegaram a ser presos pela intentona. A dubiedade de Filgueiras era um fator poderoso na equação do problema político do Cariri. E, entretanto, nada disto abalou a decisão firme e irrevogável do tenente-coronel Leandro, finalmente vitoriosa quando na manhã de domingo, 11 de maio de 1817, as suas forças e do seu sargento-mór José Vitoriano somadas ao indeciso Filgueiras, plantaram no alto do Barro-Vermelho a bandeira das quinas, pela vanguarda capitaneada pelo meu avoengo João Lobo de Macêdo.

A revolução republicana de 1817 foi um marco decisivo na história política do Ceará, do Cariri sobretudo. Ela separou as correntes, os clans e as famílias. Na verdade, muito do presente, si rastejarmos bem no campo da história, teve as suas raízes, através a sucessividade dos fatos, naquele acontecimento. As lutas que se desenrolaram até hoje, tem próxima ou remotamente o seu divisor de águas naquele episódio de rebeldia.

Talvez, os serviços prestados por Leandro Bezerra Monteiro, em 1817, tenham sido o fator de sua promoção a coronel em 1821, cuja patente original existia em poder do seu neto dr. Leandro Bezerra Monteiro, e que Dias da Rocha transcreve como anexo II do seu trabalho, infelizmente não retranscrito pela «Revista do Instituto» e por isso desconheço o seu teor.

Aos acontecimentos da Independência não foi estranha a sua atividade, como documenta o trabalho de Dias Rocha. Assina como seu neto o padre Pedro Ribeiro a ata de 1.º de setembro de 1822, da Câmara Municipal, que manda proceder à eleição de deputados à Constituinte do Império, subscrita também pelo vereador Tristão Gonçalves de Alencar. De maneira geral, os vencidos e vencedores de 1817 se unem por um momento, para depois divergirem, fundamente, logo após a Independência e o eclodir da Confederação do Equador.

As discrepâncias se evidenciam logo, nos eventos da própria Independência. E' que, crescendo o prestígio de Filgueiras, crescia o de Tristão, seu inspirador pela ascendência exercida sobre o caudilho sergipano-caririense. Ora, Tristão era violento, impulsivo e como bom liberal, um autêntico jacobino, odiando tudo que fôsse estrangeiro, português em suma, a quem perseguia desapiedadamente, os «puças», alcunha dada no Crato aos nascidos nas ribeiras do Tejo ou do Douro. Faltava-lhe a visão política para compreender que o mair adversário da



nossa Independência não era a Corôa, nem o Rei D. João, que nos haviam elevado à categoria de Reino Unido em 1816, mas os liberais, os seus correligionários de idéias em Portugal, que, maioria dominante nas Côrtes Portuguezas de 1820, traziam o Rei praticamente peiado e dêles emanavam as medidas de re-colonização que terminaram por provocar a nossa separação. Todas as vezes que negociámos com a Corôa, sem interferência das Côrtes, as cousas saíram a nosso favor. Depois, Tristão carregava os complexos da derrota e das vinganças de 1817, fator poderoso num homem dado aos excessos, ao impulso e à arbitrariedade.

Leandro era de outro estilo. Ao jacobinismo de Tristão, pintado por THÉBERGE, ele contrapunha uma política de apaziguamento e respeito ao português, denunciando-o claramente em carta ao ouvidor Porbem, como também as suas violências. Em manifesto de 13 de outubro de 1822, lançado aos comarcãos do Crato, revela aquilo que muita gente ainda não conseguiu compreender hoje na história da nossa separação: que o perigo contra a Independência partia das Côrtes e não do Rei, condenado-as ao dizer que elas pretendiam "não só escravizar-nos discipando-nos de todos os nossos direitos, mas até mesmo os do nosso tão amado soberano". Em suma, brasileiro, partidário da Independência, monarquista, mas jamais liberal ou jacobino. Ia mais longe: declarava claramente que Tristão e os seus partidários o acusavam por terem se oposto em 1817 ao "péssimo partido da inconfidência".

Acusavam-no, no mínimo, de não ser um partidário sincero da Independência. A velha técnica liberal-jacobina: espicaçar o sentimento patriótico, a xenofobia das massas ignorantes, para a sua sombra tirar as vinganças mesquinhas do partidarismo estreito, desmoralizado processo que vimos repetido na Regência, no início da República, durante a Ditadura de Getúlio e a Jerradeira guerra, que no final de contas, tudo é a herança intelectual dos homens de 1789 aos seus discipulos pelo mundo inteiro.

Foi o agravamento dessa situação que fez o Coronel Leandro retirar-se para Sergipe quando previu que ela chegava ao auge. O desejo de perseguição, porém, não desfalecia: chegaram Tristão e Figueiras, homens de tendências republicanas, a mandar prender Pinto Madeira, o padre Antonio Manoel de Souza, José Geraldo Bezerra de Menezes, filho de Leandro, e outros monarquistas e adversários; sabeis que pretextaram? De que os presos queriam proclamar a República!!!! Emprestavam ao inimigo as suas



próprias intenções ou culpas, velho hábito da política brasileira até hoje. A prisão de José Geraldo era uma vingança contra o pai, que se livrara da cadeia pela premeditada viagem a Sergipe. A velha vingança por tabela, indireta.

De Sergipe, o coronel Leandro endereçou ao Imperador uma circunstanciada exposição justificadora dos seus atos, mostrando a fidelidade dos seus gestos à causa da separação, e mostrando que era alvo dos velhos inimigos que professavam "doutrinas que lhe repugnava aceitar". Infelizmente, o documento aludido perdeu-se, embora houvesse quem o reproduzisse de cóp. varias passagens. Coube ao filho Gonçalo leva-lo, mas ao chegar na Bahia, temendo a viagem marítima, entregou-o ao padre Antonio Manoel de Souza, o amigo de Pinto Madeira, que o fez chegar ao destinatário.

José Geraldo, ao ser prêso, fôra enviado para Recife, onde não foi incomodado, ficando-lhe a cidade por menagem, hospedado no convento dos beneditinos. Si republicano fôsse, teria ajudado a revolução de 1824, que assistiu no Recife. Si não pôde combatê-la, logo que chegaram as tropas legais, comandadas pelo General Francisco de Lima e Silva, futuro Regente do Império e pai do Duque de Caxias, apresentou-se ao mesmo, antes de seguir para Sergipe, afim de acompanhar o pai no seu retôrno ao Cariri. Foi então que o general informou duas cousas interessantes: que o Imperador pretendia honrar a Leandro Bezerra Monteiro com "a desusada promoção ao posto de brigadeiro, desconhecido até ali na organização das milicias"; que recebera ordens para colocar à disposição do futuro Brigadeiro uma escolta para guardá-lo até o Crato. Os dois fatos evidenciam que o memorial levado pelo padre Antonio Manoel calara a fundo no ânimo imperial, que dava uma pública prova do seu reconhecimento e crédito ao valor e serviços do velho cratense.

José Geraldo seguiu até Mata-Grande, nas Alagoas, onde combinara se encontrar com o pai para a viagem de volta, tendo êste dispensado e agradecido a escolta que o govêrno imperial lhe oferecia. Outras provas do favor imperial recaíram sobre o clan do Brigadeiro: basta vêr os cargos e condecorações concedidas aos filhos. Informa Dias da Rocha que essa promoção a brigadeiro se deu em 1825, tendo sido então nomeado o filho tenente-coronel Gonçalo Luiz Telles de Menezes para substituí-lo no comando do Regimento de Cavalaria de Milicias do



Crato, promovido a Coronel, êle que já era cavaleiro professo da Ordem de Cristo, como o irmão capitão-mór Joaquim Antônio era cavaleiro das Ordens da Rosa e do Cruzeiro. Daí em diante, a serenida de se abate ôsbre a vida do lidador cratense, para cerrar os olhos em 1831, no limiar de uma nova época de perturbações públicas, promovidas exatamente pela vitória daqueles que sempre combatera.

### 5—A Patente do Brigadeiro e sua Primazia

Uma observação final: gostaria imenso de colher informações positivas sôbre a data, o texto, do ato, decreto ou patente que conferiu o generalato a Leandro Bezerra Monteiro. Com efeito, inexistia o posto no quadro das milicias, que eram o Exército de 2a. Linha da Colônia e do 1º Império, cujo acesso ia até o posto de Coronel. É certo que milicianos chegaram ao generalato, mas porque haviam logrado sua transferência para o Exército de 1a. Linha: tal foi o caso do Marechal Bento Manuel Ribeiro. É certo também ao invés do que, si não me falha a memória, vi escrito alhures, ter sido caso único o de Leandro. Não, porque posso mencionar dois casos de coroneis milicianos que como tal lograram o generalato: Manuel de Souza Martins Visconde de Parnaíba, também pelos serviços prestados na Independência, e o oriental Barão de Callera (Tomás Zuniga).

O fato para mim tem interêsse histórico por causa da pesquisa que venho fazendo sobre os "generais paisanos ou honorários" que teve o Brasil, em trahalho que, mercê de Deus, espero dar a lume para completar êsse capítulo ainda não explorado da nossa história militar. Ora, tenho a impressão que o generalato concedido a Leandro teve o aspecto de honras militares, como se fez posteriormente no Império e na República, o que só poderia ser confirmado pelo texto da patente ou do decreto de nomeação, infelizmente desconhecido por mim. Nessa hipótese, Leandro Bezerra Monteiro teria a acrescentar aos seus títulos, como também o Crato, mais êste: teria sido o primeiro general honorário do Brasil e o Crato teria sido o berço dêsse pioneiro de uma gloriosa instituição, a cuja sombra do generalato honorário vamos encontrar David Canabarro, Andrade Neves, patrono da Cavalaria do nosso Exército, Couto de Magalhães, Jôca Tavares, Pinheiro Machado, e, modernamente, até Rui Barbosa, Osvaldo Aranha, Flôres da Cunha, Paim Filho, sem mencionarmos um nome que se ligou á história do Cariri, o do médico baiano Flozo Bartolomeu da Costa. É uma ques-



tão aberta cuja solução desejaria encontrar para enriquecimento de uma pesquisa de longo e exaustivo trabalho, que tem consumido muito tempo, papel e viagens.

### 6.—Uma Homenagem Justa

Prestariamos os cratenses ao seu ilustre e benemérito filho, tronco de uma das mais vigorosas "gens" cratenses, si conseguíssemos localizar o seu túmulo e assinalá-lo de maneira digna e consentânea com o papel que desempenhou na história regional, como reunir o que de inédito e ainda não divulgado se pudesse saber em tônio de tão honrosa vida, permitindo que se fizesse uma reedição anotada, rica e atualizada da obra de Dias da Rocha, prestando assim um justo tributo não só á cultura histórica do Cariri, mas a um dos mais dintintos e prestimosos varões cratenses que ligaram o seu nome, de maneira indelével aos acontecimentos de um passado glorioso, que tanto enobrece, orgulha e exalta a nossa Cidade do Crato.

## B. Bezerra & Cia.

(Sòmente artigos de qualidade)

Rua Bárbara de Alencar, 174 — CRATO

*Ferragens e Estivas.*

MÁQUINAS:

*Crosley e Danúbía.*

# Família do Coité

---

(Valiosa contribuição)

## Leite Maranhão

Não tenho pretensões a figurar entre os historiadores cearenses, nem tão pouco credenciar-me genealogista, especialidade que abroquelada paciência e sobretudo argúcia e espírito ordenador.

Escrevi um trabalho sobre a Família do Coité, minha família, só para satisfazer a instantes solicitações de um dos mais ilustres membros do Instituto do Ceará, e fiz a necessária ressalva para as possíveis falhas nele cometida.

Abrendo o capítulo em apreço, disse, em conclusão, honestamente:—"E, pois, aqui está o que pude colher em FONTE VIVA, à mingua de outras fontes e documentos ao meu alcance".

Trata-se de um relato fornecido por "um romancista patriarcal da família, com a idade de oitenta e seis anos, cuja memória guarda com nitidez o roteiro tradicional do homem e da terra, concentrados numa trama geográfica e consanguínea, até aqui homogênea".

Logo depois da publicação da Revista do Instituto, Raimundo Girão, vindo de Crato, disse-me:—"o Padre Gomes fez reparos ao seu trabalho em desacordo com vários pontos ou referências do mesmo.

Coerente com o apêlo verbal que fiz aos doutos membros do Instituto, no sentido de corrigirem as falhas que eu admiti existir no trabalho apresentado, disse eu a Girão:—"recebo com alegria os reparos do Padre Gomes, e peço a você que lhe escreva pedindo para me mandar as correções que julgar oportunas:

Disse-me Girão que escreveu e nada recebeu sobre o assunto . . .

Confiei na liberalidade do Padre Gomes em ajudar-me na



correção daquele trabalho de interesse histórico, cujas observações eu arrolaria com prazer.

Indo novamente a Crato, de volta, disse-me Girão que o Padre Gomes lhe havia dito que os reparos eram de mínima importância . . .

Entretanto, em trabalho de substância e profundidade cultural, publicado no primeiro número de Itaytera, inclui uma nota solta ao léo, n. 10, para dizer:—"Enganou-se o dr. Leite Maranhão, quando escreve que Luís Furtado Leite e Almeida chegara ao sítio "Coité" com um irmão chamado Manuel, e que ambos eram de Aracati. Manuel era filho de Luís, e casou-se com Joana Correia Platena (Livro de reg. de Batizados, Missão Velha, 1769—1805, fls. 52). Manuel que se chamou mesmo Manuel Furtado Leite, teve o título de alferes e faleceu. 1.3-1809, com 69 anos de idade (livro de reg. de Óbitos, Missão Velha)".

Paciência! . . .

A honra não me cabe:—a história tem surpresas e paradoxos, e o historiador precisa ser cauteloso e prevenido contra a ênfase dos apetites e tendências psicológicas da época em que os fatos e registros se desenrolam, nem sempre acatados na fidelidade das narrativas.

Em documento artigo publicado na Cruz-iro, um dos números do ano pasado, Gustavo Barroso destrói a LENDA DA PRISAÇÃO DE BÁRBARA DE ALENCAR . . .

Com a sua nota em destaque, o brilhante genealogista Padre Gomes não destruiu a minha exposição.

Jamais me referi a Luís Furtado Leite e ALMEIDA, em parte alguma do meu trabalho. Citei como troncos da família Furtado de Coité e Umburanas os irmãos Luís Furtado Leite (sem Almeida) Manuel Furtado Leite e Isabel Furtado Leite.

Para documentar o que afirmei, lá estão as proles distintas e as propriedades carregadas por herança de geração em geração, que conservam orgânicamente a tradição e o tratamento familiar inerente à ontogenia consanguínea.

O nome de Luís Furtado e Almeida não consta da narra-

tiva de Joaquim Maranhão, nem eu jamais ouvi referido por qualquer outro vulto da família, inclusive o Padre Maranhão que se dedicava cuidadosamente a estes assuntos, constantemente discutidos em roda familiar.

Pelo documento citado pelo Padre Gomes, eu concluo que Luís Furtado Leite e Almeida era pai de Luís, Manuel e Isabel Furtado Leite, coincidindo com a vaga afirmação de Joaquim Maranhão que diz, referindo-se aos irmãos Luís e Manuel Furtado Leite:—"voltaram a Aracati e, de lá, trouxeram seus pais e uma irmã de nome Isabel Furtado Leite".

É, sem dúvida, uma valiosíssima contribuição do Padre Gomes, que recebo com prazer, dado que era um ponto obscuro do meu trabalho agora esclarecido com documento idôneo.

Em outra nota do trabalho do Padre Gomes, refere-se êle a "Manuel Temóteo de Figueiredo (alferes)—de Pambu-filho do citado capitão José DÁvila de Figueiredo, e casado com Antônia Romana, filha do citado tenente coronel Luís Furtado Leite de Almeida, dono do sitio Coité, e de sua mulher, a citada Beatriz de Sousa Silveira (Livro cit., Fls. 14)".

Há positivamente séria confusão e choque de documentos.

Temos em nosso poder o inventário de Luís Furtado Leite e Margarida Dias da Costa, realmente donos do sitio Coité, havido por herança de Domingos Dias da Costa, e de Ignez Correia Platena, pais de Margarida Dias da Costa e Joana Correia Platena (corrutela Palatenha) respectivamente casadas com os irmãos Luís Furtado Leite e Manuel Furtado Leite.

Portanto, o casal Luís Furtado Leite e ALMEIDA e Beatriz de Sousa Silveira nunca possuíram terras em Coité, ao que parece, êles não permaneceram junto aos filhos, Luís, Manuel e Isabel.



Outra confusão:—é que, segundo o registro de terras, Antônia Romana não era filha de Luís Furtado Leite de Almeida, e sim de Domingos Dias da Costa e Ignez Correia Platena. Herdou dos seus pais, primitivos donos da data de Coité, o sítio Coité Comprido, incluso na referida data, ainda hoje conhecido como tal.

Como pode ser isto ?! !...

Será que Bárbara de Alencar tenha passado a história com um falso martirio, ao sabor da ênfase revolucionária de seu tempo ?! !...

Cabe aos devotados pesquisadores e heróis dos arquivos, refu dir a História e esclarecer a v. rdade.

Fortaleza, Fevereiro de 1956.

Marco comemorativo do centenário do trucidamento do revolucionário cratense Tristão Gonçalves, inaugurado sob os auspícios do Instituto do Ceará, e por iniciativa do historiador Eusébio de Souza, no dia 31 de outubro de 1924, no lugar «Altos do Andrade», a três quilômetros de Jaguaribara (ex-Santa Rosa), município de Frade, com a seguinte inscrição em bronze :

«Neste local sucumbiu Tristão Gonçalves de Alencar Arraípe, o heróico presidente da Confederação do Equador no Ceará—31 de Outubro de 1824. Homenagem do «Instituto do Ceará» — 31-X-1924».



# Canaviais

José Newton Alves de Sousa

*Verdes canaviais!*  
*Ampos canaviais!*  
*A estrada em meio.*  
*A fumaça do trem, negro-cinzenta.*  
*Um apito longo, triste e cheic.*  
*Cai neblina — água benta.*  
*E meus olhos, embevecidos*  
*e compridos,*  
*a olhar mais,*  
*sempre mais,*  
*os horizontes perdidos...*

*Infndo mar, aceno de esperança,*  
*verde sonho de amor, verde olhar de criança*  
*em prece ao firmamento,*  
*ora doira-o o sol, ora beija-o o vento.*  
*E da terra molhada a seiva nutriente*  
*percorre-lhe o folharal esbelto e viridente.*

*Canaviais pelo vale, pelo monte,*  
*por todo o campo bendito,*  
*a perder-se no horizonte,*  
*a sumir-se no infinito...*

*Palpita em tudo uma canção de paz.*  
*Colado aos trilhos, vai o trem correndo.*  
*E pelas margens passam olhos lendo*  
*o poema verde dos canaviais.*



# FLAGRANTES DO ENSINO NO MOMENTO ATUAL

J. de Figueiredo Filho

Razões, alheias por completo à minha vontade, afastaram-me do Ginásio Santa Teresa, no primeiro semestre do corrente ano. Pensei, contristado, que jamais voltaria a este ambiente que tanto me cativou, durante 12 anos de feliz convivência. Graças a Deus, ocupei meu lugar em agosto e supus bem o encargo, amenizado pela bondade da Diretora, colegas, Filhas de S. Tereza e de todas as alunas dos diversos cursos, confiados ao meu amorismo magisterial.

Surpreendeu-me, no entanto, o convite de Madre Feitosa e das professorandas de 1956 para paraninfá-las em sua formatura. Mas, confesso que, muito me comoveu a honraria. Dois motivos afetivos prendem-me à turma de professorandas de Santa Teresa, do presente ano. É seu patrono a figura venerável e inconfundível do Exmo. Sr. D. Francisco de Assis Pires, segundo Bispo de Crato. O outro é que, nunca nem sequer no decorrer do triênio que se encerra, tive o mais ligeiro aborrecimento de qualquer das componentes da brilhante turma de 1956, no árduo mistério de dirigir as cadeiras sob minha responsabilidade.

Ainda estamos vivendo o ano jubilar da eleição de nosso querido Bispo Diocesano—D. Francisco de Assis Pires. Guardamos bem na retina as festas que se celebraram em agosto, quando a Diocese, em péso, espontaneamente se ajoelhou à Praça da Sé, diante do altar Monumento, a dar graças aos Ceus, pela dádiva que a Igreja nos enviou da Bahia, há 25 anos. Hoje celebra ele o Jubileu de Sagração, cerimônia que se realizou em sua cidade natal.

O Ginásio Santa Teresa de Jesus, pérola preciosa da administração de D. Francisco, não poderia deixar de dar o nome do grande Bispo à luzida turma de professoras de 1956.

Em sua gestão espiritual, foi que se deu a maior expansão das Filhas de Santa Teresa e que já se derramam por importantes regiões do Nordeste.

É êle a alma de elite que tem como couraça invulnerável a Fé que remove montanhas, brotada da profundidade do coração, segredo e garantia de todas as vitórias da Diocese de Crato, nestes últimos anos.

Aquêle palácio episcopal, que se ergue nmesmo em frente ao Santa Teresa, é a verdadeira atalaia, onde um santo pastor vigia, noite e dia, pelo rebanho. E êste educandário que é a primeira instituição diocesana a receber, durante o dia, o olhar vigilante e dedicado de seu guia espiritual, não poderia deixar de crescer, melhorar e aprimorar-se. Acompanham-no as bênçãos contínuas do Pastor, nessa trajetória ascendente em próla da instrução de Crato e da região.

Não tenho mais o que dizer dessa figura que já é o maior patrimônio moral de nossa terra, nos presentes tempos. Está tão indissolúvelmente ligado aos seus diocesanos, que, minhas pobres palavras não podem esteriorizar sentimentos que, cada dia mais, se arraigam no coração de todos.

O nome de S. Excia. a patrocinar a turma de Professôras do Santa Tereza, de 1956, é a garantia segura de que bênçãos perenes e em profusão iluminarão a jornada de cada uma dessas jovens que ora recebem, com galhardia, o diploma pedagógico.

Queridas ex-alunas e atuais colegas de Magistério:

O convívio de três anos entre mestre e discípulos, alicerça laços bem profundos de amizade. O tempo agora passa rápido neste turbilhão da vida moderna. E é melhor assim. No meio dêste confusãoismo e deste atordoamento contínuo do mundo, somos expectadores das maiores transmutações históricas dos últimos séculos. É preciso que tudo isso passe rapidamente em nossa visão, como em câmera cinematográfica ultramoderna, senão ficaríamos atordoados com cenas dolorosas, heróicas, burlescas, trágicas ou enlouquecedoras, que se passam diante de nós, em casa, nas ruas ou noticiadas nos aparelhos de rádio. Parece até que o globo apressou os movimentos de rotação e translação. Dias, semanas, meses e anos desfiliam velozes como os aviões supersônicos ou os carros ultrarápidos de corridas.

Bem! Voltemos ao fio da meada.

Recordo-me, como se fôsse hoje, dos primeiros dias de aula que dei às jovens desta simpática turma que ora conclui



sem curso. O primeiro contacto marcou as simpatias mútuas que iriam nos unir. A acolhida do professor foi a melhor possível e também mostrou logo o sinal de displicência que iria encontrar entre aquelas novas alunas. Já era eu conhecido através de recomendação de antigos discípulos. Sabiam que não brigava com ninguém, era liberal, dava boas notas e não empaturrava o curso de matéria. Bom sinal para tôdas. A primeira advertência que me fizeram quase em côro, já me era bem conhecida:

—Professor, hoje é aula branca!

Outra, lá detrás:

—É só de conversas sobre as férias!

Pouco tinha eu a contar sobre as férias, periodo até de mais preocupações para mim, por corresponder ao balanço do estabelecimento e a muitas dôres de cabeça com regularização de negócios e pagamento de impostos. Assim mesmo ia eu na onda:

Na segunda aula, com dificuldade, entrei na matéria. Era Química. Não comecei com termos difíceis. Prefери entrar na parte histórica, revivendo a velha alquímia com a pedra filosofal e o elixir de longa vida.

Ao perguntar a algumas das presentes sôbre o assunto relacionado com Ciências Físicas e Naturais, do currículo do ano anterior, obtive, como sucedia em qualquer outro curso, resposta inteiramente negativa. Ou então: — Não me lembro mais, professor.

As férias do meio ou do fim do ano têm o dom de fazer esquecer tudo quanto foi ensinado anteriormente. Há raríssimas exceções, no entanto.

Desculpem-me, diletas afilhadas, se estou fazendo a autópsia de três anos de estudos no curso normal do Ginásio Santa Teresã de Jesús. Mal de muitos consôlo é. Estou apenas tomando como padrão as alunas que agora recebem o diploma e aliás com iateira justiça, para dissecar o ensino contemporâneo, aqui, nas capitais ou em qualquer recanto dêste nosso Brasil. Tais defeitos recaem e em dosagem elevada, em nós professôres também e na direção pública do ensino. Consolem-se que a bonança virá daqui a momentos, quando apontarei as

ótimas qualidades das gentis, inteligentes e ótimas criaturas que constituem a constelação luminosa de minhas afilhadas.

Proseguiram as aulas no ramerrão cotidiano. Expunha os pontos ou ditava outros, quando não havia compêndio nas livrarias. De quando em quando, remoia a matéria dada, para melhor gravá-la na memória das ouvintes. Para maior animação da aula, esperava ansioso que as alunas me fizessem alguma pergunta sobre o assunto esplanado. Alguém bocejava, às vezes, com efeito contagiante. Uma lá do canto sacudia-me pergunta que tanto almejava,

— Professor!

— Pronto!

As antenas de minha sapiência, de armazém pouco sortido, aprontavam-se para o trabalho. A pergunta finalmente vinha catufacefaciente.

— Sabe dizer hoje qual é o filme do Moderno?

Não me zangava, porque sei situar-me bem com a idade das pessoas com quem convivo. Se ignorava a película do dia, daquela casa de diversão, passava a resposta para o encargo de outra aluna, mais cinemeira do que eu. Intimamente ficava decepcionado.

Fatos como êsses, tão comuns nas aulas daqui ou de outro lugar, não deixam de influenciar para que o professor se torne mais negligente.

Noutras vêzes surpreendia a aluna atenta demais sobre livro qualquer. De antemão sabia que aquela leitura não se vinculava, de forma alguma, nem à Química nem à Higiene. Pedía o livro para ver. Prontamente era atendido porque sempre tôdas elas primavam em obedecer-me quando lhes chamava atenção.

Não se tratava mais do que romance, ou historietas de cinema e de amôres sentimentais, dessas que pululam em todos os mercados livreiros de hoje, sobrepujando em venda os livros escritos pelos melhores escritores de todos os tempos e de todas as latitudes. Também não me aborrecia, nem ficava com a cara de pouco amigos. Aproveitava a ocasião para dar orientação sobre a boa leitura.



Entretanto, pude observar que, qualquer de minhas alunas ao me consultarem a respeito de livros, sempre já os lera anteriormente, nada lhes influenciando o meu ponto de vista.

Nas aulas há infalivelmente jovens inquietas, que não sabem ficar sentadas num canto só. Geralmente têm jeito especial para dizerem que estão sendo chamadas à secretaria ou diretoria para missão ou encargo, no próprio estabelecimento ou fora dêle. Isso parecia acontecer, não só em minhas aulas, como em todas as outras, pois sempre encontrei muitas gazeadeiras habituais, na sala de professores, corredores e recreios.

Ninguém daqui ou de outra parte dêstes Brasis, fica contente só com os incontáveis feriados estaduais e, municipais, e federais, dias santos e festas de Colégio. Muitas jovens sabem de cór todos os dias de férias do calendário e fora dêle. Há gente perita em boicotar aulas desviando diplomáticamente o assunto e o pior é que não são as de comportamento mais baixo. Em tempo de festas coletivas, a exemplo da Padroeira, é problema difícil a gente prender a atenção da aluna, ao menos da metade da classe. O comparecimento geralmente cai de quarenta a cinquenta por cento, às vezes.

As aulas práticas no Gabinete de química, que são sempre ótimo atrativo para jovens do sexo masculino, só chamam a atenção das moças, com exceção naturalmente, quando na reação há mudança brusca de cores ou há coloração de aparência bonita. O maior chamariz no Gabinete de Física e Química são as janelas que dão para a rua. Não sei qual a razão dessa preferência. Naquela artéria passam apenas veículos em carreiras e no curso normal quase todas são externas e podem, fora de aula, frequentar cinemas, jardim público e até mesmo clubes recreativos.

Todas êsses casos que não são exclusivos do Santa Teresa e sim males de caráter geral, influem também na mentalidade do professorado, tornando-o mais indiferente e arrefecendo-lhe o gosto pelo ensino. Confesso de público o meu pecado. Já fui muito mais estudioso e preparei aulas muito melhores do que agora e justamente por falta de qualquer incentivo. Não sei se o mesmo acontece com os outros. Já é tempo, porém, de vermos o reverso da medalha. O que mostrei aos ouvintes não foram êrros e defeitos da classe em particular. Tudo isso é consequência da crise de autoridade que reina no momento e também o colorário natural de reformas e mais reformas do ensino, sem base sólida.



Não sou professor de carreira. Nem sequer nunca li, cabo a rabo, qualquer compêndio de metodologia ou de pedagogia moderna. Dado ao amadorismo de escrever, gosto de observar o que se passa em tórno de mim, embora apresente um aspecto negligente. Mesmo com a miopia que me obrigou a usar óculos desde a idade de 15 anos, vejo quase tudo o que se passa nas aulas. Nunca deixei de notar aquelas rodinhas de recanto de sala, onde falam de tudo exceto da matéria explanada. Mas, às vezes, a gente vê e faz que não vê.

A bonança vai soprar agora depois da tempestadade.

Não tenho mais filhos que possam frequentar aulas primárias, em grupos, escolas ou colégios. Presenteou-me Deus, porém, com netos que são o encanto e alegria de minha vida.

Se os pais dêles me consultassem a quem deveriam entregar a primeira educação dos mesmos, responderia sem hesitação: a uma das componentes da turma de professoras de 1956 do Ginásio Santa Teresa de Jesús. Todas, sem exceção, possuem a vocação natural para o magistério, porque, acima de tudo, têm inato no coração o sentimento do dever. Têm aprimorada formação moral e inteligência realizadora. Se descuidaram nas aulas, decuplicaram-se em esforços nas proximidades dos exames. Muitas vezes, para experimentá-las e para satisfazer minha consciência de professor, um tanto ou quanto relapso, espichei alunas nas provas orais, julgando-as pouco terem aprendido e fui obrigado a dar-lhes notas boas, merecidamente. Quando qualquer dessas professoras formadas, no esplendoroso dia de hoje, defrontar-se com classes de alunos bem expeditos, voltar-se-á atenta para os livros e recordar-se-á das lições aprendidas neste Educandário. Para o cumprimento exato da lição, não faltarão a todas, espírito de inteira dedicação e amor que transborda de seus corações. O amor é a base de todo o apostolado. Foi guiado por êle que S. Paulo, os primeiros apóstolos e discípulos do Mestre Inigualável dos mestres, espargiram a semente da Boa Nova em todos os quadrantes da Terra. Foi pelo Amor que o Cristianismo se mostrou inexpugnável até os dias presentes. Será pelo Amor que o Ódio, hoje disseminado entre os povos e entre as nacionalidades, há de ser vencido mais cedo ou mais tarde.

Animado por êste sentimento puro, que brota do coração, é que cada uma dessas diplomadas do Ginásio Santa Teresa, conquistará o seu mundo. Com êle difundirá luz irradiante no lar, nas



escolas, nos colégios, na sociedade e nas comunidades religiosas, porque diversas jovens desta brilhante turma já trocaram a vida lá de fora pela congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesús.

Aquelas que estão em vésperas do grande momento de construir novo lar, nunca deverão confundir o amor que tudo constrói pela paixão que passa como crepúculo da efêmera lua de mel.

Os defeitos que aponteí dos estudantes, no início desta oração, repito ainda uma vez, não são monopólio da turma que galhardamente conquista agora o justo e o merecido diploma, nem tão pouco das alunas do Santa Teresa.

Neste ambiente bom e amigo convivo há 12 anos.

Nunca, em qualquer momento, aqui ou em excursão de colegiais que acompanhei, com minha esposa, tive ocasião, de, por palavras ou atitudes das alunas, ter motivo de censura, nem de leve, no exemplar comportamento moral de todas. Como em qualquer coletividade, umas são mais vivas e outras mais calmas. Algumas vezes, na sociedade, o sapequismo é confundido com vivacidade. As mais vivas são até as que não sabem esconder os sentimentos, possuindo almas bem simples até, sem vestígio nenhum de complexos.

Não raramente, ao pesquisarmos mais profundidade seu coração, deduziremos que são animadas de virtudes bem acrisoladas.

Pertença ao passado, mas não vivo a época das coisas que já se foram, irrevogavelmente.

Nos momentos tumultuosos modernos, não encaro os fatos com pessimismo. Vivemos épocas de transição. A responsabilidade dos católicos é que é enorme nos dias que passam. Estamos vendo, na tela panorâmica dos acontecimentos históricos atuais, que o materialismo não cria raízes na consciência dos povos, embora anos e mais anos de tirania teimem em implantá-lo. Pode o mundo momentaneamente esquecer Deus, mas após o Calvário virá a Ressurreição. Não há maior ilusão do que pensar-se que os tempos de outrora foram melhores do que hoje. Nem mesmo no ponto de vista moral sucedia isso, os romances dos costumes do século passado fazem corar até fra-de de pedra.

Gardner, que andou no Crato há mais de 100 anos, descreveu a sociedade local de tal maneira, que sua leitura faz logo nos vir o sangue às faces, de tanta vergonha.

Nos tempos passados, lembrados com tantos suspiros por muita gente de cabeça encanecida, raro era o homem que frequentava a Igreja, sendo esta reservada quase que exclusivamente para as mulheres. Nunca houve tanta frequência à Comunhão como acontece presentemente.

A fidelidade ao lar, por parte do homem, era quase inexistente naqueles tempos de antanho. Escândalos também aconteciam, com a Yáyá e a Sinhá de saia balão e anquinhas. Se andavam vestidas de cabeça aos pés, quando frequentavam missas, em casa tiravam os enfeites e ficavam só de cabeção.

Não queiramos curar as mazelas da hora presente, invocando o passado que já se foi. Para nossos males não precisamos de usar tisanas, nem emplastos. Devemos empregar a terapêutica hodierna dos antibióticos.

O homem antigo vivia só para si e para os seus, mais de perto. O de hoje tem que viver mais para a coletividade. Já nos apeámos do burro de cela e do cavalo esquipador e andamos agora, de carro, motor e até em ultra-rápidos e possantes aviões.

Estamos entrosados neste século e temos de cristianizá-lo por métodos já evuluidos. Os Evangelhos foram os únicos ensinamentos que não envelheceram porque emanam de verdades eternas, novas agora, como há dois mil anos, e novíssimas ainda no ano de 2.500 ou 5.000.

Jovens professoras!

Não quis pronunciar esta oração, buscando ensinamentos em livros e empregando palavras arrevesadas. Prefери dar essa última aula, bebendo nas lições da vida cotidiana.

A vocês, caríssimas afilhadas, faço apenas um último pedido e não só em meu nome, como no de todos aquêles que mou-



rejam nesta casa amiga e inesquecível

Não esqueçam nunca o que aprenderam aqui na convivência da Madre Diretora e Superiora, das Irmãs e mesmo dos Professores.

Lembrem-se sempre, pelo decorrer dos tempos afóra, de que receberam o diploma após o retiro espiritual bem feito e que tiveram como patrono o Santo Varão que é o segundo Bispo da Diocese do Crato. Armadas assim, com essa fortaleza inexpugnável da Fé e do Bom Exemplo, receberão vocês nos céus, a perenidade de bençãos que lhes garantirão na vida, os louros da vitória que bem o merecem.

(Discurso pronunciado pelo paraninfo J. de Figueiredo Filho, por ocasião da recepção de diplomas da turma de professorandas de 1956, do Ginásio Santa Teresa de Jesus.)

# CASA GRANDE

O Restaurante da Sociedade Caririense

*SERVIÇO COMPLETO.*

Ambiente agradável situado em ponto dos mais pitorescos da cidade.

**José Ribeiro da Silva**

Rua Cel. Luiz Teixeira, 194

CRATO

—

—

CEARÁ

# Crenças e Mitos dos Aborígenes Sulamericanos

BRUNO DE MENEZES

Da Ass. Bras. de Imprensa e do «Inst. Cult.  
do Cariri».

A revista cratense "A PROVINCIA", n. 3 de 1955, publicou parte de minhas impressões da viagem que fiz em 1922, através do extremo sul de Mato Grosso, cujos extremos limitam-se com a República Argentina às margens do rio Paraná e habitada, por criadores de gado bovino originários da província de Corrientes, daquela nação amiga.

Desejando prolongar as notas anteriores, passo à segunda parte do tema inicial, sobre as crenças e mitos de nossos patrios aborígenes.

A rutilante estrela dalva piscando no espaço etéreo, é conhecida pelos nativos como Yací cuja palavra por eles pronunciada é J'ací (sendo o j quase imperceptível); dizem que ainda adolescente, apaixonara-se pela Lva quando viveu na época em que o astro noturno enfeitiçava os corações jovens e sensíveis embora celestes. Na primavera do mundo, dizem, as estrelas encandescentes possuíam alma, sabiam amar e odiar como simples mortais. Eram seres ardentes e luminosos que, quando o Sol — astro rei — ocultava-se para dormir e sonhar por trás do horizonte, cruzavam a abóbada azul do Céu em busca do amor e da ventura.

J'ací, com a candura de sua juventude, acreditava que o astro lunar era um pálido príncipe vagando melancólico e só, na imensidade do espaço; talvez depois de um sonho de amor, ou por algum desencanto amoroso... Quando a estrela adolescente via despontar na superfície do além o disco prateado, sentia-se feliz; dançava na amplidão com a fragilidade de um floco de neve na transparência do cristal, galopando sobre as nuvens envoltas em nimbo doirados, a mostrar ao amado toda sua graça esplendorosa. Naqueles instantes resplandecendo sua formosura — imensamente bela — tornava-se triste e inquieta. Muitas noites perdia, esperando com ansiedade o príncipe alado, na incontida esperança de vê-lo a saída do livido Senhor noturno, sobre seus ebúrnios fulgores; J'ací, frágil coração cristalino, sentia-



se extasiar de felicidade. Desgraçadamente, nas múltiplas noites o astro desaparecia; buscava-o ofegante na etérea amplidão do espaço. Nesses fugazes encontros, falava-lhe deslumbrada, presa pelos seus raios, atônita e feliz. Até o dealbar da alvorada, conversavam com a mais terna linguagem de namorados, e a proporção que a luz e o calor se aproximavam, transmitiam suas despedidas por intermédio dos fúlgidos fios de algumas estrelas cadentes. Os dois, porém, ansiosos pelo inalcançável — porque a Lua é uma personagem romântica — vivendo de perenes mudanças —, foram pelo Destino condenados a girar eternamente em suas próprias órbitas dando origem assim a separação definitiva.

X X X

Uma noite, a pequenina J'aci, não podendo conter-se da condição de desprezada, resolveu ir em busca de seu amado. Vestira-se com uma das mais resplandescentes indumentárias, descendo à terra envolta em milhares e minúsculas estrelas, atingindo as copas de arvorêdos gigantescos da selva exuberante, estendendo seus braços a fim de prender o astro de sua paixão. Sabia que a Lua mirava sempre em direção à terra, onde os homens e as mulheres sofriam seu mesmo mal de amor e procurou alcançá-la... Uma lágrima, porém, caiu dos olhos do amado, lavou suas faces e a terra se transformou na penumbra de um eclipse, J'aci, precipitando-se na crista de uma nuvem, começou a perambular pelo vácuo mas, êste se tornando frio e pesado, fez cair copiosa chuva; em vista disto, resolveu a pequena estrela subir lentamente ao cume altaneiro de uma montanha à espera de que por ali passasse o pálido e traçoeiro príncipe.

Cruzando o cavaleiro noturno de toraçolada plumagem, mais silencioso e insensível como nunca, com maldoso desdém, passou pela amorosa encandescente, não reparando que a desolada enamorada ali estivesse. Aquêlê adorado, entretanto, tomando rumo diferente, J'aci, humilde como os que amam, decidiu segui-lo, sabedora onde êle se ocultava para além do ocaso, num palácio decorado de oiro e rubís na profundesa do horizonte. Caminhando dias e noites seguidas, encontrou-o finalmente na sua fabulosa morada... Em rápida marcha, só conseguiu vêr o astro lunar ascender impetuoso em direção inversa, enquanto quedava envolvida no espêsso manto da escuridão. De pés sangrando pelas agruras da jornada, J'aci sentiu consumir-se o coração. dada a crepitante chama de seu falhado amor, pois, estavam frustradas todas as suas esperanças.

Com o dealbar da madrugada, observou seu príncipe en-

cantado descendo paulatinamente até o outro lado do mundo, fascinando com as últimas cintilações do arreból, indiferente na distância estrelar a um amor ideal inalcançável; a estrela desesperada pelo insucesso, vagou desnorteada todo o dia, com suas pupilas em braza e a epiderme de nacar orvalhada. Ao anoitecer, inesperadamente, chegou à beira de largo rio, de águas límpidas e sussurrantes, marginadas de palmeiras frondosas, cujas copas ondulavam na fagueira brisa noturna e os salgueiros com seus ramos boiando sobre o colchão das mansas águas, tecendo sonhadas ilhas flutuantes. J'aci, a olhar-se no espelho aquático, vê refletida a imagem querida de seu grande amor... A Lua que brilhava sorrindo diante dela, provocou-lhe naquele instante profunda emoção; nesse momento esquecera todos os dessabores. Correndo sem vacilações, arrojou-se em seus braços, caindo na insondável profundidade das águas.

A massa verde da floresta que acrisolava seu feixe de luz, destruiu e transformou o ambiente em espessa nebulosa onde J'aci veio terminar para sempre sua romântica aventura. A fatalidade, porém, apareceu fria e cruciante, já não era a viajante celeste, mas um coração humano transformado em cinzas. Todavia, Tupan, deus da ilusão guarani, sábio por excelência, tão antigo como o mundo e muito mais forte que o frágil coração dos homens, transfigurou a realidade em eterno sonho. Outra luz deu à estrela que, desiludida, precipitou-se nas correntezas do Paraná, dando ao rio o belo colorido, símbolo significativo do amor florescente entre a terra e o encanto dos astros etérios — o URUÊ.

Como se vê, essa lenda mostra aos civilizados que os aborígenes sulamericanos possuem características dos sentimentos humanos e arguta inteligência. Observadores dos fatos dessa natureza, concluíram que, quando a Lua, em sua plenitude, ilumina as águas do Rio Paraná, só nessa época vem a florescer o Urupê.

Rio, 25 de dezembro de 1956.

---

AOS NOSSOS COLABORADORES. Doravante, só publicamos trabalhos datilografados, corretamente escritos e em duplo espaço. A DIREÇÃO.



# Armarinho S. José

Consertos de Canetas

Perfumaria,

Bijouteria e

Miudezas.

## CYSNE HOTEL

Moderníssimo e bem aparelhado hotel em ponto central da cidade. Confortáveis instalações. Tratamento de primeira ordem. Ambiente inteiramente familiar. Prédio edificdo sob as mais rigorosas condições de hygiene

PREÇOS MÓDICOS.

PROPRIEDADE DE

ARISTIDES CYSNE

Rua José Carvalho, vizinho á PRAÇA onde se instala o POSTO REGENTE.

C R A T O

- -

C E A R A'

# 288 Días a Serviço

## da Coluna Prestes

Otacílio Anselmo e Silva



WALDEMAR DE PAULA LIMA,  
ao tempo de sargento no 46° B. C.

fraticida, conquanto sua ação tenha sido relativamente curta, pois morreu prematuramente, destaca-se a figura de WALDEMAR DE PAULA LIMA, um dos mais abnegados lidadores do chamado movimento «tenentista».

A série de levantes militares iniciada em 1922 e terminada triunfalmente em 1930, foi pródiga de episódios nos quais a bravura do soldado brasileiro esteve à altura da sua tradição histórica.

COPACABANA, CATANLUVAS e a COLUNA PRESTES, para citar apenas três fatos daquele ciclo de rebeliões, são marcos imperecíveis do maior movimento revolucionário no Brasil, em cujo transcurso a mocidade do Exército deu a mais cara contribuição de sacrifício.

Entre aquêles que tomaram na luta

Waldemar de Paula Lima, segundo dos onze filhos de Manuel Pereira Lima e D. Francisca de Paula Lima, nasceu no dia 20 de março de 1900, no antigo povoado de Maracanaú,



atual distrito de Maranguape.

Fez seus estudos secundários no Instituto São Luís, de Pacoti, no quinquênio 1913-17, ao fim do qual se incorporou no 46º Batalhão de Caçadores, origem do atual 23º B. C.

A passagem de Waldemar por aquela extinta unidade é um atestado de seus atributos de inteligência, cultura e probidade, pois, em sucessivos e brilhantes concursos, conquistou em pouco tempo as divisas de 1º sargento, impondo-se à consideração de seus superiores e à estima dos colegas. De suas atividades no 46º B. C., ainda hoje dois fatos permanecem na memória de seus contemporâneos: o curso que organizou e dirigiu para os sargentos, constituído de Português, Matemática e Geografia, e a figura que fez numa belonave inglesa, no ancoradouro de Fortaleza, após a Primeira Guerra Mundial, como intérprete do Comandante e da oficialidade do Batalhão.

Homem de preparo acima da graduação, com domínio sobre o inglês, espanhol, francês e alemão, Waldemar transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1920, à procura de horizontes mais amplos. Não teve, porém, oportunidade. Contudo, matriculou-se no Curso de Aperfeiçoamento da Instrução de Infantaria, fundado em 1917 e que se transformou na famosa Escola de Sargentos.

x x x

Concluído o curso no fim daquele ano, Waldemar ingressou no Quadro de Instrutores, recém-fundado, indo assumir as funções de instrutor do Tiro de Guerra de Pitangueiras, no Estado de São Paulo.

De sua permanência naquela cidade paulista nada ficou conhecido, com exceção do noivado desfeito pela causa revolucionária. Está claro que êle não se interessara pelos acontecimentos desenrolados no Rio, a 5 de julho de 1922. Por outro lado, confinado numa cidade do interior, é provável haver ficado à margem da pertinaz articulação—promovida pelo bravo capitão Joaquim Távora, entre os oficiais e sargentos em serviço nos corpos de tropa da 2ª Região Militar, não tendo, realmente, tomado parte no levante ocorrido na capital paulista, sob a chefia do general Isidoro Dias Lopes, no 5 de julho de 1924.

Com efeito, o nome de Waldemar só começa a aparecer

na crônica revolucionária em data posterior à retirada dos revoltosos para os sertões do Paraná, aí por volta de outubro, participando de uma conspiração com o dr. Lourenço Moreira Lima, que se achava recolhido à Cadeia Pública de São Paulo.

Aquela conjuração, cujo fim era apoiar um possível avanço sobre São Paulo das forças de Isidoro Lopes reunidas às de Carlos Prestes, fracassou totalmente. Foi nesse transe, no limiar de 1925, que Waldemar resolveu desertar. E aí está o seu maior mérito; porquanto abandonou o seu tiro de guerra para se juntar à uma revolução destrocada.

Tal gesto, entretanto, não foi inédito no decorrer do movimento. Antes de Waldemar, os atuais generais Oswaldo Cordeiro de Faria e Nelson de Melo haviam abandonado suas guarnições para aderir à revolução já fracassada; o primeiro em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e o segundo em Caçapava, no Estado de São Paulo.

x x x

Nesta tentativa de levantamento de Waldemar de Paula Lima, fomos reencontrá-lo entre uns oficiais e sargentos do Exército refugiados na cidade paraguaia de Pero Juan Caballero, nos primeiros dias de maio de 1925.

Aquela data assinala a primeira ação propriamente revolucionária de Waldemar. Ponta Porã, cuja guarnição fugira com a aproximação do Destacamento João Alberto, estava sendo saqueada pela população daquela vizinha cidade paraguaia, com a conivência das autoridades civis brasileiras. Waldemar e seus companheiros, porém, ocuparam Ponta Porã e evitaram que o saque iniciado no quartel abandonado se estendesse ao comércio e casas residenciais, de vez que os habitantes haviam fugido dos seus lares.

No Boletim n. 11 da 1.<sup>a</sup> Divisão Revolucionária, foi transcrita uma ata relativa àquela ocupação, datada de 9-5-1925, da qual foi escrivão Waldemar de Paula Lima.

No dia 11 de maio, com a chegada do Q. G. Revolucionário a Ponta Porã, Waldemar de Paula Lima incorporou-se à "Coluna Prestes", galgando o posto de 1.<sup>o</sup> tenente e, posteriormente, o de capitão.

A respeito de promoções nas forças revolucionárias, trans-



crevemos, "data venia", o testemunho pessoal do escritor Nelson Tabajara de Oliveira, autor da magnífica obra "1924 — A Revolução de Isidoro":

"É preciso dizer que a revolução era mais rigorosa e parca no fazer oficiais que o próprio govêrno, pois enquanto na "Coluna" só os sargentos que realmente se destacassem mereciam o posto de 2.º tenente, nas forças leg-ís bastava a sabujice e a adulação. Uma revolução que contava com raros militares de carreira, negou oficialato a velhos sargentos de boa tarimba porque os mesmos não buscavam as posições de vanguarda."

x x x

Ao chegar a Coluna na Fazenda Leopoldo, ainda em Mato Grosso, no término dos duros combates travados naquele Estado, Waldemar foi escolhido para importante missão reservada no Rio de Janeiro. Tratar-se-ia de uma articulação dos chefes da "Coluna" com o dr. Pedro Ernesto e remanescentes da frustrada "Conspiração Protógenes".

Em caminho do Rio, foi atacado e prêso por uma força policial de Minas Gerais. O seu ordenança, soldado João Vicente, abandonou-o, fugindo na hora da refrega. Não obstante prisioneiro, Waldemar pôde conservar ocultamente um revólver, com o qual abateu os dois policiais que o escoltavam para a prisão.

Do Rio, onde cumpriu a missão, dirigiu uma carta aos pais, cujo portador foi o sargento João Marçal de Oliveira, seu contemporâneo no 46.º B. C.

De volta ao encontro da "Coluna", fugindo sempre à espionagem policial, Waldemar interrompeu sua viagem no Recife. Ali tomou contacto com o 1.º tenente Cleto da Costa Campelo Filho, e com êle articulou um movimento para ser deflagrado simultaneamente na Paraíba e Recife, na passagem dos revoltosos pelos respectivos Estados. Da capital pernambucana conduziu uma carta de Cleto para o gen. Miguel Costa, vindo então acompanhado de Josias Carneiro Leão, o qual, anos depois, foi, seguidamente, redator do "Jornal do Brasil" e companheiro do malogrado Siqueira Campos na preparação do movimento de

1930, em São Paulo.

Chegado ao Ceará, Waldemar demorou cinco dias em Maracanaú, onde se avistou confidencialmente com o atual senador Fernandes Távora. Não fôsse a amizade do então Chefe de Polícia, dr. José Pires de Carvalho, a seu pai, êle e Josias teriam ido à prisão naquela oportunidade.

Afinal, depois de uma penosa e arriscada peregrinação através dos sertões do Ceará, o intrépido Waldemar Lima reuniu-se à "Coluna", exatamente a 27 de dezembro, na cidade piauiense de Floriano, retomando o seu lugar de combatente nos furiosos ataques em tórno de Teresina.

x x x

Nos últimos dias de marcha da Divisão Revolucionária em território do Piauí, golpeada pelo aprisionamento do seu subchefe de E. M., coronel Juarez Távora, uma nova missão foi confiada a Waldemar. E no dia 9 de janeiro de 1926, pela manhã, na vila de Prata, êle partiu para Pernambuco acompanhado de Josias Leão e capitão Filó, devendo entrar em ligação com os revolucionários do Ceará e fazer entrega a Cleto Campelo das instruções de Prestes para o movimento combinado. Cleto, conforme prometera, faria o levante no Recife, mandando os tenentes Lourival Serôa da Mota e Aristóteles de Souza Dantas e o ex-cadete Plínio de Araújo Coriolano apossarem-se da capital da Paraíba. Em caso de insucesso—rezavam as instruções—Cleto deveria marchar para o interior, tendo como ponto de direção afastado a cidade de Triunfo, onde a "Coluna" chegaria entre os dias 12 e 15 de fevereiro.

Na sua caminhada para Recife, Waldemar chegou a Cariús no dia 24 de janeiro, e dali na mesma data, escreveu uma carta ao general Miguel Costa.

Essa carta, que é uma espécie de relatório ao Q. G. Revolucionário, é o único documento até aqui conhecido do bravo e dedicado idealista, cujo texto, vasado em linguagem simples e moderada, retrata fielmente o belo caráter do herói tranquilo que era Waldemar de Paula Lima. Por isso—e sobretudo pelo seu sabor histórico — passamos a transcrevê-la.



*Exmo. Sr. General Miguel Costa.*

*Respeitosas saudações.*

Após uma viagem mais demorada do que esperávamos, conseguimos, eu e o Leão, chegar finalmente hoje a Cariús.

As pressas e, portanto, de um modo sucinto, passo a relatar o motivo de tal demora e a situação atual das coisas em relação à nossa sacrossanta causa.

Com direção ao lugar denominado Cabaceira, junto à vila de Patrocínio, partimos os três de Valença, no dia 11 do corrente. Em Guaribas, por haverem cansado os nossos animais, resolvemos continuar a nossa marcha a pé e assim conseguimos, sem novidades, atingir Cabaceira no dia 16. Nessa travessia de 25 léguas, porém, a nossa passagem despertou suspeitas dos moradores que logo se comunicaram com as autoridades de Patrocínio (Pio IX) as quais, por sua vez, trataram de nos prender. Assim é que, na manhã seguinte, ainda em Cabaceira, foi efetuada a nossa prisão e nós remetidos para Pio IX, onde, com o auxílio inesperado de um amigo dedicado, foi facilitada a nossa fuga que se realizou na madrugada de 18.

Perseguidos embora por gente do Govêrno, conseguimos chegar a Gurgueia onde estivemos escondidos no mato cerca de quatro dias, não só pelo motivo de estarem as estradas ocupadas pelos jagunços do Floro e andarem ao nosso encalço, como também por ter sido o Philó acometido de uma febre violentíssima que o deixou inteiramente prostrado. Infelizmente, forçados pela urgência que tínhamos de chegar, combinamos que êle não devia prosseguir, ficando entregue aos cuidados de uma família amiga. E sem mais novidades aqui estamos sãos e salvos.

Passemos agora ao desempenho de minha missão. Como naturalmente já deve ter sabido, êste Estado está debaixo do sítio e o Govêrno tomou uma sé-

rie de medidas que impossibilita atualmente a ação descoberta dos nossos amigos.

Contra os dois irmãos Távora existe ordem de prisão, motivo pelo qual eles se acham foragidos e eu na impossibilidade de ter com eles um entendimento. O nosso amigo José Carlos, aparentemente legalista, está procurando captar a confiança do Governo com o fim de, no momento da chegada da nossa coluna por esta zona, agir com maiores vantagens para a nossa causa. Ele tem já 100 homens «à disposição do governo», de acôrdo com as instruções que antes havia recebido do Távora, e os quais devem ficar bem armados, municiados, etc.

Guarnecendo a zona sul do Estado, só existem paisanos fardados, agora. O Floro está com cêrca de 500 homens em Campos Sales. Juazeiro é o único lugar em que o Governo tem confiança para o depósito de munição que é abundante.

O Floro prometeu pôr 5.000 homens em armas, mas até agora ainda não conseguiu 600, os quais são os que estão em Campos Sales.

Aquí em Cariús existe um contingentezinho de 108 praças pagas a 3\$500. Em Iguatu existem 300 e, entre Quixeramobim e Senador Pompeu, temendo o Cel João Alberto, estão guarnecendo a Est. de Ferro cêrca de 500 homens, no máximo, e que estão apavorados. A opinião do nosso amigo daqui é que uma surra no Floro, lá em Campos Sales, com a respectiva perseguição, é uma debandada quase que decisiva aquí para o Ceará.

O major Polydoro Coelho, com o 11º B. C., retirou-se para Fortaleza, dizem, por ter entrado em desavença com o Floro.

Em vista do que acima fica exposto, sigo com o Leão, pois, penso, com ele serei mais útil à nossa causa.

Cariús, 24 do janeiro de 1926.

WALDEMAR



P. S. O 23º B. C. chegou à Fortaleza, de regresso do Maranhão. Está havendo uma concentração de «patriotas» em Fortaleza, que eles esperam ser o nosso objetivo. Estão trabalhando extraordinariamente na defesa da cidade, que está a cargo de engenheiros civis.

O "amigo daqui" aludido por Waldemar, é o ex-deputado estadual Mário da Silva Leal, em cujos domínios se ocultaram os dois emissários. Filó, que havia ficado enfermo em Pio IX, foi alcançado pela "Coluna" naquele mesmo local, a 22 de janeiro. E quanto a LUIS CARLOS, só deve ser o cearense Alfredo Sobreira, o qual, à frente de 30 voluntários, procurou reunir-se aos revoltosos em Piancó, ignorando o que ali havia ocorrido.

Os rapazes foram fuzilados pela policia paraibana. Sobreira, levado para o cemiterio, a fim de ser morto, conseguiu escapar comprando por 500\$000 o sicário que fôra encarregado de matá-lo. Apesar disso, Alfredo Sobreira ainda conseguiu alcançar a "Coluna", em meados de julho, na Fazenda Realidade, Piauí, acompanhado de 5 homens, todos mortos depois em ação, segundo Lourenço Moreira Lima.

Não obstante as animadoras perspectivas que ressaltam da carta de Waldemar, mais uma vez a adversidade se voltava contra os designios da revolução. Ao passar a "Coluna" pelo território cearense, ao tempo em que Waldemar se desincumbia de sua missão no Recife, desertou o deputado estadual de Goiás Raimundo Nonato Batista Santos, que se havia incorporado à mesma em Floriano. Esse trãnsfuga, que o autor conheceu num dos xadrezes do quartel da Policia Militar, em Fortaleza, denunciou às autoridades do Ceará os planos elaborados para o movimento de Cleto Campelo.

x x x

Chegado ao Recife, Waldemar retomou contacto com Cleto Campelo, e ambos concertaram o plano de ação.

À capital paraibana, onde Cleto contava com elementos da Policia e do Corpo de Bombeiros, foram enviados os tenentes Serôa da Mota e Souza Dantas, o ex-cadete Plínio Coriolano e alguns ex-marinheiros. Conduziam pistolas e bombas de dinamite, material adquirido com dinheiro enviado pelo comando da Divisão Revolucionária.

Na véspera do levante, porém, vítimas de uma traição, Se-



rôa e seus companheiros foram cercados pela Policia. Depois de uma resistência de duas horas, esgotada a munição, os sitiados foram presos.

Em face das desalentadoras notícias da Paraíba. Cleto e Waldemar resolveram deflagrar o movimento no Recife, já que a Policia estava de sobreaviso. Contava Cleto com diversos sargentos do 21.º B. C. e a adesão de alguns elementos civis. Entretanto, ao se aproximar a hora de erguerem o 21, este entrou em rigorosa prontidão, por motivo de uma denúncia levada ao coronel Toscano de Brito, Comandante da Região. Vários sargentos foram então presos. Por sua vez, o comando da Policia recolheu à prisão alguns oficiais, cujas simpatias pela revolução eram conhecidas. As medidas policiaes se estenderam ao meio civil, de cujo setor muitos elementos abandonaram seus lares, a fim de escapar à prisão.

"Este fracasso—são palavras do atual Ministro Josias Carneiro Leão—trouxe a Cleto momentos amargos de desespero. Se não desanimou é porque tinha um espirito forte, privilegiado. É porque tinha também, a seu lado, a tenacidade, a vontade firme, a confiança e a abnegação de Waldemar de Paula Lima. E continua: Waldemar de Paula Lima era um desses homens raros, que vieram ao mundo para sacrificar-se pelos demais. Tinha vinte e poucos anos e possuía uma bela inteligência. Sargento do Quadro de Instrutores, abandonara o seu tiro, em São Paulo, para acompanhar a revolução. Não o fizera apenas por diletantismo, ou por uma questão de entusiasmo próprio da mocidade. Querendo um bem doído à sua familia, noivo na mesma cidade em que instruía os seus soldados, pensou muito Waldemar antes de dar o passo que o havia de atirar, posteriormente, entre os verdadeiros heróis da história nacional".

Foi diante de tão negra situação que Cleto e Waldemar resolveram cumprir as ordens de Miguel Costa e Prestes.

Privados do concurso dos sargentos do 21º B. C., abandonaram Recife na madrugada de 18 de fevereiro, e, acompanhados de dois ex-marinheiros e sete populares, assaltaram o posto policial de Jaboatão. Dominada a cidade, apoderaram-se de um trem e rumaram para o interior, já com o grupo aumentado de alguns adesistas.

A proeza de Jaboatão foi sendo repetida em cada estação.

Por volta de meio—dia, atingiram Vitória de Santo Antão,



onde realizaram um comício e almoçaram.

Ao deixarem Vitória, duas horas depois, já comandavam uns sessenta homens, dos quais apenas metade conduzia armas.

A pequena coluna progrediu livremente até Gravatá, cujo destacamento de 15 policiais se entrincheirara sob a proteção das grossas paredes da cadeia, verdadeiro baluarte situado numa elevação.

Tendo feito parar o trem a alguns metros da estação, Cleto pôs-se à frente de oito ou dez homens e avançou resolutamente de fuzil à mão, enquanto Waldemar lhe cobria os flancos e a retaguarda.

Logo aos primeiros disparos, Cleto caiu mortalmente ferido. Sobreveio o pânico e o grupo debandou. Contudo, Waldemar conseguiu impor disciplina à uma dúzia de seus comandados. E com eles tomou o rumo de Taquaritinga do Norte, na esperança de unir-se à «Coluna».

A esse tempo, numerosos policiais e bandos de mercenários se movimentavam no seu encalço.

Quanto à «Coluna», àquela hora, batia-se bravamente nos sertões do Pajeú, forçando passagem para o «São Francisco», ao passo que o major Ary Salgado Freire vasculhava a região Buique—Pesqueira—Garanhus, em busca de Cleto, cujo desastre só lhe chegaria ao conhecimento em terras da Bahia, através dos jornais de Salvador.

Dispondo apenas de animais para a metade dos seus homens, Waldemar não pôde movimentar-se com a rapididade necessária.

Dêsse modo, às 9 horas do dia 22, ao se aproximar do lugar Topada, Waldemar foi surpreendido por um forte tiroteio, sendo derrubado da montada por uma bala que lhe atingiu a côxa. A seu lado, caíram também o operário João de Barros e outro companheiro. Os restantes, sem comando, desorientados, abandonaram a luta, fugindo.

Acercou-se, então, do capitão moribundo o autor da armadilha, um execrável sargento de polícia, de nome José Joaquim, acompanhado dos demais sicários, gente do régulo sertanejo Chi-

co Heráclito.

O que se passou a seguir, foi rápido, aterrador, indescritível.

Josias Carneiro Leão, que lhe fez um sentido necrológico, afirma que Waldemar "portou-se como herói. Nem uma palavra de arrependimento, de covardia. Apenas, quando o bárbaro que o sangrou se postou sobre ele, tendo na mão a faca afiada, terrível, Waldemar, cobrindo os olhos com as mãos, exclamou: QUE DESGRAÇA ! »

O mesmo destino tiveram os seus dois companheiros.

Terminada a chacina e despojado Waldemar de todo o dinheiro e objetos que possuía, o bando sanguinário conduziu os cadáveres à sede do município, e ali, num requinte de selvageria, deu-lhes por sepultura uma cova comum.

A assim terminou a vida heróica de Waldemar de Paula Lima, numa revivescência das tragédias de Santa Rosa e Campo Orório.

Naqueles tempos, a gloriosa terra de Nabuco gemia sob a tirania de Sérgio Loreto, um ex-juiz de "mentalidade de cimento armado", na feliz expressão do mestre Joaquim Pimenta.

É curioso que naquelas mesmas terras de Taquaritinga, dōze anos antes do degolamento de Waldemar Lima, o bandido Antônio Silvino tenha escapado ao fuzilamento quando caiu às mãos da Polícia em condições semelhantes.

Justifica-se o contraste pelo fato de se achar à frente do governo pernambucano em 1914, a figura impoluta do general Dantas Barreto, o qual, num gesto de rara dignidade, meteu na cadeia os autores da morte do seu opositor jornalista Trajano Chacon, de cujo grupo fazia parte o então capitão João Nunes, sob cujo comando estava a P. M. de Pernambuco por ocasião do trucidamento de Waldemar e seus companheiros.

Mas, idéia combatida é idéia vitoriosa, já dizia Monteiro Lobato, a cujo raciocínio ajuntamos o pensamento do sociólogo Abelardo Montenegro:

"O tempo é que é o pai dos prodígios ou o grande mi-



lagreiro. Aquilo que era condenado, repellido, escorraçado, perseguido, ridicularizado e odiado, acaba de se impor e dominar”.

Foi o que ocorreu quatro anos e meio depois do trucidamento de Waldemar. De resto, foram homens como êle—os guerreiros da «Coluna—que prepararam a epopéia de 30.

Hoje, em sua memória, por iniciativa do deputado pernambucano Oswaldo Lima, ergue-se um modesto mas expressivo monumento no mesmo local onde tombou o herói, a cerca de 500 metros do antigo povoado de Topada, que passou a se denominar Waldemar Lima,

O seu nome também está gravado em placas de rua no Recife e Olinda, no Bairro do Ipanema, no Rio de Janeiro, em Maranguape e, como era natural, na terra onde nasceu—Maracanaú, numa afirmação de que o ideal pelo qual se sacrificou ainda não morreu.

x x x

## N O T A

Na elaboração do presente trabalho foram consultadas as seguintes obras e pessoas:

“A Coluna Prestes”, de Lourenço Moreira Lima.

“À Guisa de Depoimento Sobre a Revolução Brasileira de 1924”, de Juarez Távora.

“Retalhos do Passado”, de Joaquim Pimenta.

“Recife Sangrento”, de Oscar Melo.

“Memórias de um Revolucionário”, de João Alberto Lins de Barros.

“1924—A Revolução de Isidoro”, de Nelson Tabajara de Oliveira.

Reportagem de Josias Carneiro Leão, publicada em “A Manhã”, do Rio de Janeiro, edição de 2-2-1927.

Sub-tenente João Marçal de Oliveira e primeiros tenentes Raimundo e Mário de Paula Lima, do Exército e da Marinha, respectivamente, irmãos de Waldemar de Paula Lima.

# Augusto dos Anjos

---

*Pedro Gomes de Matos*

Não foi Augusto dos Anjos o trivial poeta do amor e da saudade.

A sua lira, amarguradamente triste, foi um grito agudo de dor e desespero perdido na noite imensa de sua imensa agonia.

Percebeu cedo, o desconsolado vate paraibano, a quem a mão impiedosa do destino roubou antecipadamente as flores benfazejas da fantasia e da ilusão, que "o existir é padecer, o pensar descrever, o experimentar enganar-se, e a esperança nas cousas da vida uma cruel mentira dos nossos desejos, um fumo ténue que ondeia em horizonte aquém do qual está assentada a sepultura".

Augusto dos Anjos teve da vida a mais profunda e dolorosa impressão. Sentiu-a na frieza augusta do martírio, na eloquência soleníssima da dor.

Na sua alma torturada, não se refletia de certo essa tristeza indefinida e vaga dos nossos sonhadores, êsse lamento de cousas que passaram

" . . . num dia assim ! de um sol assim ! "

Não. Era triste porque à sua tristeza, à tristeza racial da alma brasileira, vinha-se juntar a tristeza de algo imorredoiro, de algo que era a própria e infinita amargura da existência.

Vejam os :

"O homem por sôbre quem caiu a praga  
Da tristeza do mundo, o homem que é triste  
Para todos os séculos existe  
E nunca mais o seu pesar se apaga !

Não crê em nada, pois nada há que traga  
Consôlo à Mágoa, a que só êle assiste,  
Quer resistir, e quanto mais resiste  
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a cbaga.



Sabe que sofre, mas o que não sabe  
 E' que essa mágoa infinda assim não cabe  
 Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;  
 E quando êsse homem se transforma em verme,  
 É essa mágoa que o acompanha ainda!"

Prêso à rocha do sofrimento, devorado pelo abutre insaciável da Dúvida, numa constante preocupação com os transcendentes mistérios da existência, a vida dêsse Prometeu foi um ocaso sem aurora, um gemido sem consôlo, numa noite sem estrelas.

Para êle, como para Schopenhauer e Voltaire, a felicidade não era mais que um sonho, uma quimera, refletindo no caleidoscópico da vida a imagem da Desilusão e da Dor!

No Calvário porém de sua agonia, Augusto foi feliz, feliz porque encontrou com Cristo, na magnificência da Dor, a cruz da Redenção!

# POSTO

*Nossa Senhora Aparecida*

**CHAGAS BEZERRA**

FONE : 20-80

Telegr.: - CHAESSO

Rua Almirante Alexandrino, S/N

CRATO

— —

CEARA'

# Bibliografia, Notas e Comentários

## “Apostolado do Embuste”

Como sabem nossos leitores, o título supra é o de um trabalho com o qual esta revista abriu seu segundo número. Devêmo-lo à pena de nosso colaborador padre Antônio Gomes de Araújo. Do documentário referente à crítica, que então se manifestou, passamos, para nossas páginas, o que nos parece oportuno.

De Bruno de Menezes, cratense, residente no Rio, nosso colaborador, fundador da «Gazetilha» e “Gazeta do Cariri”, e autor das biografias “Irineu Pinheiro” e “José Alves de Figueiredo”.

“O Apostolado do Embuste” esclarece, definitivamente, a verdade histórica com uma documentação arrasadora, pondo a nu, o ridículo movimento religioso tendente a desmoralizar a Igreja Católica, impondo a santidade de Maria de Araújo.

Ao regressar de Recife em 1910, travei relações com o dr. Raul Carvalho, então Juiz de direito da comarca de Crato. Acompanhando-o na abertura do sobrado em que residia o professor José Marrocos, fui uma das testemunhas do encontro dos profanos panos roubados da Matriz de Crato. Estavam numa caixa de madeira enegrecida pelo tempo. Pelo tempo corrompidos, apresentavam manchas esmaecidas. Não eram conservados por piedosa devoção, mas por zêlo inconfessável, dado o descaso em que se encontravam, pois a caixa jazia largada sob uma pilha de jornais velhos: “A República”, de Fortaleza; “Jornal do Comércio”, do Rio; “Jornal Cariri”, de Barbalha, editado em 1904 por Soriano de Albuquerque e o próprio professor José Marrocos; muitos opúsculos, revistas, etc. etc.

Quando cursava a escola primária da saudosa d. Rosa



Brígido, aprendi, como outros colegas meus, a acolitar a missa do padre Severino de Vasconcelos (1).

Dados o respeito e a estima que lhe devotava, distinguia-me sobremaneira.

Do contato com êsse santo sacerdote, cheguei ao conhecimento do abuso praticado pelo professor José Marrocos, impressão que se me fixou no espírito.

Em junho de 1909, eu acompanhava o dito padre Severiano à Capela de S. Vicente, para acolitá-lo na celebração da Missa. Observei que, estando o professor José Marrocos sentado à porta de seu sobrado, o sacerdote não o saudou ao passarmos, o que contrariava seus hábitos de boas maneiras no trato social. Manifestei-lhe minha estranheza. O sacerdote respondeu: "Não cumprimento sacrilegos!".

Só mais tarde compreendi o sentido daquelas duras palavras.

Deus perdoei ao professor José Marrocos!

Depois dêsse último episódio, o padre Severiano foi ter à residência de minha mãe adotiva, minha própria avó, da qual, era amigo, e falou-lhe, nestes têrmos: "Seu menino é curioso e aguçado. Perguntou-me ante-ontem, por que não saudei o professor Marrocos. Ora, a senhora sabe o por quê.

É um diabo em carne e osso".

A versão de que o cel. Antônio Luiz entregou os citados panos ao Padre Cícero em troca da adesão dêste à Oligarquia Aciolina, ninguém poderá desmentir.

A história do Cariri deve a V. Rvma. padre Antônio Gomes, o levantamento do véu da monstruosidade consentida e alimentada pelo Padre Cícero, aliás meu parente.

---

(1) NOTA DA REDAÇÃO: O Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos foi uma das glórias autênticas do clero cearense. Falou em odor de santidade quando capelão, voluntário do Leprozário de Canafistula, neste Estado. Funcionou como professor do Seminário de Crato e coadjutor desta Freguesia.

Palman ferat qui meruit

BRUNO MENEZES"

Cônego Américo Maia, vigário da Sé-Catedral de Cajazeiras, Pa., no "Correio do Sertão," 1956.

"O Pe. Antônio Gomes publicou "Apostolado do Embuste", em que, com documentos irrefutáveis, argumentos elevados, traz a público, os embustes de um espertalhão—José Marrocos—no agitado caso de uma beata que lhe servia de cobaia para o culto da superstição".

Do dr. Paulo Elpidio, pai do sociólogo Djacir Menezes, professor da Universidade do Brasil:

"O trabalho do padre Antônio Gomes, de valor inconteste, pela argumentação que o instrui, escavacou José Marrocos e a Beata Santa, de modo a não deixar brecha para seu adversário entrar de novo em ação".

(Em o "Diário do Povo", Fort.—Ce. 25-4-56).

Padre Artur Costa, ágil crítico de "A Cruz", semanário católico, que se edita no Distrito Federal:

"O padre Antônio Gomes de Araújo manda-me de Crato, no Ceará, um folheto de sua autoria, com o título "Apostolado do Embuste". Trata-se duma resposta às críticas feitas à sua monografia—Um Civilizador do Cariri-pelo autor do opúsculo—"Em defesa de um Abolicionista".

O abolicionista é um tal José Morrocos, professor e jornalista, que, depois de exercer suas atividades na imprensa do Rio, serviu, também, durante anos, à instrução de sua terra. É de estranhar que um homem assim dotado, se fizesse cúmplice de Maria de Araújo nos pretensos milagres do Juazeiro. Pois foi precisamente o que aconteceu, segundo a farta documentação em que se apoia o autor de "Apostolado do Embuste". José Marrocos não passou mesmo de um embusteiro" ("A Cruz", Rio, 13, 5, 56).

O Cronista Ulisses Viana, em crônica no "Jornal do Comercio", Recife-Pernambuco-1956:



"Apostolado do Embuste" representa a integridade moral de seu autor, que penetrou nos acontecimentos com decisão e destemor.

O caminho percorrido por José Marrocos foi pesquisado com sobriedade.

A obra do padre Antônio Gomes, construída sob trabalho exaustivo, deveria ser disseminada pelo Brasil para esclarecimento das massas incautas. ("Jornal do Comércio", Recife, 13:9.56).

Mons. Antônio Feitosa, escrívio das virtudes sacerdotais, flôr da cultura do clero cearense e autor, vitorioso, de "Violeta de Lisieux":

"Quanto à atuação de José Marrocos no famoso caso do Juazeiro, tenho juízo formado e não vejo possibilidade de modificá-lo. E mais firmado estou neste juízo, depois da leitura de "Apostolado do Embuste".

Sempre tive por certo, e agora por mais, que José Marrocos, em face da verdade, não foi sincero, e, em face das autoridades da Igreja, foi indisciplinado e atrevido". (Duma carta ao autor de "Apostolado do Embuste").

Bacharel Francisco de Assis Ferreira, da Ação Católica, de Fortaleza, e consultor jurídico da Rêde Viação Cearense:

«Apostolado do Embuste» apoia-se na exuberância das provas, fluência de "linguagem e estilo trepidante». (Duma carta ao padre Antônio Gomes).

Do padre Misael Alves de Sousa, ilustre membro do clero de Limoeiro do Norte, ao padre Antônio Gomes:

«Estou muito satisfeito com seu alentado trabalho. Os estudiosos, que vierem depois, encontrarão êsse precioso subsídio com marcas de suor de um incansável perquiridor da verdade».

Capitão do Exército Nacional, Otacilio Anselmo e Silva, intelectual e autor de—"Esbôço Histórico do Município de Brejo Santo":

«Padre Antônio Gomes de Araújo, um dos mais ativos e

festejados intelectuais do Ceará, decano dos professores do Colégio Diocesano (de Crato), historiador implacável e honesto em cujo nome dever-se-ia justapor o binômio Cultura-Bravura. Seu último livro—"Apostolado do Embuste"—abalou pelos alicerces a bastilha edificada pelos "milagres" de Maria de Araújo e recebeu o mais franco elogio da crítica independente". (Em "O Povo", de Fortaleza, 25.10.56).

Do padre Antônio R. Carneiro, pároco de Viçosa, Diocese de Sobral:

"Padre Antônio Gomes: Acuso e, com prazer agradeço, o recebimento do opúsculo de sua autoria, "Apostolado do Embuste", cuja publicação veio trazer luzes, sobretudo para os pósteros, sobre o famoso caso do Padre Cícero. Fazendo votos por que tenha contínuos êxitos em seus oportunos trabalhos de pesquisas históricas, tenho a honra de subscrever-me.

Padre Antônio Regina Carneiro."

De Manuel Amora, do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras:

"Prezado Padre Gomes: Recebi e agradeço ao erudito historiador a oferta de "Apostolado do Embuste". Meus cumprimentos pelo lançamento à publicidade dêsse importante trabalho—Manuel Amora".

De Câmara Cascudo, o mestre da literatura folclórica nacional:

"Padre Antônio Gomes: Com todos os agradecimentos de Câmara Cascudo pelo irresponsível "Apostolado do Embuste," gentilmente enviado".

Do renomado causídico cratense, dr. Raimundo Borges ao padre Antônio Gomes:

"Agradeço a oferta do seu valente "Apostolado do Embuste". É um libelo sisudo, convincente e honesto, sobretudo porque ilumina os fatos de que cogita à luz de farta e irresponsível documentação".

Jéser de Oliveira, médico e jornalista cratense :

"Padre Gomes: Recebi e li o seu livro, "Apostolado do



Embuste", oportuno e necessário e que representa importante subsídio histórico para os que escrevem e narram a vida dessa maravilhosa região dos Cariris".

Dr. Otacílio de Macêdo, médico, intelectual, jornalista e ex-diretor da "Gazeta do Cariri":

"Padre Gomes: Depois da leitura de seu trabalho, autenticado por uma documentação sisuda, firme e esgotante, foi que pude avaliar, a porcentagem do desconhecido que o tema me desafiava.

Se já admirava o autor de "Apostolado" pelo ângulo construtor de pesquisador benemérito dos fatos regionais de nossa formação social, agora redobre o meu aplauso diante do demolidor de ídolos de pés de barro.

O APOSTOLADO está firmado em raízes que se agarraram ao granito da verdade.

Os fatos verificados em Juazeiro, na última década do século passado, esperavam até hoje, o cronista que lhe perfilasse os contornos e recobrisse a tela histórica que se ia desgastando na poeira do tempo. No APOSTOLADO DO EMBUSTE vejo que apareceu, em grande estilo, o narrador apropriado, e de que estirpe!

Ouso como nota destoante discordar da qualidade de JANSENISTA que V. parece atribuir a Zé Marrocos.

Quero ainda ser o revisor de um pequeno pormenor: o nome da personagem de que trata a nota 10ª é Ana Mulata e não Isabel Mulata. Morava na Estrada Nova, adiante do Cemitério do Cólera, e exatamente na área em que, hoje, se localiza a casa de Joaquim Anselmo. Tinha um filho, Quinim, irmão de leite do dr. Irineu Pinheiro.

Era frequentadora assídua da casa do coronel José Francisco Alves Teixeira.

Quando se me fixou na memória o retrato de Ana Mulata, ela já havia entrado no outono da vida. Fabricava, para vender, biscoitos e bolos de ovos, e gosava da estima e confiança da nobreza citadina".

Professor José Humberto, diplomado pela Faculdade de

Filosofia e Letras do Ceará, e membro do corpo docente do Colégio Lourenço Filho, de Fortaleza:

"Padre Gomes: Li, como professor de História, seu trabalho "Apostolado do Embuste", obra de pesquisa, em que predomina a dureza da verdade, que se despe aos olhos para a posteridade".

Do escritor Pedro Gomes de Matos, consagrado autor de "Capistrano de Abreu":

"Padre Antônio Gomes: Acuso e agradeço o recebimento do opúsculo "Apostolado do Embuste", trabalho muito documentado e rico de informações sobre os pretendidos "milagres", do Juazeiro. Com as minhas felicitações, o meu abraço de conterrâneo, admirador e amigo, Pedro Gomes de Matos".

"A ANCORÁ", periódico católico, de Fortaleza, dezembro, 1956, no. 89, ano IX:

«Se Dom Joaquim José Vieira é sábio incontestemente na mais lidima acceção do termo;

Se o Padre Cícero Romão Batista é o varão prudente que seus "fans" reconhecem e exaltam;

Nem era necessária a exuberância de lógica, nem tanta argumentação irrefutável que é o "Apostolado do Embuste"; para que se aquilatasse do cisma herético que se pretendeu e praticou em Juazeiro, à sombra e através da religião católica, apostólica, romana, à qual ficaram grudados como ostras a recifes, os cismáticos, os heréticos e os criptos heréticos-cismáticos, de usufruindo vantagens aquêles que quiseram derrotar.

"Apostolado do Embuste" seria melhor denominada: "estudo psicológico", "meditação da morte", "tratado metafísico" e quejandas meditações filosóficas encontradiças em Platão e com uma ironia e uma lógica socráticas.

É um compêndio de sabedoria, de prudência, de lógica e ironia santas, tal qual só se vê e sente naquelas palavras de Cristo:

«Per loai-lhe, Pai porque não sabem o que fazem».

Padre Cícero confessou "à altura do Cemitério do Cólera,



entre Juazeiro e Crato, na presença de Antônio Luis Alves Pequeno, Dr. Raul de Sousa Carvalho, Antônio Nogueira Pinheiro e José Dourado, que fôra "logrado" por José Marrocos.

Dom Joaquim instaura processo e forma-o, remete à Roma e lá o Tribunal da Sagrada Inquisição Romana Universal considera os pseudos milagres juazeirenses de: "pretensos e prodígios vãos e supersticiosos".

O prudente e experiente Pe. Cicero se diz "LOGRADO" por Zé Marrocos e o santo Bispo e Bispo Santo, Dom Joaquim, processa as ações marroquinas que o Tribunal eclesiástico de Roma taxa de "pretensos, vãos e supersticiosos".

Que defesa ainda caberá? que explicação ainda será necessária num caso que o bom senso repele? a lógica esmaga? e a documentação escrita desmente?

É pena que o interêsse se sobreponha à proclamação da verdade.

O proclamado Padre Cicero não a quis proclamar para que o desenvolvimento ou o progresso ou o aumento de Juazeiro não fôsse prejudicado.

Grande discípulo de Cristo, que se sacrificou para não sacrificar a verdade!...

Um sacrificado para não sacrificá-la, outro sacrificando-a para não se sacrificar.

Não fôra o deleite espiritual que nos deu a leitura do "Apostolado do Embuste," que nos fez viver horas a saborear uma convivência hodierna com a lógica irônica de Sócrates, diríamos que o autor foi prolixo, em demasia, pois, com a ação do Bispo, o julgamento de Roma e a palavra do próprio Padre Cicero, Zé Teles Marrocos foi, e será o embusteiro máximo.

Mas, é seu ardente anelo pela "beleza divina", no dizer de Sócrates ao definir o amor, que o levou a pisar, repisar e esmagar o embuste do novo anito que quis não envenenar um sábio, mas tripudiar sobre Deus".

Dom Filipe Conduru, Bispo de Parnaíba-Fi., autor dos Livros: "Filipe Conduru" e "D. Luis de Brito":

"Ao Revmo. Pe. Antônio Gomes de Araújo, muito agradece o exemplar de seu trabalho—«Apostolado do Embuste»—cumprimenta-o e lhe deseja novos troféus para a maior glória de Deus—enquanto se recomenda às orações e lhe é servo em Jesus Cristo.

† Filipe, bispo de Parnaíba.

Parnaíba, 15-4-56".

Do dr. Pedro Sampaio, médico e autêntico intelectual, residente em Fortaleza, ao coronel Teles Pinheiro, do Exército Nacional:

"Estou acabando de ler o primeiro e substancioso artigo publicado no segundo número de ITAYTERA..." (Correio do Ceará, 19-4-56). (2)

M. Rodrigues de Melo, ensaísta consumado, autor de vários trabalhos, entre eles, "A Varzea do Açú", escreveu:

"Habituei-me, dentro do próprio lar, a não simpatizar muito com o padre Cícero Romão Batista. Não pelo fato de ser padre, mas, porque, revestido desse caráter sagrado, deixara-se levar por insinuações de embusteiros "religiosos" e também "políticos". Essa atitude mental assumida desde a infância, contra o patriarca do Juazeiro e seus sequazes, robusteceu-se, depois, com a leitura de livros e documentos que nem mesmo o tempo conseguira ainda apagar. Livros, diga-se de passagem, escritos, ora sob o impulso da curiosidade e da divulgação sensacional, ora sob a impressão do momento, deixando sempre de lado o aspecto da verdade histórica, fim primordial de todo trabalho de pesquisa, honesto e bem orientado. Agora surge um livro, de autêntica revisão histórica, em que o seu autor, estudando a questão à luz dos documentos escritos, da informação oral, da ciência e da fé, mostra que as forças inconscientes do fanatismo religioso representadas pelo binômio Maria de Araújo — Padre Cícero Romão Batista eram hábilmente manejadas por um ex-seminarista, inteligente e culto, expulso do Seminário de Fortaleza, depois de forte discussão com o seu ordinário, por questões de disciplina e doutrina. Este egresso do Seminário de Fortaleza era o Professor José Marrocos, participante oculto, astucioso e diabólico de todos os acontecimentos da questão do Juá-

---

(2) NOTA DA REDAÇÃO: O artigo a que alude o dr. Sampaio, é o referido trabalho—APOSTOLADO DO EMBUSTE.



zeiro. (3) O estudo a que nos referimos não é de um inimigo da Igreja, como à primeira vista poderá parecer. O seu autor é o padre Antônio Gomes de Araújo, membro do Instituto Histórico do Ceará, sócio do Instituto Cultural do Cariri e da Academia Cearense de Letras. Pesquisador infatigável, historiador e linhagista de fôlego, humanista, sobretudo, o padre Antônio Gomes de Araújo não fica na superfície dos assuntos, nem se contenta em repetir depoimentos alheios. Vai aos arquivos, indaga, pesquisa, recolhe dados, compara, deduz, formando pessoalmente o seu próprio juízo. Por isso, desde que li o seu primeiro trabalho sobre a contribuição baiana em sangue e cultura ao território cearense, anotei o seu nome para posterior entendimento. Agora, recebo a sua monografia—APOSTOLADO DO EMBUSTE—em que o eminente escritor cearense confirma os seus dotes de pesquisador tenaz e verídico, ao lado de suas grandes qualidades de polemista. Esse trabalho do padre Antônio Gomes de Araújo, se tivesse maior divulgação, poderia fazer um grande bem às populações do nordeste, sobretudo àquelas meio embrutecidas pela ignorância, fonte geradora do fanatismo e da obsessão de tantas almas dignas de melhor sorte". (De "A República", de Natal, 26.8.56).

Do festejado sociólogo dr. Joaquim Pimenta, professor catedrático das Faculdades de Direito da Universidade do Brasil e da Universidade do Distrito Federal, autor de "Retalhos do Passado", "Enciclopédia de Cultura" e outras obras:

"Não me impressionou menos o "Apostolado do Embuste", do Padre Antônio Gomes de Araújo, a quem muito agradeço, por seu intermédio, as citações de "Retalhos do Passado", manifestando quanto me aguçou a curiosidade de ler, também de uma assentada, como o seu opúsculo, a reconstituição exata do que foi a nevrose coletiva de Juazeiro, aliás, ainda por mim testemunhada, se bem que muito reduzida nas suas sombrias e nefastas proporções." (De uma carta dirigida ao cap. Otacilio Anselmo e Silva, datada de 29-jan.-1947).

Telegrama da Câmara Municipal de Crato, de 24-4-1956:

"Câmara Municipal desta cidade chega até Vossa Reverendíssima moção solidariedade, ao mesmo tempo apresenta sinceras congratulações êxito publicação segundo número revista "Itaytera", tornando extensivas demais membros Direção êsse órgão. Saudações. Derval Peixoto, Presidente Câmara Municipal de Crato."

(3) O professor particular, José Marrocos frequentou o Seminário de Fortaleza até o ano de 1866, inclusive, quando cursou o penúltimo ano de Teologia, conforme se infere de seu processo DE VITA ET MORIBUS, DE GÊNERE DE PATRIMONIUM—Câmara Episcopal de Fortaleza—1886.



### Abigail in Memoriam

É o título de benfeita brochura de cento e noventa páginas, editada por PONGETTI, no Rio. Trata-se de homenagem à memória de jovem cratense, que faleceu na Capital da República, no verdor dos anos e é escrita pelos parentes mais próximos. Abigail, portadora de inteligência privilegiada e com ótima formação moral, professora das melhores que tivemos em nossa terra, mudou-se para o Rio, onde já se encontravam muito de seus irmãos. Foi acometida de doença insidiosa e ali faleceu, a despeito dos cuidados médicos, deixando a família em desolação. Seus pais Virgílio de Albuquerque Arraes e D. Marcionília de Alencar Arraes, e filhos, ora residindo no Rio, mandaram editar, para lembrar aquela vida ceifada tão prematuramente, e fizeram trabalho intelectual que bem impressiona o leitor. A gente fica comovida com aquela leitura que nos prenhe pelo sentimentalismo e pelo encanto com que foi escrita em que se fundiram alma e inteligência.

### Zuza da Botica

Bruno de Menezes, dos mais amorosos filhos do Crato e agora residindo, à rua Ana Teles, no Rio, fundou a editora FENIX GRAFICA, quase só para enaltecer a terra natal e seus eminentes vultos. Está editando série de opúsculos de sua autoria, que é CRATO E SEUS VALORES HUMANOS. Já publicou a biografia do pintor conterrâneo Vicente Leite e a do primeiro presidente do Instituto Cultural do Cariri—Irineu Pinheiro. Agora lançou o folheto da mesma coleção—ZUZA DA BOTICA.

É a descrição das diversas facetas da vida do farmacêutico, poeta, jornalista e antigo político de nossa terra—José Alves de Figueiredo, que recebeu do povo o nome de ZUZA DA BOTICA. Bruno de Menezes, parente e amigo do biografado, saiu-se bem em enaltecer as boas qualidades daquele que incontestavelmente é dos melhores jornalistas e poeta destas terras caririenses. O autor, inteligente e empreendedor, merece aplausos pelo serviço de divulgação das coisas e homens de valor de Crato.

### Jornal da A. A. B. B.

Estamos recebendo regularmente ótima publicação da As-



sociação Atlética do Banco do Brasil, desta cidade. Trata-se de periódico de boa aparência e repleto de boa colaboração em defesa da classe e da vida social da entidade da qual é órgão oficial.

### Jornal do Instituto

Além de ITAYTERA, o Instituto Cultural do Cariri possui jornalzinho de propaganda de suas realizações perante o povo. Saiu em janeiro, do corrente ano, seu primeiro número e foi distribuído gratuitamente, não somente em Crato, como em muitas outras localidades. Dedicar-se mais ao Museu de Crato, iniciativa do I. C. C. e é dirigido pela comissão de imprensa do mesmo.

### Festejos Populares em Maceió de outrora

Felix Lima Junior é incansável divulgador das coisas de Alagoas. Há pouco tempo, publicou FESTEJOS POPULARES EM MACEIÓ. Faz parte da coleção "CADERNOS DA AABB, do Rio. Trata-se de bem feita plaqueta de mais de cinquenta páginas com as crônicas—EVOCAÇÃO, CARNAVAL ANTIGO, FESTEJOS JUNINOS, A FESTA DOS MARTYRIOS e O NATAL EM BEBEDOURO. Todas têm o feitiço regional, com o agradável sabor da rica e brasileiríssima província de Alagoas. A poesia emana toda natural das crônicas de Félix Lima Junior. Nenhum nordestino estranhará aquela ótima leitura, que tem o cheiro bem de casa, pois os costumes regionais de Alagoas quase que são os mesmos do Ceará, Pernambuco, Paraíba ou Rio Grande do Norte.

O atraente opúsculo é publicação da Associação Atlética Banco do Brasil — Vice-presidência dos Interesses Culturais — Rio de Janeiro.

### Diante do Altar da Pátria

Francisco Pedro da Silva Netto é jovem idealista que reside no próspero município pernambucano de Ouricuri. É inteligente, empreendedor e possui a tẽmpera de verdadeiro sertanejo dos bons tempos de outrora. Aliás, procede êle de heróis que deram o sangue e a comodidade à Pátria nos campos do Paraguai, em defesa do Brasil contra a tirania de Lopes. Em sete de Setembro pronunciou o jovem Francisco Netto ardente oração cívica, vergastando todos os males que afligem a nação brasileira na hora presente. O discurso foi irradiado pelo ser-

viço de autofalantes de Ouricuri e teve a mais ampla repercussão, naquela cidade sertaneja, berço de tantos vultos que se sacrificaram pela Pátria, nos campos do Prata.

Agora mesmo, acaba Francisco Netto, que é sócio do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, de enfeixar o seu discurso em folheto, editado pela Tipografia de "A AÇÃO", de Crato. É prefaciado pelo nosso diretor J. de Figueiredo Filho. DIANTE DO ALTAR DA PÁTRIA é grito de alerta contra os vendilhões da nação, de todos os matizes e é escrito com apuro e inteligência.

### Cantos e Preces

A poesia religiosa quando brota espontânea do coração é a mais bela das poesias. DOLORES FURTADO NOGUEIRA, poetisa das melhores da terra cearense, faz apostolado e dos melhores, através de versos maviosos que falam bem de perto à alma da gente. Sua poesia, é toda natural e só tem única finalidade—é servir ao Senhor e cantar-lhe as glórias eternas. A poetisa sabe falar com Deus, nessa linguagem pura que é grito d'alma a Quem tudo se pode confiar. Vejamos a amostra:

"Só! Que tristeza, ó Deus!  
Em tudo, falta-me tudo!  
Esperei... confiei nos filhos meus.  
Preparei-lhe ninhos de veludo  
No meu coração.  
Sózinha agora, que tristeza, ó Deus!"

Sinceridade? Não conheci ainda.  
A felicidade aqui depressa finda.  
Contigo, meu Deus, há tudo em tudo,  
A vida no teu reino é sempre linda!  
Oh! dá-me também um ninho de veludo  
Lá onde há risos, cânticos, ventura,  
—Acode-me, meu Deus, na minha desventura."

Quem faz versos tão bonitos assim prescinde de elogios. É como música de órgão em mãos bem amestradas, em hora matinal de Igreja gótica.

### A Abolição no Ceará

Raimundo Girão está hoje na vanguarda do mundo inte-



lectual cearense. É o atual presidente da Academia Cearense de Letras e todo o movimento intelectual, partido de nosso Estado, encontra-o sempre na primeira linha. Acaba de escrever "A ABOLIÇÃO NO CEARÁ", lançado pela Editora A Batis-ta Fontenele, de Fortaleza.

Dois grandes movimentos de vulto, ocorreram no Ceará, no século passado. Nos primeiros 25 anos, o movimento de emancipação e de república todos originários da vila heróica do Crato. No último quartel do século, tivemos a epopéia da abolição dos escravos, na província invicta do Ceará. Raimundo Girão descreve os lances principais daquelas jornadas de civismo e de amor ao semelhante, que tiveram como centro principal a cidade de Fortaleza e como ponto máximo, o dia da libertação dos escravos cearenses, a 25 de março de 1884.

Raimundo Girão, escritor de estilo agradável e emérito pesquisador da história fez obra de justiça e digna de aplausos ao reviver, em páginas brilhantes, os episódios principais da Abolição no Ceará.

### **Instalação da Universidade do Ceará**

Toda a cerimônia de instalação da Universidade do Ceará está descrita no opúsculo que foi editado como separata da REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO. É otimamente impressa e além do noticiário, publica os discursos do Magnífico Reitor Antonio Martins Filho, nosso conterrâneo, do Prof. Andrade Furtado, do universitário Paulo Roberto Coelho Pinto, do Ministro Candido Motta Filho e a Mensagem do Prof. Dr. Cesário de Andrade, Presidente do Conselho Nacional de Educação.

### **Primeiros Batizados**

Guilherme Auler.—PRIMEIROS BATIZADOS é o título da plaqueta editada pela TRIBUNA DE PETRÓPOLIS e de autoria de Guilherme Auler. Trata-se de magnífica conferência que pronunciou, em 28 de abril de 1955, em sessão extraordinária do Instituto Histórico de Petrópolis, realizada por ocasião do Congresso Eucarístico Diocesano. O Autor é pernambucano da gema que se transportou à bonita cidade serrana de veraneio do estado do Rio e ali se radicou ao pujante meio intelectual que se irradia do Instituto Histórico de Petrópolis. É também diretor da TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, dos mais modernos órgãos de imprensa do estado do Rio. Guilherme



Auler encontrou na cidade viligeatúria e histórica, campo propício para suas pesquisas de estudos de nosso passado. A plaqueta refere-se aos primeiros batizados de colonos alemães, nos albores da vida petropolitana.

### **Camarão—Filho do Ceará.**

O Snr. Pedro Ferreira, sócio correspondente do Instituto Cultural do Cariri, em Ubajara, estudioso dos problemas do Ceará e especialmente de sua região, há pouco lançou a plaqueta **CAMARÃO-FILHO DO CEARÁ**. Foi editada pela Imprensa Oficial de Fortaleza e nela o Autor defende, com dados preciosos a sua tese de ser o herói índio da Restauração Pernambucana, autêntico filho das plagas que hoje constituem o estado do Ceará. É assunto bem sério que merece ser bem estudado e que já foi antigamente objeto de várias controvérsias do ponto de vista histórico. Pedro Ferreira, cuja inteligência privilegiada é toda dedicada ao estudo da história e da geografia da serra do Ibiapaba, revivue agora aquela disputa para a qual o cearense deve dar-lhe todas as simpatias. A tese está lançada; agora cumpre aos pesquisadores comprová-la ou contestá-la, tudo isso em bem da verdade histórica.

### **Grito de Revolta.**

Podemos chamar o jornalista Ulisses Viana de cratense de Exú. Nasceu êle naquela cidade pernambucana que é quase suburbia de Crato e viveu aqui os primeiros anos de sua juventude. No periodismo local começou a publicar os primeiros artigos, desde o inicio esposando as boas causas da coletividade. Agora é funcionário, trabalhador e eficiente, da Coletoria de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Mas o trabalho não lhe fez esquecer as árduas lutas da imprensa. Escreve no **DIARIO DE PERNAMBUCO** e no **JORNAL DO COMÉRCIO**, que fazem a vanguarda da grande imprensa nortista.

Já ao findar o ano de 1956, publicou Ulisses Viana o opúsculo-**GRITO DE REVOLTA**, editada pelo Serviço Gráfico do "Jornal do Comércio", de Recife. O título traduz bem seu pensamento angustiado, em face do descalabro moral e econômico da hora presente. O autor é jovem e inteligente e não se conforma com o panorama atual do Brasil. E daí o seu grito de revolta. A mocidade é assim mesmo. É inconformada. Quer melhorias e aspira dias melhores para a Pátria. Ulisses Viana chega quase ao pessimismo. Mas termina suas imprecções con-









PÉROLAS", impresso pelas oficinas da Imprensa Oficial, de Maceió, em 1954. É gênero diferente do que comumente escreve na imprensa e em livros. As pérolas não são mais do que cochilos de escritores e jornalistas, em suas publicações. Felix Lima Junior, com seu jeito especial para o humorismo, fez do PESCADOR DE PÉROLAS livro bem agradável que nos dá prazer, desde a primeira à última página.

### Patriarcas e Carreiros

Pela Editora PONGETTI, do Rio, lançou o escritor nordestino M. Rodrigues de Melo a 2ª edição de seu livro PATRIARCAS E CARREIROS. Estuda, com amor e com conhecimento profundo dos costumes nordestinos, a influência do Coronel e dos carros de bois, na formação da terra potiguar. Só quem desconhece os problemas do interior é que pode negar a atuação marcante do chefe político, do chefe de clã como elemento civilizador por excelência. O coronel não é só o coiteiro de cangaceiro ou perverso perseguidor dos humildes como quem aponta-lo os escrivinhadores marxistas. Foi o amigo da família e de seus moradores, e homem de ação e de palavra que começa a escassear no Brasil. Quem quiser conhecer o coronel sertanejo, com todas as virtudes de raça, leia PATRIARCAS E CARREIROS. Depois vem o estudo do carro de boi e do carreiro como elemento principal de transporte, nos tempos antigos. O carro de boi ainda existe nesta época de penetração do caminhão em todos os recantos. Ainda transporta lenha, cana e madeira em certas regiões nordestinas, embora com raio de ação bem restrito. Em S. Paulo, quem passa pela Central, em Taubaté, pode ver muitos carros de bois, nas vizinhanças da estação ferroviária.

M. Rodrigues de Melo estranhou a afirmação de Irineu Pinheiro, em carta do escritor cratense a ele dirigida, depois da publicação da primeira edição de PATRIARCA E CARREIROS, afirmando que, na zona jaguaribana, havia carros de bois com 12 ou mais juntas de bois. Não é exagero do autor do "O CARIRI", falecido há quase dois anos. Aquêles carretões que faziam o transporte entre Aracati e Icó, no Ceará, eram puxados por juntas numerosíssimas, como muitos jaguaribanos me informaram. Há pouco tempo, viajando eu, em companhia do deputado Antônio de Alencar Araripe, pelos sertões dos I-nhamuns, tivemos oportunidade de nos encontrar com carro, ao qual se atrelavam seis juntas de bois, conduzindo apenas carga



relativamente diminuta de lenha. PATRIARCA E CARREIROS é a prova de que o autor, e tantos outros riograndenses do norte, a exemplo de Camara Cascudo, fazem de seu Estado uma das estrelas mais fulgurantes do cenário intelectual nordestino.

F. F.

### Homens que engrandeceram o Brasil

WALDERY UCHOA não é só o escritor municipalista que, de vez em quando, nos presenteia com livro e que enche as colunas dos jornais com seus estudos da vida dos municípios cearenses. Sua inteligência aprimorada e seu dinamismo também se preocupam com os problemas nacionais, com amor e dedicação. Agora mesmo, acaba de publicar **HOMENS QUE ENGRANDECERAM O BRASIL**, em artística edição de A. BATISTA FONTENELE.

É verdadeira lição de civismo às gerações modernas, tão carecidas de ensinamentos de amor ao Brasil e aos seus grandes vultos. É a biografia de Carlos Gomes, Ruy Barbosa, Visconde de Mauá, José do Patrocínio, Santos Dumont, D. Pedro II, Tiradentes, Euclides da Cunha, Duque de Caxias, D. Pedro I, José Bonifácio, General Tibúrcio, Olavo Bilac, Castro Alves, José de Alencar, Floriano Peixoto, Rodolfo Teófilo, Clóvis Bevilacqua. **HOMENS QUE ENGRANDECERAM O BRASIL** está a pedir a continuação com a biografia, naquela linguagem acessível, de outras grandes figuras que encheram o Brasil de tanta grandeza.

**NOVAS FRASES—OUTROS PENSAMENTOS**—Nesta época de frivolidades, em que a literatura da moda, mais bem paga pelos jornais, rádio e revistas, é a crônica social repleta de futilidades, até a gente estranha quando surge pensador do quilate e da experiência de Eduardo Girão, a lançar livros sérios como **NOVAS FRASES—OUTROS PENSAMENTOS**. É o livro bem feito, cheio de ótimos conceitos e que bem atesta que o Ceará ocupa as primeiras linhas no movimento intelectual do Brasil. Está também a edição otimamente confeccionada pela editora do Instituto do Ceará. Vejamos algumas joias de **NOVAS FRASES—OUTROS PENSAMENTOS**, de Eduardo Girão:

“No horizonte da vida sempre avultam nuvens, tingidas umas com o luto das noites, outras, com o ouro das auroras.

Visse o espírito só estas, e tudo na vida seria claridade”.



"O riso é um engano à dor, apenas esquecida nesse alegre instante".

"A pátria é o berço continuado—uma perenidade da vida: o passado, unido ao presente, em nós, e o presente, unido ao futuro, em nossa descendência."

"O poder torna maior a cólera. O orgulho do mando sempre se completa com o da arrogância."

Não deixa de haver nisso cobardia."

"Lógica da maldade: Se não tenho o direito, posso tomar o do próximo; se tomarem o meu, faço o mesmo com o dos outros. Círculo vicioso."

### Revista Piauiense dos Municípios

Está o I. C. C. recebendo regularmente a bem feita "REVISTA PIAUIENSE DOS MUNICIPIOS", editada em Teresina, em oficinas próprias. Adota a política municipalista e é batalhadora incansável em prol dos problemas vitais, das comunas do vizinho estado do Piauí. Seus artigos e reportagens são firmadas por amestradas penas. Em sua direção está a figura dinâmica e inteligente de nosso conterrâneo acadêmico Assis Leite, veterano da imprensa cratense.

### O Poeta e a Virgem

Jáime Sisnando é cratense que reside no Rio, onde é funcionário dos Correios e Telégrafos. É poeta e escritor e já colaborou em nossa revista "Itaytera". De sua autoria, recebemos "O Poeta e a Virgem", brochura artisticamente confeccionado pela Gráfica Laemmert, Limitada, do Rio. É livro de memórias, mas que é também hino constante de louvôr à Virgem Maria. É de leitura amena, prendendo o leitor do começo ao fim. O autor saiu do Crato, quando criança, mas nunca esqueceu o torrão natal que vive palpitante nos primeiros capítulos de "O poeta e a Virgem".

Foi, sob a influência da Padroeira do Crato, Nossa Senhora da Penha, que adquiriu êle a Fé que o guiou e o amparou em todas as suas vicissitudes e alegrias.

"Até nas piores situações, eu não desesperava. Confiava sempre na proteção dos Afritos. Essa confiança adquiri-a desde

pequenino, na muito católica cidade do Crato, onde nasci, no interior do Ceará".

O Poeta e a Virgem foi escrito com alma e inteligência.

### **Afro Tavares Campos (O Hcmem e a Descendência)**

Pedro Gomes de Matos, cratense da gema, autor da laureada biografia de Capistrano de Abreu, lançou, pela Editôra A. Batista Fontenele, no ano passado, a plaquêta de sua autoria "Afro Tavares Campos".

Inicia o trabalho: "Afro Tavares Campos nasceu no sítio Guaribas, ao sopé da Serra do Araripe, município de Crato, Ceará, a 8 de Janeiro de 1850, filho de Joaquim José da Silva Campos e Joana Diniz Tavares.

Aos 16 anos de idade, seu pai, que enviuvára, transferia-se para Maranguape e êle passou a desenvolver por conta própria, sua atividade no comércio".

Afro Tavares Campos foi da geração dêsses patriarcas que formaram as grandes e ilustres famílias do Brasil. Em Maranguape firmou-se e ocupou posição de relêvo. Sua descendência expandiu-se e ilustrou-se, sendo hoje das famílias de maior projeção do Ceará.

Pedro Gomes de Matos traça com sua pena agradável, a biografia do ascendente de seus filhos, pois casou-se êle com a professora D. Salaberga Campos Torquato, neta de Afro Tavares Campos.

### **Segurança Impetrada ao Colendo Tribunal de Justiça do Estado pelo Deputado Estadual Doutor Custódio Nogueira.**

Os Drs. Elias de Siqueira Cavalcanti e José de Siqueira Cavalcanti são dois causídicos, filhos de Crato, que se firmaram definitivamente no fôro da capital paulista, onde desfrutam posição privilegiada na sociedade paulistana, nos meios jurídicos e políticos. Recebemos brilhante defesa que fizeram do Deputado Estadual, Doutor Custódio Nogueira Sampaio, em S. Paulo, a 3 de Abril de 1956 e ainda firmada pelo Dr. J. Penteadó Erskine Stevenson. Os argumentos da defesa mostram os reais conhecimentos jurídicos dos três causídicos que militam na Paulicéia, hoje a maior cidade do Brasil.



## As Musas de Ipojuca

Livino de Alencar era sertanejo, dos velhos tempos, de espirito perenemente jovial. Poeta inato e cronista dos sertões escreveu diversos opúsculos e tinha o dom de repentista. Visitou Crato há pouco tempo e trouxe-nos livrinhos de versos, com poesias espontâneas, "As Musas de Ipojuca".

Era também pesquisador da história e muito contribuiu, junto ao Pe. Antônio Gomes, para a descoberta do batistério de Bárbara de Alencar. Logo depois de sua visita à querida propriedade sertaneja, em Salgueiro, Pernambuco, o astro de Livino, calou para sempre, pela prosaica e repugnante mordida de réptil venenoso. Mas sua poesia ficou a ecoar pelos sertões afora. A vida, como disse êle, é miragem.

"Grata Miragem dos meus 20 anos.  
Guardo-te sempre na feliz memória.  
Eu tenho seiva, tenho amôr no seio.  
Embora existas, queribum, não creio;  
Pois é miragem neste mundo a Glória."

O poeta é descendente da heroína Bárbara de Alencar, e êle próprio traçou a sua genealogia.

"Do Tenente Coronel Leonel de Alencar Rego, natural de Braga, Portugal, nasceu o comandante Joaquim Pereira de Alencar.

—De Joaquim Pereira de Alencar nasceu D. Bárbara Pereira de Alencar, a Heroína de Crato.

—De D. Bárbara nasceu o capitão João Gonçalves Pereira de Alencar.

—De João Gonçalves nasceu, no Ceará, Alexandrina Xavier de Alencar.

—De Alexandrina nasceu, em Crato, Luiza Docelina de Alencar.

—De Luiza nasceu, em Jardim, Clara Docelino de Alencar Barros.

—De Clara nasceu Livino Lopes de Barros e Silva Neto (Livino de Alencar).

Seu pai, Odilon de Barros Alencar e Silva, era cearense.

### Sempre Sonhando

Ainda<sup>f</sup> existe o poeta à antiga, que, em pleno período da máquina e da agitação contínua, ainda vive a vida do sonho. Será um desambientado neste mundo de crua realidade? A humanidade nunca deixará as fantasias. E é com isso que consegue fugir da dor e do sofrimento.

A literatura e o cinema realistas, de dia a dia, mais se impopularizam. O mundo gosta sempre de fantasias, para esquecer tantas vicissitudes, geradas pela crueza da luta pela vida. O sonho é imperativo da própria existência. O poeta que canta e sonha é humano, como o homem que vive entre microscópios, retortas e máquinas.

Cícero Martins tem razão em viver de sonhos. Não se revolta contra a vida. Sabe que tudo passa.

“Feliz quem segue do Sonho  
Vivendo sempre a sonhar  
A sua imagem querida  
Esse prisma assás risonho  
É um consolo na vida!”

Cícero Martins também espalha sonhos em versos às mãos cheias, que só fazem bem à alma da gente.”

### Taça Etrusca

É aprimorado livrinho de versos do poeta cariense, filho de Barbalha, Reinaldo Careleial, de família de eleitos da inteligência que sobremaneira, honra estas terras sul-cearenses.

O poeta nasce feito. A cultura apenas serve para polir-lhe a forma do verso. A poesia nasce espontânea do coração. Barbalha, com sua natureza luxuriante, é eterno convite ao poeta para decantar-lhe suas belezas perenes. A gente, já nasce ali com a alma impregnada de poesia.

Reinaldo Careleial sabe versejar, enchendo-nos a alma de puro encantamento. Enfeixou diversas de suas produções em pequeno e artístico volume, editado em Fortaleza. Vejamos amostrá bem viva do seu estro espontâneo:



### Congresso Eucarístico de Barbalha

Olhando entre as colinas da saudade,  
Para o sul, vejo um rútilo fulgôr.  
E pecebo também sonoridade  
De vozes em hosanas ao Senhcr.

É minha bela e agrícola cidade,  
Em preces transformando o seu labor  
Para exaltar Jesús Deus de Bondade  
Prêso ao Sacrário pelo nosso amôr.

Cantas, hoje, Barbalha, emocionada  
Perante a pequenã hóstia imaculada,  
Que aquece as almas qual divino sol.

E ao longe leva os sons do teu congresso  
O límpido regato que ao recesso  
Da mata afluí, nas pompas do arrebol."

### A Ciência Política no Brasil e Outros Artigos

Abelardo Montenegro, nosso brilhante colaborador e sócio correspondente do I.C.C., é talento multiforme. É dos bons escritores cearenses que conseguiram se impor, não por intermédio de igrejas literárias e sim por mérito próprio, aos meios intelectuais de todo o Brasil:

É dos que mais escrevem no Ceará, sobre assuntos sérios e com observações dignas de serem meditadas. Possui inteligência de escól, método e cultura invulgar.

Há pouco recebemos, de sua autoria em edição da Tipografia Minerva de Fortaleza — "A Ciência Política no Brasil e Outros Artigos".

A primeira parte do livro é um estudo sobre a necessidade de educação política do povo brasileiro para a realização de nossa verdadeira democracia.

"Um povo conscientemente político não servirá de joguete nas mãos de finórios caudilhos que são resultantes das forças obs-

curas das coletividades despertadas por interesses inconfessáveis de grupos ambiciosos.

Consciência política, no regime democrático é suprema aspiração que só concretizam os povos devidamente aparelhados aqueles que são conduzidos por verdadeiros líderes e não por "Fuehrer" de fancaria". o Brasil é ainda o país do sebastianismo político. Cada partido tem que ser alimentado por um "messias", desde o vermelho ao verde, ou ao amarelo. O termo político em nossa terra já é tão deturpada que se confunde com politicagem.

Abelardo Montenegro, no livro em apreço, tem belo capítulo sobre "O Triunfo da Solidão", que é ferro em brasa na atual crise de honestidade de nosso pobre Brasil.

### **Invasões Francêsas e Holandêsas no Brasil**

De autoria de nosso sócio correspondente, em Fortaleza, um dos grandes e valiosos amigos que contamos na capital do Estado—Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro, recebemos a plaqueta, editada pela imprensa oficial do Ceará e sob o título "Invasões Francêsas e Holandêsas no Brasil".

Aliás, foi "Itaytera", em seu segundo número, que publicou o bem feito trabalho, em primeira mão. Trata-se de estudo bem metodizado e em linguagem agradável, das lutas contra êsses invasores e sua influência na formação do espírito nacionalista brasileiro. O autor, nosso amigo de toda hora, saiu-se bem e doou aos estudiosos: ótima contribuição para conhecermos aquelas epopéias que tanta enaltecem o brasileiro do passado.

### **O Ceará na Revolução de 30**

"Itaytera", ainda em sua terceira edição, com tão poucos anos de vida, já nos mostra roteiro bem luminoso em sua trajetória. No primeiro número, deixou como separata "O Ceará na Revolução de 30". No segundo, "Apostolado do Embuste", de grande repercussão; "Isto é Crato", retrato vivo de nossa cidade, bem defundido em todo o Brasil; "Floresta Nacional Arrape—Apodi", bem feita defesa da conservação da floresta, escrita por técnico competente, e "Esbôço Histórico do Município de Brejo Santo."

Além disso, tivemos ainda, editado em Fortaleza — "Inva-



sores Francêsas e Holandêsas no Brasil".

Tivemos agora segunda edição de "O Ceará no Revolução de 30", escrita por um dos baluartes principais de todas as iniciativas do Instituto—o capitão Otacílio Anselmo e Silva. Faz parte da coleção "Edições Itaytera", de Crato e enfeixa-se em bonito opúsculo, artisticamente trabalhado pela Tipografia Imperial. O autor, incontestavelmente, da vanguarda intelectual do Sul do Estado, fez trabalho para ficar. Recordou para a posteridade os lances da rebelião do 23 B. C., na cidade de Sousa, Estado da Paraíba. Apesar de quase recentes no ponto de vista cronológico, já estavam quase relegados ao olvido pelas gerações presentes que se empolgam mais por heróis passageiros do cinema, do esporte ou do rádio, do que mesmo por aquêles que deram o sangue e a vida por um Brasil melhor.

"O Ceará na Revolução de 30" é escrito por testemunha que tomou parte no movimento. É de leitura agradável que a gente lê com prazer do começo ao fim. O capitão Otacílio Anselmo e Silva, que faz parte do movimento intelectual, que tem como centro a revista "Itaytera", pode ombriar-se, sem desdouro, com os vultos mais em destaque da intelectualidade, que vive à beira do oceano Atlântico, nas grandes cidades do Sul ou do Norte.

### Contribuição ao estudo do suco do caju

Já vimos, na literatura nordestina, muitos elogios ao caju, por suas excelentes qualidades. Faltava-nos, entretanto, estudo científico da fruta que é a mais abundante, barata e fácil razão de Vitamina C que recebe anualmente os habitantes do Nordeste, especialmente da orla litorâneo. Oswaldo Rabêlo, e mérito professor de Química Analítica da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Ceará, e chefe do Laboratório Botomológico do Departamento de Saúde, lançou, no ano passado, sua **CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO SUCO DO CAJU**. É bem feito opúsculo contendo a conferência que pronunciou na SEMANA DA FARMÁCIA, em Fortaleza. É estudo científico do suco do caju. Trabalho de pesquisa do Autor. Analisou diversos tipos de caju, de Fortaleza e circunvizinhança, verificando a riqueza incomparável daquela fruta em ácido ascórbico (Vitamina C). Ainda pesquisou a vitamina C e outros produtos na famosa bebida cearense—a cajulina. Mesmo com a oxidação do ácido ascórbico, ainda se apresenta o bom refrigerante, feito de caju, com teor vitamínico que



a torna bebida superior a todas essas que enchem e abarrotam a propaganda de radios, revistas e jornais. Oswaldo Rabêlo, conhecedor profundo da cadeira que dirige, fez trabalho de mérito em divulgar suas pesquisas.

### «Revista Rotária»

Estamos recebendo normalmente, por via postal, a bem feita publicação norte-americana—“REVISTA ROTARIA”, editada mensalmente em Evanston, Illinois, pelo RATARY INTERNACIONAL. É repleta de bons artigos, ótimas e sugestivas reportagens e cheia de assuntos variados da vida rotária. De vez em quando, nela aparecem trabalhos escritos em português. A revista destinada aos países latino-americanos é em espanhal e possui artístico serviço de clichéria. Seu diretor é Luiz Zalles e Redator-chefe—Ramon S. Orellana.

### Alvorada

“ALVORADA” é o título de ótima revista, órgão oficial do CLUBE DOS OFICIAIS da Polícia Militar do Ceará. O número 15, de dezembro e janeiro de 1956 e 1957, está repleta de oportunas colaborações, bem atestando o grau de cultura da oficialidade da Polícia Militar cearense, hoje com mentalidade toda renovada. Nela há belo estudo de nosso companheiro de redação capitão Otacilio Anselmo e Silva sobre a vida trepidante de José Rangel, filho desse viveiro de inteligências que é a cidade de Jardim, pedaço bem vivo da terra cariense, pululam sempre espíritos de escól.

### A Filosofia Jurídica de Farias Brito

O Cariri não deu somente heróis ao Brasil e ao Ceará. Atualmente, na moderna geração de intelectuais brasileiros, há diversos vultos de projeção, que bem atestam que a zona sul do Estado é tão pródiga em inteligências privilegiadas, quanto a do norte.

Teofilo Artur de Siqueira Cavalcanti Filho é cratense da gema, redator da secção jurídica do conceituadíssimo órgão da imprensa paulista—“FOLHA DA MANHÃ”. Acaba de oferecer ao público leitor, por intermédio do INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA, separata de seu órgão oficial, o bem fundamentado trabalho de cultura—A FILOSOFIA JURÍDICA



DE FARIAS BRITO". Seus conceitos são profundos, bem demonstrando sólida cultura que o tornam das figuras intelectuais mais proeminentes do Ceará, em terras sulinas.

### Pe. Francisco Longino Guilherme de Melo

Acaba de sair em edição do INSTITUTO DO CEARÁ, o opúsculo PE. FRANCISCO LONGINO GUILHERME DE MELO (O VERDEIXA MOSSOROENSE), de autoria do escritor Mozart Soriano Aderaldo. É a história de um padre irriquetó que viveu na primeira metade do século passado, em Mossoró, no Rio Grande do Norte. É da mesma família dos ascendentes do Autor. Nem por isso deixa êle de dizer a verdade sobre o Pe. Longino que foi valentão e encheu de agitação o antigo distrito de Mossoró. O Autor é bom pesquisador de arquivos e possui dos melhores estilos da terra cearense. Termina o trabalho, que se lê com agrado do começo ao fim, com êste período:

"E assim finda a história de um sacerdote que, nascido com a diferença mínima de 8 meses do nosso célebre Pe. Verdeixa, veio a terminar os seus dias na mesma década em que êste prestava contas a Deus de sua atribulada existência. Vidas paralelas no tempo, não quis o destino que se diferenciasse no mais... Que a época agitada em que viveram e a herança que receberam de ancestrais necessariamente belicosos, sejam motivos suficientes para esperarmos da Suprema Misericórdia o eterno perdão para suas faltas."

### O Júri no Brasil e a necessidade de sua reforma

O Dr. Osvaldo Osvaldo de Aguir é figura de intelectual dos mais punjantes do Ceará moderno. É jurista mas dedica-se a outros assuntos, com a mesma maestria com que escreve assuntos relacionados à sua carreira. No ano que se passou, lançou à publicidade, pela IMPRENSA UNIVERSITARIA DO CEARÁ, o oportuno e bem feito trabalho—O JURI NO BRASIL E A NECESSIDADE DE SUA REFORMA. Sua argumentação é bem segura e baseada na experiência e em profundos conhecimentos jurídicos. E o melhor, é que sabe manejar a pena capaz de ser entendida pelo comum dos leitores, sem qualquer enfado. Condena o Júri tal qual se processa no Brasil e apresenta fórmula, meio termo mais adptável entre nós. A instituição do JÚRI, infelizmente, como todos sabemos, desmoralizou-se, por completo e por isso é muito oportuna a



leitura do opúsculo do Dr. Osvaldo de Aguiar.

### Homicídio com Dolo Determinado

Os advogados conterrâneos Duarte Júnior e Jósio de Alencar Araripe, enfeixaram em folheto, editado pela Tipografia de "A. AÇÃO", de Crato, fundamentadas RAZÕES FINAIS dos auxiliares da acusação do processo crime movido pela justiça pública contra Otacilio Pereira de Carvalho, no caso do homicídio de Juarez Aires de Alencar. Também foi incluída no mesmo opúsculo, a Sentença de Pronúncia do Juiz de Direito da Primeira Vara de Crato—Dr. Pedro Pinheiro de Melo. É trabalho bem feito e que sobremodo honra os conhecimentos jurídicos de nosso meio.

### Poemas de Beira-Mar

José Newton Alves de Sousa é poeta inato. Para se fazer poesia não é preciso ter a marca de qualquer escola poética. Há mais poesias em "Iracema" de José de Alencar do que em muitos poemas metrificados e rimados, sob rigorosa técnica. José Newton é modernista, sem rigorismo. Mas seu verso é espontâneo e o coloca entre os primeiros poetas do Ceará e mesmo do Norte. Recentemente publicou POEMAS DE BEIRA-MAR, pela IMPRENSA OFICIAL DA BAHIA. É o poema da Península de Itapagipe, recanto tão encantador da terra baiana. A mostra apenas comprova a grandeza da poesia de José Newton e demonstra que não somos tão pobres de intelectuais, como o faz crer artigo de renomado beletриста de Fortaleza, em trabalho na REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ:

"Depois da chuva em fúria,  
quando tudo serenou,  
humilina poça d'água  
plácida, espelhante,  
feliz quedou.  
E a beleza do céu  
nela inteira se ininou."

### A Cruzada

Recebemos a "Cruzada", órgão do "Cruzados", Grêmio literário de Juazeiro da Bahia. Sua colaboração é ótima, assim comprovando o grau de cultura daquela próspera cidade do S.



Francisco. Os assuntos explanados são sérios, fugindo da literatura piegas, que está sendo banida de todos os quadrantes do Brasil.

### «Terra e gente do Nordeste»

Kiyosh Zempati Ando é escritor japonês, exercendo atividades jornalísticas, em S. Paulo, entre seus compatriotas. Visitou Crato, em agosto de 1955 e esteve em sessão do Instituto Cultural do Cariri. Em 1956, lançou seu livro, em caracteres nipônicos, em S. Paulo, sob o título TERRA E GENTE DO NORDESTE. É o primeiro grande documento escrito em língua japonesa sobre o nordeste Brasileiro. Crato, o Instituto Cultural do Cariri, o Vale Caririense, J. de Figueiredo Filho e Quixadá Felício estão ali citados. Aparecem naquele livro, que só entendemos as citações em português, diversas fotografias de nossa região. No próximo número de "ITAYTERA", se Deus não mandar o contrário, publicaremos tradução do capítulo referente ao CARIRI, feita provavelmente pelo próprio autor de TERRA E GENTE DO NORDESTE, que é também perfeito manejador de nosso idioma.

### Trechos de Apreciações sobre "Invasões Francêsas e Holancêsas no Brasil," de Aurtoria de nosso colaborador—Cel. Raimundo Teles Pinheiro

"Conheço vários estudos sobre a matéria, mas, forçoso é dizê-lo, poucos são os equiparáveis ao seu, que se me afigura um primor de clareza e simplicidade." Do "O POVO" — Osvalgo Aguiar, em 13-6-57.

"E, na verdade, o que me interessou foi a análise e seleção dos fatos, cuidadosamente preparados, despidos da loquela fosforescente com que se versam tais assuntos. Vê-se, de logo, que foi uma palestra erudita, entre estudiosos, que se debruçavam sobre a página histórica da madrugada da consciência nacional para haurir uma compreensão exata dos conhecimentos." (Carta do escritor Djacir Menezes ao Autor—17-5-57).

"Admirei o seu completo dominio do assunto e, particularmente, a sua autonomia, no jôgo de opiniões, e a vigorosa agilidade de seu espirito. (De uma carta de Gerôncio Brigido Neto ao Cel. Teles, em 4-4-57).

"A História Militar de nossa pátria é uma fonte inesgotá-

vel de ensinamentos e de estímulo, para nós militares, e o seu estudo é de primordial importância para todos os oficiais." (Do General Zeno Estilac Leal ao Cel. Teles, em 12-12-56)

"Era impossível fazer uma síntese mais bem feita. E aquilo que poderia vir em volumes, mete-o você, superiormente, em 20 páginas. O estilo é bom. é boa língua, é bom o desenvolvimento do assunto." (De Martins de Aguiar ao Autor — Sua casa em Fortaleza. 25 de Junho de 1956)

Cel. Teles Pinheiro QG 10a FORTALEZA

37 Gab de 14 Pt. "Agradeço oferta sua excelente conferência 2 INVASÕES FRANCÊSAS E HOLANDEsas NO BRASIL" Pt. A história é a poderosa torre de experiência que o tempo constroe em meio aos campos intermináveis das eras passadas".

Gen. Floriano Keller, Dir. Res.

Rio, 11—VI—1956

Ilustre patricio Cel. Raimando Teles Pinheiro

Cordiais saudações

Venho agradecer o interessante estudo sôbre as "Invasões Francêsas e Holandêsas no Brasil", e a eloquente palestra de fé aos militares cearenses,

Um e outro foram por mim lidos com prazer.

Aprecei devidamente o esquema das invasões. Não acha que além dos nomes dos autores consultados deveria citar as obras até as páginas que se referem ao assunto? Estaria mais de acôrdo com os métodos da moderna historiografia.

Receba um cordial aperto de mão do patricio

a) José Carlos Macedo Soares

---

General Gil Castelo Branco, Presidente do Superior Tribunal Militar, envia as suas melhores saudações ao prezado camarada Cel. Teles Pinheiro e muito lhe agradece a remessa



de um exemplar de seu interessante trabalho sôbre as "Invasões francêsas e holandêsas no Brasil".

Ao Prezado camarada Raimundo Teles Pinheiro

O General Tristão de Alencar Araripe agradece a oferta da conferência "Invasões Francêsas e Holandêsas no Brasil", onde se acentuam o amor e o conhecimento do nosso passado heróico, com a compreensão de sua influência na formação da mentalidade brasileira.

Felicitações.

18—VI—56

R. Sabóia Lima, 83—Tijuca—Rio.

### Síntese

O litoral, com todos os recursos, de pouco a pouco vai perdendo o monopólio da vida intelectual do Brasil e até da originalidade literária. Agora mesmo, da longínqua cidade maranhense de Barra do Corda, o poeta Nicanor Azevedo, pela editora Livraria S. José, do Rio, lançou o original livro de poemas—SÍNTESE. São versos em que a alma do Autor fala tão de perto aos nossos corações, com singeleza e beleza sem par, "com o máximo de idéias no mínimo de palavras". Vejamos algumas daquelas joias:

#### ORVALHO

"Água destilada e cristalina,  
de uma invisível e sutil neblina..."

#### SONHOS

"Novelas inacabadas  
e sem dono,  
Coligidas e ditadas  
pelo sono..."

### Maquiavel e o Estado

Abelardo F. Montegro, nosso emérito colaborador, é dos

mais belos talentos do Ceará moderno. E é também dos mais fecundos dos intelectuais nortistas. Recentemente publicou MAQUIAVEL E O ESTADO. Fez estudo sucinto, porém profundo, da discutida figura do Florentino, autor d'"O PRINCIPE". Analisou Maquiavel e sua obra, com realismo, e bem o situou no desenvolvimento político dos últimos séculos. A plaqueta é de seu editor de sempre—EDITORA A. BATISTA FONTI-NELE, de Fortaleza.

### **Acentuação, Gráfica**

Pode-se afirmar, sem exagero, que a última reforma sobre a acentuação há produzido verdadeira balbúrdia, sobretudo pela escassez de compêndios especializados na matéria. Por outro lado, muitos publicistas desobedecem às regras pela dificuldade que se lhes oferece a demora das consultas em modernos dicionários. Daí a falta de uniformidade da escrita, mesmo na imprensa, onde se verifica uma espécie de "jôgo de empurra".

Agora, porém, o problema está resolvido, graças ao trabalho eminentemente prático do professor Hélio Melo, lançado ao público sob o título "Acentuação Gráfica", o qual fôra inicialmente organizado para uso dos redatores do Boletim Universitário.

Inegavelmente, o pequeno livro do professor Hélio Melo veio preencher uma necessidade inadiável, devendo figurar obrigatoriamente junto ao papel daqueles que desejam acentuar as palavras corretamente.

### **Crato em 1957**

Sob o patrocínio financeiro da Prefeitura Municipal, ao ensejo do Dia do Município, a Tipografia Imperial imprimiu "Crato em 1957", primoroso e útilíssimo trabalho de Antônio C. Coelho, que, à luz da estatística, produziu um fiel retrato do Crato sob todos os seus aspectos.

De fato, o Autor, que chefia a Agência de Estatística do I.B.G.E., enfeixou em 26 páginas um autêntico "vade mecum" deste Município na atualidade, por cuja contribuição lhe felicitamos efusivamente.

### **Centro Cultural Araripe Júnior**

É com máxima satisfação que registramos a fundação, em



Iguatu, do Centro Cultural Araripe Júnior, entidade de cultura que muito tem feito para o melhoramento intelectual daquela próspera zona. Está realizando programa de conferências, sobre temas sadios e oportunos, cumprindo bem a tarefa que se propôs a executar em seus estatutos.

### **Publicações do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras**

Tem o I. C. C. recebido, com regularidade, as publicações do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, incluindo suas ótimas revistas que tanto honram a cultura de nosso caro Estado. Das duas entidades que representam a inteligência cearense, no que tem de mais elevado, recebemos a visita do Dr. Raimundo Girão que é também nosso sócio correspondente, em Fortaleza, assim cada vez mais estreitando os laços de cordialidade entre a Academia Cearense de Letras, o Instituto do Ceará e o Instituto Cultural do Cariri que muito precisa da experiência das duas grandes forças culturais fortalezenses.

### **Congresso de Imprensa do Interior Nordestino**

Mobiliza-se a imprensa do interior do Nordeste Brasileira para o seu primeiro congresso, a realizar-se na próspera cidade pernambucana de Pesqueira, em dezembro do corrente ano. Em Pernambuco é onde circulam os melhores e mais numerosos jornais interioranos do Nordeste. Realizam-se ali anualmente congressos de jornalistas pernambucanos, com resultados proveitosos para a classe. Agora vão ampliar o conclave, estendendo-o toda região nordestina. À frente do mesmo, encontra-se comissão trabalhadora e entusiasta, sob comando do veterano e brilhante jornalista—Paulo A. de Oliveira, diretor da "FOLHA DE PESQUEIRA". A imprensa do interior cearense tem dado, quase unanimemente, o apoio ao referido congresso. É delegado daquele certame, em Crato, o presidente, do I. C. C.—jornalista J. de Figueiredo Filho e "ITAYTERA", se Deus não mandar o contrário, far-se-á representar naquela reunião.

### **Biblioteca do I. C. C.**

A biblioteca do Instituto Cultural do Cariri, além de bem selecionada, cresce de dia a dia. Nossas realizações primam em ser levadas avante as expensas próprias. A não ser para anúncio de "Itaytera", quase nada pedimos ao particular. Nossa bi-



biblioteca que aumenta sempre, é produto da compra de livros em livrarias e do recebimento de ofertas do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Letras, do Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura e de muitos escritores do Ceará e do Rio. A biblioteca do I. C. C. já foi inscrita do Instituto Nacional do Livro, embora não tenha recebido ainda qualquer exemplar daquela entidade.

### **Recital do Poeta Rogaciano Leite**

Foi festa de arte, cheia de encantamento, a realizada, no dia 9 de maio, às 20.30, no Cine Rádio. Reuniu-se ali seleta assistência para ouvir e aplaudir, incessantemente, o recital do poeta Rogaciano Leite. Recitou, em primeiro lugar, poesias líricas, sentimentais e de cunho social, à altura de Castro Alves e de outros grandes estros nacionais. Rogaciano Leite é poeta todo espontaneidade. Na segunda parte de sua audição, dedicou-se a improvisar versos, pedindo motes aos presentes. O grande bardo de Pernambuco e tão integrado no Ceará, foi apresentado à sociedade cratense, em belo improviso, pelo Dr. Hernildo Gomes de Almeida.

### **Boletim do Instituto do Ceará**

Além de editar revista das melhores no gênero em todo o País, o Instituto do Ceará, recomeçou a publicar "Boletim do Instituto do Ceará". A edição de 1956 é toda consagrada aos festejos comemorativos do 1º centenário do nascimento do Barão de Studart. Crato, que tomou parte saliente naquelas comemorações, assim demonstrando seu elevado nível de cultura, também está integrada nos anais daqueles festejos, com o discurso pronunciado no Rotary Club, pelo Dr. Moacir Mota e publicado no segundo número de "Itaytera".

### **Silhueta**

Numa demonstração de admirável esforço no terreno espiritual, um grupo de jovens sargentos do Exército vem mantendo a circulação de "Silhueta", modesto mas bem feito jornal de feição literária, órgão do "Clube General Sampaio", de Fortaleza.

Dirigido por Mário de Lima Pereira e secretariado por



J. Miguel de Matos, "Silhueta" está se impondo pelo alto nível intelectual de seus colaboradores, entre os quais se destacam Altevir Soares de Alencar, autor do livro de poesias "Sonho e Realidade", recém-editado; J. Miguel de Matos, membro da Associação Cearense de Imprensa, cuja última obra—"Brás da Santinha"—vem de ser esgotada; Mário de Lima Ferreira, uma das mais fulgurantes inteligências da nova geração de sargentos do glorioso Exército de Caxias.

Fazendo êste breve registro, "itaytera" felicita o brilhante corpo redatorial de "Silhueta", que, em meio das rudes tarefas da caserna, reserva energias para nos brindar com uma publicação digna dos maiores encômios.

### Pessoas que já Auxiliaram o Museu de Crato

Várias foram as pessoas de Crato e circunvizinhanças que cooperaram para o êxito do Museu de Crato. Contamos com o valioso auxilio de : D. Francisco de Assis Pires, Dr. Ossian de Alencar Araripe, Deputado Antônio de Alencar Araripe, Cel. Raimundo Teles Pinheiro, Capitão Otacilio Anselmo e Silva, dr. Hermano Monteiro Teles, João Raulfo Pequeno, Antônio Rafael Dias, Abidoral Jamarú, Pe. Frederico Nierhoff, Plínio Mena Barrêto, José Severino (Quixará), Pe. Antônio Gomes de Araújo, Raimundo Rolim, Galdino Filho, Antônio Pinheiro Gonçalves, D. Ana Fernandes Pequeno, Joaquim Fernandes Pequeno, Sinhá Fernandes Pequeno, José Pio Teixeira Mendes, Poeta Patativa (Assaré), Casa de Caridade, D. Terezinha Rodrigues de Oliveira e Silva, Mestre Pedro Jaguaribe, Dr. Francisco Esmeraldo de Melo, Pedro Felício Cavalcante, Antero Timóteo de Macêdo, Vicente Cordeiro, Ramiro Maia, Dr. Ferreira de Assis, Júlio Saraiva, Zilberto Teles, Agenor Duarte, Lindemberg Patricio de Aquino, Professora Priscila Pinheiro, José Gonçalves Sobrinho, José Bacurau, D. Maria da Penha Teles, Dr. Jefferson de Albuquerque e Souza, Prof. José Bezerra de Brito, Dr. Anibal Viana de Figueirêdo, D. Lilia Rolim, D. Donita da Franca Alencar, João Cruz (Fazenda Nova, Saboeiro), Agilberto Freire (Bagé, R. G. do Sul), D. Maria do Carmo Pequeno, Prof. Toinha Simões, Clemente de Araújo Borges (Caririassú), Luiz Gonzaga de Mélo, Raimundo Dantas, Expedito Bezerra, Luiz Alves—da Livraria S. Vicente de Férrer, dr. Walter Barbosa, Dr. Jósio de Alencar Araripe, Cito Feitosa, D. Irinéia Ribeiro, Da. Zulmira Alencar, José Avicena de Quental Lucena, José Arraes e José Evangelista...



Estão os consócios Dr. Antonio Alves de Queiroz e Dr. Raimundo de Lucena organizando, respectivamente, para o nosso Museu, mostruário de madeira caririense e minérios, acompanhando ao mapa geológico da região.

### Sócio Benemérito

Foi apresentado como sócio benemérito do I. C. C. e aceito por unanimidade de votos, o deputado federal Antônio de Alencar Araripe. Foi sócio fundador e dos principais propagandistas da criação de nossa entidade associativa de cultura. Na Câmara Federal tem sido o baluarte principal em arranjar as subvenções ordinárias e extraordinárias.

É dos principais doadores de objetos do Museu de Crato, e em todas as iniciativas do I. C. C. contamos com sua ajuda decisiva.

### Crato no Concurso dos Municípios mais Progressistas do Brasil

Crato, através da Câmara Municipal, inscreveu-se no concurso nacional dos mais progressistas municípios do Brasil, no presente ano de 1957. Não é iniciativa sem razão de ser. Crato se renova de alto a baixo. Seu progresso não é unilateral. É em todos os sentidos. Conta com jovem realizador à frente da municipalidade—Dr. Ossian de Alencar Araripe, que tudo tem feito para a sua comuna progredir. Além disso, está o cratense animado do mais puro ideal de alevantar sua terra em todos os setôres da vida, deixando de lado a politicagem malsã que entrava o progresso de muitas outras localidades, que colocam o interesse particular acima do bem geral da comunidade. Crato merece emparelhar-se com os municípios que mais progredem, no Brasil, na hora presente.

### Parlamentares e administradores que trabalham pelo Instituto Cultural do Cariri

Desde que nasceu o Instituto Cultural do Cariri, não lhe têm faltado admiradores entusiastas. Nos diversos legislativos, municipal, federal e estadual, a ajuda para as vitórias de nossa entidade cultural tem sido das mais valiosas. Assim, em Crato, os vereadores Dr. Aluísio Cavalcante, Dr. Jósio de Alencar Araripe e José Luiz de França, os dois primeiros membros do I. C. C., apresentaram projetos de subvenções à Câmara Municipal, que foram unânimeamente aprovados. O executivo municí-



pal, sob a direção do esforçado prefeito Dr. Ossian de Alencar Araripe, tem facilitado o pagamento de nossas subvenções, com a mais franca boa vontade.

Na Câmara Federal, o deputado Antônio de Alencar Araripe, tem sido a sentinela avançada em defesa contínua do I. C. C. No Senado Federal, encontramos a figura amiga do respeitável por todos os títulos, Senador General Onofre Muniz Gomes de Lima, que por último, nos deu vinte mil cruzeiros, de sua cota e defendido em brilhante justificativa.

Na Câmara Estadual, temos o amigo de todas as horas que é o deputado contrerrâneo e nosso consócio Deputado Décio Teles Cartaxo.

Não podemos esquecer, nesse breve registro, o nome do deputado estadual cratense—Dr. Wilson Gonçalves, que arranjou, gratuitamente, a publicação no Diário Oficial do Estado, dos Estatutos do Instituto Cultural do Cariri.

### **Diretor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Ceará**

Andou acertadamente a atual reitoria da Universidade do Ceará, em mãos de nosso inteligente e devotado contrerrâneo Prof. Antônio Martins Filho, em escolher para a direção da recém-fundada Faculdade de Engenharia, o cratense Prof. Antônio Pinheiro Filho, antigo catedrático da conhecida Escola de Engenharia de Ouro Preto que tanta nomeada possui no Brasil. Além de culto, inteligente, e profundo conhecedor de todos os assuntos relacionados com a carreira que abraçou, é o Dr. Antônio Pinheiro Filho talhado para ser o criador e animador da escola que é das filhas mais jovens da Universidade do Ceará.

### **O nome de Franklin Benjamim de Carvalho para o batismo de uma rua de Crato**

Crato não foi edificado unicamente por coronéis que tinham dinheiro e prestígio na política. Há homens probos cuja vida foi perene ensinamento aos porvindouros. Franklin Benjamim de Carvalho está no número dos bons obreiros que merecem dar o nome a uma rua de Crato. Agora há tantas que estão sendo abertas. Foi ele ao abrigar os perseguidos da serenata que roubou a vida de Horácio Jácome, que instituiu, em nosso meio, a tolerância politico-partidária, pois, salvou, naquela ocasião, seus adversários. Era cidadão probo, na verdadei-



ra inteireza do termo. Foi agente do correio, secretário da prefeitura e ascendente de numerosa e ilustre família. Nasceu, em Crato, a 11 de setembro de 1847 e faleceu a 13 de fevereiro de 1923. Era conhecido com o nome familiar de Major Franco.

O Mestre José Felipe, educador abnegado da mocidade pobre de Crato é outro nome que deve iluminar rua de Crato. O Prof. Bezerra de Brito, oportunamente, publicará trabalho fazendo a apologia de um dos maiores educadores de Crato que foi aquêlê professor humilde que viveu anos a fio só para espargir a luz do alfabeto entre moços de poucos recursos.

### Exposição Nordestina Agro-Pecuária de Crato.

De ano para ano, mais toma vulto a Exposição Agro-Pecuária de Crato, promovida como ponto máximo das comemorações do Dia do Município de Crato, a 21 de junho. No presente ano, por si só, suas proporções quase que já tomaram aspecto de certame de caráter nordestino. Já transpôs fronteiras da região cariense e hoje começa a interessar a todo o Nordeste. Com a transferência da Exposição Agro-Pecuária de Recife, de nordestina para nacional, ficou quase que definitivamente acentado que Crato ficaria a ser a sede, de agora em diante, da Exposição Anual Nordestina. Em futuro próximo, aquelas exposições de Crato tomarão proporções quase idênticas às de Uberaba, no Triângulo Mineiro. Nosso município é centro geográfico do Nordeste Brasileiro. Ficamos em ponto quase equidistante de Fortaleza, Recife, Teresina e Salvador. Crato é metrópole natural de extensa zona, abrangendo o interior de quatro estados. Possuímos das melhores rêdes de comunicação do interior nortista, destacando-se as linhas de ônibus para S. Paulo, Rio, Salvador, Recife e Teresina. Não há, portanto, cidade onde melhor possa ser a sede da Exposição anual Agro-Pecuária do Nordeste, do que Crato. Para alcançarmos a meta final, necessitamos da conclusão, antes do fim do corrente ano, de todos os pavilhões do Parque Permanente, sob a alçada da Secretaria da Agricultura do Estado.

Dados colhidos no «Dicionário de Geografia Universal», por uma Sociedade de Homens de Ciências, editado em Lisboa, por David Cozzani, em 1878:

“CRATO—Cidade e município da província do Ceará (Bra-



sil), cabeça da comarca do mesmo nome, na margem do ribeiro Grangeiro, a 7° e 14" Lat. S. e 38° 4' Long. O, a 611 quilômetros de Fortaleza. A cidade tem 17.743 habitantes livres e 728 escravos, com 3.617 fogos. É o 5° distrito eleitoral. Elege 46 eleitores." Pag. 967.

"CRATO—(N. S. da Conceição). Vila situada em uma colina perto da margem esquerda da ribeira do Serdu. Ao centro da vila encontra-se uma antiquíssima torre de relógio, de forma piramidal. Querem alguns arqueólogos que a fundação do Crato proceda dos cartagineses, e que já nos tempos dos romanos se chamasse Castraleuca, nome dado também a CASTELO BRANCO. O seu brasão de armas é uma cruz de Malta, de ponta, em campo de púrpura." Pag 966.

"ARARIPE—Serra; dela se avista o Rio S. Francisco, distância mais de 167 quilômetros, ouvindo-se o estrepto da cachoeira de Paulo Afonso". Pag. 161.

### Desenho do Artista Cratense Sérvulo Esmeraldo



Sérvulo Esmeraldo é jovem cratense que está vencendo galhardamente no meio culto de S. Paulo. Seu nome como gravador, arte difícil e pouco seguida no Brasil, tem atravessado fronteiras de nosso País. A respeito de nosso inteligente conterrâneo, transcrevemos trecho, do número 9, da revista "PARA TODOS", da segunda quinzena de setembro de 1956.

"Inaugurou-se no salão do Clube dos Artistas, em S. Paulo, uma exposição de gravuras do jovem artista Sérvulo Esmeraldo, a qual foi muito visitada e teve a mais favorável repercussão na capital paulista. O jovem gravador cearense, que chegou a S. Paulo depois de conviver nos meios artísticos no Norte, está se afirmando como um promissor representante da geração mais nova de artistas plásticos".

A revista do Rio—"VISÃO", sempre sóbria em elogios, em número do ano transato, fez as melhores referências a Sérvulo, representante artístico desta fecunda terra cariense, pródiga em valores, como o foi outrora em heróis que se sacrificaram pela causa de emancipação da Pátria Brasileira.

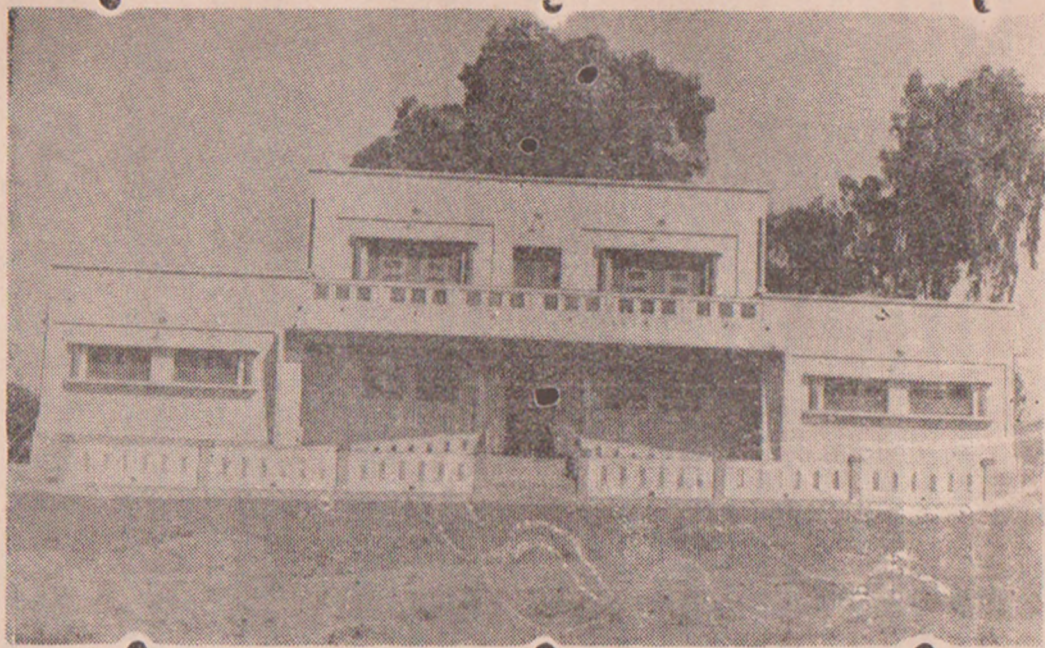
### Cultura e Universidade

"CULTURA E UNIVERSIDADE" é o título da ORAÇÃO DE PARANINHO, enfeitada em opúsculo, através da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ, pelo conterrâneo e brilhante intelectual Prof. José Denizard Macêdo de Alcântara. Foi o discurso de paraninHO pronunciado a 9 de dezembro de 1956, por ocasião da colação de grau dos bacharéis da Faculdade de Filosofia, da Universidade do Ceará. Naquelas páginas, demonstra José Denizard sua sólida cultura que o coloca na vanguarda da intelectualidade cearense, dos presentes tempos. Cratense de nascimento, impôs-se definitivamente no meio cultural fortalezense, sendo membro do Instituto do Ceará e professor da Escola Preparatória e da Faculdade de Filosofia, da Universidade do Ceará.

**Em Maio Esteve no Rio o Prefeito de Crato—Dr. Ossian de Alencar Araripe.**

Em meiado de maio, estive na Capital da República, acompanhado da Exma. esposa e representando o distrito de





Fachada do Liceu Diocesano de Artes e Ofícios. Situa-se no alto do Seminário de S. José e é das maiores iniciativas da Diocese de Crato, no campo educacional. Para a sua execução muito se deve ao Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira e aos esforços do deputado federal — Antônio de Alencar Araripe.



Crato, na Convenção Nacional do LYONS CLUB, o atual prefeito desta cidade—Dr. Ossian de Alencar Araripe. Muito trabalhou também pela comuna que dirige, com tanto aprumo, naqueles dias que passou no Rio. Resolveu inúmeros problemas que são de vital importância para o município de Crato. Em companhia do Governador Sarasate, dos deputados Alencar Araripe e Décio Cartaxo e de Francisco Tavares Bezerra, êste representando a Associação Comercial de Crato, entrevistou-se com o Exmo Snr. Presidente da República. Em suas visitas aos ministerios da Viação, Aeronáutica e Agricultura assinou convênios e desvencilhou verbas que irão beneficiar Crato e o Cariri, em diversos setores. Junto à Companhia Siemes, concessionária do Serviço de Telefones e da instalação de turbina elétrica no Batateira, apressou a breve instalação dos dois grandes e inadiáveis melhoramentos de nossa terra. Ali também comprovou, mais uma vez, o devotamento que tem à comuna que o elegeu.

### **Crato no IV Congresso Nacional de Municípios.**

Crato esteve presente ao IV CONGRESSO NACIONAL DE MUNICÍPIOS, através de seu representante o atual secretário da Prefeitura—Dr. Jósio de Alencar Araripe. Foi conclave bem movimentado que se realizou, no Rio, entre 27 de abril a 4 de maio do corrente ano. Daquêle Congresso surgiu a seguinte declaração municipalista.

“Prefeitos, vereadores e municipalistas do Brasil, reunidos pela Associação Brasileira de Municípios, no IV Congresso Nacional de Municípios, na cidade do Rio de Janeiro, entre 27 de abril e 5 de maio, declaram a sua disposição de luta;

I—Pela liberação da força criadora política, econômica e social contida em cada município;

II—Pela melhor organização das instituições municipais;

III—Por uma nova discriminação de rendas favorável aos municípios;

IV—Pelos planejamentos, financiamentos e consórcios determinados no projeto da lei pró-município;

V—Pela municipalização do ensino primário e dos serviços locais de saúde;



VI—Pela criação do instituto brasileiro de proteção dos recursos naturais;

VII—Pela criação do Ministério do Interior;

VIII—Pela fixação e melhor emprego dos recursos dos municípios, dentro do seu âmbito natural;

IX—Pela solução urgente do problema agrário, facilitando aos que desejarem cultivar a terra a propriedade de uma extensão compatível com suas possibilidades;

X—Pela crescente institucionalização da Associação Brasileira de Municípios e maior descentralização do movimento municipalista;

XI—Pela mais rápida realização das reivindicações e recomendações constantes da carta dos municípios.

O representante de Crato, a convite da Federação das Indústrias, compareceu à célebre Exposição Nacional de Agricultura de Cotias, S. Paulo, em comemoração ao 30<sup>o</sup> aniversário da Cooperativa de Produção daquela cidade, a maior experiência vencedora de cooperativismo, da América Latina.

### Principais Atividades do Instituto Cultural do Cariri (março—1955 / out. —1957).

O dia 25 de março de 1955 há de ficar indelével nos anais do Instituto, por ter sido a data em que circulou o primeiro número desta revista. No ano seguinte, aos 14 de abril, o segundo volume foi lançado à publicidade, para cuja solenidade a Diretoria do I. C. C. organizou um coquetel na Sorveteria Cayru, que teve início às 16 horas, com a presença das autoridades locais, sócios do Instituto, intelectuais e o editor de "Itaytera", acompanhado dos gráficos seus auxiliares. Os detalhes da reunião estão inscritos no Livro de Atas do I. C. C.

No dia 16 de abril de 1955, o Instituto realizou uma sessão extraordinária, com a presença do historiador Reimundo Girão, atual Presidente da Academia Cearense de Letras. A 23, o consócio Dr. Antônio Alves de Queiroz pronunciou uma conferência sob o tema "Floresta do Araripe".

Maio:—A 1º, o Instituto enviou um Memorial ao Dr. Paulo Cabral, no sentido de ser fundado um jornal ASSOCIADO em Crato. O dia 14 assinala o início da campanha lançada pelo I. C. C. pela fundação de uma Faculdade de Filosofia nesta cidade. No dia 28, formulou um convite a escritora Raquel de Queiroz para visitar o Crato.

Nota de realce na vida do Instituto foi, incontestavelmente, a conferência do Professor Raimundo Gomes de Matos, realizada no dia 7 de julho, no Edifício Caixeiral, sob o patrocínio do I. C. C., com a qual foi comemorado o centenário do jornal "O Araripe", fundado por João Brígido, cuja personalidade foi brilhantemente estudada por espaço superior a duas horas, para uma seleta assistência espalhada pelos corredores que dão acesso ao grande salão onde se realizou a reunião. Pelo acontecimento, do qual se ocupou a imprensa de Fortaleza, o Instituto recebeu telegramas de felicitações dos seguintes intelectuais: Drs. Th. Pompeu Sobrinho e Raimundo Girão, presidente e secretário geral do Instituto do Ceará; Dra. Henriqueta Galeno, presidente da Casa Juvenil Galeno; Dr. Pedro Gomes de Matos; jornalistas Bruno de Menezes e Luis Brígido, este neto do pioneiro da imprensa no sul do Estado; Cândida Maria Galeno, presidente da Ala Feminina da Casa Juvenil Galeno e diretora da Revista da mesma entidade; Magnífico Reitor da Universidade do Ceará, dr. Antônio Martins Filho.

Fato curioso, pelo seu ineditismo, foi a presença do escritor japonês Kiyoshi Ando, na sessão ordinária de 27 de agosto. Aquêlê intelectual nipônico, que veio ao Nordeste com o objetivo de colher material para um livro sobre a Região, fez, naquela oportunidade, uma síntese histórica do seu país, no decorrer da qual ressaltou vários aspectos do outrora longínquo Império do Sol Nascente, inclusive o fato de seu povo não constituir uma raça, mas um amálgama de quatro remotas tribos.

O Instituto iniciou o ano de 1956 prestando uma homenagem póstuma ao Barão de Studart, à passagem do seu centenário. Assim é que, no dia 5, o vulto daquele consagrado historiador foi evocado na palavra do Dr. José Newton Alves de Souza, sócio correspondente em Salvador, através de substancial peça oratória.

Na sessão de 21 de abril, o I. C. C. deliberou intensificar a campanha pela organização do Museu do Crato, tomando, desde então, medidas concretas para sua realização. E na seguinte, 11 de julho, tomou providências para sua instalação no



Edifício S. Luis, inscrição no Instituto Nacional do Livro e remessa de documentos para o recebimento das subvenções federais, estadual e municipal. No dia 3 de outubro, o I. C. C. realizou sua sessão ordinária na nova sede—Edifício S. Luis—ocasião em que o seu Presidente mostrou aos sócios os primeiros objetos ofertados para o Museu. A 17, foi eleita a nova Diretoria do Instituto, cujos nomes figuram na secção competente deste número. Em janeiro de 1957, circulou o primeiro número do "Jornal do Instituto", destinado a propugnar, sobretudo, pelo Museu do Crato, considerado oficialmente inaugurado no dia 18.

### Estado do Cariri

"Ytaytera" cometeria uma deselegância—senão um erro—se deixasse de incorporar a atual campanha pela criação do Estado do Cariri no registro dos fatos históricos da região, posto que a história não tem fronteiras entre grupos, sejam eles políticos, sociais ou religiosos.

Fazendo-o, esta revista cumpre apenas uma das principais finalidades da instituição de que é órgão.

### *Caminho de uma idéia*

A primeira tentativa de formação de uma nova unidade federada na região sul do Ceará, remonta ao ano de 1828.

Com efeito, no dia 1º de julho daquele ano, a Câmara Municipal do Crato tomou a deliberação de encaminhar uma representação ao Governo Provincial, aquela época sob a chefia de Antônio de Sales Nunes Belfort, propugnando pela fundação da Província dos Cariris Novos, formada pela zona sul do Ceará e parte dos Estados vizinhos.

Secundando aquêle movimento, o senador José Martiniano de Alencar, em 1839, apresentou o seguinte projeto:

"A Assembléa Geral Legislativa decreta:

Art. 1.º Fica criada uma nova Província que se denominará Província do Cariri Novo, cuja Capital será a Vila do Crato.

Art. 2.º Esta Província se formará

§ 1.º Dos Municípios do Riacho do Sangue, Icó, Inhamuns, São Mateus, Lavras, Jardim e Crato, da Província do Ceará.

§ 2.º Dos Municípios do Rio do Peixe e Pinhancó, da Província da Paraíba.

§ 3.º Do Município de Pajeú de Flores e dos compreendidos no antigo Julgado do Cabrobó, da Província de Pernambuco.

§ 4.º E do Município de Piranhas, da Província de Piauí.

Art 3.º As Autoridades Gerais, que em virtude da Constituição e das Leis existentes houverem de ser criadas nesta nova Província, terão os mesmos Ordenados que têm os da Província do Ceará.

Art. 4.º Logo que esta Lei for sancionada, se tirará por sorte na Câmara dos Deputados e no Senado, dentre os oito Deputados e quatro Senadores do Ceará, quatro Deputados e dois Senadores para representarem a nova Província.

Art. 5.º Na primeira Eleição geral que tiver lugar depois que esta Lei for sancionada, se nomearão mais dois Deputados e um Senador pela nova Província, ficando ela desde então representada na Assembléa Geral por seis Deputados e três Senadores.

Art. 6.º A Assembléa desta nova Província constará de vinte e oito membros.

Art 7.º Ficarão revogadas todas as Leis e disposições em contrário.

Paço do Senado, 14 de agôsto de 1839—José Martiniano de Alencar—Antônio Pedro da Costa Ferreira—José Bento Leite Ferreira de Melo—Nicolau Pereira de Campos Vergueiro—Diogo Antônio Feijó—João Antônio Rodrigues de Carvalho—Francisco de Brito Guerra—Francisco de Lima e Silva—Manuel Inácio de Melo e Sousa—Está conforme. José Pedro Fernandes—Está conforme, Antônio José de Paiva Guedes de Andrade”.

Tomando em consideração o Projeto Alencar, o Governo Imperial baixou as seguintes instruções ao Governo da Província de Pernambuco, extensivas aos demais governos cujas Províncias foram envolvidas pelo plano:

“Ilmo. e Exmo. Sr.

Manda o Regente em nome do Imperador o Senhor Dom Pedro Segundo remeter a V. Excia. o incluso Projeto de Lei relativo à criação de uma Província, que se denominará.—Carir Novo—composto dos Municípios mencionados no referido Projeto. E há por bem que V. Excia., ouvindo as Câmaras do



ditos Municípios pertencentes a Província, que lhe está confiada, informe qual o número de habitantes de cada um deles, e a extensão do seu território declarando ao mesmo tempo qual a Renda Geral, e a Província, que cada um desses Municípios anualmente produz, calculada sobre a sua produção, e o seu consumo, assim como as vantagens, que se presumem derivar daquela criação; e ficando na inteligência de que as mencionadas informações devem aqui achar-se no princípio da futura Sessão da Assembléa Geral Legislativa, a fim de serem remetidas à Câmara dos Senhores Senadores que as solicita.

Deus guarde a V. Excia. Palácio do Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1839.

Manuel Antônio Galvão.

Sr. Presidente da Província de Pernambuco".

Ao officio acima foi dado o seguinte despacho:

"Cumpra-se. Palácio do Governo de Pernambuco, 23 de novembro de 1839.

F. Rego".

À página 205 da REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO (Ano II — N. III — Recife — Pernambuco — 1947), da qual foram transcritos os documentos referidos, há esta observação: "Pediiram-se as informações às Câmaras Municipais de Flores e Boa-Vista, e aos inspetores da Tesouraria, da Província, e das Rendas Provinciais, em 5 de dezembro de 1839.

Falta-nos documentos relativos às demais províncias atingidas pelo projeto.

Já em 1846, a então Assembléa Legislativa da Província do Ceará, em documento firmado pelo seu Presidente e Secretários, respectivamente, Joaquim José Barbosa, Hipólito Cassiano Pamplona e Justino Furtado Mendonça, dirigiu um memorial ao Senado e à Câmara dos Deputados, "demonstrando a necessidade" da fundação de uma Província nos Cariris Novos.

Exatamente aos 7 de julho de 1855, o Prof. João Brígido dos Santos fundava em Crato "O Araripe", com o objetivo de propagar a idéia, em cujas páginas passou a colaborar José Martiniano de Alencar.

Um século depois do projeto do Senador Alencar, o Cariri voltou a ser apontado como futuro Estado da Federação, num magnífico trabalho de autoria do atual General João de Segadas Vianna, intitulado "Divisão Territorial do Brasil".

No estudo, que foi publicado na Revista Brasileira de Geografia (Ano II—Nº 3—julho/1940), o País está dividido em 1 Distrito Federal, 27 Estados e 39 Territórios, e o Cariri lá está distinguido com estas características:

Estado do Araripe. Capital—Crato. Superfície—96.560 kms<sup>2</sup>. População—751.000 habs.

Limites N.—Partir para O. da junção dos limites do Ceará com o Rio Grande do Norte e Paraíba até Icó, Rio Jaguaribe, Rio Trussu, Serra das Guaribas até a confluência do Arroio Independência com o Rio Potí e este rio até a fronteira com o Estado do Piauí.

Limites O.—Os atuais limites do Ceará e Pernambuco com o Piauí e os da Bahia com o Piauí até o meridiano 0°, dêste último ponto uma reta até a Ilha do Miradouro no Rio São Francisco.

Limites S.—O Rio São Francisco.

Limites L.—Partindo do N. os atuais limites do Ceará com a Paraíba e em seguida os Rios S. José e Pajeú, afluentes do "São Francisco".

Agora, a idéia ressurgiu, através dêste Projeto de Lei apresentado à Assembléia Legislativa do Ceará, pelo Deputado Wilson Roriz:

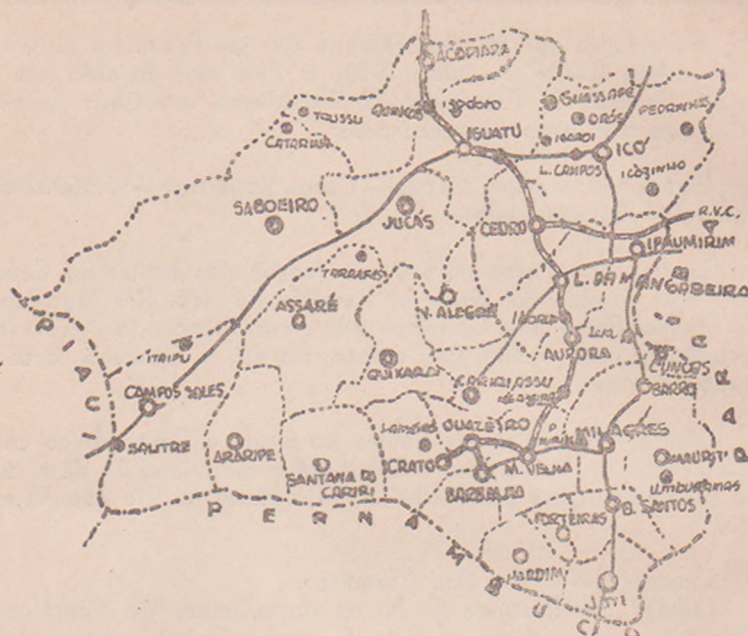
Art. 1º.—Fica a Mesa da Assembléia Legislativa do Ceará autorizada a constituir, de acôrdo com a legislação em vigor, a Junta Plebiscitária para a consulta de que trata o art. 2º da Constituição Federal, a ser realizada na Região Sul do Estado do Ceará, nos Municípios de Icó, Acopiara, Saboeiro, Campos Sales, Ipaumirim, Lavras da Mangabeira, Cedro, Várzea Alegre, Cariús, Jucás, Assaré, Farias Brito, Santana do Cariri, Caririassú, Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Aurora, Barro, Milagres, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Jardim, Porteiras, Missão Velha, Araripe, Iguatú, a fim de ser em referida região, formado o Estado do Cariri, de acôrdo com o art. 17, nº 16, da Constituição do Estado.

Art. 2º.—A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões em 21 de maio de 1957.

a) Wilson Roriz.





Da propaganda que então se desenvolveu na Região do Cariri, destacam-se a fundação de um Comitê em Crato, sob a presidência do Sr. Ernani Silva, a realização de um comício em Juazeiro do Norte, no dia 2 de junho, e a difusão de um "Hino da Campanha do Estado do Cariri", versos de Otacilio Anselmo, adaptados à Canção do Soldado, do seguinte teor:

Imortal como a fênix da lenda,  
Reboando da serra ao sertão,  
Renasceu a idéia avoenga  
De remiro querido torrão! (Bis)

#### Estrilho

Liberdade, por ti lutaremos!  
Cariri um Estado será!  
Redenção é o anseio supremo,  
Que um dia por certo virá. (Bis)

Para frente heróis sertanejos!  
Construamos o nosso porvir.  
Levantemos bem alto a bandeira,  
Que a nossa grandeza há de vir. (Bis)

#### Estrilho

Liberdade, por ti lutaremos! etc.

# F I M

---

---

Luiz Sampson

*Trago nos olhos a ilusão falhada  
de outros caminhos que pensei rever,  
onde a esperança, há tanto acariciada,  
se entregasse cantante a florescer.*

*Trago no rosto a marca indistinta  
da vã tragédia de algum dia ser  
pálido enigma, à beira de uma estrada  
testemunhando a paz de envelhecer.*

*Trago nas mãos a lembrança triste  
da sensação feliz que não existe,  
hoje que tudo vai chegando ao fim.*

*Trago na boca lívida e confusa  
a ânsia de amor estática, inconclusa,  
último alento que restou de mim.*



# Sapataria Carioca

— FILIAL —

de Gilberto Mariano & Cia

Rua Dr. João Pessoa, 63 — CRATO

Especialidade em calçados para homens, senhoras e crianças nos mais chics modelos e pelos melhores preços. Fábrica e vende malas, malotas, pastas, cintos, etc.

MATRIZ: Rua Santa Luzia, 335

JUAZEIRO DO NORTE

# Fábrica de Rêdes Jucá

*Estoque permanente de Rêdes Brancas e de cô-es de todos tamanhos para Casal, Solteiro, Criança, Pano para Redes, Punhos, etc.*

Preços sem Competidores

— GROSSO E VAREJO —

Depósito e Vendas - Rua Senador Pompeu, 97

FONE..... — Teleg.: ZEJUCÁ

CRATO — CEARÁ

SUA VISITA ME DARÁ PRAZER



### Lions Clube de Juazeiro do Norte

Festejando o seu 1º aniversário de fundação, o Clube de Leões de Juazeiro do Norte reuniu-se na noite de 22 de julho último, ocasião em que foi empossada a sua nova Diretoria, assim constituída: Presidente—Dr. Geraldo Menezes Barbosa, 1º Vice—Lauro Pereira de Matos, 2º Vice—Propércio de Castro Nogueira, 3º Vice—Edmundo Morais, 1º Secretário—Exedito Pereira, 2º Sec.—Geraldo Barbosa, 1º Tesoureiro—José Gomes de Almeida, 2º Tes.—Alberto Bezerra de Morais, Dir. Social—José Wilson da Silva, Dir. Animador—Vicente Alves dos Santos, Diretores Vogais—José Teófilo Machado, Antônio Ferreira Lima, Adjacir Cidrão de Oliveira e Francisco Ferreira Lima.

Reunindo em seu seio cidadãos do mais alto nível social, o "Lions Clube de Juazeiro" completa o seu quadro de sócios com os Srs. José Alves de Souza, João Mendes Filho, Felipe Nery da Silva, Vicente Teixeira de Macêdo, Orlando Bezerra Menezes, Francisco Barbosa, Antônio Fernandes Coimbra e José Sobreira da Silveira.

Como nota de destaque da memorável sessão, foi admitido o leão Geneflides Matos, conceituado médico da próspera cidade, cujo ato solene culminou com uma salva de palmas.

A palestra leonística do lauto jantar coube à Exma. Sra. Zuila Morais, dona do leão Alberto Bezerra de Morais, que foi muito aplaudida.

O clube padrinho—"Lions Clube de Crato"—fez-se representar pelo seu Presidente, Dr. Ossian de Alencar Araripe, acompanhado dos leões Cícero Carvalho, Tomás Osterne, Ernani Silva, José Leandro, Otacilio Anselmo, Maurício Almeida, José Maria, Cândido Figueiredo e Francisco Tavares Bezerra. Figuraram ainda na caravana leonística cratense o jornalista J. Lindemberg de Aquino e as ilustres domadoras Maria do Céu Alencar Araripe, Mari Astrês, Francisca P. e Silva, Cléa Almeida e Ruth Esther Vieira.



Fazendo o registro dêsse acontecimento eminentemente social, que reuniu nos vastos salões do 13 Esporte Clube leões e domadoras das duas cidades irmãs, bem assim autoridades e pessoas gradas locais, "Itaytera" formula ao vitorioso "Lions Clube de Juazeiro do Norte" os maiores votos de prosperidade, para que continui a servir desinteressadamente àquela comunidade.

(Reuniões: 2ª e 4ª quartas-feiras, no 13 Esporte Clube.)

---

Todos concebem claramente o direito e o dever: o direito para si e o dever para os outros.

—VALTOUR.

---

"ITAYTERA—Ano 2—Nº 2—Crato—1956.—Essa revista é órgão do "Instituto Cultural do Cariri", que dá bem o índice dos valores mentais que se congregam na formosa cidade do Crato, num movimento de expressiva significação. Ali, registraram-se os maiores cometimentos cívicos da nossa História; dali saíram os vultos mais ilustres nos vários setores da nossa atividade literária e artística; dali nos vem um sôpro de vitalidade sempre renovada aos nossos esforços para a marcha ascensional do nosso Estado. "Itaytera" é a demonstração do que vale a nova geração que ali se movimenta para realização de uma obra admirável de cultura."

IN "REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS"—ANO LX—Nº 27—FORTALEZA, 1956.

# Teopisto

*Quixadá Felício.*

Vem-me noticia ruim do Crato. Doença em Teopisto Abath. Coisa grave. Ameaçando fim. Ouço e estremeço. Fecho os ouvidos ao mundo de algazarra, velhacaria e estupidez que vai cosendo a nossa existência, a existência de três bilhões de infelizes que têm fome, desesperos, nenhum raio de alívio ou esperança. Viro-me todo para dentro dêste outro mundo. Dêste meu mundo interior, cansado, muitos esparadrapos aplacando as feridas dos desencantos... Espio o Crato. Faz frio terrível na atitude de concentração perigosa. Reparo naqueles meninos de 16 anos estiolando a alma no cálice de vinho ou na dança sensual e suada do bolero afrouxador que faz doidos apelos ao instinto, à animalidade... Demoro o olhar entristecido sobre moçotas cheias de viço de instinto, também, o espirito pouco trabalhado, a vontade se anulando nesta ditadura suicida de filhos sobre pais... Num extremo, uma geração. A do fio de barba, que era muito mais legal do que sêlo de educação e saúde e mais um de 15 ou 20 Cruzeiros com que um salafrário qualquer engana, com estilos de lei feita para os fracos, as retas intenções de um homem de bem... Noutro, um abismo. quero dizer, uma geração diferente, entorpecida, errando sobre os escombros de uma sociedade em desatinos mortais...

Temo pela vida de Teopisto Abath. O velho e honrado ourives da rua das Laranjeiras é uma legenda. Dessas que Deus Nosso Senhor faz muito anda esquecido de mandar à terra. Sua figura física espelha facetas multifarias do caráter em constantes ardências, como combustível de fé alimentando energias que não cedem ao vendaval desagregador... Feio, soberanamente feio, alto, corcundão destraido da vaidade tática, o uniforme sempre preto de fazenda barata guardando a memória da companheira que se foi primeiro, muito primeiro, faz compridos lustros, mas sempre e belamente viva na saudade do velho esplêndido. Poucas palavras e, apenas, ciciadas. Capaz de romper todas as ruas da cidade sem alevantar os olhos do chão, que é sempre mais limpo do que a cara dos transeuntes... Carranca doce, onde aqui e acolá a molêsa de um sorriso se espraia fidalgo, sorriso fundo, vindo da alma em sonatas de paz... Nunca errou, nunca mentiu. É a vergonha mesma sobre duas pernas compridas, arrastadas sem pressa maior de chegar à ambi-



ção vazia. Enquanto vivo, trafegando sem obstáculos, é uma advertência. Ainda que para bem poucos. Deixa, todavia, à sua passagem, um leve e esvoaçante calor na sensibilidade dos negligentes, dos que deixaram de acreditar na validade da honra. É um marco. E, acima de tudo, um deslocado. Quando morrer será logo esquecido por quase todos. Será, quando muito, nome de rua ou de praça, coisa que se dá, hoje, a qualquer hipócrita de seicentos contos ou qualquer batebola de gramados interestaduais. Esquecido e ultrajado pela onda leviana dos que ficarem. Não faltarão palavras na boca dos boçais para enxumar-lhe a paisagem moral com um dito de deboche. Será apontado como asno, que não soube se aproveitar dos milhares de grãos de ouro levados à suaz oficina para um mercado de furtos. Os filhos—estes sim, porque feitos à sua imagem—recolherão o exemplo, para a eucaristia de um culto comovedor.

Receio que estas palavras sejam estampadas quando o coração de Teopisto Abath houver parado. Que ele venha a morrer logo, deixando a sua cidade bem antes da hora rósea que é preciso vir, de recuperação social, de revisão das consciências, para que tudo não afunde, de vez, no despenhadeiro horripilante... Se eu pudesse, iria ao meu Deus. Pediria, imploraria que trocasse tantas vidas inúteis que há por aí, pela vida de Teopisto. Para que ele fôsse um novo Matusalém, pregando com o silêncio do seu exemplo lindo para os que amanhecem, mostrando-lhes o caminho, o roteiro, a luz...

Se ele se fôr, agora, abrirei o coração para o sarau dos maiores desconsoles. Faço questão de chorar as mesmas lágrimas azêdas de Elifio, de Elígio, Equício, Edício, Edizio, Elia e Edistia. Ficar com os seis, de joelhos, siderado, vencido pelo impacto cruel.

Se ele se fôr, agora, morre o que o Crato tem de mais inequivocamente caro nas suas tradições de honradez integral. Ficará resistindo, como um jequitibá augusto, no sitio humilde do Buriti, o velho Cícero Lôbo, magro, feio, extranhamente digno, também apostolar e heróico..

Fort. junho, 18/1957.

NOTA DA REDAÇÃO—Teopisto Filgueiras Abath faleceu aos últimos minutos do dia 5 de julho, contando 77 anos de idade.



# Valorização do Cariri

---

*J. Lindemberg de Aquino*

Tem aparecido com relativa regularidade, nos últimos anos, animadoras manifestações no sentido da crescente valorização do Cariri, valorização da Terra e do Homem caririense. Isso é animador para todos os que veem enfrentando a velha e dura batalha de sedimentar em nossa zona um espírito e uma mentalidade regionalistas na mais absoluta acepção da palavra. O Cariri precisa valorizar-se, eis a verdade. Sob todas as formas e sob todos os meios, pois tudo o que lhe tem sido adverso decorre justamente do fato de não termos uma elite verdadeiramente regionalista. Não confundindo regionalismo com separatismo.

A tese do Estado do Cariri é mais velha em nossos espíritos do que as recentes manifestações pela valorização da zona. Ela não deixa de constituir-se uma das marginações da revolta íntima que se apodera do caririense pelo fato do seu desprestígio em certos setores da atividade humana. Ela tem, porém, pela falta de preparo psicológico e intuitivo das nossas massas e até dos nossos próprios líderes, uma remotividade flagrante, cujos méritos não cabe aqui analisar. Separatista todos somos, no Cariri, permitam que me expresse assim se não somos pelo separatismo político, o somos pelo mental e, sobretudo, pelo psicológico. Pelo comercial já somos separatistas com uma boa dose de objetividade. Vivemos porém ainda dependendo muito do litoral, quando não mais deveríamos dever tanto a ele... É isso vem sendo aos poucos notado em todos os nossos espíritos, contribuindo para a formação e aparecimento de verdadeiros líderes da nossa surda e sistemática campanha de valorização do Cariri, em todas as cidades do grande Vale.

É esse regionalismo que vejo aumentar, com visíveis mostras de fundamentação popular. Enfim é o Cariri que começa a despertar, que começa a respirar, é o Cariri que começa a sair do seu leito de completo desprendimento para a sua completa integração, em pé de igualdade, com as demais regiões do Estado e do País. O povo começa a compreender que o Cariri precisa ter consciência própria, precisa saber o valor que tem, o poder que possui nas mãos, precisa, enfim, capacitar-se do que PODE e DEVE fazer!



Somos, praticamente, o maior celeiro do Ceará, em produção agrícola. Somos, praticamente, a maior fonte de renda do Estado, temos as maiores áreas de aproveitamento agrícola, temos todas as possibilidades de uma regular industrialização, a pecuária regional já se destaca pelo seu valor e crescimento.

O Cariri é, pois, esse colosso todo, e os caririenses, coitados, tão sem prestígio ainda, precisando muitas vezes implorar, quando tudo dão de mão cheia...

Aí é o ponto nevrálgico da questão. Aí é que se impõe a campanha de valorização do Cariri, que em todas as nossas cidades vem ganhando tantos adeptos.

Essa campanha vem sendo feita, cada vez em sentido mais amplo, conseguindo arrematar os verdadeiros amigos do Cariri.

Realizações como o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI e a revista ITAYTERA constituem marcos avançados no sentido da valorização a que me refiro, porque, aqui, sobretudo, veem moldando uma mentalidade regionalista de grande envergadura. Se a marcha das cousas continuar assim, dentro de 10 anos, no mínimo, já terá o Cariri um aspecto social muito diferente. E queira Deus que não custe tanto assim a fixação definitiva desse novo aspecto, tal a necessidade que temos, presentemente, de nos congregar em círculos amplos, se queremos ver realmente o desenvolvimento e o progresso material e espiritual da nossa região. Cada caririense fica assim convocado para se unir a essa campanha e engrossar as fileiras dos que pretendem como mira o sentido mais exato de reconhecer o valor da terra e a sua capacidade.

Somente assim acabaremos com o abandono em que vive a nossa região.

Porque no Cariri acontece o contrário que se dá no País. O sul do País é mais favorecido, enquanto o norte agoniza ou tem o seu progresso emperrado. O caso local é o contrário, pois o norte do Estado se agiganta em realizações, enquanto marchamos ainda às tontas, enfrentando toda espécie de inimigos do progresso e da vitalização econômica, social, política e intelectual da zona.

Não temos, atualmente, quem dê uma palavra por nós, na imprensa do sul do País. Quando no Congresso se apresenta

algo em nosso favor, a reação da imprensa é a mais fria possível, e a receptividade a mais nula.

Não temos deputados e nem senadores, no Congresso Nacional, porque não soubemos nos unir, esquecer partidos e divergências íntimas, e mandar os caririenses para as duas casas do Parlamento Nacional, batalhar pelos nossos interesses. Na Assembléia Legislativa, negra é a nossa posição com quase um quinto da representação. O último secretário de Estado que tivemos, nomeado mesmo para o posto, foi o desembargador Juvêncio Santana, em 1929. Desde o Pe. Cícero que não tivemos um vice-governador de Estado, Governador nem se fala. A diferença de verbas federais entre a zona norte e o Cariri é crimosamente flagrante.

A preferência para a realização de serviços públicos é notoriamente mais para a zona norte. Tudo conspira contra a Cariri, e sómente os caririense, unidos sob a marcha da sua valorização completa, poderão evitar que tenhamos mais tantos anos de abandono e desprestígio. A convocação aí está. Se quisermos realmente, poderemos aceitá-la. A oportunidade é ótima. Moldemos a nossa mentalidade ao sabor unicamente dos interesses e da nossa valorização comum. E assinemos a nossa libertação, não política, mas se quiserem, política, também, com a gigantesca coneta da sub-estação paulafonsiana de Ingazeiras ...

---

A desgraça é proveitosa para duas coisas: para experiementar os amigos e para acrisolar a virtude. Sucede ao homem de bem o mesmo que às árvores aromáticas, que, quanto mais calcadas, mais perfume exalam.





BRFJO SANTO—1918. Figuras representativas do Município em cordial reunião na Casa Paroquial. SENT DO, DA ESQ. PARA A DIREIT.: Manuel Inácio Bezerra, filho. Prefeito na época (falecido); Padre Raimundo Monteiro Dias, que foi Vigário no período 1913-15; Padre João Albuino Pequeno, Pároco na época, filho de Crato e falecido como Mons. em S. aul., Capita; Padre Plácido de Oliveira, Vigário de Milagres; Coronel Basílio Gomes da Silva, que governou o Município de 1893 a 1909, chefiando o Partido Republicano Cearense (Aciolino), em cuja legenda figurou como candidato a Deputado Estadual nas eleições de dez. de 1896 (falecido); João Gomes de Moura, falecido. E PÉ, NA MESMA ODEM: Manuel Inácio de Lucena (Manuel Chicote) Prefeito em 1912-14; Manuel Leite de Moura, Prefeito no período 1929-30 (falecido); José Leite de Moura, irmão do precedente, também falecido; Antônio Gomes de Santana (Antônio Generosa), falecido; Antônio Teixeira Leite (Antônio Ficarra); Misael Fernandes Pinheiro, atual Coletor Estadual; Alcides Cavalcanti, primeiro Agente da Estação Telegráfica, natural de Alagoas; Manuel Antônio Cabral (Bom de Ouro), falecido; José Luís Tavares Campos; Joaquim Gomes da Silva Basílio (Quizou), Prefeito em 1914-16, falecido; José Nicólemos da Silva, irmão do precedente, Prefeito no período 1918-19, também falecido. — Foto de Osael.



# O Camelo do Sertão

Celso Gomes de Matos

Uma coisa prometo a meu Deus e aos meus poucos leitores de Itaytera: prometo não trazer para este trabalho a complicação dos termos técnicos. Faço-o sob o juramento de não abrir um tratado sequer de zoologia.

Não apresentarei como minhas as erudições dos outros. A fauna brasileira, de si riquíssima, me emmanharia num cipoal inextricável. E como poder sair?

Portanto, ao fazer este trabalho eu só tenho três aspirações: esclarecer a utilidade do jumento, mostrar que, pela sua resistência, se poderia chama-lo de **O Camelo do sertão**, e finalmente enaltecer-lhe as virtudes terapeuticas na cura da raiva, doença que veio vindo e se propagou no sertão inoculada pelos morcegos hematófagos.

Aliás, a proposito de originalidades já dizia Salomão, o grande rei filosofo: "nada de novo sob o sol."

E portanto a novidade científica desta cura cabe a Pasteur, porquanto as primeiras experiencias da vacina anti-rábica foram feitas por ele na França, no ano de 1882.

Recente, só a utilização dos miolos do pobre jerico que agora está sendo posto em holocausto pelos judeus das pesquisas científicas.

Dizem que o jumento é animal de pouca utilidade. Nada mais injusta do que essa apressada asseverativa. Todo jumento tem sua serventia.

Mesmo depois de velhos e inválidos servem. Os inválidos...

Estes, em ves de um descanso legal a que fazem jus pela idade, seguem para serem cruelmente sacrificados nos laboratórios. Em terras áridas onde a luta pela sobrevivencia é um fato, é ele o camelo do sertão.



Sóbrio, caminha sem comer e beber 48 horas seguidas, batendo o record da resistencia animal. Famoso, teve a sua quadra aurea.

E foi quando populações atrasadas o viam com olhos supersticiosos.

Forte, vence os desertos. Histórico, coube-lhe na terra aquélla missão gloriosa que foi a de fugir para o Egipto com o Menino Deus.

Pessoas atrasadas e fanáticas o tinham como um animal hierático, mostrando, na listinha escura do seu dorso, um pouco de urina sagrada.

Que S. Jo-é o tenha escolhido para sua perigosa fuga, dizem os livros sagrados. No Crato, tão util era considerado o jumento que o Pe. Emidio Lemos também o escolheu para descer e subir todos os dias a ladeira do Seminário, e o fazia com religioso recolhimento, lembrando-se de Jesus. A fantasia chegou ao ponto que inventaram que um pássaro, a lavandeira, havia também lavado a roupa do Senhor.

Logo, pondo de lado todas estas idéias pueris, vê-se com clareza meridiana que é ele de uma utilidade tão grande que merece fazer-se-lhe a devida justiça.

O jumento na economia doméstica é de uma utilidade que se não descreve. Além de atravessar de lado a lado a serra do Araripe, na cidade, carrega tijolos, pedra e areia e fornece água para as habitações do Crato e da serra araripana.

Na desmancha, é o sustentaculo das casas de farinha. A goma só é boa quando bem lavada. E toda água é fornecida pelo jegue.

Formam-se tropas de jumentos em que segue um na frente —o jumento mais prático—e os outros, atrás.

E assim, o passo do andamento é militarizado. É igual.

E têm nestas suas andanças mais uma particularidade interessante: não se assustam.

Há o estouro da boiada, há o estouro das ovelhas, mas não se conhece o estouro do jumento. Este animal não tem sistema nervoso complicado. Melhor, não tem nervos, e se os tem, são de aço

Tive o ensejo de admirar essa sua nenhuma sensibilidade em uma viagem pela serra do Araripe por sinal passando pelo lugar denominado Catispera onde nos idos de 1900 quatro boiadeiros foram assassinados por que levavam dinheiro.

Estavamos no mês de dezembro. Calor forte. Céu nublado. Parecia querer chover. Ouvi primeiro um estrondo nas arvores. Era o vento. Pingos dagua caem levantando cheiro de terra molhada.

Um relâmpago, um trovão, e mais logo, já não era mais o vento, era a chuva. A água das nuvens começara a cair em cataratas e com uma violencia tal que metia medo. Horrorisava.

Os trovões ensurdejiam. Eram estrondos de um temporal de:feito.

E quando sentia-me estremecer àquela violencia brutal dos elementos, e receioso dos raios, me afastava dos visgueiros, e me cobria com a minha capa impermeavel, vejo que os jumentos não se alteram.

Pelo contrário, nada vêem.

E se vêem, e se ouvem, era como se não vissem e não ouvissem.

Agora, a chuva já formava ao longo da estrada uma levada, e eles tranquilamente bebiam, provendo, como o camelo no deserto, a sua bolsa interior.

Entraram pela noite, e que entrassem, o jumento é também notâmbulo. Vê de noite.

Tem da coruja o nervo óptico.

Pobre jumento! Tão serviçal que és e tão perseguido que continuas a ser. Nunca faltarão judeus para o teu sacrificio na carga, no chicote e nos laboratórios.

Na calamidade climatica 1877—1879 o jumento era comido. A sua carne, a despeito de ser repugnante era excelente manjor.

Agora, já não é mais a carne, os miolos estão sendo utilizados para o SERUM anti-rábico.

Hermogenes Martias é um incansavel pesquisador de nos-



sa historia regional. Perguntei-lhe, certa vez, num banco da praça Siqueira Campos donde achava êle ter vindo para o Cariri, o jumento. Dias depois deu-me o batisterio do cavallo. O jumento ficou esquecido.

Teria vindo—eu me pergunto a mim mesmo—pela familia Mendes Lobato Lyra?

Faço uma consulta ao Pe. Antônio Gomes a fim de saber zonde o jégué foi ter o seu pai Adão. Lembrei-me que poderia ter vindo pelos sesmarios ou pelas bandeiras. Mas o Pe. Antônio Gomes, com a sua autoridade de mestre, respondeu-me dizendo que "os assininos vieram da Africa e da Espanha," e citou-me até o nome dos historiadores que isto afirmara.

Uma coisa devo salientar de conhecimento próprio: os jumentos aumentaram muito no Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Ao sol impiedoso do Nordeste encontraram êles condições favoraveis ao seu desenvolvimento. E, a despeito da fome e dos constantes epizooteias que acabam até rebanhos de porcos, ovelhas e bodes, aumentaram assustadoramente.

É o animal do Nordeste. E por isto, posso afirmar que é êle o camelo do sertão.

Mas êste trabalho tem uma segunda intenção—pedir assistência para os animais do campo a fim de que êles possam atingir a sua finalidade que é a de servir ao homem do campo.

Quando, no ano de 1915, trabalhei no sitio Buxiti, perdi vários animais atacados na sua maioria pelas cobras,

Perdi um jumento que me carregava olhos para o curral e água para a casa. Forte animal e novo era êle.

Teria vivido muito se u'a cascavel de quatro ventas m'ò não tevesse roubado tão cedo.

E assim, de maneira alarmante, as cascaveis e outros reptis peçonhentos continuam mataado.

É terrivel e traiçoeira a fama ofidica dos brejos. E por que não termos ao alcance da bolsa—é claro—vacinas com abundancia contra determinadas doenças?

O que é certo é que, apesar da Defesa Sanitária Animal, criada e instalada em várias regiães, o carbunculo, o mal triste e o quarto inchado continuam matando. E porque?



Porque, em verdade se diga, ainda criamos ao Deus dará. Em todo caso, graças aos grandes benfeitores da humanidade notadamente Pasteur, criando o soro anti-rábico, Galton, a eugenia, e Vital Brasil o soro contra o veneno da cobra, os sofrimentos do próximo já estão bastante minorados. O ambiente das épocas em que se morria a mingua passou.

Precisamos, sim, é de uma boa assistencia afim de que, como disse, êstes pobres quadrupedes possam atingir a sua finalidade.



*PALACIO DO COMERCIO — Sede da Associação Comercial de Crato. Inaugurado a 21 de junho de 1957, dentro do programa de comemorações do DIA DO MUNICIPIO. Foi trabalho da última Diretoria, tendo à frente o atual Presidente Dr. Antônio Fernandes Teles.*





# Porque os rotarianos vão comemorar os 20 anos do ROTARY CLUB de Crato.

Jefferson de Albuquerque e Sousa

Uma manhã do mês de março deste ano (1957), Crato ficou alarmado ao tomar conhecimento de que mais um homicídio se havia perpetrado na noite anterior. Com este, o número de crimes chegara a 20, no correr de um mês. Isto é que punha em reboliço a cidade: crescido número de delitos em pequeno número de dias. E todos se perguntavam sobre a causa desse crescendo de crimes numa cidade até agora conhedida por sua população ordeira. E mais sobressaltado ficava o povo. Então, do Rotary Club de Crato partiu a ideia de uma reunião (tipo mês-a-redonda) na qual—com a presença de juizes, membros do M. Público, advogados, autoridades policiais e civis, representantes das diversas correntes politicas da localidade, de associações de classe e de entidades interessadas pela vida da comunidade— fosse discutido o fato que estava constringendo a gente boa do Crato e se falasse com franqueza num ambiente de confiança e tolerancia. E a reunião se fez e medidas concretas surgiram dali: hoje, a onda de criminalidade esmoreceu, a calma voltou, os espiritos se tranquilizaram.

Há VINTE ANOS, na nossa cidade, um grupo de homens de boa vontade, agrupados pelo ideal de servir, de se tornarem sempre uteis, vem agindo como se aludiu acima: sugerindo, estimulando, criando emulações; despertando interesses coordenando, cooperando; fazendo crescer, no meio, o interesse pela vida da comunidade, promovendo o melhor conhecimento sobre esta e a respeito das suas respectivas necessidades para melhor cuidar do seu desenvolvimento e da resolução dos seus problemas. Assim, tem sido a atuação dos rotarianos locais, assim tem sido a existência do Rotary Club de Crato. Daí, as razões para festas comemorações, no mês de junho, do 20º aniversario de atividades do Clube; daí o contentamento entre rotarianos e entre os que reconhecem a sua ação benfazeja no meio.

Dos seus primeiros 21 associados, no atual quadro do Rotary Club de Crato, apenas 3 ainda continuam: ANTÔNIO



DE ALENCAR ARARIPE; ANTÔNIO MACARIO DE BRITO e JEFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA. Num outro clube, o de Fortaleza, há um rotariano que fez parte daquele grupo de fundadores: DÉCIO TELES CARTAXO. Mas, entre os que foram fundadores do nosso R. C. e que, por motivos diversos, se afastaram do mesmo, há, ainda, no seu íntimo, a crepitar, o sentimento que os animou, então, a tomar parte na sua organização: ser útil ao Crato (é a nossa crença).

O espírito de tolerância que em Rotary se acende, se estimula, se propicia, há feito muito pela prática da legenda adotada pelo Crato: «NESTA CIDADE HÁ LUGAR PARA TODO HOMEM DE BOA VONTADE». E este também, é um dos motivos justificadores dos festejos do aniversário do R. C. local. Embora, muito embora, nem sempre haja este ânimo perdurado em muitos daqueles que, por tempos, foram pelo mesmo alentados. É constrangedor, mas é vero.

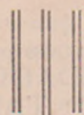
Porque . . .

Atravez das iniciativas do nosso R. C., das ideias que no seu seio brotaram, do despertar de interesse dali emanado, a nossa cidade teve o seu nome projetado além fronteiras do nosso Estado; é hoje conhecida, reconhecida, e mostrada como meio cultural desenvolvido, como cidade-metropole do rico VALE DO CARIRI e de sertões que com êle se confinam; como «terra onde se pode viver» no meio do chamado polígono das secas, no nordeste sem invernos regulares e entiado de padastros empedernidos. Do R. C. local, já surgiram, também, campanhas que, vitoriosas, não só beneficiarão o nosso município, como todo o Ceará, como soe ser a do apressamento da extensão das redes da hidroelétrica do S. Francisco até o Cariri e para todo o Ceará.

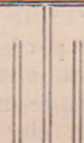
Neste registro sobre a celebração do 20<sup>a</sup> aniversário do R. C. do Crato, expressamos o nosso entusiasmo pelo ideal que animou o inspirador e fundador de Rotary—PAUL HARRIS, assim como os nossos agradecimentos aos que trouxeram ao Crato, por meio dos rotarianos de Fortaleza, e o nosso reconhecimento a todos os que hão aplaudido as nossas (R. C. de Crato) atividades. Também, extensivas os tornamos aos que pertenceram ao nosso clube pela parcela de seu trabalho, de seu entusiasmo, de sua fé na compreensão entre os homens de boa vontade e, atravez destes, da melhor aproximação entre as Nações.



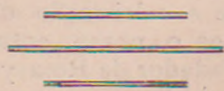
Os passos felizes da  
vida são dados com  
os calçados das suas



**Lojas AZTECA**



Matriz - Travessa São Francisco, 31 - Fortaleza  
Filial - Rua Dr. João Pessôa, 97 - Crato



**Lojas AZTECA**

# Considerações Sobre o E'timo "Itaytera"

F. S. Nascimento

Marcos de Macêdo, que viveu entre os nossos antepassados e alcançou, ainda, resquícios da civilização cariri, escrevendo a respeito do rio ITAYTERA, mais conhecido pelo nome de BATATEIRAS, assim decompôs este outrora belo manancial: «ITA, pedra, Y ou YG, água, TÊRA, por entre, isto é, água que corre, precipitando-se por entre pedras».

Dos três elementos formadores do nome ITAYTERA, um nos pareceu sem a significação literal que lhe dera Marcos de Macêdo. Tratou-se de TÊRA, que Paulino Nogueira, a páginas 431, do seu VOCABULÁRIO INDÍGENA, edição de 1887, lhe consignou a idéia de NOME. Com o significado de «água que corre por entre pedras», traz Theodoro Sampaio, em O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL, 3ª. edição, 1928, página 280, o nome ITAMARATY e, para traduzir, literalmente, o sentido do líquido que corre por baixo de pedras», averba o étimo ITAGUIRA, a página 278, op. cit.

A idéia de que ITAYTERA viesse a significar a água que corre de um monte ou elevação, não se funca senão numa mera e arriscada hipótese, visto como, neste caso os elementos formadores seriam: ITA, pedra; Y, água; TYRA, monte ou sêro (ITAYTYRA)—água que corre ou se precipita de um monte.

Como no estudo da linguagem, as formações hipotéticas não podem ser consideradas pontos definitivos e incontrovertidos, pois que estão, sempre, sujeitas a fundamentais alterações de origem, TYRA bem poderá não ser o elemento TÊRA, com a assimilação do Y em E. Poderíamos, ainda, apelar para a analogia, se os nomes tuois terminados em TÊRA, fossem abundantes em nosso vocabulário indígena. Este fator linguístico não tem, neste caso, aplicação que mereça fé, em vista da raridade dos nomes com esta terminação.

Voltamos, então, a nossa crença para Marcos de Macêdo, apenas mudando a decomposição de ITAYTERA para: ITA, pedra; Y, água; TÊRA, nome, isto é, água que mana da pedra, ou numa tradução menos literal: rio cuja água mana da pedra. Este sentido bem poderia ter sido o que lhe deram os valentes cariris. Admitindo-se esta hipótese, "pedra d'água" seria a metafórica versão de ITAYTERA, nome que viria simbolizar a lendária pedra do Batateiras.



*Banco do Cariri S. A.*

PRAÇA SIQUEIRAS CAMPOS, N. 2

Prefira, para todas as suas operações bancárias,  
esta antiga e tradicional instituição de crédito.

# EXCERPTOS DE UM VOCABULÁRIO LATINO

Por José Arraes de Alencar

- 1 — **ÁCER, ACRIS, ACRE**—(Da raiz indo-européia AK, que exprime a idéia geral de **ponta, extremidade**). Pontudo, agudo, penetrante. fino, pontiagudo. Acre, agre, picante, ácido, azedo, áspero. Fino, astuto, perspicaz. vivo, sutil. Rígido, severo, áspero, duro, cruel. Enérgico, vivo, ardente. Intenso, violento, veemente, forte.

A agudeza física é, cedo, transposta para o domínio das percepções sensitivas e o que o olhar e o tato sentem como **pontiagudo** e **penetrante** transfere-se, de chôfre, para o campo da acústica, por fôrça de um desses expedientes em que é fertilíssimo o espírito, com a sua capacidade de estabelecer paralelos e confrontos: o som passa então a ser **fino** e **penetrante**. O paladar utiliza, da mesma forma, a analogia, e o sabor, tanto pode ser suave e deleitoso, como **ácido, acre, picante**. O olfato apropria-se igualmente da expressão e um odor forte e violento qualifica-se de **acre, penetrante, picante**. Estende-se, ulteriormente, a significação a outras sensações e **agudas** (**ÁCER**) são a fome, a sede e a própria dor. Do âmbito puramente sensorial espraia-se a acepção para as regiões do intellecto e **ÁCER** significa, então, **perspicaz, vivo, astuto, fino**. No campo moral, **ÁCER** é **rígido, severo, áspero, duro, acre** e como que pontilhado de espinhos. Pode ainda esse polissêmico adjetivo assumir o caráter de verdadeira superlatividade, passando a equivaler a **violento, forte, veemente: acérrimo desejo, combate acérrimo, acérrimo labor**. Como observação terminal, é curioso que, por uma espécie de reversão semântica, numa como **reflexão** ou ricochete de acepção, o que os sentidos percebem como **agudo** e **fino**, a eles próprios possa também aplicar-se: **visão aguda, faro finíssimo**. Uma simples raiz, biliteral, mero átomo do mundo da linguagem, amplia-se, desenvolve-se e expande-se, assumindo desmedidas e inesperadas proporções.

- 2 — **ÁCTUS, ÁCTUS-m**-Movimento, impulso, ato, ação, direção, manejo, govêrno. Fácil é apreender a trajectória que o espírito seguiu, ao estabelecer a sinonímia vária deste vocabulo. O que o impressiona, em primeiro lugar, é o movimento material puro e simples, idéia primordial contida



em AGO, verbo de que provém. Mas, em seguida, cai sob seu exame o resultado desse movimento, o ato, a ação, a qual, em sua continuidade, é já uma maneira de agir, é administração, é governo. **Áctus** significa igualmente o movimento, a ação do orador, na ânsia de adicionar à palavra—muita vez impotent: no exprimir—o dinamismo emocional do gesto e das atitudes. Há ainda a **ação** dramática, êsse desenrolar de acontecimentos com sua repercussão na vida das personagens, e cujas peripécias constituem, na verdade, intenso movimento e agitação, não somente no sentido objetivo, senão ainda, e precipuamente, quando nos referimos às comições da alma, às vezes, tão intensas e profundas que podem equiparar-se à convulsão dos elementos naturais em desordem e em efervescência.

- 3 — AVIS. AVIS—f—Ave. (Da mesma raiz que o grego AO, soprar, agitar o ar. Compare AÉR, o ar)—Exerceram as aves, no mundo romano, um papel preponderante. Dotadas do poder de escalar o espaço, de librar-se nas etéreas regiões, defesas ao homem, elas como que se comunicavam com o desconhecido e lhe desvendavam os segredos e enigmas. Na ânsia de decifrar os mistérios do destino, de perscrutar os acontecimentos porvindouros, aquêlo povo belicoso e rude imaginava, no primitivismo de suas crenças e abusões, que os pássaros podiam descortinar algo do que sabiam os deuses e fornecer-lhes alguma direção, algum roteiro, um indício, um sinal nesse campo imenso de dúvidas e incertezas em que se debatem os homens. Desarte, o vôo das aves, a direção em que cruzavam os céus, a maneira como se alimentavam, o seu canto lúgubre ou alvissareiro e até suas vísceras e entranhas eram meticulosamente observados, daí extraíndo-se conclusões, por aí tomando-se precauções e estipulando-se normas de conduta, agindo-se ou deixando-se de agir. Inúmeras palavras, oriunda de AVIS, bem patenteiam, na uniformidade de sua semântica, êsse estágio da civilização romana e as concepções então dominantes. Os pássaros influíam decisivamente no destino religioso, social e político daquele grande povo da antiguidade.
- 4 — AUSPEX, AUSPICIS—m—(De AVIS, ave, cuja pronúncia era mais VOGAL que consonantal, e SPEX, elemento sufixal condensado de SPÉCERE, ver)—Aquêlo que observa as aves, aquêlo que advinha ou prediz, pelo vôo, canto ou modo de comer das aves. Auspice, áugure, agoureiro. O vocábulo possui evidentemente dupla acepção.



segundo seja favorável ou não o resultado da observação. Assume, porém, geralmente sentido propício, pois, então, como ainda hoje, quem consulta o oráculo, fá-lo na suposição de que lhe seja benéfico o vaticínio. O áuspice ou áugure como que patrocina o consulente. O termo é, por isso, sinônimo de paraninfo, de padrinho no casamento e, ainda, pela mesma causa psicológica, significa também guia, diretor, chefe, patrono, enfim, como o assinala FREUND, aquêlo sob cujos auspícios se empreende alguma coisa.

- 5 — ÁVUS, ÁVI —m— Avô—De início, como o ensina Freund, o termo não tinha significação precisa e definida, indicando apenas um ancião do grupo familiar. Ulteriormente, tomou a acepção de AVÔ, paterno ou materno, PRÓ-AVUS é o bisavô; ABAVUS, o trisavô; ATAVUS, pai do trisavô, o tetravô. No plural, antepassados, maiores, ancestrais. Daí provém ATAVISMO, ATAVICO. AVÚNCULOS é diminutivo de ÁVUS e exprimia carinho e afetividade: avôzinho. O sentido especializou-se depois e o vocábulo passou a designar o irmão da mãe, o tio materno. Dêle se originou o francês ONCLE (evolução: AUNCULUS, UNCLUS, UNCLE, ONCLE), o alemão ONKEL e o inglês UNCLE. Aqui se observa, mais uma vez, o fato, tão frequente da derivação por meio de um diminutivo: abelha, de APÍCULA, ovelha, de OVÍCULA. Da mesma forma, a palavra AVÔ não vem diretamente de AVUS, que daria em português AVO e nunca AVÔ mas promana do diminutivo AVIOLUS que produziu o italiano ÁVOLO e AVÚNCULO, o espanhol ABUELO e o francês AIEUL. É que uma grande harmonia preside as leis, por força das quais a linguagem se vai desenvolvendo. Vemos, por exemplo, o primitivo AVUS distender-se em AVÚNCULOS, com a anexação do sufixo diminutivo CULUS, para traduzir com êsse acréscimo, um estado da alma, um sentimento, uma afeição. A diminuição, nesse caso, não é material, não designa uma pessoa de pequenas proporções, mas exprime o afeto e a simpatia em que a envolvemos. Por outro lado, o V, que tem, em latim, um som intermediário entre U e V, vocaliza-se em ONCLE, UNCLE E ONKEL; em AVIOLUS, biparte-se o valor dêsse símbolo, que se manifesta como consoante no espanhol ABUELO, no italiano ÁVOLO e no português AVÔ, ao passo que detem o som vogal no francês AIEUL. E, destarte, de tonalidade em tonalidade, de cambiante em cambiante, vão-se os sons alterando-se, modificam-se os sentidos, como sob o influxo da inspiração de exímio maestro, artífice de melo-



diosas sinfonias, e de um insigne poeta, senhor de portentosa imaginação.

- 6 — BACULUM, BACULI—n—Bastão, cajado, cetro, báculo, apoio para a marcha. No grego, é BAKTRON, da raiz BA, MARCHAR, a qual tem numerosa descendência, como BADIZO, marchar, BADISIS, marcha, BĀSIS, marcha, ação de marchar. BASIS é também o órgão com que se marcha, a perna, e, por fim, através de natural analogia, BASE, APOIO, porque as pernas servem de sustentáculo para o corpo. De qualquer forma, BAKTRON grego, ou BACULUM, latino, descendente da mesma raiz, são o bastão, o báculo, em que alguém se arrima para marchar. Assim e que BACILUM, diminutivo de BACULUM, significa bastãozinho, varinha, virga, vírgula, vergõtea. Em português, BACILO é uma bactéria alongada, em forma de BASTONETE. IMBECILLIS é o que não tem o apoio do bastão e, por consequência, débil, enfermo, doente, sem energia, fraco de espírito, imbecil. IMBECILLITAS, IMBECILLITĀTIS é fraqueza, debilidade, pusilanimidade, imbecilidade. E, assim, uma raiz primitiva, minúscula, pode transformar-se infinitamente, não apenas em seu aspecto puramente material, em sua expressão sonora, senão ainda em sua vida espiritual, em sua capacidade semântica, em sua faculdade de exprimir os matizes mais diversos do pensamento. Uma simples emissão de som, que pode manifestar-se pelo leve entreabrir dos lábios, a mera conjugação de dois símbolos, individualmente inexpressivos—B e A—formando, em nosso maravilhoso aparelhamento vocal, a sílaba BA, faz emergir das profundezas da consciência a luz de uma idéia, o cintilar de um pensamento, o conceito de MARCHA, de movimentar-se, de sair da esterilidade da inação para a atividade, que é vida e realização. E daí evolve, transforma-se, distende-se, com a adição de sufixos e prefixos, para IMBECÍLLITAS, em que do primitivo germe apenas transparece o B, pois que a harmonia e a musicalidade da linguagem transformaram o A em E. O sentido original também foi tomando variegadas feições, desde o cajado dos pastores ao BÁCULO dos reis e dignitários, desde a marcha pura e simples à BASE e fundamento das coisas.

---

*Sabeis o que é o voto entregue a multidões ignorantes? Não há poder destruidor que possa superá-lo.*

Horácio Mann





Lions de Clube de Crato

## Nova Fase do "Lions Clube de Crato"

Pugnando pelos mesmos objetivos, mas nesta nova fase, desejoso de melhor servir à nossa comunidade, inicia o Lions Club de Crato mais um período leonístico, desta feita com a seguinte Diretoria: Presidente—Ossian de Alencar Araújo; Ex-Presidente Imediato—José Leandro Correia; 1.º Vice Presidente—Otacilio Anselmo e Silva; 2.º Vice Presidente—Francisco Tavares Bezerra; 3.º Vice Presidente—Ernani Silva; 1.º Secretário—Valdir Duarte de Araújo; 2.º Secretário—Thomaz Osterne de Alencar; 1.º Tesoureiro—Antônio Honor de Brito; 2.º Tesoureiro—José Maria da Cruz; Diretor Social—F. S. Nascimento; Diretor Animador—Carlos Nogueira Costa; Diretores—Elifio de Figueiredo Abá, José Alencar Albuquerque, Cícero Barbosa de Carvalho e Glauco Castelo Branco.

Todos os componentes da atual Diretoria do Lions Clube de Crato, e os demais companheiros leões, estão com o propósito de trabalhar ferozmente, pelo progresso desta terra e pelo bem-estar dos seus habitantes pobres, e para isto não medirão esforços. Içando a gloriosa bandeira de LIONS INTERNACIONAL (a maior organização de serviços do mundo), querem os leões cratenses reviver o seu primeiro ano leonístico, quando tantas e tão oportunas realizações foram levadas a cabo, em prol da nossa gente menos protegida da sorte. Às inumeras atividades já consumadas, desejam os homens que integram este conjunto social, acrescentar outras tantas em benefícios do nosso povo, para que desta maneira possa ser diminuído, verticalmente, o índice de problemas da nossa comunidade.

(Reuniões: 2.º e 4.º Sábados, no Restaurante Casa Grande.)



# Serraria Monteiro

de J. Monteiro & Cía.

Das mais bem montadas do interior cearense

**Beneficia madeira para construção.**

Rua Almirante Alexandrino, 85

**CRATO - CEARA'**

# A CRATENSE

de EUCLIDES F. LIMA

CRATO — Rua Bárbara de Alencar, 161 / 163 — CEARA'

Tecidos - Chapéus - Sombrinhas - Guarda

Chuvas - Camisas - Pijamas - Roupas feitas

Linhas - Bordados - Rendas

E mais um mundo de artigos para homens,  
mulheres e crianças.

# UMA NOITE À ESPERA

---

## DE LAMPEÃO

---

Elizabeth Barbosa Monteiro

Nunca vi o famigerado Lampeão, mas a verdade é que o Capitão Virgulino e o seu bando pregaram-me—a mim e a toda a população! do Crato, um terrível susto durante toda uma noite.

Conheci, então, com grande satisfação de minha parte, o Cariri de outros tempos, no qual a vida deslisava mansa, alegre, por entre os interessantes costumes regionais, dos trabalhos dos engenhos, banho poético do Lameiro e da curiosa Feira local, realizada sempre, com intenso movimento, às segunda-feiras.

Naquele tempo, a renovadora mão do progresso não tinha ainda lançado no Burity, sobre tão bela e fértil região, os primeiros silvos agudos da locomotiva, nem os motores atordoantes dos aviões haviam ainda sobrevoado as matas de piquizeiros, que cobrem toda a espetacular chapada do Serra do Araripe. Tudo era relativamente primitivo, bem longe da civilização trepidante das máquinas, por isso mesmo feliz, dentro de uma tranquilidade desconhecida nos tumultos da vida moderna.

Como manifestação ruidosa da arte popular, conhecia-se apenas a adorável banda da "música de couro" que, composta de "pifes", "tambores" e "gaitas", conduzindo à frente o estandarte de Nossa Senhora da Penha, descia a serra todas as segunda-feiras. Era a única a quebrar o pacato e religioso silêncio das ruas, acompanhada por um bando enorme de garotos, que aos gritos seguiam-na até a Feira.

Outra feição característica e simpática eram as "beatas", mulheres pobres e trabalhadoras, que residiam, umas na "Casa de Caridade", fundada em anos remotos pelo célebre e santo Padre Ibiapina, outras em suas próprias casas. Destacavam-se pelos longos vestidos negros que usavam, cobriam-se de mantos da mesma cor, onde apenas uma espécie de gola branca contrastava, fazendo-as reconhecidas mesmo à distância.

Foi grande minha admiração quando da primeira vez visitei a Feira. Conheci, então, objetos lindos, de várias espécies'



feitos e ali expostos pelos "romeiros de Padre Cícero" e que representavam verdadeiros primores de arte.

Os cantadores vinham de bem longe, trazendo rabecas e violas enfeitadas de fitas de varios tons, particular do alegre movimento comercial; alguns, de voz rouquenha, improvisavam versos e "louvações" ás damas que por ali se movimentavam, recolhendo assim um bom numero de nikesis.

O "Cinema Casino", de propriedade de Moyses Teixeira, sobrinho do saudoso capitalista Cel. José Alves Teixeira, era por aquele tempo o ponto das reuniões elegantes da cidade; apresentava filmes mudos, acompanhados pela banda de musica, composta de amadores esforçados, que executavam valsas lentas e dobrados animados.

Os banhos nos sitios eram o passa-tempo predileto das familias, e os automoveis transitavam da cidade aos bjejos, em trafego diário. Conheci e passei alegres dias no Belmonte, propriedade do Dr. Joaquim Fernandes Teles, um sitio dos panoramas mais belos que se pode imaginar. De qualquer janela, alcança-se ao longe a vastidão azul da serra, cuja extensão de léguas perde-se no horizoate sem fim. Bem proximo, os extensos e verdejantes canaviaes balouçam-se num constante farfalhar, atestando o viço da terra privilegiada. Tem-se á vista um quadro maravilhoso do esplendor da Natureza grandiosa, pomposa desse rico vale que se chama Cariri.

Os banheiros ficam ao sopé da magnifica serra; alguns formam verdadeiras picinas talhadas mesmo nas pedras; outros, rústicos e poéticos, oferecem agua cristalina da nascente descendo por bicas. Sente-se o cheiro do mato verde; as brizas serranas servem de estimulo para um excelente banho renovador da boa saúde.

As palmeiras, buritys e macaubeiras, como elegantes donzelas de vestidos verdes, abrem os leques rendados para o alto daquele céu azul purissimo, onde tudo convida á contemplação e á meditação da obra de Deus.

Como era a primeira vez que eu visitava o Cariri, vivia num mundo encantado, onde tudo me era novidade naquele recanto prodigioso, no qual o fragelo das secas quase não se faz sentir.

Na grande casa de 7 portas de frente, da rua Dr. João Pessoa, onde residia meu sogro, recebi então as primeiras visitas de parentes e amigos. Foi quando entrei em contacto direto com aquele povo bom, educado, pacifico, de costumes irrepreensiveis, do qual guardarei imorredora lembrança, vendo em cada um que ainda hoje me visita, um cordial amigo do passado.

Apenas um ponto escuro existia no meio dessas alegrias;



eram os cangaceiros, que aos bandos infestavam a serra, enchendo de susto os moradores e viajantes, que por aqueles caminhos transitavam. Travavam-se, às vezes, serias lutas entre agricultores e os malfeitores que desciam da serra para beber água nos sítios.

Um dia, a cidade tomou-se de pânico: desde muito cedo, homens armados guarneciam todas as estradas, pois notícia categorica chegara de que Lampeão atacaria o Crato. Todos, numa grande ansiedade, esperavam a chegada da noite. Ao anoitecer, quando cheguei à janela, todas as portas estavam fechadas, parecendo que cada um preferia se deixar ficar no interior de suas casas. O aspecto noturno mostrava-se pesado e inquietador; eu me sentia presa de uma apreensão horrível. Soavam 7 horas; aproveitei aquele momento para falar ao coronel, pois era justamente quando começava o serão familiar, entre ele e as velhas servidoras ali reunidas. Entrei, com minha filhinha de dois anos, na grande sala de jantar, seitei-me à mesa, onde já se encontrava também meu sogro, recebendo «cafoné» da velha mestiça Maria Isabel. Contei-lhe o que sabia da novidade do momento. Quando terminei, disse-me: "Minha filha, naquele armario tenho bebida suficiente para todo o bando. No cofre cinquenta contos para o Capitão. Quanto ao mais, sou um velho, não creio que ninguem me faça mal". Demonstrei-lhe a falta de segurança das portas, ele naquela idade... Continuou na calma mais perfeita que já vi em minha vida; "A chave de minha casa está ali, nas mãos do Coração de Jesus, Maria Isabel, continue os cafunés".

Compreendi, que tinha razão; ele deveria estar melhor informado do que toda gente, pela sua grande experiencia da terra onde vivia, e dos homens que tanto conhecia. Por minha vez, acalmei-me também; no vigor dos meus 20 anos nem dez Lampeões juntos seriam capazes de roubar-me o sono.

No dia seguinte, soubemos dos acontecimentos noturnos. Lampeão passara ao longe, do outro lado da Serra, rente à fronteira de Pernambuco. Sucedeu, porém, que, durante a vigilia da noite dos defensores da cidade, alguém brincando achou de lançar o sinal convencional: três tiros de fuzil. O alarme foi geral: correrias, gritos, senhoras deram "ataques", pessoas doentes sofreram crises de coração... Um tumulto! Entretanto, na casa do meu sogro, todos continuavamos nos "braços de Morfeu", e só ao amanhecer tomámos conhecimento do pânico noturno.



SERVIÇOS AÉREOS

# Cruzeiro do Sul

Rapidez, Conforto e Segurança.

Passagens, encomendas e cargas.

*Agente: Cândido Figueiredo*

Palácio do Comércio - Sala 2

CRATO

—

CEARA'

## **CINE MODERNO**

As melhores películas são exibidas no

### **CINE MODERNO**

O CINE MODERNO passa agora por sensível reforma que o tornará dos melhores cinemas do interior.

CRATO

—

CEARÁ

# Nota Genealógica

## OS FURTADO LEITE

Precisamente em trinta de julho de mil setecentos e setenta e seis, morava no sítio Coité, da então freguesia de Missão Velha, Ceará, o tenente coronel Luís Furtado de Almeida, ou Luís Furtado Leite. (1)

Originário das Ilhas de S. Miguel, Bispado de Angra (2), filho legítimo do casal português Lourenço de Almeida Carneiro—Isabel Furtado de Mendonça, o citado tenente coronel foi casado com Beatriz de Sousa da Silveira, baiana de Santo Antônio de Pambu (3), filha legítima de Manuel de Barros e Sousa e de s. m. Joana Fagundes da Silveira (4)

Filhos do casal:

Francisco de Sousa Leite (5)

Maria da Assunção (6)

Manuel Furtado Leite (alferes) (7)

Antônia Maria Romana (8)

Luís Furtado Leite (tenente) (9)

Isabel Furtado Leite (filha do casal segundo a tradição da Família).

FRANCISCO DE SOUSA LEITE foi casado com Maria José de Barros, filha legítima do riograndense-do-norte, Júlio da Costa Barros e de s. m. Joana Maria de Figueiredo, baiana do referido Pambu, filha do baiano capitão José Dávila de Figueiredo e de s. m. Maria Dantas Vieira, do citado Cabrobó. Joana foi neta paterna do casal português—baiano, Francisco Rodrigues de Figueiredo—Maria Dávila de Figueiredo, e materna de JOÃO COELHO DA SILVA, PORTUGUÊS E DE S. M. Joana Dantas Vieira (10)

(1) Livro de reg. de Casamentos, M. Velha. 1765—70, f. 10—Livro de Reg. de Bat., Cabrobó, Pernambuco, 1764—69, fs. 32 e 129.

(2) Liv. de reg. de Bat., Cabrobó, 1764—69, f. 32.

(3) Idem.

(4) Liv. de reg. de Cas., M. Velha, 1765—70, f. 14.

(5) » » » » » » 1769—1805, f. 39.

(6) » » » » Bat., Cabrobó, anos e folhas citados.

(7) » » » » M. Velha. 1769—1805, f. 52.

(8) » » » » Cas., M. Velha. anos cit., f. cit.

(9) » » » » Bat. anos cits. e fls. 43

(10) Liv. de reg. de Bat., M. Velha, anos cit., f. 39. Liv. de Cas. M. Velha. anos e fls. cits.



MARIA DA ASSUNÇÃO casou-se com Félix de Sá de Araújo, do citado Pambu, filho legítimo do capitão Antônio de Sá de Araújo, português, e de s. m. Joana Maria de Carvalho, do mesmo Pambu. Em 1750, os dois casais moravam no dito Pambu, sendo Maria da Assunção natural do aludido Cabrobó. (11)

MANUEL FURTADO LEITE (alferes), casado com Joana Correia Platena e Sá, tilha legítima do capitão Domingos Dias da Costa e de s. m. Josefa Maria da Silveira, do mencionado Cabrobó (12)

ANTÔNIA MARIA ROMANA, casou-se—24—11—1766, no referido sitio Coité, com o alferes Manuel Timóteo de Figueiredo, do mencionado Pambu, filho do citado casal capitão José Dávila de Figueiredo—Maria Dantas Vieira. (13)

MANUEL e Antônia residiram no sitio 'Gameleira' e deram origem aos Furtados de Figueiredo e aos Belém de Figueiredo.

Aquêle sitio foi senhorio do citado capitão José Dávila de Figueiredo.

TENENTE LUIS FURTADO LEITE, casado com Margarida da Costa. (14)

ISABEL FURTADO LEITE, casada com o capitão Gregório do Espírito Santo, segundo me informou documentadamente seu descendente padre Raimundo Augusto Lima, pro-Vigário Geral desta Diocese de Crato. (a) Esse meu colega, parente e amigo, revolveu comigo, os arquivos paroquiais de M. Velha e Milagres e não topamos uma Isabel Furtado Leite casada com Gregório Alves Maranhão, porém, com o citado Gregório do Espírito Santo, que, com a patente de tenente, está citado á página 35 da Revista do Arquivo Público de Pernambuco. Recife—1946.

O registro corresponde ao ano de 1819. O tenente é apontado para combater índios na fronteira de Paraíba e Pernambuco.

(11) Liv. de reg. de Bat. Cabrobó, 1752—69, fls. 129.

(12) Liv. de reg. de Bat. M. Velha, 1769—1805, f. 12.

(13) Liv. de reg. de Cas. M. Velha, 1765—1805, f. 14.

(14) Liv. de reg. de Bat. M. Velha, 1769—1805, f. 43.

(a) Livro de reg. de Cas. M. Velha, 1773—1810 f. 24.

## Inês Platena de Sá

Dona, com seu marido, coronel Artônio Pereira da Cunha, de metade do antigo latifúndio rural, Buriti Grande, terras atualmente encravadas no município de Mauriti, aquela senhora, pernambucana, foi filha do citado capitão Antônio de Sá de Araújo, sediado no citado Pambu, e de s. m. Joana Maria de Carvalho, referida. Era, pois cunhada da mencionada Maria da Assunção. (15)

No 2º cartorio de milagre e em mãos do dr. Teodorido Fernandes Cartaxo residente em Mauriti, há documentos que se referem ao citado casal Inês Platina de Sá—Antônio Pereira da Cunha.

## Os Martins de Moraes

O tronco dos Martins de Moraes, de Milagres, Mauriti, Brejo Santo e Porteiras, expressa-se pelo português capitão Bartolomeu Martins de Moraes, já, no séc. 18, fixado naquela região. Sua esposa chamou-se Ana Maria Ferreira, da cidade do Salvador, Bahia. (16)

Filhos do casal:

JOAO MARTINS DE MORAIS, nascido, 15. 8. 1761.

(17) Deteve a patente de alferes. Casou-se no ano de 1801, com Antônia Maria do Espirito Santo, filha do citado tenente Gregório do Espirito Santo e Isabel Furtado Leite. (18)

JOSÉ MARTINS DE MORAIS, casado com Antônia Josefa de Sousa, filha legitima do casal sergipano Francisco Xavier das Chagas—Antônia Ferreira Costa. (19)

---

(15) Liv. de reg. de Cas. M. Velha, 1765—70, fl. 9—Liv. de reg. de Bat. M. Velha 1748—64, fls. 4, 9, 10 e 15.

(16) Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1783—1827, f. 2.

(17) Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748—64 f. 36.

(18) Liv. de reg. de Cas. M. Velha, 1801, f. 24.

(19) Liv. de reg. de Bat. Capela de Milagres, 1783—1827, f. 2.



ANTÔNIO MARTINS FERREIRA, casado com Maria Caetano de Melo, viúva de Domingos José de Oliveira. (20)

MARGARIDA MARTINS DE MORAIS, casado com Nazário Carlos da Silva. (21)

INÊS MARTINS DE MORAIS, nascida 11. 11. 1769 residindo, então, os pais, no Pilar, Milagres. (22)

ISABEL MARIA MARTINS DE MORAIS, casada com Luciano Pereira da Silva. (23)

ROSA MARIA MARTINS DE MORAIS, casada com Antônio Pereira da Silva, português. (24)

Do casal descendem os Pereira da Silva, de Serra Talhada, célebres nas lutas contra os Pereira de Carvalho.

JOANA MARTINS DE MORAIS, casada com o tenente Gonçalo de Oliveira Rocha. (25) De Joana descendem, entre outros, os Lucenas (Chicotes), os Martins de Oliveira e os Cardosos, de Brejo Santo; os Filgueiras, do Roncador (Barbalha); Sampaio Filgueiras, de Barbalha, Jardim e Pernambuco, e os Sampaio Macêdo, de Crato.

NOTAS—O tronco, capitão Bartolomeu Martins de Morais, faleceu aos vinte e cinco do mês de maio de 1794. Sepultou-se na igreja-matriz de M. Velha. (26) Contava, então, 65 de idade.

O mencionado Nazário Carlos da Silva era irmão do padre Miguel Carlos da Silva, que foi vigário colado de Crato e figura decisiva na eclosão da Revolução Cratense de 3 de maio de 1817, chefiada por José Martiniano de Alencar, depois senador Alencar.

(20) Liv de reg. de Cas. M. Velha, 1796, f. 95.

(21) Liv de reg. de Cas. M. Velha, 1790—1800, f. 117.

(22) Liv de reg. de Bat. M. Velha, 1769—1805 f. 27.

(23) Liv de reg. de Cas. M. Velha: 1799; f. 143.

(24) Liv de reg. de Cas. M. Velha, 1796: f. 36.

(25) Liv de reg. de Cas. M. Velha, 1790—f. 264.

(26) Liv de reg. de Óbitos, M. Velha, 1781—1806, f. 36.

## Filhos de Manuel Furtado Leite

De seu matrimônio com Joana Correia Platena e Sá, o supramencionado alferes, houve, entre outros, os seguintes filhos:

MARIA FURTADO LEITE, casada, 20. 2. 1798, com Gabriel José de Figueiredo, filha dos citados Manuel Temóteo de Figueiredo e Antônia Romana. (28) Do casal descendem os padres Rodrigues Lima, ex-vigário de Milagres, e Marcelino de Queirós Lima, professor e vice-reitor do Seminário Diocesano de Crato.

ANA FURTADO LEITE, casada, 20. 7. 1801, com Cirilo Gomes de Sá, da freguesia de N. Senhora da Conceição de Cabrobó, Pernambuco. (29)

LUIZ FURTADO LEITE, casado, 2. 1. 1801, no sítio Santa Rosa, freguesia de M. Velha, com Maria da Luz de Jesus, filha do capitão João Tavares Muniz e Joana Maria do Espirito Santo. (30)

ANTÔNIO FURTADO LEITE, casado, 3. 5. 1790, com Antônia Benedita de S. João, exposta em casa do capitão Antônio Gonçalves Dantas. (31)

MANUEL FURTADO LEITE, casado, 26. 1. 1796, com Ana Maria de Figueiredo, filha de Manuel Temóteo de Figueiredo e Antonia Romana, citados, (32).

NOTA—Dêse casal, Manuel Temóteo de Figueiredo—Antônia Romana, descendem: Manuel Belém de Figueiredo, médico e farmacêutico em Juazeiro do Norte; Hildegardo Belém de Figueiredo, médico com estágio nos Estados Unidos, e cirurgião do Hospital S. Francisco das Chagas, do mesmo Juazeiro; Otacílio Peixoto de Alencar. Juiz de Direito, sediado em Fortaleza; José Belém, ex-vice-governador do Estado. É um exemplo.

(27) Liv. de reg. de Cas. M. Velha, 1790—1800 f. 130.

(28) Idem, 1773—1810, f. 69

(29) Idem, f. 22.

(30) Idem, 1790—1800, f. 27.

(31) Idem, 1790—1800, f. 97.

(32) Documentário, comprobatório, em mãos de seu proprietário, engenheiro agrônomo Teodorico Teles Cartaxo, residente no município de Mauriti.



## Filhos do capitão Antônio Pereira da Cunha e Inês Platena de Sá

ROSA PEREIRA DA CUNHA, casada com o capitão João Tavares Muniz, pai. De ambos, entre outros, nasceu João Tavares Muniz, filho, que convolveu núpcias com Francisca Maria de Jesus, dos quais procedeu Antônia Maria de Jesus que se casou com o capitão Francisco Alves de Quental. Daqui descendem os Teles de Quental, os Tavares de Quental, os Teles Cartaxo, os Dantas Cartaxo e os Cruz Neves, de Jardim.

JOÃO PEREIRA DA CUNHA, casado com Inocência Maria de Jesus.

MANUEL PEREIRA DA CUNHA, casado com Maria Teresa de Jesus.

### BRAZ FÉLIX IVAN

JOSÉ PEREIRA DA CUNHA, casado, 28. 7. 1766. (Livro de Casamentos M. Velha, 1765—70. fl. 9) com Quitéria Maria de Oliveira, filha do capitão Antônio de Oliveira Rocha e de sua mulher Jerônima Fróis de Figueiredo, naturais de Penêdo; neta paterna do alferes Bento de Oliveira, português, e de sua mulher Joana da Rocha, baiana; neta materna de Francisco Ferreira Frois, do mesmo Penêdo, e de Francisca Ribeiro de Figueiredo, baiana. José Pereira da Cunha, era neto paterno de Braz Pereira Dantas e Ventura da Cunha, portugueses; neto materno dos citados Antônio de Sá de Araújo e de sua mulher Joana Maria de Carvalho.

O capitão Antônio Pereira da Cunha, citado, adquiriu, por escritura de compra e venda, 23. 8. 1754, de seu tio Bartolomeu Pereira Dantas, metade do sítio Buriti-Grande. Este e o seu vizinho, Buritizinho, foram comprados, 20. 10. 1734, pelo mesmo Bartolomeu Pereira Dantas aos Mendes Lobato, que os haviam adquirido do coronel João de Barros Braga. Bartolomeu Pereira Dantas comprou os dois sítios por novecentos mil réis. E vendeu aquela metade de Buriti-Grande por seiscentos mil réis.

Inês Platena de Sá ficou viúva de Antônio Pereira da Cunha em 1762, processando-se, nêsse mesmo ano, o inventário. Em 1772 demarcou suas terras de Buriti-Grande, confinantes com as do capitão Manuel Ferreira do Amaral.

Limites do sítio Buriti-Grande em 1754; leste—Coité; oeste: Carabas e Ôlho d'Água; norte: Buritizinho; sul: Canabrava, terras dos herdeiros do capitão Matias de Lima Taveira

Pe. A. G. de Araújo

# PIQUI

*Antônio Alves de Queiroz*

Engenheiro-Agrônomo

PIQUI — *Caryocar coriaceum*, Wittm.

Pertence à família das Cariocaráceas.

Árvore de desenvolvimento normal, tronco grosso, até 70 cm. de diâmetro, com altura variável, 12 a 15 metros de altura. Casca escura e gretada. Galhos grossos, compridos, tortos, um tanto inclinados, cuja ramificação começa perto da base, formando uma grande copa. Folhas opostas, ternadas, de folíolos ovais, glabres, verde-luzentes, mais ou menos coriáceos. Flores grandes, de côr amarela, com estames vermelhos. Fruto drupáceo, globoso, de casca verde-amarelada, mesocarpo butiroso e branco. Contém geralmente uma, às vezes até quatro sementes volumosas, sob proteção de endocarpo lenhoso, erigido de espinhos delgados e agudos; o embrião (amendoa) é grande e carnoso.

A polpa e a amendoa são altamente nutritivas. A polpa é a substância carnuda muito apreciada na alimentação de toda a população do Cariri. O fruto, em suma, é tido como alimento e tempêro. Come-se a polpa crua, cozida ou assada. Costuma-se cozer juntamente com arroz ou feijão. A amendoa é consumida da mesma maneira.

Faz-se óleo da polpa e da amendoa. O óleo extraído da amendoa é superior ao extraído da polpa; é considerado óleo fino, raro, livre de impurezas, e de precioso valor dietético. Tanto o óleo proveniente da polpa como o extraído da amendoa tem aplicação ampla. Substitui perfeitamente a banha ou o toucinho e dá aos alimentos sabor e cheiro específicos. Serve para o tratamento das infecções bronco-pulmonares e entra na composição de diversos preparados farmacêuticos. É aplicado nos cortes, contusões, pisaduras, inchaços e inflamações dos animais.

\* \* \*

Ao tempo da safra, entre dezembro e abril, centenas de



peessoas, famílias diversas, procedentes das cidades e lugarejos do vale do Cariri, no Ceará, e dos sertões vizinhos de Pernambuco e Piauí, sobem à chapada da Serra do Araripe, para a colheita do piqui. A gente pobre, ao permanecer na chapada, na área da Floresta Nacional do Araripe, fica abrigada em palhoças provisórias, com a permissão exclusiva para viver e comerciar com a produção do piqui. Todos os anos, isso acontece. Já é hábito do povo pobre que encontra nêsse labor um excelente recurso alimentar e um pequeno meio de vida. A alimentação com o piqui, pelo seu valor dietético, faz bem às pessoas, tornando-as fortes, robustas e saudáveis. Além do mais, a apanha dos frutos caídos de milhares de piquizeiros acarreta interessante comércio entre o chapadão e as diversas localidades circunvizinhas.

Outro fato importante a registrar é o da indústria do óleo nas proximidades de vários barreiros, reservatórios d'água típicos da chapada. Muita gente dedica-se a êsse serviço, tirando bom resultado, durante a colheita dos frutos.

\* \* \*

A madeira do piquizeiro é de cor castanho-amarelada, de natureza excessivamente fibrosa, resistente à terra, à água, ao sol e ao ar. É muito revessa e resistente aos choques. Sem lustro.

É utilizada para berços de moendas, prensas de casas de farinha, esteios, portais, mourões, estacas, gamelas, cochos, caixões de guardar farinha, rodas de cacimbão e rodas d'água para engenhos d'água.

Encontra-se o piquizeiro, em grande área, na chapada do Araripe. É considerado árvore de grande valor econômico. Acha-se, desde 1946, sob a proteção do governo federal. É proibido, terminantemente, o corte do piquizeiro verde na Floresta Nacional Araripe.

---

A pátria não é ninguém, são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia, à palavra, à associação. — Ruy Barbosa.



# Ouricuri Através de Suas Tradições

---

Francisco Pedro da Silva Netto

*Especialmente para "ITAYTERA"*

É no culto dos feitos dos heróis, dos mártires e de todos aqueles outros abnegados que tudo souberam oferecer pela grandeza da pátria, que um povo conseguirá se integrar na elevada missão de mais consolidar os fundamentos que terão de perpetuarem-se pelos tempos afora.

Se os mortos têm que continuar a viver, através das gerações sempre em sucessão, quando são "as suas cinzas que criam a pátria," no maravilhoso conceito de Lamartine, imperioso se torna que saibamos oferecer aos NOSSOS MAIORES, a veneração que eles são tão merecedores.—É doloroso continuarmos a fugir dos vínculos que nos prendem ao passado, deixando-nos, dominar por toda sorte de contradições maquiavélicas. Consultemos a nós mesmos, e vejamos que será da razão de ser de nossas ações, que dependerá o destino das gerações do porvir.

Ouricuri é pequena cidade com seus 3.600 habitantes, contando o Município com uma população de mais de 40.000. A sua posição geográfica, é em Latitude: S. 7°54'00" e em Longitude: W. Gr. 40'04." Possui 4,849 km<sup>2</sup>. ocupando, portanto, 5,10 do território de Pernambuco, colocando-se assim o segundo lugar em extensão.

Ouricuri tornou-se Município, desligando-se da sede Municipal da então vila de Exú, em 18 de junho do ano de 1849, por efeito da Lei provincial n.º 249. E em face da Lei Estadual n.º 606, de 14 de Maio do ano de 1903, foi elevada à categoria de cidade.

A sua base econômica, se firma ainda nas atividades agro-pastorias, embora conte com pequenas indústrias em franco desenvolvimento. Possui um amplo Hospital Regional, com capacidade para atender às necessidades da região. Temos já fun-



cionando um Ginásio Municipal, já oficializado e com possibilidades de firmar-se na região. Possui também um modelar Grupo Escolar, podendo destacar-se, sobre모든, o seu Templo Católico, de estilo romano, dos mais imponentes do sertão pernambucano. E além de tantos outros melhoramentos que bem atestam o seu firme progresso, possuímos ainda campo de aviação, com capacidade de pouso para qualquer tipo de avião.

Ouricuri é humilde e pequeno, mas torna-se grande e muito grande, pelas expressões de suas gloriosas tradições,

Se a continuidade de um povo—como tornei evidente—somentemente tornar-se-á realidade quando êle sabe cultivar os reais valores das tradições herdadas dos ancestrais, foi que assim sentindo e assim compreendendo, que o Comendador Francisco Pedro da Silva, não vacilou ao apêlo da Pátria, naqueles instantes que, a sua honra e a sua dignidade, encontravam-se feridas pela insolência imperialista do ditador Solano Lopez. E, a despeito de todos os fatores hostis da época, o Comendador Francisco Pedro da Silva organiza nê-te então inóspito recanto de Pernambuco, um BATALÃO DE VÔLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, custeando pela sua bolsa não somente a parte que dizia respeito ao alicciamento, como igualmente, o seu transporte até Recife, o que se verificou a 16 de Janeiro do ano de 1865. E não obstante, originário do recesso sertanejo de Pernambuco, o citado Batalhão, ao chegar no Rio de Janeiro, teve a honra de ser classificado no sétimo lugar, sobrepujando o cômputo de 80 batalhões de voluntários, organizados que foram, para que podessemos manter a guerra e conquistarmos consequentemente a vitória.

Os comentaristas da História Militar do Brasil e notadamente aqueles outros que se têm ocupado sobre a guerra que mantivemos contra o tirano paraguaio, esqueceram-se, até o momento, de fazer justiça ao SETIMO BATALÃO DE VÔLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, quando por si mesmo, provou, incontestavelmente, que foi dos mais intrépidos no cumprimento do dever. As baixas que se verificaram nas fileiras foram por demais constrangedoras e desproporcionais! Dos 806 voluntários que de Ouricuri partiram para a guerra, tão somente pouco mais de quarenta heróis conseguiram retornar ao torrão natal, contando dentre êles, alguns mutilados.

O Batalhão de Ouricuri permaneceu no teatro da guerra desde os seus prelúdios aos últimos instantes da rendição de Assunção. Participou, pois, de muitas das principais batalhas,



podendo destacar-se a de 24 de Maio, em Tuiuti, considerada que foi, "como uma das mais renhidas batalhas, que mencionam os fatos militares da América Meridional", assim definido pela pena do historiador patricio Xavier Pinheiro.

Pelo término da guerra, ao retornarem á Pátria os últimos sobreviventes de tão glorioso Batalhão, foram revistados na Capital do Império por Dom Pedro II, que chegou ao ponto de abraçar a cada um daqueles rudes homens do sertão. Embora estivessem embrutecidos pelos horrores das batalhas, simbolizavam êles os titãs das epopéias antigas. E ainda com palavras de eterna gratidão, pergunta-lhes além do mais "se estava pago o soldo". Dominado que se encontrava pelo reconhecimento para com aqueles bravos, resolve condecorá-los, inclusive ao brioso comandante o Cel. Felipe Roriz Coêlho Rodrigues. Em seguida gratifica a todos.

Sua Magestade o Imperador querendo terminar com chave de ouro o aprêço para com aquêles valorosos da Pátria, entrega-lhes como legado, aquela tão querida bandeira do Brasil, que coberta de glórias, retornava do fragor das batalhas. Referida bandeira, foi homenagem tributada ao SÉTIMO BATALHÃO, pelas damas da sociedade do Rio de Janeiro. Ela hoje se encontra sob guarda do Instituto Histórico de Pernambuco, sendo bordada a ouro e cravejada com pedras preciosas.

Dom Pedro II querendo reconhecer a missão tão altamente patriótica do comandante Francisco Pedro da Silva, como organizador que foi do SÉTIMO BATALHÃO DE VOLUNTÁ-DA PÁTRIA, resolve condecorá-lo com as comendas da Ordem de Cristo, Ordem do Cavalheiro e Ordem da Rosa, as quais ainda existem em poder de membros da família.

Não deixou de ser significativa a homenagem que o Imperador lhe tributou, mas acharíamos, que mais elevada deveria ter sido a recompensa. É, porém, imperativo do destino, que sempre os grandes homens sejam injustiçados pelos contemporâneos, diante de seus grandes feitos, cabendo no comum, aos pósteros, desobrigarem-se da missão, reconhecendo-lhes os méritos que são credores,

E agora quero perguntar, quantos foram que, pelo Brasil afora, souberam proceder com igual rasgo de patriotismo, organizando batalhão e dos primeiros, nas idênticas circunstâncias de um invio sertão como então era êste de Pernambuco e tudo de-



correndo pela própria dependência financeira?—Certo está, que foi unicamente pelo acendrado amor a Pátria, que se justificou tão grande feito. O Comendador Francisco Pedro, repetia igual gesto patriótico—embora sob modalidade diferente—ao de outro também grande brasileiro, cujo sangue, corria-lhe nas veias—o Padre Tenório.

Os seus feitos, como igualmente os de todos os heróis do SÉTIMO BATALHÃO, merecem continuar indeléveis nos corações dos que nasceram em Ouricuri, quando foram através deles, que o nome da terra conquistou uma posição de destaque na história do Brasil.

Ouricuri poderá crescer, adquirindo tudo que o progresso lhe possa oferecer, mas certo é que o valor daqueles feitos gloriosos e imortais haverão de continuar como o astro resplandecente e de primeira grandeza, guiando-lhe a trajectória do destino.

O Comendador Francisco Pedro da Silva nasceu na cidade de Sousa, da então província da Paraíba do Norte, no dia 28 de Maio do ano de 1820. Era filho de João Ferreira da Silva e Da. Joana Teresa de Jesus.

Homem, que pelo patriotismo era voltado para a vida pública, pertenceu na época do Império, ao Partido Liberal. E diante do seu sólido prestígio por estas paragens, conseguiu eleger-se Deputado Provincial em diversas legislaturas, ocupando por algumas vezes, a presidência da Câmara. Foi contemporâneo parlamentar de José Maria—o velho—e de tantas outras figuras expressivas, que se integraram na história de Pernambuco. Foi êle intimo amigo, do grande estadista do Império, Buarque de Macedo (chegando a apadrinhar um dos seus filhos), e não querendo fazer parte da onda dos adesistas na proclamação da República, recolheu-se à vida privada.

O Comendador Francisco Pedro da Silva era sobrinho do inolvidável patriota—o Vigário Tenório (Pedro de Sousa Tenório)—um dos principais chefes do movimento de libertação nacional de 1817, julgado que foi pelo notável historiador Pedro Calmon, como sendo “dos mais expressivos movimentos de libertação que se verificou no Continente Americano.”

Havendo sido um idealista, sempre voltado para as grandes e nobres causas, o Comendador Francisco Pedro, foi o cons-



---

trutor do imponente Templo Católico que tanto orgulha Ouricuri. E tendo tido também uma grande alma dedicada à causa do bem, contribuiu para que a veneração em tórno do seu nome se tornasse quase verdadeira lenda. O seu devotamento patriótico e deveres de cristão, foram suficientes para imortalizarem-lhe o nome. Faleceu com 90 anos de idade, no dia 7 de outubro do ano de 1910, na cidade que fez parte da sua existência. Repousam seus restos mortais, na bela Igreja que ficou como marco impericível de seus grandes feitos, Busto, em sua homenagem, já ornamenta a praça que tem o seu nome.

Cabe ao comendador Francisco Pedro da Silva, o privilégio de fundador de Ouricuri, porque quando aqui chegou, encontrou tão somente simples arraial, antigo retiro de gado, tendo sido, portanto, quem lhe deu nova fisionomia, abrindo-lhe pois as perspectivas de novos horizontes.

Ouricuri, procurando corrigir falta julgada imperduável e não menos insensata, resolve—por sugestão do autor dêste trabalho dedicar uma de suas novas praças, aos intrépidos e valorosos VOLUNTÁRIOS DO SÉTIMO BATALHÃO. Esquecidos, seria ultraje perpetrado às suas cinzas, sobretudo das cinzas dos que ficaram dormindo o eterno sono em sepulturas ignoradas, em terras estrangeiras, ao se imolarem em holocausto pela remissão da Pátria.

A homenagem prestada por Ouricuri aos gloriosos do SÉTIMO BATALHÃO, já representa alguma cousa, porém outras mais importantes deverão ainda vir. Que um monumento seja erguido no centro da praça que lhes foi dedicada, podendo, por meio do broze e do granito, continuarem através dos tempos, a falar para aquêles que por ali passarem a perene linguagem do CUMPRIMENTO DO DEVER.

Francisco Pedro da Silva Netto.

Ouricuri, novembro de 1956

---

*Um crime não se repara com outro. Os piores de todos os crimes, os que mais atacam a moral pública e depõem contra a civilização de um povo, são as violências contra a lei pelos a quem ela incumbiu de sua guarda.—Ruy Barbosa.*



# AERONORTE

( Em consórcio técnico com REAL — AEROVÍAS BRASIL. )

Serviço aéreo regular com aeronaves DOUGLAS  
DC/3 de 28 passageiros.

— HORÁRIO PARA O CARIRI —

DOMINGOS E QUARTAS :

Chegada de São Luiz e Escala às 13,00. Partida:— Às 13,30  
para Cajazeiras, Campina Grande, João Pessoa e Recife.

SEGUNDAS E QUINTAS :

Chegada de Recife e Escala às 9,25. Partida: — Às 9,55  
para Fortaleza, Terezina, Caxias, Coçó e São Luiz.

SEXTA-FEIRA

Chegada de Fortaleza às 15,35—pernoitando em Crato.

SABADOS :

Partida:— Às 7,00 para Iguatu, Fortaleza, Parnaíba, Brejo,  
Chapadinha, Urbano, Santos e São Luiz.

CONEXÕES:

Em Recife e São Luiz, para qualquer outra licalidade  
do País.

---

Passagens — Encomendas — Cargas — Tarifas Reduzidas

Consultem nosso Agente: ERNANI SILVA

Em CRATO — Palácio do Comercio

Em JUAZEIRO DO NORTE — Rua São Pedro, 373.

Enderêço Telegráfico: "ERSIL" — CRATO

---

Serviço de Proteção ao Vôo — Instalação de Rádio Faról  
e Rádio Comunicação — Serviço perfeito e seguro.

# ABIGAIL

---

Maria Alaide Schultze

Eu me recordo bem de Abigail . . . Era alta, esbelta e simpática. Trajava sempre no rigor da modéstia cristã, usava constantemente a Medalha da Virgem pendente ao pescoço, em grosso cordão de prata, e tinha nos olhos uma doçura imensa, talvez um pouco do céu de Beatriz !

Lembro-me perfeitamente daquele dia 12-5-40, quando ela se levantou toda elegância e disse um dos mais belos discursos que já ouvi de lábios femininos. Era a inauguração do Grupo Escolar Municipal e ela, como uma das professoras, fôra escolhida para saudar o Diretor da Instrução, Pe. Bruno de Menezes.

Meses mais tarde tive a sorte de tê-la como professora. Foi ela quem me deu os primeiros incentivos no sentido de eu fazer o Admissão no Sta. Tereza, embora a minha classe ainda fosse o 3.º ano primario. Recordo-me de um dia em que estava fazendo um trecho de leitura e pronunciei a palavra "dádiva" como "dadiva". Ela me sorriu mansamente e levantando os olhos suaves me ensinou com voz harmoniosa a pronunciar a palavra.

Em 1945 o G. E. M. fechou suas portas, por falta de verba. Nesse tempo eu já cursava o 3º ano ginasial no Sta. Tereza e soube que Abigail ia morar no Rio. Calculei que ela ia estudar Filosofia, tão grandes eram os seus dotes de inteligência e espirito. Mais tarde eu soube que ela trabalhava no Departamento Nacional do Café e pouco fiquei sabendo a respeito dela, a não ser quando encontrava alguém da família. Aliás, sempre existiram fortes laços de amizade entre a sua e a minha casa. Seu irmão mais velho — o Dr. José Jayme — e ela serviram de padrinhos à minha irmã Dânia, hoje com 19 anos !

Em 1947 estava eu em Fortaleza quando soube da cruel noticia: Abigail morrera ! Meu Deus, pensei, como seria possível ela estar morta, ela que nascera para brilhar e aquecer os corações que dela se acercavam ! Seria sádico o Deus que ela tanto amara e servira ? Não ! Talvez que Ele, o Sábio dos Sábios, achando-a pura demais para êste mundo, resolvera chamá-la assim depressa !..



ABIGAIL MORREU! E agora, nove anos depois, a Família ARRAES, esta de quem ela é filha, irmã, sobrinha e prima, vem de publicar um livro em sua memória. Sobre o mesmo que li com o maior carinho, eu já tive ocasião de dizer em carta ao colega Lindemberg Patricio: é digno de figurar em qualquer estante da Academia Brasileira de Letras porque é, a meu ver, um dos melhores já publicados, no gênero, em nosso país.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, com 100 páginas, devo destacar dois trabalhos, que me deixaram encantada: o Prefácio do Dr. Monte Arraes, um verdadeiro poema em prosa, e o Ofertório que Da. Marcinha faz a sua tilha inesquecível, um verdadeiro cântico de amor materno, envolvido de pungente saudade de mãe que perdeu o seu tesouro na terra! Todos os trabalhos são bons, não só do ponto de vista literário como também na maneira pela qual um a um todos os parentes e amigos focalizaram a personalidade inconfundível da moça-modêlo!

Na segunda parte, com 86 páginas, estão reunidos, cronologicamente, os trabalhos de Abigail, desde aquele "Consciência" (não me envergonho de contar que ele me levou ao dicionário e a alguns minutos de meditação) até a carta dirigida à irmã mais nova, por quem tinha ela carinhosa afeição. E ainda há que mencionar aquele trabalho estupefante que ela escreveu sobre as "Escolas Regionais", para não falar dos outros, todos dignos de figurar numa Antologia Brasileira.

Abigail é um símbolo de fé, pureza e constância aos seus princípios e ideais. Para mim ela é exemplo a ser imitado, não só pelas moças do Crato mas também por todas aquelas que tiveram a sorte de nascer sob o Cruzeiro do Sul!!!

RIO, 2/11/56.

---

*Se a democracia é a encarnação da justiça e se a livre discussão incarna o racionalismo,—é sómente através da justiça e do racionalismo que conseguiremos encontrar o caminho que nos afaste dos perigos com que a guerra moderna ameaça a espécie humana.*

—Bertrand Russell.

# ORIGEM DA FAMÍLIA ALENCAR, NO BRASIL

## O Barão de Studart

Em maio último, para comemorar o primeiro centenário do nascimento de José de Alencar, escrevi, aqui, no "Correio do Pará", um artigo com o título acima.

Esse artigo foi transcrito, no Ceará, pela revista literária "A Jandaia" e pela "Gazeta do Cariri", do Crato. Foi, igualmente, transcrito em Manaus.

Enviei-o, também, a algumas pessoas amigas, entre as quais, ao nosso ilustre benemérito e "benedictino" cronista Barão de Studart. Falando desse nome ilustre e querido dos cearenses, devo aqui, abrir um parêntese ao motivo destas linhas para dizer o seguinte:

Acho que o Ceará, depois que fez a glorificação de José de Alencar, deve, para ser justo, fazer, também, a do Barão de Studart. Porque, enquanto, na terra, na vida e na história, existir este nome —Ceará—, com êle há de conviver este outro —Barão de Studart—. Estão os dois ligados indissolúvelmente.

Mas, se me é permitido ter aqui, outra opinião, além desta, devo dizer, ou ponderar, que não desejaria para êle, uma estátua na praça pública. Uma estátua é sem dúvida, uma coisa muito bela e honrosa para quem merece e para quem consagra, mas —praticamente— é uma coisa inútil, só despertando um efeito abstrato de ordem intelectual, além do artístico.

Assim penso, —e tomo a liberdade temerária, talvez— de lembrar, ou sugerir, que a consagração que o Ceará deve prestar ao ilustre e insigne filho, precisa ser de outra ordem; — por exemplo: um edificio; e dentro dêle uma biblioteca em que se acumulem todas as obras, todas as produções literárias, científicas, artísticas e jornalísticas, dos filhos de Iracema, como de todos quantos queiram ali figurar, nacionais e estrangeiros. E, ao lado dessa biblioteca, um curso de estudos superiores sobre a história, a geografia e mais estudos, principalmente do Ceará. E esse monumento poder-se-ia intitular — INSTITUTO STUDART.



A esse Instituto o Barão poderia legar todo o seu riquíssimo Museu histórico, e a êle serem logo, incorporadas todas as obras e trabalhos dos nossos cronistas. João Brígido, Theberge, Paulino Nogueira, Antônio Bezerra, Perdigão, Katunda e outros, sem esquecer o grande Capistrano.

E assim, nós, os cearenses, honrando o nosso heróis—heróis, sim, no conceito Carlyliano — prepararíamos para o presente e para o futuro um monumento tão util e tão imortal como o foi o mesmo herói que lhe dá o nome e a razão de ser.

Mas—atrevo-me ainda a sugerir — penso que essa consagração deve ser feita, quanto antes, e ainda em vida do homenageado, para que o possa ele gozar, como uma recompensa aos seus trabalhos e dispêndios, que são avultados, essa alegria de ver que os seus patricios lhe sabem ser agradecidos, e de vêr, também, sustentada e prolongada a sua grande e benemérita obra. Vamos, assim, acabar, de vez, com essa "infâmia" que se vem perpetuando em toda a história humana de só reconhecer e glorificar os grandes homens depois de... mortos!

Pobre Homero; pobre Dante; pobre Shakespeare; pobre Camões; pobre Cervantes, que sofreram, uns até fome, e outros insultos, protervias e injustiças de toda sorte!

Se, pois, o que aí fica dito poder lograr a ventura de chegar e, medrar, aos ouvidos do Govêrno de Ceará e do povo cearense, eu aqui, para fechar o parêntese, me arrego o direito de dizer :

—Está aberta a "sessão" e tem a palavra, — quem ? — Gilberto Câmara!

Volvo, agora, a origem da família Alencar no Brasil.

Creio que o meu aludido artigo—e mais dois outros—não merecem a honra de serem lidos pelo meu ilustre Mestre e amigo Barão de Studart, a quem os remeti. Estamos em divergência num ponto. E lhe tendo eu escrito sôbre o assunto, com o respeito e diferença que tanto me merece êle, sua resposta à minha carta não me satisfez.

O ponto é o seguinte :

Eu disse no aludido artigo que Joaquim Pereira de Alencar, português, tendo partido de Granja no Ceará, onde apor-

tara, para o "Riacho da Brígida", em Pernambuco (Exú), lá se casara com Teodora, filha de criação da cabocla Brígida, rica descendente dos Cariris, índios da região.

Que dêse consórcio nasceram Bárbara de Alencar, Leonel Alencar e outros, que mencionei.

Mas o Barão de Studart, aos quisitos formulados pelo dr. Gilberto Câmara, sobre a data do nascimento de José de Alencar, e falando sobre Leonel disse :

"Leonel Pereira de Alencar, fervoroso adepto das idéias de 17 e morto pelos Corcundas em Setembro de 1824 era irmão de dona Bárbara de Alencar, e, pois, tio do senador. Era filho de Joaquim Pereira de Alencar, NATURAL DO CRATO? FILHO POR SUA VEZ DO PORTUGUEZ LEONEL DE ALENCAR RÊGO VINDO DE PERNAMBUCO, E DE DONA TEODORA, NASCIDA EM PAJEÚ DE FLORES ("Correio do Ceará", de 25 de Maio de 1929).

Nesta última informação, e que vai aqui grifada por mim, é que está a nossa divergência. É a carta que meu ilustre amigo e Mestre me dirigiu sobre o assunto não me satisfaz.

E como se trata de um ponto histórico, de grande importância, a meu ver, venho pelo "Correio do Ceará", expôr as razões que tenho para sustentar a minha primeira informação dada no aludido artigo, e nela permanecer crendo, até que seja convencido do contrário.

Para tal fim recorri à palavra e informação de uma pessoa da família Alencar, que reside, aqui, em Belém do Pará, à rua Jerônimo Pimentel número 82.

É ela Dona Teodora Gonçalves de Alencar, neta da segunda Teodora, dêse nome, e, portanto, trineta da primeira. Conta ela, hoje, oitenta anos de idade, mas tem ainda uma memória felicíssima e conhece toda a crônica antiga da família Alencar.

Recorreu ela, então, ao seu album e apresentou-me o retrato de sua avó Dona Teodora Crescência de Alencar.

É uma fotografia em ambrotipo, e no dorso trazia escrita estas palavras: "Teodora Crescência de Alencar, nasceu em



1796. tendo 65 anos de idade—Exú, 10 de Novembro de 1860". Era filha de Dona Josefa Alencar e de Alexandre Carlos Saldanha Peixoto.

Casou com Antônio Geraldo de Carvalho, filho de João Pereira de Carvalho, intitulado — O Baiano —. Seu marido foi assassinado em Jardim em 1824. logo depois de Leonel.

Voltarei sobre este assunto em outra ocasião.

Conheceu ela ainda a sua avó — a primeira Teodora — de quem era afilhada.

Conta hoje, como disse, oitenta anos de idade.

É uma criatura de uma bondade extrema, de uma gentileza sem par, e de uma memória felicíssima. Conheceu muito bem a avó, que em 1860 era viva e fotografada em Exú (Pernambuco).

Noutra ocasião também, voltarei sobre ela e publicarei todas as notas que lhe tomei, sobre seus ascendentes e demais parentes.

Levei-lhe, pois, o "Correio do Ceará", com a declaração em apêço, do Barão de Studart e ela negociou-a redondamente, e afirmou-me :

— "O que escreveste é que é a verdade !"

Poder-se-á, pois, diante de tal testemunho, afirmar outra coisa ?

Em todo caso, espero ainda melhores esclarecimentos do illustre cronista cearense, se êle achar o assunto digno de sua atenção.

Como afirmei, voltarei ainda sobre os Alencares.

Belém, 19—Julho—1929.

JOSE CARVALHO

(Transcrito do "Correio do Ceará", de 1.º de agosto de 1929)

# Cronistas da Revolução de 1817

Mucio Leão

A revolução republicana de Pernambuco, em 1817, é um dos momentos mais gloriosos da história do Brasil. É "a única revolução brasileira digna desse nome"—disse dela Oliveira Lima. É o nosso eminente historiador explicou por que assim pensava: "Foi instrutiva pelas correntes de opinião que no seu seio se desenharam, atraente pelas peripécias, simpática pelos caracteres e tocante pelo desenlace. Foi um movimento a um tempo demolidor e construtor, como nenhuma outra, em grau superior, na América Espanhola" (1)

Oliveira Lima tem toda a razão. A revolução de 1817 é, em realidade, um movimento bellissimo. E apresenta característicos históricos que são unicamente seus. O primeiro deles é ter sido uma revolução de fato vitoriosa. Foi um momento do Brasil—um momento que perdurou por mais de dois meses. E nesse momento o Brasil foi uma república...

E se enriqueceu com uma pleiada de homens destemidos, que nos assombra, julgados por uma justiça brutal e exterminadora, eles afrontam a iniquidade com que são tratados, sem que nenhum se mostre acovardado ou, sequer, vacilante. Condenados á morte, sobem ao patíbulo sem o mínimo resquício de medo. Um deles fez um apêlo para o juizo da Posteridade, reproduzindo o gesto de Madame Roland; um outro sobe á forca, convidando os seus algozes para um encontro no inferno. Nenhum deles fraqueja, ou chora, ou se entibia.

É uma geração de romanos da melhor época, contemporâneos dos Gracos ou de Catão.

\* \* \*

A revolução de 1817 teve vários cronistas — alguns acidentais, como Dr. Lopes Machado; e outros mais sistemáticos, como Antônio Joaquim de Melo, que dela tratou longamente, porém em artigos avulsos, quando escreveu a sua prestante obra **BIOGRAFIAS DE ALGUNS POETAS E HOMENS ILUSTRES DE PERNAMBUCO**; e, afinal, como Francisco Muniz Tavares e o Padre Joaquim Dias Martins.



Lopes Machado foi cronista da revolução de 1817 acidentalmente — e muito sem o querer. Era médico e residia no Recife, quando o movimento explodiu, com os seus ferozes gritos de MATA, MATA MARINHEIRO! Era MARINHEIRO e o pavor que experimentou de ser uma das vítimas da população enfurecida foi imenso. É dando conta de tudo o que viu, de tudo o que sentiu, que êle toma da pena, ainda na efervescência dos acontecimentos, e escreve uma carta a um compradre, fazendo um relatório de todas aquelas coisas espantosas. Sua carta constitui uma crônica sumária da revolução em sua primeira fase. Mas uma crônica que tem muito interesse, sobretudo por isto: — porque vem do lado de lá, do lado português, e nos permite sentir quanto era profunda a indignação daqueles europeus por verem os negros e os pardos brasileiros assumirem uma posição menos miserável na vida.. Eles já ousavam dirigir-se a um branco e perder-lhe tabaco, êles, esses abomináveis pretos e pardos — refere com grande escândalo o doutor lusitano. E conta, com a alma nadando em júbilo, que a repressão já chegou, que aqueles insolentes estão presos, e que cada um deles, recebe nos ferros em que foram metidos, 300, 400 e 500 açoites...

Delicias dos homens brancos!

\* \* \*

Desses cronistas da revolução de 1817, os que a estudaram mais sistematicamente foram Francisco Moniz Tavares e Joaquim Dias Martins.

Francisco Moniz Tavares era padre, e é um daqueles cinquente e tantos Sacerdotes que se viram comprometidos no movimento. Era aluno do secundário e já manifestava o mais extraordinário aproveitamento de espirito, pois merecia a um sábio como Arruda Camara, na carta-testamento que êsse grande brasileiro endereçou ao Padre João Ribeiro, uma referência destas: "Tenham todo o cuidado no aproveitamento dos rapazes Francisco Moniz Tavares, Manoel Paulino de Gouveia, José Martiniano de Alencar e Francisco de Brito Guerra".

Ordenou-se, e foi logo capelão da agonia do hospital do Paraíso, companheiro de trabalho do Padre João Ribeiro. É nesse momento que explode a declaração de 6 de março — a revolução vai para a rua. Moniz Tavares esteve solitário com ela em todos os momentos.



Segue-se a repressão formidável. E com as levas de pernambucanos algemados que vão para a prisão da Bahia, vai também Moniz Tavares. É a êle que cabe fazer, um dia, aos companheiros que estão presos, a ponderação de que, se não de dedicar os seus dias inúteis á leitura de novelas, que corrompem mais que moralizam, tratem de ensinar uns aos outros matérias úteis. Funda-se, assim, aquêla espécie de Universidade sul-generis — a primeira que existiu no Brasil — em que os mestres se chamam Moniz Tavares, Frei Caneca, Antonio Carlos, Viçela Tavares..

Anistiado em 1821, em virtude da revolução liberal do Pôito, regressou a Pernambuco. Mas o fêz de maneira diferente dos outros prisioneiros — viajando por terra, a fim de ir conhecendo aqueles sertões e as pessoas que neles moravam.

Foi, então, nomeado professor régio de latim na vila do Cabo. E daí a pouco, realizando-se as eleições para as côrtes de Lisboa, era um dos Deputados da Província de Pernambuco.

Foi a sua, ali, uma atitude de desassombro e de energia diante dos absurdos dos seus confrades portugueses, partidários da recolonização do Brasil. Coube-lhe defender os pernambucanos por ocasião da perseguição de Luiz do Rêgo, depois do atentado de 1821. Como se sabe, naquela ocasião o soba que Portugal mandara para julgar os intuitos libertários de Pernambuco foi vitima de um atentado na Ponte da Boa Vista. Para dar um exemplo a toda a Província, Luiz do Rêgo meteu num navio infecto — tão bem batizado como INTRIGA! — algemados, todos os homens que em Pernambuco tinham algum nome ou alguma reputação, e os enviou para Lisboa. Assumindo a sua tribuna na Câmara, Moniz Tavares fêz ver a injustiça daquele procedimento. E propôs que os pernambucanos fôsem restituídos á sua Província, por conta do Estado. Sua proposta foi por unanimidade aprovada, e as vítimas da prepotência de Luiz do Rêgo regressaram ao lar.

Agravavam porém, dia a dia, as dissidências e as incompreensões entre brasileiros e portugueses, na Câmara de Lisboa. E, afinal, os brasileiros, lavrando um solene protesto, dali se retiraram, indo para a Inglaterra, Moniz Tavares estava nesse grupo.

Voltando ao Brasil, foi eleito para a Constituinte de 1822. Exerceu o cargo de secretário da Assemblêia e coube-lhe redi-



gir o projeto de Constituição. Entre os projetos que ali apresentou contou-se aquêlê que mandava que dentro do prazo de três meses fossem expulsos da Independencia do Brasil—prajeto que tanto contribuiu para a attitude de D. Pedro dissolvendo a Camara.

Moniz Tavares voltou a Pernambuco e dali partiu para Paris, onde se doutorou em teologia. Foi depois diplomata—exercendo o cargo de secretário da Legação brasileira em Roma. Ainda teve um grande cargo político: o de Deputado, e de presidente da Câmara. Foi também Deputado provincial. Seu sonho parece ter sido o de uma cadeira no Senado, tendo chegado a entrar uma vez em uma lista triplíce. Não foi escolhido e, melancólicamente, fêz esta consideração a um amigo:

—Quando o partido liberal está no poder só elege filhos de outras províncias (alusão a Chichorro e Esteves). Quando é o Conservador que governa, só são eleitos os Cavalcantis.

Foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Instituto Arqueológico de Pernambuco.

No fim da vida, quis dotar Pernambuco de uma instituição nova e admirável — o ASILO DAS CONVERTIDAS, para o recolhimento das mulheres de má vida. Lançou em Santo Amaro os fundamentos da casa benemérita. Mas a intolerância do Bispo Dom Francisco Cardoso Aires e depois a de D. Vital de Oliveira (junto de quem Moniz Tavares voltou a insistir no assunto) imoediou a província de receber aquêlê beneficio. Alegação dos dois Bispos: que se tratava de uma iniciativa maçônica!

Moniz Tavares viveu até aos 81 anos. Estava, certa manhã, dizendo missa em sua capela do Parnamirim, quando foi assaltado por um mal súbito. Faleceu dias depois, sendo enterado com grande pompa.

Foi quando voltou de sua atuação diplomática em Roma que o sacerdote se retirou a um bairro tranquilo — para ali compor a crônica da revolução de que fôra parte. Resultou desse esforço a sua esplêndida HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE PERNAMBUCO EM 1817, obra até hoje não ultrapassada em relação aquêlê movimento. Teve uma reedição em 1917, comemorativa do centenário da revolução, trazendo um estudo e notas preliminares de Oliveira Lima.

O outro famoso cronista da revolução de 1817, o Padre Joaquim Dias Martins, é português de nascimento. Ele se dá como um LUSO-PERNAMBUCANO. Seu livro intitulou-se OS MÁRTIRES PERNAMBUCANOS — e foi editado no Recife, em 1853. Grande entusiasta do heroísmo dos lutadores de 1710 a 1817, é deles que trata esta obra, o que o padre deu o método de um dicionário biográfico.

A dedicatória que fez em seu livro é, sem dúvida, original pela configuração com que se apresenta. E é concebida e disposta nestes termos :

Dedicatória  
Aos pernambucanos  
ilustres  
em toda a virtude  
soelivit  
na

Religião	Escravos	&
	Livros na politica	
Paz	Mansos	&
	Indomaveis na guerra	
Amizade	Leais	&
	Briosos na desconfiança	
Economia	Parcos	&
	Prodigos na generosidade	
Injuria	Sensíveis	&
	Moderados na vingança	
Abundancia	Frugais	&
	Sofredores na miséria	
	Virtuosissimas	

Na paz. na guerra, na ordem, e na anarquia por  
um luso pernambucano  
(o padre Joaquim Dias Martins)  
observador por quarenta anos

P. Q. D. G.

(Do "Diário de Pernambuco" (extra), de 11-2-1956)

Ruy, uma cordilheira. De onde, muito se tem extraído e de onde há sempre a extrair.

— *Professor Leônidas de Rezende.*



## Farmacia São Raimundo

Grande sortimento de medicamentos nacionais e estrangeiros.

*Preços Módicos, Atenção, Pontualidade.*

MANIPULAÇÃO ESCRUPULOSA.

Proprietário: ANTENOR B. DE MENEZES

*Rua Dr. João Pessoa, 60. No mesmo prédio onde  
funcionou a Farmácia Gomes de Matos*

CRATO

—

CEARA'

## « Livraria Católica »

Missais para altar—Paramentos—Alvas—Sacras—Ambulas  
Cálices—Custódias—Turibulos—Lâmpadas do SS.—Sacrá-  
rios—Tronos—Banquetas—Altar Portátil—Fitas para  
Congregações—Missais quotidianos.

*Adornos—Terços—Medalhas—Santinhos—Livros de  
Ascética, Formação Religiosa, Didáticas e Primária  
—Papellaria serviços tipográficos—Velas de cera—  
Imagens de todos os tamanhos e em várias inovações.*

Caixa Postal, 45—Fone, 21-45—Tel.: JOVALE

Crato — Rua Dr. João Pessoa, 114 — Ceará

# Os 21 de 17

---

Coube ao Cariri, a INICIATIVA dos movimentos políticos que de 1817 a 1824 ocorreram no Ceará, por mais que alguns cronistas e compendistas apressados do litoral tentem, por omissão, ou, não, obscurecê-lo.

De Crato, com escala pelo Icó, fez-se a marcha independentista até Fortaleza sob o comando de Pereira Filgueiras, assessorado por Tristão de Alencar Araripe, impondo-se, então, à Província, a nova ordem política instaurada no Brasil com o 7 de setembro de 1822.

De Crato, após demorada mobilização de homens, armas e munição de boca, dirigiu-se sobre Caxias a expedição Filgueiras e Tristão, a qual, reforçada de piauienses e maranhenses, eliminou, acolá, o centro nevrálgico da resistência reinol no extremo norte do país, reduzindo-se, a ação de Crócane, a uma parada naval e à oficialização duma situação já virtualmente conquistada, o que levou Oliveira Lima a escrever que o título de Marquês do Maranhão se ajustaria mais a Filgueiras do que a Crócane.

De Crato, partiu o exército, ainda de Filgueiras e Tristão, exército que, em Fortaleza, apeou o presidente Pedro José da Costa Barros, impôs a eleição de Tristão para substituí-lo e integrou a Província na Confederação do Equador.

Foram os caudilhos políticos, padre Cícero Romão Batista e seu condestável, Floro Bartolomeu da Costa, que converteram Juazeiro do Norte no elemento decisivo da deposição do presidente do Estado tenentê-coronel Marcos Franco Rabêlo.

Essas considerações nos sobrevieram a propósito da relação nominal, a que vamos proceder, dos heróis da Revolução Cratense de 3 de maio de 1817.

Tal revolução, emancipacionista e republicana, vinculada ao movimento de índole idêntica eclodido em Pernambuco em 6 de março daquele ano, foi chefiada, como se sabe, pelo jovem José Martiniano de Alencar, depois deputado geral, senador do Império e, por duas vezes, presidente do Ceará.

Vencedora, a Revolução Cratense de 3 de maio de 1817,



teve, entretanto, vida efêmera, pois, já no dia 11 do mês e ano referido, diluiu-se nas mãos dos reacionários realistas Pereira Filgueiras e Leandro Bezerra Monteiro. Diluiu-se pela ausência de amadurecimento prévio, como aconteceu ao movimento em Pernambuco.

Cinco anos decorridos, os caririenses desciam sobre Fortaleza concretizando em 1822 o sonho de 17.

A Revolução Cratense de 3 de maio de 1817 conta seus autênticos heróis, vinte e um, ao todo, uns obscuros, outros destacados pelos cronistas. Um não chegou a ser processado, porque, prêso na cadeia de Crato, foi aí morto pelos realistas, antes de ser conduzido para a Bahia—Henrique de Mira. Nove, embora processados e denunciados, conseguiram escapar às malhas da polícia.

Pela significação política da revolução que desflagaram, êses heróis se constituíram os precursores da independência do Brasil em terras do Ceará, e escreveram a página mais emocionante da crônica política de CRATO.

Estão convertidos em símbolos.

Estando em desenvolvimento o plano da ereção dum monumento a êses heróis na Praça da Sé desta cidade, julgamos oportuno desfilar-lhes os nomes, sobretudo entre os cratenses.

Ei. los :

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR. Pronunciado em 13-9-1818.

BARBARA PEREIRA DE ALENCAR, mãe do precedente. Pronunciada em 13-9-1818.

PADRE CARLOS JOSÉ DOS SANTOS ALENCAR, filho da precedente. Pronunciado em 13-9-1818.

LEONEL PEREIRA DE ALENCAR, irmão da mesma Bárbara. Pronunciado em 13-9-1818.

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, irmão do precedente. Pronunciado em 13-9-1818.

INÁCIO TAVARES BENEVIDES, cunhada da citada Bárbara. Pronunciado em 13-9-1818.

MIGUEL CARLOS DA SILVA, vigário de Crato. Pronunciado em 13-9-1818.

FRANCISCO PEREIRA MAIA GUIMARAES, tronco português da família Maia dêste Cariri. Pronunciado em 13-9-1818.

BARTOLOMEU ALVES DE QUENTAL, da família Quental, dêste Cariri. Jovem como Tristão e José Martiniano, foi pronunciado em 13-9-1818.

RAIMUNDO PEREIRA MAGALHAES. Só foi prêso em 1819, contando, então, 24 anos. Pronunciado em 13-9-1818. Descendia do casal paraibano-pernambucano, imigrado em Barbalha, no sec. 18, capitão João Carneiro de Moraes-Petronila Bezerra de Menezes.

FRANCISCO PEREIRA ARNAUD, neto do co-fundador de M. Velha, capitão João Correia Arnaud. Pronunciado em 13-9-1818.

FRANCISCO CARDOSO DE MATOS, do escol da sociedade cratense de então. Pronunciado na data supra.

HENRIQUE DE MIRA, o único mártir sacrificado às iras dos realistas.

JOAQUIM FRANCISCO DE GOUVEA, cidadão categorizado. Pronunciado em 13-9-1818:

ANTÔNIO CARNEIRO, pronunciado no mesmo dia e ano.

ANTÔNIO DA COSTA, Pronunciado em 13-9-1818.

MANUEL DA SILVA, Pronunciado na data supra.

MANUEL DA COSTA, Pronunciado em 13-9-1818.

MIGUEL JUSTO, Pronunciado na data mencionada.

FÉLIX CARNEIRO, Pronunciado em 13-9-1818.

JOAQUIM DA COSTA, Pronunciado na data supra.

Os sete últimos e mais Francisco Pereira Arnaud e Leonel Pereira de Alencar não foram prêsos. Onze curtiram-se nas cadeias da Bahia até 1820. Já sabemos a sorte de Henrique de Mira, o mártir.

Sugestão: O Governo Municipal poderia incluir no programa de suas escolas a Revolução Cratense de 1817. É uma tradição gloriosa que alimentará o civismo. O culto dos heróis é um postulado cívico.



O Instituto Cultural do Cariri vem de receber a placa de bronze a ser colocada no local onde foi fuzilado o chefe abri-  
lista Joaquim Pinto Madeira, nesta cidade, ofertada pelo consó-  
cio Professor José Denizard Macêdo de Alcântara, cuja ins-  
crição é a seguinte :

"Na manhã de 28 de novembro de 1834, foi fuzilado  
neste local, o Coronel JOAQUIM PINTO MADEIRA.  
Serviu à Independência e à unidade do Império, portando-  
se "sempre com firmeza de caráter em defesa da Religião  
e do Trono", integrado na tradição dos nossos maiores  
que devassaram o Vale do Cariri e plantaram a sua  
civilização.

*(Oferta do Professor Denizard Macêdo)"*

## FARMACIA CENTRAL DO CARIRI

DO FARMACÊUTICO:

*J. DE FIGUEIREDO FILHO*

Grande estoque de especialidades farmacêuticas  
a preços reduzidos.

Manipulação escrupulosa, sob a orientação de  
seu proprietário.

RUA BÁRBARA DE ALENCAR, 203 A 205.

CAIXA POSTAL: 47 — TELEFONE: 22-63

CRATO

— CEARA'

# Auxilia a Câmara a Impressão de " ITAYTERA "

---

O Poder Legislativo do Crato colabora para a confecção da nossa revista.

Bela Iniciativa do Vereador JOSÉ LUIS DE FRANÇA —  
Texto da Lei.

O vereador José Luis de França apresentou na Câmara Municipal do Crato o seguinte Projeto de Lei :

## PROJETO N.º 407

Emenda : Concede ao Instituto Cultural do Cariri um auxílio de Cr\$ 15.000,00 para auxiliar a impressão da revista ITAYTERA.

ARTIGO 1º — Fica concedido ao Instituto Cultural do Cariri o auxílio de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) destinado a auxiliar a impressão da revista ITAYTERA, seu órgão oficial.

ARTIGO 2º — Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das sessões, 15 de maio de 1957.

JOSÉ LUIS DE FRANÇA — vereador.

X X X.

## JUSTIFICAÇÃO :

Sr. Presidente :

ITAYTERA quer dizer " Rio que corre entre as pedras ". Significa esta palavra, de origem indígena, o mais volumoso e importante rio do Cariri, que, com o correr dos tempos a corruptela popular passou a designar de Batateira.



ITAYTERA é também, sr. Presidente, o nome do órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, idônea e culta entidade de letras da nossa cidade, que muito tem honrado a tradição cultural do Cariri. ITAYTERA é publicada anualmente. Já circularam dois números, repletos de colaborações as mais variadas, atestado por demais eloquente do progresso cultural do Crato. Escritores e jornalistas os mais abalisados assinam os numerosos artigos, crônicas e comentários que aparecem em suas páginas. A crítica nacional a recebe sempre de braços abertos, valendo dizer que ITAYTERA constitui uma mensagem viva, palpitante, formosa e culta, da cidade do Crato e dos seus filhos. Como o Batateira, que corre entre ricos canaviais e belos pomares, ITAYTERA é o candal da inteligência regional. ITAYTERA nos dá frutos sazonados, também. Ela tem trazido para o Crato a admiração de todo o país, pois toda a Nação um dia sentiu que no Crato existe uma pleiade de homens que pensam e vivem em dia com o mundo das letras. Sr. Presidente: O Instituto Cultural do Cariri é uma sociedade pobre, modesta, porém não deixa de ter o arrôjo e a audácia de realizar os seus empreendimentos. Ai está o Museu do Crato, prestes a abrir suas portas e assombrar o Ceará com os seus relicários. Ai está todo um círculo de conferências, como um colar de luzes onde pontilham soberbas inteligências. Ai está o anc de incentivo ao folclore. E ai está também "Itaytera." Ajudêmo-lo na sua caminhada pelo mundo das letras, dando êste auxilio a ITAYTERA. É este o sentido dêste Projeto, que confio seja aprovada nesta Casa, pelos meus nobres pares.

Sala das sessões, 15 de maio de 1957

a) JOSÉ LUIS DE FRANÇA — vereador.

---

NOTA DA REDAÇÃO: — O projeto do vereador José Luís de França foi aprovado por unanimidade de votos, numa prova evidente de que o Instituto Cultural do Cariri e sua revista estão sendo bem compreendidos pelo povo, através de seus legítimos representantes.

# O CANGACEIRISMO NORDESTINO

*Joaquim Pimenta*

Recebido à última hora, o presente trabalho é a primeira colaboração do eminente sociólogo Joaquim Pimenta para ITAYTERA, que se sente honrada com o artigo solicitado a esse novo sócio correspondente do I. C. C.

Luiz da Câmara Cascudo apresenta do CANGACEIRO ou do bandoleiro nordestino a seguinte definição:

"Diz-se, no nordeste do Brasil, do criminoso errante, isolado ou em grupo, vivendo de assaltos e saques, perseguido, perseguindo, até a prisão ou a morte numa luta com tropa da Polícia ou com outro bando de cangaceiros". (L. da Câmara Cascudo—DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO (CANGACEIRO) ed. de 1954).

De parte "o criminoso errante, isolado," para considerar o grupo ou bando de delinquentes, a cujo comportamento anti-social se deu o nome de CANGACEIRISMO, assinalamos, com êste termo, uma forma gregária, nômade, regressiva, de CRIMINALIDADE, que se poderia chamar de REGIONAL, por vinculada a peculiares e favoráveis condições telúricas do sertão nordestino.

Aludindo Câmara Cascudo à diversidade de tipos de cangaceiro e "as múltiplas razões que os levaram ao crime", inclui, entre estas, desde "a sugestão irradiante dos grandes cangaceiros, determinando a fuga de rapazes para juntar-se ao grupo, até o primeiro homicídio por motivos de honra privada, sempre julgado como punição justa".

São razões que se explicam em um capítulo de PSICOLOGIA CRIMINAL, quando não menos, senão mais interessante seria a inclusão do cangaceirismo no domínio da SOCIOLOGIA CRIMINAL, por atuarem sobre êle fatores de ordem econômica e cultural, através dos quais transparece o baixo nível de civi-



lização, quase primitivo, das regiões nordestinas mais afastadas dos centros de maior população.

Em excelente monografia, com o título de HISTÓRIA DO CANGACEIRISMO NO CEARÁ (1954), recolheu o professor Abelardo Montenegro cerca de 15 definições sobre o cangaceirismo e suas causas, estas, aliás, comuns ao mundo delinquente de qualquer país, entre outras, as condições de extrema pobreza ou de miséria crônica das classes populares. Tomando, para exemplo, apenas a que dá como "causa principal do banditismo," no Nordeste, "a mestiçagem de raças", logo ressalta que tal explicação é duplamente insustentável:

1º—O elemento racial nada representa como fator de delinquência; o banditismo, tanto existe em uma tribo africana, como entre povos, os mais civilizados, de raça branca; talvez jamais ultrapassado em qualquer época, como na Idade Média, em que era largamente praticado até pelos senhores feudais.

2º—Antes de acentuar-se o processo de miscigenização do indígena e do luso, tendo sido quase nula a contribuição etnológica de sangue africano, o banditismo era a lei dos conquistadores alienígenas, cujo trabuco apoiava o cano na cruz dos catequistas, aquêles e êstes empenhados em arrancar a terra ao selvícola, sob o pretexto de nela implantar uma "civilização cristã" que êle jamais assimilaria, ou que só podia compreender através das suas aldeias assaltadas e destruídas.

Sem excluir outros casos que, como dissemos, são comuns ao mundo delinquente, o que, a nosso ver, caracteriza o cangaceirismo é que êle é uma forma ou tipo de "criminalidade regional", ou um capítulo de ANTROPOGEOGRAFIA CRIMINAL, porque, se o meio físico não basta, por si só, para criar o cangaceirismo, não padece dúvida que êste encontra naquele um refúgio, tanto mais seguro, quanto mais distante ou segregado, por falta de um serviço de transportes, sobretudo, de vias férreas, ligando os centros urbanos às circunscrições demográficas não ou dificilmente policiáveis. Se não estamos certos, sabemos, entretanto, que à medida que a estrada de ferro penetrava no sul do Ceará, recuava o cangaceirismo, ou cada vez menos se aproximava das cidades e povoados à margem da linha, o mesmo se verificando no interior de Pernambuco, senão nos demais Estados, cujas fronteiras se abriam entre si e lhe asseguravam livre curso.



Outro aspecto que me parece característico do cangaceirismo, é que êle acaba por se tornar uma profissão ilícita, sinistra, repulsiva, pela própria necessidade que tem de subsistir; não é uma profissão de indivíduos assalariados, pagos para roubar ou matar, mas que matam e roubam por conta própria ou do bando em que se congregam e se mantêm por um regime de disciplina, talvez mais rígido do que o de qualquer corporação militar. Há mesmo entre êles uma ética que não deve ser infringida ou ultrapassada, sob pena de morte; há, também, um espírito de classe, que cria um sentimento de honra, o que transparece neste pequeno episódio ocorrido na cadeia de uma cidade do interior de Pernambuco. Dois que ali se encontravam, um de mais de 40 anos, outro, de mais ou menos 20, aguardavam a sorte que lhes estava reservada, ou sabiam que iam ser degolados. O primeiro, apavorado, não cessava de chorar, quando o segundo, sem se poder conter, num gesto brusco de impaciência e revolta, gritou para o companheiro:

—“Você não tem vergonha de desmoralizar a classe? Morra como homem!”

O caso de um outro cangaceiro ou mesmo o seu bando, de agir a mandado de alguém, de um chefe político, que os protege, de um fazendeiro que os acoita, de quem quer que os pague, pela prática de um crime, por excepcional ou mui pouco frequente, não daria, absolutamente, para os manter na vida de cangaço.

Ainda, sôbre o cangaceirismo, no Nordeste brasileiro, aludi no meu livro—RETALHOS DO PASSADO (pg. 46, 2ª ed., 1949) “ao PROCESSUS de estratificação biopsíquica que faz ressaltar, como bifurcação do mesmo tipo de delinqüência, o homem do poder e o chefe de cangaço: ambos, produtos do meio ambiente, com as arestas e o colorido áspero dêsse meio; com uma impulsividade nativa que tanto os impele para o crime, quanto pode exaltá-los ao mais nobre gesto de altruismo. Confundem-se e cabem, por isso mesmo, em um só capítulo de sociologia criminal, apenas com a diferença de que o primeiro faz da lei o seu escudo, a sua cota de malha, ao passo que o segundo mantêm o seu prestígio, jogando a própria vida, e enquanto lhe resta, do rifle, uma bala na agulha”.



# Sapataria Popular

Calçados, Couros, Solas,

Malotas e um Completo

Sortimento de Artigos Para

Sapateiros.

Rua Senador Pompeu, 98.

Já existe em Crato a "A ENCERADEIRA",  
uma empresa a serviço do lar.

A melhor cera. O melhor processo. Enceradores técnicos, eficientes e rápidos.

Além de enceramentos em qualquer piso, a "A ENCERADEIRA" ainda se encarrega dos trabalhos de transporte em mudanças de residência.

Para melhores esclarecimentos procure o escritório de "A ENCERADEIRA", à avenida Duque de Caxias, 137. - Fone 21-33.

AGORA SIM ! QUE MARAVILHA !

Com a ENCERADEIRA tudo Brilha !

Aguardem a engraxateria de "A ENCERADEIRA"

## Carta a J. de Figueiredo Filho

Dr. Joaquim da Costa Carvalho, Catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina da Universidade de Pernambuco.

Não é fácil, nem caberia aqui, a apreciação extensiva da Revista que bem retrata o passado, a vida e os costumes do "Cariri". Nos meus vagares, que não são muitos, li, com prazer, os estudos do Dr. Pinheiro Monteiro, "O Cariri através da Medicina"; "O Retrato Econômico do Crato", na Feira, nossa conhecida; e "Invasões Francesas e Holandesas no Brasil," Tte. Cel. Raimundo Pinheiro.

Felicito-o e louvo-lhe a atividade e a colaboração criadora na "Itaytera", que se coloca em plano de singular relevo, na vida cultural do Norte.

Com os melhores cumprimentos aos seus, crea-me seu sincero admirador e devotado amigo.

J. R. Costa Cavalcanti

Recife, 10-10-56.

**GUARDA MUNICIPAL DO CRATO**

**FUNDADA EM 1. DE OUTUBRO DO 1956**





# Campanha contra o Tracoma na Freguesia de S. Vicente, de setem- bro de 56 a junho de 57

## RECEITA NOS CAMPOS:

Famílias 1.555  
Pessoas 8.038  
Gasto: Sulfas 377.249  
Pomada 5.102  
Colix 3.355

Não aceitaram o tratamento 21 famílias com 102 pessoas.

Resultado final do 1º tratamento da parte da freguesia S. Vicente, na cidade do Crato, a cargo do Vigário Revo. Padre Frederico Niorff:

Famílias tratadas	1.267	} dêstes, 848 sem tracoma, os demais crianças de braços e velhos.
Pessoas	6.882	

Dr. Ebert Teles tratou 906 fam. com 4608 pessoas; constatou 410 sem tracoma.

Dr. Pio Sampaio tratou 361 fam. com 2274 pessoas, dêstes 438 sem tracoma.

Gasto	314.300 Sulfas	} 7 Famílias com 48 pessoas não quiseram.
>	4215 Pomadas	
>	2835 Colix.	

Resultado final do 1º tratamento da freguesia S. Vicente, Município Crato.

Tratados:	2570 famílias	} 28 Famílias com 157 pessoas não quezeram.
	13716 pessoas	
Gastos	632406 Sulfas	
<	8503 Pomadas	
<	5672 Colix	

O Iº tratamento terminou em Iª de junho de 1957.

O IIª está em andamento.

Pe. Frederico.

# Agradecimento

---

A Diretoria do Instituto Cultural do Cariri, na impossibilidade de se dirigir diretamente a cada uma das pessoas que se dignaram ofertar objetos ao Museu do Crato, formula nesta página sinceros agradecimentos a todos aquêles que atenderam o seu apêlo, dando para o Museu objetos de real importância histórica e, muitas vezes, de inegável valor material ou estimativo.

Os nomes dessas pessoas, cuja renúncia e espírito de cooperação exaltamos, estão inscritos às páginas 166 desta revista.

A DIRETORIA

---

## A cêrca do Cariri...

---

*"Acãbo de ler os dois exemplares de A PROVINCIA, o n.º 2 de ITAYTERA e a magnífica monografia-CIDADE DO CRATO de José Figueiredo Filho e Irineu Pinheiro, caia qual revelando o nível de cultura do nosso Cariri, NOSSO porque todos nós formamos uma só comunidade, cimentada em um passado de sofrimentos heróicos, de tradições comuns, de interêsses e de ideais que se confundem na unidade etno-cultural de um dos povos mais característicos entre os que a antro-po-geografia pode fixar por fatores telúricos que se tornaram decisivos na sua formação e evolver histórico."*

*(De uma carta do Prof. Joaquim Pimeta ao Cap. Otacílio Anselmo.)*



1870

1870

# ERRATA

---

---

Além de alguns êrros ocorridos na revisão, houve o seguinte, para o qual chamamos a atenção do leitor:

O texto das páginas 7 e 8, até a palavra "Peixoto," é a conclusão da lista de nomes constantes da "Nota" da página 39, que, por equívoco na paginação, foi deixada fora de devido lugar.







# ÍNDICE

Poucas palavras neste numero—J. F. F. . . . .	1
• Raizes Sergipanas...—Pe. Antônio Gomes de Araújo . . . . .	3
Ceticismo Criador—Abelardo F. Montenegro . . . . .	43
No Crato—José Alves de Figueiredo . . . . .	47
Frei Carlos de Ferrara (Discurso)—Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro . . . . .	49
Fortaleza—Pedro Ferreira . . . . .	53
De Recife a Paulo Afonso—Duarte Júnior . . . . .	55
Notícia Histórica Sobre o Municipio de Jardim—Maria Lui- za Linhares . . . . .	61
Frei Carlos e Dona Bárbara—Livino de Alencar . . . . .	78
Carta aos que sofrem—Levi Eptácio . . . . .	83
Evocação—Pe. Manoel Pereira . . . . .	85
Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro—José De- nizard Macêdo de Alcântara . . . . .	86
Familia do Coité—Leite Maranhão . . . . .	99
Canaviais—José Newton Alves de Sousa . . . . .	103
Flagrantes do Ensino no Momento Atual (Discurso)— J. de Figueiredo Filho . . . . .	104
Crenças e Mitos dos Aborígenes Sulamericanos—Bruno de Menezes . . . . .	113
288 Dias a Serviço da Coluna Prestes—Otacilio Anselmo e Silva . . . . .	117
Augusto dos Anjos—Pedro Gomes de Matos . . . . .	129
Bibliografia, Notas e Comentários—Redação . . . . .	131



Fim—Luiz Sampson . . . . .	181
Lions Clube de Juazeiro do Norte—Redação . . . . .	183
Teopisto—Quixadá Felicio . . . . .	185
Volorização do Cariri—J. Lindemberg de Aquino . . . . .	187
O Camelo do Sertão—Celso Gomes de Matos . . . . .	191
Porque os rotarianos vão comemorar os 20 anos do “Rotary Club de Crato”—Jefferson de Albuquerque e Sousa . . . . .	197
Considerações Sobre o Étimo “ITAYTERA”—F. S. Nascimento . . . . .	199
Excerpto de um Vocabulário Latino—José Arraes de Alencar . . . . .	201
Lions Clube de Crato—Redação . . . . .	205
Uma noite à espera de Lampeão—Elizabeth Barbosa Martins . . . . .	207
Nota Genealógica (os Furtado Leite)—Pe. A. G. de Araújo . . . . .	211
Piqui—Antônio Alves de Queiroz . . . . .	217
Ouricuri Atravês de Suas Tradições—F. P. da Silva Netto . . . . .	219
Abigaii—Maria Alaide Schlutze . . . . .	225
Origem da Família Alencar, no Brasil—José Carvalho . . . . .	227
Cronistas da Revolução de 1827—Múcio Leão . . . . .	231
Os 21 de 17—Pe. A. G. de Araújo . . . . .	237
Auxilia a Câmara a impressão de “ITAYTERA” . . . . .	241
O Cangaceirismo Nordestino—Joaquim Pimenta . . . . .	243
Errata . . . . .	252







# Posto São Cristovão

**ORLANDINO SILVA**

DEPOSITARIO DESTRIUIDOR DA

**ATLANTIC REFINING COMPANY OF BRASIL**

*Enderêço Telegráfico:—ORSILVA*

Inscrição Nº. 184 — Telefone: 22—33

*Rua — Ratisbona S/N — Crato — Ceará.*

**Combustíveis, Lubrificantes, Pneus e Câmaras.**

PEÇAS E ACCESSÓRIOS FORD, CHEVROLET E JEEP.

**Gazolina -- Oleos -- Graxas, etc.**

Lavagem, Lubrificação e Pulverização

**SERVIÇOS EM GERAL**



# Banco do Brasil S. A.

Sede — Distrito Federal — Rua 1: de Março N: 66

Agência de Crato: Rua Senador Pompeu, N: 49

Tôdas as operações bancárias, inclusive crédito agrícola e industrial.

## Tabela de juros para os depósitos do público.

### DEPÓSITOS POPULARES

--Limite de Cr \$ 200.000,00. . . . . 5 %

### DEPÓSITOS LIMITADOS

--Limite de Cr \$ 1.000.000,00 . . . . . 3 %

### DEPÓSITOS SEM LIMITE

--Taxa de . . . . . 2 %

### DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO

--Aviso mínimo de 30 dias . . . . . 5 %

### DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

E

### LETRAS A PRÊMIO

--De 1 um a 6 meses . . . . . 5 %

--De mais de 6 meses a 11 meses . . . 5,5%

--De 12 meses, ou mais . . . . . 6 %